UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

RODRIGO GARCIA MANOEL

PALAVRA POR PALAVRA?

Análise de procedimentos tradutórios de Cícero em busca de uma teoria antiga da tradução

São Paulo

VERSÃO CORRIGIDA – 2022

RODRIGO GARCIA MANOEL

PALAVRA POR PALAVRA?

Análise de procedimentos tradutórios de Cícero em busca de uma teoria antiga da tradução

Versão corrigida

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, por meio do programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, para obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas.

Orientador: Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto.

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M266p

Manoel, Rodrigo
Palavra por palavra? Análise de procedimentos tradutórios de Cícero em busca de uma teoria antiga da tradução / Rodrigo Manoel; orientador João Angelo Oliva Neto - São Paulo, 2022.
197 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Letras Clássicas.

1. retórica latina. 2. tradução. 3. antiguidade clássica. 4. literatura clássica. I. Oliva Neto, João Angelo, orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Nome: MANOEL, Rodrigo Garcia

Título: Palavra por palavra? Análise dos procedimentos tradutórios de Cícero em busca de uma teoria antiga da tradução

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, ao programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da para obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas.

Banca examinadora

Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto
Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. João Batista Toledo Prado
Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Prof. Dr. Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho
Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Prof. Dr. Mauri Furlan

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

AGRADEÇO

A minha mãe e a meu pai (*semper in cordo atque spiritu*), a vida e o amor.

A minha *Íyá*, Mãe Maria Elise Rivas, o sentido para a vida e as retificações de meu destino.

À Mestra Jarina, por me abrir à fé.

A Seu Zé Pilintra, todo dia.

A minha esposa, Alice, por evitar, sob meus protestos, que me apartasse da vida encerrado na solidão desta pesquisa por muito tempo.

A João Angelo Oliva Neto, a orientação e paciência nesta longa relação, da graduação ao doutorado: dezesseis anos de compartilhamento em nossas vidas que, espero, tenha-lhe sido tão frutífero como a mim, apesar dos percalços que causei. Só tenho a lhe agradecer.

A João Batista Toledo Prado, a generosidade e capacidade tamanhas que sempre ofertou, desde sua participação em minha qualificação de mestrado até então, com avaliar minuciosamente toda vírgula e propor críticas as mais construtivas e referências norteadoras, como a de Maurizio Bettini.

A Raimundo de Carvalho, as contribuições estruturais para a realização desta tese e a gentileza ímpar por me auxiliar com a obra de Gianfranco Folena, a qual, em meio à pandemia, não fosse por seu intermédio, não conseguiria encontrar.

A Mauri Furlan, pela ampla e rica fonte de pesquisa sobre tradução, que apontou caminhos e leituras para esta tese.

A Willamy, a amizade que começamos na intersecção de nossas pesquisas em disciplina de pós-gradução: que vigore além da USP.

À CAPES, a bolsa de pesquisa, sem a qual esta tese não existiria.

À Universidade de São Paulo, por me acolher nestes dezesseis anos e da qual agora me despeço esperançoso de ter restituído com esta tese pouco do que recebi.

RESUMO

MANOEL, R. G. *Palavra por palavra?* Análise de procedimentos tradutórios de Cícero em busca de uma teoria antiga da tradução. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

A tese busca responder à seguinte questão: havia e, em caso afirmativo, como se estruturava a "teoria" ou as "teorias" da tradução na Antiguidade latina em Cícero, tido como seu precursor ? Assim, apesar de centralizar-se nas obras e período de Cícero, na pesquisa foi necessário enveredar pelos contextos que o antecederam e sucederam, isto é, com breve análise da tradução no âmbito das comédias, com Plauto e Terêncio, por meio de comparação com o projeto da *Arte poética* de Horácio ao não recomendar ao autor, no desenvolvimento da matéria, agir como *fidus interpres*, passando por Quintiliano e seu desenvolvimento retórico calcado em Cícero até, já distante no tempo, São Jerônimo, que não poucas pesquisas associam a Cícero para traçar o nascimento das correntes de tradução conhecidas por literal (*uerbum pro uerbo*, palavra por palavra) ou livre (*ad sensum*, de acordo com o sentido). Para tanto, analisam-se conceitos retóricos fundamentais como imitação (*imitatio*), emulação (*aemulatio*) e interpretação (*interpretatio*) porque, tal como a composição de um novo discurso em sentido *lato* – uma oração, um poema –, a tradução também se pautava nesses procedimentos. Também se analisam os papéis do *gramatticus*, do *rhetor* e do *interpres* no contexto de ensino e aprendizagem quanto à retórica e oratória e que servem de pano de fundo da criação e produção dos textos antigos, uma vez que estabelecem o cânone de autores, gregos e latinos, os exercícios de memorização e manejo de suas obras. Nesse aspecto, ganham relevo a paráfrase e a tradução como exercício calcado na emulação. Serão analisados também os procedimentos imediatos relativos à própria ação de traduzir, expressa em vocábulos como *exprimere*, *uertere*, *ferre* ou *transferre*, que, não sendo sinônimos, parecem indicar finalidades e meios diferentes do que parece ser a mesma ação de "traduzir". Para tanto, edições filológicas e comentadas dos textos em latim serão privilegiadas, bem como os próprios textos e o que trouxerem de informação para compor uma teoria antiga da tradução.

Palavras-chave: tradução; imitação (*imitatio*); Cícero; *interpres*; *uerbum pro uerbo.*

ABSTRACT

MANOEL, R. G. *Word by word?* Analysis of Cicero's translation procedures in search of an ancient theory of translation. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

The thesis aims to answer the following question: was there and, if so, how was the "theory" or "theories" of translation in Latin Antiquity structured in Cicero, taken as its preceptor ? Thus, despite focusing on the works and period of Cicero, in this research it was necessary to go through the contexts that preceded and succeeded him, that is, with a brief analysis of the translation in the context of Plautus and Terence's comedies, compared with Horácio's *Ars poetica* project, which does not recommend the author, in the development of the matter, to act as *fidus interpres*. Then we pass through Quintilian and his rhetorical development based on Cicero until Jerome, although distant in time, which not a few researches associate with Cicero to trace the birth of currents of translation known as literal (*uerbum pro uerbo*, word for word) or free (*ad sensum*, according to the sense). Therefore, fundamental rhetorical concepts such as imitation (*imitatio*), emulation (*aemulatio*) and interpretation (*interpretatio*) are analyzed because, like the composition of a new speech in a broad sense – a discourse, a poem –, the translation was also guided by these procedures. The roles of *grammaticus*, *rhetor* and *interpres* are also analyzed in the context of teaching and learning in terms of rhetoric and oratory, which serve as a background for the creation and production of ancient texts, as they regulate the canon of authors, both Greek and Latin, the memorization exercises and management of their works. In this respect, paraphrase and translation are highlighted as an exercise based on emulation. The immediate procedures related to the very action of translating will also be analyzed: they are expressed in words such as *exprimere*, *uertere*, *ferre* or *transferre*, which, not being synonyms, they seem to indicate different purposes and means than what seems to be the same generic action of "translating". Therefore, philological and commented editions of the texts in Latin will be privileged, as well as the texts themselves and what they bring of information to compose an ancient theory of translation.

Keywords: translation; imitation (*imitatio*); Cicero; *interpres*; *uerbum pro uerbo*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....8

2 IMITAÇÃO COMO PANO DE FUNDO.....19

2.1 DOS MATERIAIS DA ESCRITA.....21

2.1.1 Nível básico: as nutrizes e os gramáticos.....24

2.1.2 Nível intermediário: os rétores.....35

2.1.3 Nível avançado: imitadores ou inventores?.....37

3 O *FIDUS INTERPRES*.....48

3.1 AUTORIDADE DA INVENÇÃO E ELOCUÇÃO.....61

3.1.1 Cícero: filósofo-tradutor ou tradutor-filósofo?.....66

3.2 TRADUÇÃO COMO ESPECIALIZAÇÃO.....70

3.2.1 Nascimento do tradutor fiel.....79

3.3 Furtiva nota sobre plágio.....82

3.4 Traduzir bem para escrever mal.....88

4 CÍCERO: PALAVRA POR PALAVRA?.....105

4.1 CÍCERO: AUTOR INTEGRAL.....113

4.2 TRADUTORES E TRADUÇÕES D.C. (DEPOIS DE CÍCERO): UM MUSEU DE GRANDES NOVIDADES.....162

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....174

REFERÊNCIAS.....179

ADENDO – TRADUÇÃO EM PRISCIANO.....189

ANEXO – FAUSTO DE ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO.....193

1 INTRODUÇÃO

É bem sabido que os romanos se caracterizaram por acolher de modo deliberado uma "cultura" estrangeira e considerá-la "própria", porque "apropriada", de modo que o legado, transferido e acolhido, passou a ser também deles, embora não inventado por eles[1]. No entanto, como culturas de idiomas diferentes, é justamente a tradução um dos procedimentos principais de relacionamento entre, não apenas obras, mas modelos de composição, autorais, como se lê no passo:

> Pela *Odisséia* de Lívio Andronico, percebe-se que a origem mesma das letras romanas confunde-se com a prática da tradução; esta, de resto, nunca cessou, mesmo quando, em plena aculturação, já se utilizavam outros modos, como a reelaboração, realizada sobretudo pelos comediógrafos arcaicos, Plauto e Terêncio, e, como visto, a imitação, efetivada pela absoluta maioria dos autores latinos. Sendo um dos meios de formação de um patrimônio próprio, ainda que apropriado, traduzir manifestou-se como prática fundamental e valorizada de cultura e, à medida que se revelou como esforço consciente de assimilar-se a uma Tradição, acabou por interferir nela e necessariamente defini-la (e definir-se), aqui também, como dinâmica e dialética. (OLIVA NETO, 1996, p. 61).

Desse modo, como entender o significado antigo de tradução? Veremos que Cícero, Plínio, o Jovem, e Aulo Gélio utilizam a palavra *uertere*. Em busca sumária no *Oxford Latin Dictionary* (1968, p. 2067-2069) encontramos na primeiríssima acepção de *uerto, -ere* o sentido de "orbitar", "girar ao redor", para, então, somente a partir da vigésima acepção em diante depararmos-nos com as formas com *in* mais acusativo e uso com ablativo, no sentido de "dispor em outra direção", ou mesmo "girar ao contrário". E apenas na última acepção ali indicada, a saber, 24, encontramos o significado de "dar em outro idioma, traduzir (palavras, um autor etc.)" e "dar em outra disposição de palavras, parafrasear etc.". Ainda nesta última acepção encontramos, entre os últimos exemplos, este de Aulo Gélio, extraído de *Noctes Atticae* (9, 9, 1), que bem mostra a equiparação entre "traduzir" (*uertere*) e "imitar" (*imitare*)[2]:

---

[1] Paul Veyne afirma que "a civilização romana foi uma parte importante da cultura helenística" ("L'Hellénisation de Rome et la Problématique des Acculturations", *Diogène, Revue International de Sciences Humaines*, 1979, p. 3), ideia antes veiculada por Henri-Irénée Marrou (*História da Educação na Antiguidade*, 1990, p. 375): "Não há, de um lado, uma civilização helenística, do outro, uma civilização latina, mas, como bem o exprime o alemão com seu cômodo pedantismo, uma *hellenistisch-römische Kultur* ('cultura helenístico-romana')".

[2] Cumpre citar ainda a disposição lógica dos editores do dicionário, que iniciam, na primeira acepção, de um sentido de "orbitar" para, da décima nona acepção até a penúltima, indicar significados em que predomina a transformação, a mudança de um estado, de uma coisa em outra diferente, ou com finalidade própria de acordo com o agente: Cf. 19: "to turn or apply (to a purpose, use); 20: to slant one's interpretation of (actions, events, etc.)

Quando ex *poematis* Graecis vertendae imitandaeque sunt insignes sententiae, non semper aiunt enitendum, ut omnia omnino verba in eum, in quem dicta sunt, modum vertamus.	Quando de poemas gregos é necessário traduzir e imitar sentenças notáveis, nem sempre, dizem, é preciso haver empenho para que traduzamos absolutamente todas as palavras daquele mesmo modo com que foram ditas.

Outras palavras latinas para "traduzir" são *transferre* e *exprimere*, esta última utilizada por Catulo (CAT. 65,16) para apresentar a tradução de um episódio dos *Áitia* de Calímaco, "A Trança de Berenice" (frag. 110, Pfeiffer), e inseri-lo como poema autônomo entre aqueles que tratam de matrimônio, de 61 a 68. Embora busque manter a simetria das palavras e a maior semelhança formal, é pelo manejo feito, isto é, tirar uma parte de um todo e inserir em um contexto diferente, que promove o que chamamos hoje "ressignificação". Assim, em que medida as letras latinas são ressignificação da grega? Na medida em que dá aos *tópoi*, os temas, os lugares (já que o procedimento dos "autores-tradutores" é ativo), outra finalidade segundo os interesses de quem traduz, como Cícero no *De optimo genere oratorum*, que gostaria de ver Demóstenes "falar latim" para se tornar modelo dos oradores romanos, ou outra significação, como no Catulo com relação aos *Áitia* de Calímaco. Assim inicia-se nossa reflexão sobre conceitos antigos de tradução, que parecem depender antes de finalidades próprias de cada autor que do texto original.[3]

Desse modo, recorremos aos conceitos de imitação (*imitatio*) e emulação (*aemulatio*), imprescindíveis porque a "cultura" romana se forma pela eleição de modelos tomados aos gregos, sobretudo calcada na tradução, como já vimos expondo, e aduzimos a propósito excerto de Mauri Furlan[4] (2001, p. 12-13):

---

in a particular (favourable, unfavourable, etc) direction; (w. in + acc), to interpret or take (to be), construe as.; 21: to cause (abst. things) to pass from one state or form into another, cause to develop (into); (esp. refl. or pass in middle sense; sim. Intro). *b*. to cause (a person, etc.) to pass into a new frame of mind" – pelos exemplos temos uma mudança de cenário, de estado, como nos mostra o seguinte: *Capua post dies paucos capta in laetitiam ~tit* Liv.20.37.4 ["Cápua, poucos dias após ser tomada, alegrou-se"] e *ne memoria Augusti, ne nomen Caesarum in ludibria et contumelias ~terent metuebant Ann*.6.46 ["Temiam que a memória de Augusto e o nome de César se tornassem escárnio e afrontas"]. O que nos faz especular sobre o motivo de os editores terem disposto na última ocorrência esse sentido de tradução, que, a nosso ver, se deve a uma lógica do verbo que exprime qualquer movimento em relação a um ponto inicial, que dele possa mais ou menos divergir até tornar-se outra coisa, indicativo de desenvolvimento do conceito de tradução, sobre o qual discorreremos ao longo desta tese.

[3] Daí consideramos, nas palavras de Oliva Neto, na obra citada, que em Roma a literatura surgiu com "uma linhagem de autores-tradutores" (1996, p. 61), de modo que por uma análise comparativa entre fonte e texto traduzido pode-se compreender em que medida um ou outro sujeito dessa ação estava mais para autor ou para tradutor. Cícero, quase três séculos depois, como veremos, é antes um autor que também fez traduções, mais que um "autor-tradutor".

[4] Cumpre citar que o pesquisador mantém três projetos correlacionados: "Antologia da Antiguidade (bilíngue). Clássicos da teoria da tradução"; "Antologia da Antiguidade (bilíngue). Clássicos da teoria da tradução" e Antologia da Idade Média I (bilíngue). Primeira Idade Média (séc. IV - VII). Clássicos da teoria da tradução", em

> A gênese da literatura latina está na tradução e imitação de modelos gregos [...]. A primeira época na história da tradução literária ocidental consiste pois em traduções do grego ao latim. Contudo, os romanos, embora tenham constituído sua literatura sobre modelos gregos, não tinham uma necessidade imperiosa de traduzir do grego, uma vez que sua sociedade era basicamente bilíngüe. Suas traduções revelam antes seu interesse pelas criações literárias, pelos conhecimentos científicos de outros povos, e o desejo de erigir sua própria literatura.

Havia, portanto, na Antiguidade latina teorias sobre a tradução? Em caso afirmativo, quais seus pressupostos? Em caso negativo, não deixaram de existir, todavia, as próprias traduções e, embora ainda não tenhamos encontrado textos supérstites que apresentem indubitavelmente uma teoria sobre elas, dispomos de importantes registros a respeito. Desse modo, o que deles podemos compreender?

Com efeito, não pouco se traduz hoje de acordo com teorias e princípios vários e variados, com terminologias tais como "correspondência formal", "equivalência dinâmica", o conceito de *fidus interpres*, "tradução literal" (*uerbum pro uerbo*) e "tradução pelo espírito" ou "pelo sentido" (*ad sensum*), "tradução artística", entre outras (TRAINA, 1974[5]; YEBRA, 1980;

---

que constam análises e os desenvolvimentos históricos da tradução e seus termos e práticas no percurso histórico. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Mauri-Furlan. Acesso em: 20 dez. 2020.

[5] Sobretudo vale referir o trecho inicial do prefácio: "'Tornar-se um vidro tão transparente, a ponto de crer que não há vidro': se fosse realmente assim, como parecia a Gogol, o ideal do tradutor, os romanos então seriam péssimos tradutores. O 'vidro' deles é tudo, exceto transparente: é uma lente colorida, que tinge de cores brilhantes os puros traços do desenho grego. O fato é que a língua não é um vidro, mas uma lente, através da qual se transmite uma imagem do mundo. E o mundo grego clássico, filtrado através da lente do latino, confirma aquilo que já se sabia também da arte figurativa, sobre o expressionismo romano. Aquilo que faz parte do expressionismo helenístico, mas com um vigor, um empenho estranho ao helenismo. Retórica, caso se queira, mas com o sentido que lhe dava Beare: 'retórica é mais que um truque de estilo: é uma atitude de vida'. O fato de terem sido os criadores, no mundo ocidental, da 'tradução artística', significa propriamente isto: quiseram ser não um vidro, mas uma lente. Os romanos puderam assim fazer porque já haviam encontrado, na literatura grega, o princípio de ζήλος, teorizado, praticado e traduzido como *aemulatio* ['emulação', 'competição', 'rivalidade']. Competir com o modelo: é uma poética que se impôs até o fim do Romantismo. Contudo, o que os romanos não encontraram nos gregos era o bilinguismo, o interesse por uma língua estrangeira, portadora de grande valor cultural. Trata-se, pois, de um aspecto da *humanitas*. Aplique-se a *aemulatio* ao bilinguismo e obtém-se a 'tradução artística'. Livio Andronico 'interpreta' Homero em latim como Arato e Calímaco já o haviam interpretado. Cf.: "'Divenire un vetro così trasparente da credere che non ci sai vetro': se fosse veramente questo, come pareva a Gogol, l'ideale del traduttore, i Romani sarebbero stati traduttori pessimi. Il loro 'vetro' è tutt'altro che transparente: è un vetro colorato, che tinge di colori accesi le pure linee del disegno greco. Il fato è che la lingua non è un vetro, ma una lente, attraverso cui si trasmette un'immagine del mondo. E il mondo greco classico, filtrato attraverso la lente del latino, conferma quel che già si sapeva, anche dalle arti figurative, sull'espressionismo romano. Il quase partecipa dell'espressionismo ellenistico, ma con un vigore, un impegno sconosciuto all'ellenismo. Retorica, se si vuole; ma nel senso che le dava il Beare: 'rhetoric is more that a trick of style: it is an attitude to life'. Essere sati i creatori, nel mondo occidentale, della 'traduzione artistica' significa proprio questo: avere 'voluto' essere non um vetro, ma uma lente. I Romani poterono farlo perché trovavano già teorizzato e praticato, nella letteratura greca, il principio dello ζήλος, che tradussero com aemulatio. Gareggiare col modelo: è una poetica che s'imporrà fino al Romanticismo. Ma quello che i Romani non trovarono nei Greci era il bilinguismo, l'interesse per una lingua straniera, portatrice di grandi valori culturali. Che è poi un aspetto della *humanitas*. Aplicate l'*aemulatio* al bilinguismo e avrete la traduzione artística". Todas as traduções são de nossa autoria, exceto quando houver indicação.

55-69).[6] Nesse sentido, como pode proceder o estudioso de Letras Clássicas ao mergulhar na atividade de tradução? E mais: dado que praticamente todas as dissertações de mestrado, doutorado e muitos pesquisadores e docentes se dedicam à tradução literária, como a compreensão da prática antiga poderia intervir na própria teoria e na própria prática desses tradutores?

Para tentar dar respostas a tais indagações, investigaremos os textos sobre tradução e os textos que são tradução compreendidos no primeiro a.C. (Cícero no *De optimo genere oratorum*), passando por obras anteriores e posteriores, tendo como limite o ano de 376 d.C. (data da *Epístola a Pamáquio* de São Jerônimo, que é releitura de Cícero), tendo em vista o conceito de imitação e emulação. Embora em grande parte os textos recolhidos sejam em prosa, sempre que houver oportunidade e pertinência utilizaremos também textos poéticos para refletir sobre tradução, uma vez que até hoje a opção, por exemplo, de traduzir versos latinos ou mesmo gregos como prosa tenha causado discussões e polêmicas. Yebra diz sobre isso (1980, p. 141):

> [...] se o tradutor se decide em favor do verso, a não ser em casos excepcionais e tratando-se de duas línguas muito próximas, forçosamente omitirá muitos valores expressivos do original e incluirá talvez na tradução outros de sua escolha, que podem não se adequar à intenção do autor do poema. Assim, errará o tradutor duplamente, por omissão e por ação, contra a regra fundamental de sua arte: dizer por inteiro e tão somente o que disse o original.[7]

Saber qual foi a intenção de um autor, ainda mais se pensarmos no caso de textos milenares, parece-nos algo de uma dificuldade descomunal, a menos que se proponha um procedimento divinatório (SCHELEIERMACHER, 2000, p. 19; 31; 38, *passim*), e mesmo assim nunca se poderá considerar definitiva qualquer proposta de solução. Ademais, com pesquisar o período proposto, posicionamo-nos em época anterior ao surgimento de um sem-número de teorias, pois é em São Jerônimo que podemos datar o início de uma dicotômica teoria de

---

[6] Aqui vale citar ainda John Milton, em *Tradução: teoria e prática*, 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010, à página 19, em que vemos uma decorrência de sucessivas teorias tradutórias: "A tendência para uma área tão grande quanto a dos estudos de tradução é fragmentá-la em áreas menores e bastante diferentes, como terminologia, interpretação, estudos de *corpora* e tradução audiovisual".

[7] Cf.: "[···] se el traductor se decide a favor del verso, a no ser em casos excepionales y tratándose de dos lenguas muy próximas, forzosamente omitirá muchos valores expressivos del original, y pondrá quizá em la traducción otros de su cosecha, que acaso no cuadren com el designio del autor del poema. Y así pecará el traductor doblemente, por omisión y por acción, contra la norma fundamental de su arte: decir todo y sólo lo que disse el original".

tradução: literal e pelo sentido.[8] Contudo, São Jerônimo faz parte de texto não necessariamente escolhido, mas implicado nesta tese, de modo que buscaremos não somente análises de tradutores individuais, mas de uma tradição entre eles, no mesmo sentido proposto por T. S. Eliot quanto à poesia original.[9]

No *De optimo genere oratorum* Cícero diz que fará uma tradução "como orador", "não como tradutor" (*interpres*), o que nos leva a perguntar qual o significado, na situação e época específicas, de tal ação, bem como o atributo desse papel. Não muito distante, encontramos na *Ars poetica* de Horácio trecho dos versos 128-135 em que menciona *fidus interpres*, expressão amiúde interpretada como reflexão sobre o ato de traduzir, quando na verdade (YEBRA, 1980) é crítica sobre uma atitude aos poetas que, quando compõem, imitam seus modelos de modo excessivamente estreito, tal como os tradutores mais literais. E assim tradução e tradutor apontam para conceitos que veremos relacionar-se a papéis distintos não apenas dos que hoje conhecemos, e sim à própria época: oposição ao autor (*auctor*). Tradução como forma de exercício vemos em Cícero no *De oratore* (I, 154-155)[10] e em outros textos, como nas

---

[8] *Grosso modo*, essas formas de traduzir parecem ser o que Yebra (1980, no capítulo IV) chama "correspondência formal" e "equivalência dinâmica", em que à primeira compete, na tradução, manter paralelismos, quiasmos, rimas, enfim, com foco na estruturação gramatical de elementos textuais; já a segunda centra-se antes na tentativa de manter uma equivalência de sentimento de recepção do leitor da língua de chegada que seja a mais próxima possível do leitor da língua de saída. Não há como não apontar aqui a proximidade que a tradução tem nesse processo com a Hermenêutica, sobretudo com os dois procedimentos de interpretação propostos por Scheleiermacher (2000, p. 67-87): o do intérprete linguista, cujo mister é apreensão com base nas articulações propiciadas pela língua, por meio do princípio comparativo; e o do intérprete psicológico, voltado à subjetividade do autor, ao particular e pessoal, à criação, por meio do princípio divinatório. No entanto, faz ressalva de que qualquer dos extremos implica não compreensão aproximada, uma vez que é o equilíbrio entre essas atividades que poderá dar bom sucesso à interpretação, ou seja, à apreensão do sentido.

[9] Na tradução de Ivan Junqueira (1989, p. 39): "Nenhum poeta, nenhum artista, tem sua significação completa sozinho. Seu significado e a apreciação que dele fazemos constituem a apreciação de sua relação com os poetas e os artistas mortos. Não se pode estimá-lo em si; é preciso situá-lo, para contraste e comparação, entre os mortos." No original (1982, p. 37): "No poet, no artist of any art, has his complete meaning alone. His significance, his appreciation is the appreciation of his relation to the dead poets and artists. You cannot value him alone, you must set him, for contrast and comparison, among the dead".

[10] Cf.: *In quotidianis autem commentationibus equidem mihi adolescentulus proponere solebam illam exercitationem maxime, qua C. Carbonem, nostrum illum inimicum, solitum esse uti sciebam, ut aut versibus propositis quam maxime gravibus, aut oratione aliqua lecta ad eum finem, quem memoria possem comprehendere, eam rem ipsam, quam legissem, verbis aliis quam maxime possem lectis, pronuntiarem. Sed post animadverti, hoc esse in hoc vitii, quod ea verba, quae maxime cuiusque rei propria, quaeque essent ornatissima atque optima, occupasset aut Ennius, si ad eius versus me exercerem, aut Gracchus, si eius orationem mihi forte proposuissem. Ita, si eisdem verbis uterer, nihil prodesse; si aliis, etiam obesse, cum minus idoneis uti consuescerem. Postea mihi placuit, eoque sum usus adolescens, ut summorum oratorum graecas orationes explicarem. Quibus lectis hoc assequebar, ut, cum ea, quae legerem graece, latine redderem, non solum optimis verbis uterer, et tamen usitatis, sed etiam exprimerem quaedam verba imitando, quae nova nostris essent, dummodo essent idonea*. Excerto este que assim Scatolin (2009, p. 172) traduz: "Em meu caso, quando jovem, costumava, em minhas preparações diárias, propor a mim mesmo sobretudo aquele exercício que sabia ser costume de C. Carbão, nosso famoso inimigo, utilizar: depois de apresentar os versos mais graves ou a leitura de algum discurso até o limite em que podia abarcá-los em minha memória, pronunciar exatamente o mesmo assunto que lera com as palavras mais diversas que podia daquelas que lera. No entanto, percebi, posteriormente, que havia um problema nesse exercício: as palavras mais apropriadas a cada tema, assim como as mais distintas e as melhores, já haviam sido empregadas

Partitiones oratoriae. É que este apresenta um tipo de exercício prático de tradução semelhante ao que Cícero nos aponta no *De optimo genere oratorum*, isto é, uma tradução feita por orador, uma vez que procura transmitir ao filho ensinamentos de retórica tendo a tradução como meio:

> 1 Cícero Filho. Gostaria, meu pai, de ouvir de ti, em Latim, aquilo que tu me transmitiste em Grego a respeito do método de discursar, se neste momento tens tempo livre e se desejas. [...]
> 2. C.F. Desejas, então, como tu costumas interrogar-me ordenadamente em Grego, que assim eu te interrogue alternadamente, a respeito das mesmas coisas, em Latim? ([CÍCERO], 2017b, p. 3, tradução de Angélica Chiappetta).

Ainda na mesma página Angélica Chiappetta diz em nota de rodapé sobre o passo citado: "Fica indicado aqui o propósito do tratado: tradução dos termos da Retórica, do grego para o latim". Cumpre ainda mencionar que Angélica Chiappetta (2017, p. 7, 20) anota das *Partitiones oratoriae* as dificuldades enfrentadas já à época sobre como verter alguns conceitos, tais como *fides* ou, por exemplo, *éthos:*

> A tradução latina de *éthos* é incerta. Quintiliano diz que os romanos não têm termo para o conceito; propõe *mores* ou *morum quaedam proprietas*. Na verdade, usa *éthos* tanto para falar da constituição do caráter que se forja no discurso, como do caráter do orador, ou de um tom afetivo menos exaltado.

E é justamente a forja do *auctor*, pretendente à autoridade ou, por assim dizer, *hall* da fama, de onde parte esta tese, pois, como o que presidia a reflexão antiga era a retórica, será por meio dela principalmente que se contemplarão os textos, considerando que em nossa pesquisa anterior (MANOEL, 2014) aproximamos teoria e prática da educação retórica romana com comparação de manuais de retórica e textos polêmicos ora considerados apócrifos, ora atribuídos a personagens célebres como Salústio e Cícero. Ali, vimos a importância da tradição, com memorização, leitura, reescrita de modelos a seguir e, sobretudo, a imitar, por meio da *prosopopoeia*, culminando em *theses* e *hipotheses*. No entanto, naquela pesquisa foi desconsiderado o quesito tradução, que agora nos salta aos olhos se considerarmos que o manual considerado mais antigo, isto é, o de Élio Teão, que influenciou os manuais posteriores,

---

por Ênio, se me exercitava em seus versos, ou por Graco, se acaso houvesse me proposto algum discurso seu. Dessa forma, se empregasse as mesmas palavras, de nada me valeria, se usasse outras, seria um empecilho, já que me acostumaria a usar as menos apropriadas. 155. Posteriormente, decidi, e disso me servi quando jovem, parafrasear os discursos gregos dos maiores oradores. Depois de lê-los, conseguia, ao traduzir em latim o que lera em grego, não apenas empregar as melhores palavras, ainda que de uso comum, mas também, por imitação, forjar alguns termos que eram novos aos latinos, contanto que fossem apropriados.

fossem eles gregos ou latinos, era grego, assim como eram gregos os modelos a seguir, de modo que a tradução sempre esteve implícita nessa cultura bilíngue. Mediante o estudo dos textos selecionados, será possível aferir em alguma medida como a teoria se verificava na prática.

A seguir mencionam-se passagens de textos em que se mostra a como que intimidade do processo de tradução, com opções arroladas na mesma linha, testes de tradução, em suma, um pequeno exemplo de laboratório particular.

Em primeiro lugar, a epístola de Plínio VII, 9:

CAIUS PLINIUS FUSCO SUO SALUTEM.

1. QUAERIS quemadmodum in secessu, quo iam diu frueris, putem te studere oportere. Utile in primis, **et multi praecipiunt, vel ex Graeco in Latinum vel ex Latino vertere in Graecum**. 2. Quo genere exercitationi proprietas splendorque verborum, copia figurarum, vis explicandi, praeterea imitatione optimorum similia inveniendi facultas paratur; simul quae legentem fefellissent, **transferentem** fugere non 3. possunt. Intellegentia ex hoc et iudicium adquiritur. Nihil offuerit quae legeris hactenus, ut rem argumentumque teneas, quasi aemulum scribere lectisque conferre, ac sedulo pensitare, quid tu quid ille commodius. Magna gratulatio si non nulla tu, magnus pudor si cuncta ille melius. Licebit interdum et notissima 4. eligere et certare cum electis. Audax haec, non tamen improba, quia secreta contentio: quamquam multos videmus eius modi certamina sibi cum multa laude sumpsisse, quosque subsequi satis habebant, dum non desperant, antecessisse. 5. Poteris et quae dixeris post oblivionem retractare, multa retinere plura transire, alia interscribere alia rescribere. 6. Laboriosum istud et taedio plenum, sed difficultate ipsa fructuosum, recalescere ex integro et resumere impetum fractum omissumque, postremo nova velut membra peracto corpori intexere nec tamen priora turbare. 7. **Scio nunc tibi esse praecipuum studium orandi**; sed non ideo semper pugnacem hunc et quasi bellatorium stilum suaserim. Ut enim terrae variis mutatisque seminibus, ita ingenia nostra nunc hac nunc illa meditatione recoluntur.

CAIO PLÍNIO SAÚDA FUSCO

1 Perguntas-me de que modo eu creia que te seja oportuno estudares em teu retiro, do qual já desfrutas há bom tempo. 2 É sobretudo útil, **e muitos recomendam o traduzir, seja do grego ao latim, seja do latim ao grego.** Com este tipo de exercício, busca-se a propriedade e o esplendor das palavras, a riqueza das figuras, a força da expressão, ademais da capacidade de criar de maneira similar a partir da imitação dos melhores. Ao mesmo tempo, o que tenha falhado ao leitor não pode escapar ao **tradutor**. 3 Obtém-se disso inteligência e discernimento. Não te fará mal se as coisas que então tiveres lido o foram com o fim de reter o assunto e o argumento, e, como um êmulo, as escreveres e comparares com as lidas, e examinares com cuidado o que tu fizeste mais convenientemente e o que ele. Grande será a alegria se em algumas coisas tu fores o melhor, grande a vergonha se ele em todas. Será permitido por vezes escolher as passagens mais célebres e disputar com as escolhidas. 4 Este confronto será audacioso, contudo não arrogante, porque secreto: no entanto vemos que muitos tomaram para si disputas deste tipo com muito mérito, e, porque não desesperançaram, precederam aos que tinham em grande consideração seguir. 5 Poderás também reconsiderar o que tiveres dito depois de já o teres esquecido, conservar muitas coisas, abandonar muitas mais, interpor umas, rescrever outras. 6 Trabalhoso e muito fastidioso, mas profícuo pela própria dificuldade, é aquele reaquecer e retomar de novo o ímpeto alquebrado e abandonado, enfim, aquele introduzir como que novos membros a um corpo já formado, e, contudo, sem perturbar os antigos. 7 Sei que tens agora como principal ocupação a de advogar; mas não por isso aconselharia sempre o estilo combativo e quase belicoso. Pois assim como as terras são cultivadas com várias e diversas sementes, também o é o nosso engenho ora com esse ora com aquele exercício retórico. (Tradução de Mauri Furlan, 2014, p. 175-175. No mesmo artigo, o autor dá ainda traduções das epístolas IV, 18 e V, 15, em que há interessantes passagens sobre emulação e tradução).

Logo no primeiro parágrafo o excerto destacado "[...] e muitos recomendam o traduzir, seja do grego ao latim, seja do latim ao grego." (*et multi praecipiunt, vel ex Graeco in Latinum vel ex Latino vertere in Graecum*) nos permite perguntar quem são esses "muitos" (*multi*). Provavelmente Cícero, no *De optimo genere oratorum* e no *De oratore*, e mais, se ousamos conjecturar: trata-se da tradição educacional retórica. Ora, se vimos (MANOEL, 2014) que Teão, Hermógenes, Aftônio e Nicolau preceituavam a paráfrase e a prosopopeia como exercícios e encontramos em Cícero, bem como aqui em Plínio, nas *Suasórias* de Sêneca e em Tácito referências aos exercícios de declamação, às teses e hipóteses, podemos considerar implícita nesse fazer a tradução, uma vez que, em todos os gêneros, os modelos seguidos e imitados eram gregos. E mais, Plínio nos diz saber que seu destinatário "tem um estudo prévio de oratória". Estudo esse que, seja com o rétor ou com o gramático, haure ensinamentos daqueles citados manuais. Logo, é da educação retórica, e implicitamente da leitura de modelos gregos, paráfrase e prosopopeia, que deriva a imitação latina: essencialmente calcada na tradução.

Vejamos os dois passos seguintes, ambos extraídos do *De optimo genere oratorum*:

Cicero	Cícero[11]
MARCI TULLI CICERONIS DE OPTIMO GENERE ORATORUM	O MELHOR GÊNERO DE ORADORES
[3] Oratorem genere non divido; perfectum enim quaero. Unum est autem genus perfecti, a quo qui absunt, non genere differunt, ut Terentius ab Accio, sed in eodem genere non sunt pares. **Optimus est enim orator qui dicendo animos audientium et docet et delectat et permovet.** Docere debitum est, delectare honorarium, [4] permovere necessarium. Haec ut alius melius quam alius, concedendum est; verum id fit non genere sed gradu. Optimum quidem unum est et proximum quod ei simillimum. Ex quo perspicuum est, quod optimo dissimillimum sit, id esse deterrimum.	[3] Não categorizo oradores por gêneros, mas busco o orador perfeito. Há, portanto, um único gênero de perfeição, os oradores que dele se afastam, não diferem quanto ao gênero – tal como Terêncio distingue-se de Ácio –, mas são díspares dentro de um mesmo gênero. **É o melhor orador aquele que, ao discursar, instrui, deleita e convence a sensível audiência**. Instruir é um dever. Deleitar, uma cortesia. Convencer, uma necessidade. [4] Deve-se admitir que um orador é melhor que outro e, na verdade, isso acontece não pelo gênero, mas pelo nível de excelência. O melhor, de fato, é singular e o que dele se aproximar, mais se assemelha a ele. Donde se infere ser o pior o que lhe é mais dessemelhante.
[...]	[...]
V. Sed cum in eo magnus error esset, quale esset id dicendi genus, putavi mihi suscipiendum laborem utilem studiosis, mihi quidem ipsi non necessarium. [14] Converti enim ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilissimas orationes inter seque contrarias, Aeschinis et Demosthenis;	[V] Entretanto uma vez que tenha ocorrido um tremendo equívoco sobre qual seja exatamente este gênero de discurso, julguei que devia assumir um trabalho útil aos estudiosos, visto que a mim isso seria algo desnecessário. [14] Traduzi, então, dos áticos dois discursos notáveis e contrários entre si, um de Ésquines, outro de Demóstenes, autores dos mais

[11] As traduções seguintes são de Brunno Vinicius Gonçalves Vieira e Pedro Colombaroli (2001), grifos nossos.

nec converti ut interpres, sed ut orator, sententiis isdem et earum formis tamquam figuris, verbis ad nostram consuetudinem aptis. **In quibus non verbum pro verbo necesse habui reddere, sed genus omne verborum vimque servavi. Non enim ea me adnumerare lectori putavi oportere, sed tamquam appendere.**	eloquentes. **E não os traduzi como um tradutor, mas como um orador**, usando os mesmos argumentos, tanto na sua forma quanto nas suas figuras de linguagem, em termos adequados à nossa cultura. **Para tanto, não considerei necessário verter palavra por palavra, mas mantive inteiro o gênero das palavras e sua força expressiva. Não julguei que fosse apropriado contabilizar as palavras para o leitor, mas como que sopesá-las.**

O título já traz palavra que encerra um desafio de tradução: *genus, -eris.* Comumente traduz-se por "Gênero", como na versão dada por Brunno Vinicius Gonçalves Vieira e Pedro Colombaroli Zoppi (2001). No entanto, procedamos com uma análise do vocábulo "gênero" em português. Primeiro, a partir do dicionário *Houaiss*, cuja acepção 1 é generalista e bem se aplica, como ao conjunto dos oradores ligados por semelhanças, quais sejam, das técnicas retóricas, de modo que já se explica e fundamenta a escolha lexical, além do fato de ser o vocábulo português-brasileiro "gênero" próximo da grafia e da prosódia do latino *genere*, o que convém à parte da ideia de equivalência na tradução; interessantemente, na acepção 6 há registro específico para o caso de literatura como distribuição de gêneros (em que se apontam os gêneros lírico, épico e dramático). Ora, o texto de Cícero enquadra-se no que chamamos atualmente "gênero retórico", porque similar a outras obras que versam sobre o tema e suas partes: formação do orador, partes do discurso, modelos a seguir, *actio*. Desde Aristóteles sabemos que os antigos tinham reconhecidos esses gêneros de discurso, fossem em verso, fossem em prosa, embora se trate de anacronismo utilizar o adjetivo "literários". Desse modo, a ideia de gênero literário, embora hoje usual e significativa, não encontra correspondente semântico à época e ao tema aqui tratados. Na busca por outros vocábulos, chegamos a "classe"[12], que, embora de jaez pejorativa e – por que não? – elitista, leva-nos imediatamente a pensar em oposição entre superior e inferior, melhor e pior, o que parece muito se referir à ideia do texto: Cícero queria sim discorrer sobre a melhor classe de oradores, uma classe superior, pelos motivos a que ele alude, em oposição direta aos autointitulados *Attici*. O próprio vocábulo não esconde a rixa, o que pode passar, senão despercebido, amenizado com o uso simples e automático de "gênero". Assim, uma opção pode ser "escola", com a acepção 3 do referido dicionário. Quanto à atribuição da equivalência, o próprio texto de Cícero denota, em virtude da presença de várias pessoas compartilhando de mesma doutrina retórica, a respeito do estilo, o conceito de "escola". Daí que podemos dizer escola literária, escola filosófica, entre outras

[12] João Bastista Toledo Prado apontou-nos também a opção "tipo", bem como a dificuldade desse genitivo plural em *oratorum*, ou seja, dentre os oradores, um único tipo. Trata-se de ideal buscado por Cícero no *De oratore*, do quais mais se aproximaram, nessa obra, os interlocutores Crasso e Antônio.

denominações. Porém não se trata de escola literária, mas de uma escola inserida num contexto maior, a saber, o gênero retórico. No entanto, há quase dois mil anos separando línguas e culturas. Tomando esse breve exercício, perguntamos em que medida uma tradução é ou não ação autoral.

Ademais, infelizmente não nos chegaram as traduções completas de Cícero dos *Fenômenos*, de Arato de Solo, mas cerca de quinhentos versos, obra de sua juventude, nem os discursos de Ésquines e Demóstenes, que o Arpinate escreveu mais tardiamente e dos quais restaram tão somente palavras introdutórias, em cujos trechos grifados no passo citado percebemos: 1. o objetivo primeiro do Arpinate como orador, que é instruir ("É o melhor orador aquele que, ao discursar, instrui, deleita e convence a sensível audiência", *optimus est enim orator qui dicendo animos audientium et docet et delectat et permovet*) ao traduzir, o que, se fosse nos dias de hoje, seria talvez visto como parcial ou tendencioso, se acreditarmos piamente nas palavras de Cícero. 2. O procedimento ("Para tanto, não considerei necessário verter palavra por palavra, mas mantive inteiro o gênero das palavras e sua força expressiva. Não julguei que fosse apropriado contabilizar as palavras para o leitor, mas como que sopesá-las.", *in quibus non verbum pro verbo necesse habui reddere, sed genus omne verborum vimque servavi. Non enim ea me adnumerare lectori putavi oportere, sed tamquam appendere*), que, pelo motivo já mencionado da não existência hoje da tradução, não podemos analisar; vale notar, todavia, que há uma interpretação, com "sopesá-las", que indica uma atuação além daquela de intermediador de textos, qual seja, tradutor, mas de negociador, como à frente veremos de modo mais detalhado. Por ora, vejamos pequeno excerto da *Epístola a Pamáquio*, de São Jerônimo:

Res ita anno et sex mensibus transiit: donec supradicta **interpretatio** de scriniis eius novo praestigio Hierosolymam commigravit.	Transcorreu um ano e seis meses do fato, e então a supracitada **tradução** migrou dos arquivos dele para Jerusalém por uma nova artimanha.[13]

A palavra grifada tem como tradução no *Oxford Latin Dictionary* "explicação", "significado", "sentido" e, somente na quinta acepção, "tradução",[14] com referência a Quintiliano, II, 14, 1. No excerto, São Jerônimo refere que havia feito "tradução" de uma epístola do Papa Epifrânio a um amigo que, por não ser versado em grego, queria conhecê-la. Desse modo, alega ter ditado uma tradução somente a ele, a qual depois teria caído em mãos

[13] Texto em latim e tradução conforme Maria Cristina Martins (2020, p. 122).
[14] Cf. (p. 947): "explaining", "explanatory account", "the signification, meaning" e "a translation, rendering".

erradas e teria sido utilizada para atacá-lo como mau tradutor. Daí deriva sua defesa reunindo exemplos para mostrar que fez uma tradução pelo sentido. E mais: se em Cícero encontramos como título *De optimo genere oratorum*, em Jerônimo, por sua vez, há *De optimo genere interpretandi*, o que nos parece referência direta ao texto de Cícero – supondo que São Jerônimo tenha tido acesso ao texto de Cícero com tal título –, porém, com uma diferença terminológica e de procedimento.

Ao fim e ao cabo, restam mais perguntas que respostas, pois parece-nos que essa ideia de tradução *ad sensum*, ou seja, livre, mais se aproxima dos procedimentos de Cícero – e nos atrevemos a dizer que talvez essa seja a teoria antiga na tradução: adaptar de acordo com uma finalidade bem definida, por isso ação útil – que dá a ideia atual (como a equivalência dinâmica de Yebra) de tradução pelo sentido, cujo ideal é representar conceitualmente tudo que foi dito pelo autor.

Aqui, referimos Meschonnic (2010, XVII-XXXIX), que, apesar de fazer crítica ácida a termos como "fidelidade"[15], "língua-fonte", "língua-alvo", "equivalência da função da tradução como transposição de um enunciado", entre outras teorias, considerando-as falhas e calcadas no apagamento do tradutor, busca apresentar justamente outra teoria, que ele chama "poética do traduzir", em que lança o tradutor como ator principal, e não coadjuvante, do processo da tradução, em favor da ousadia. Mas até que ponto?

[15] Sobre esse conceito de fidelidade, Bettini (2012, p. XI, grifo nosso) menciona palavras indianas e do sânscrito para designar diferentes conceitos de traduzir, contrapondo ao que ele chama "mito de tradução perfeita": "Em todo caso, a percepção dessa prática parece ter sido estranha à preocupação (tipicamente ocidental e moderna) pela **fidelidade** ao original, que na Índia se manifesta apenas com o cristianismo" ("In ogni caso, alla percezione di questa pratica sembra essere stata estranea la preoccupazione (tipicamente occidentale e moderna) per la fedeltà all'originale, che in India si è manifesta solo com il cristianesimo").

2 IMITAÇÃO COMO PANO DE FUNDO

Atualmente há várias teorias da tradução, pressupostos, classificações e preceitos próprios, tendo em comum, muita vez, o objetivo de aproximar o quanto possível a tradução do original.[16] Nesse cenário discute-se muita coisa, mas talvez a maior parte das disputas possa ser resumida em duas questões, respectivamente a respeito do tradutor e da tradução:

1. será o tradutor invisível ou deverá mostrar-se ao traduzir;
2. a tradução estrangeiriza ou domestica o original.

Contudo, é evidente que há papéis e finalidades distintos: os de tradutor, quaisquer que sejam seus modos *operandi*, e as das traduções, quaisquer que sejam seus objetivos.

Nesta tese[17] investigamos se esses papéis eram bem definidos na Antiguidade, pelo menos à época de Cícero, sobretudo no campo da escrita e das composições supérstites.

A priori, parece-nos que havia uma ação condenável de composição servil, que era a *imitação* inepta, à parte da invenção, atributo essencial para alçar o poeta, ou o rétor, ao papel de *auctor*, digno de autoridade.

Tanto assim nos parece, que essas ideias e consequentes teorias – ainda que se argumente o serem pouco explícitas (aduziremos alguns testumunhos) – sobre o papel de um imitador como precursor do papel do tradutor ecoam ainda hoje, quanto aos limites da tradução e da adaptação, uma vez que muitos tradutores se deram liberdade para alterar originais de acordo com o sabor próprio: é herança da Antiguidade a necessidade de se mostrar como "algo a mais" que imitador servil e, portanto, digno de autoridade.

---

[16] Indicamos Valentín Garcia Yebra (*En torno a la traducción: teoría, crítica, historia*. Madrid, Gredos, 1983), que dedica capítulos a conceitos como equivalência formal, correspondência dinâmica, traduções em verso ou prosa, entre outras discussões; também Paulo Rónai, em *A tradução vivida* (Rio de Janeiro: José Olympio, 2012), sobretudo na parte 1 (p. 19-40), em que dá definições de tradutor, traduções e espécies diferentes; Paulo Henriques Britto, em *A tradução literária* (2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016), define um tipo específico de tradução, a literária, e defende que "o tradutor não é necessariamente um imitador" (p. 19); e, para nossos propósitos, Paul Ricoeur, em *Sobre a tradução* (Tradução e prefácio de Patrícia Lavelle, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012), que versa sobre preceitos vários de tradução, como traição e fidelidade e diz (p. 37): "a prática da tradução continua sendo uma operação arriscada sempre em busca de sua teoria", de modo que não parece encerrar o assunto, mas apenas demonstrar e analisar diversos pontos de vista.

[17] Registram-se aqui os agradecimentos aos professores Alexandre Pinheiro Hasegawa e João Angelo Oliva Neto, de cujo curso de pós-graduação realizado no primeiro semestre de 2018 foram retirados ideias, desenvolvimentos e fontes de que lançamos mão neste capítulo.

Assim, é nossa hipótese que não havia, na Antiguidade, teoria[18] explícita da tradução, pois, pelo menos até a *Epístola a Pamáquio*, não há um tratado unitário e coeso cuja matéria principal seja a tradução como temos hoje. Então, se não há teoria, como definir esses comentários, por assim dizer, marginais, quase didascálias, como os de Cícero no *De optimo genere oratorum*, sobre a prática da tradução?

Aristóteles e Cícero nos tratados sobre os discursos oratórios e Horácio nas epístolas sobre poesia têm em comum a ação de fazer preceituações sobre como compô-los a partir da crítica de exemplos preexistentes, seja no âmbito da retórica ou da poesia, de modo que àquela se associa o texto em prosa e a esta, o texto poético. Sobre as diferenças entre prosa e poesia esta tese não se debruça, mas o faz quanto à lógica que as precede, qual seja, o sistema de gêneros, pois só se tornou possível fazer crítica ou prescrições sobre poesia, por exemplo, porque já havia,[19] ainda que de modo inicialmente implícito,[20] um sistema poético.

Logo, arrolar-se-ão aqui algumas tendências e pontos de vista de autores antigos quanto ao sistema de gêneros a fim de examinar se é possível constatar alguma teoria da tradução implícita com base nesse sistema. Para tanto, recorreremos aos conceitos de imitação (*mímesis*, *imitatio*) e sua relação com a invenção. Pois, com fazer breve apanhado dessas ideias e teorias, muitas vezes contrastantes entre si, busca-se rascunhar linhas – até então lacunares – e propor perguntas e respostas sobre uma teoria antiga da tradução, tendo como pano de fundo justamente esse ideário de imitação, calcado nas próprias formas de transmissão de conhecimento e recepção de obras e autores, o que, a fim de simplificar, denominamos "sistema de ensino".

---

[18] Com sentido de que a teoria se localiza na posição intermediária entre textos e interpretação (GREETHAM, 2007, p. 23-24).

[19] Sigo Ford (2002, p. 263): "O sistema literário dos gêneros é o alicerce que torna possível escrever uma 'arte' da poesia, uma *Poética*". No original: "The system of literary genres is the foundation that makes writing an 'art' of poetry, a Poetics, possible".

[20] A ideia de sistema implícito evocamos de Farrel (2003, p. 402-3): "O que esta rápida pesquisa demonstra é que o abismo entre teoria e prática no discurso greco-romano sobre gênero é nítido. Particularmente, aponta que a 'teoria implícita' representada na poesia antiga é de longe mais sofisticada que a teoria explícita desenvolvida por filósofos e críticos literários e aparentemente esposada pelos próprios poetas em seus manifestos e declarações programáticas [...]. O argumento mais importante que posso aduzir nesta conclusão é insistir que a teoria implícita sobre o gênero intrínseca à literatura greco-romana veio a ter papel significante em qualquer tentativa futura de abordar a história do discurso a respeito do gênero". No original: "What this rapid survey shows is that the gap between theory and practice in the Greek and Roman discourse on genre is pronounced. In particular, it shows that the "implied theory" instantiated in ancient poetry is far more sophisticated than the explicit theory developed by philosophers and literary critics and apparently espoused by the poets themselves in their manifestoes and programmatic declarations. […] The most important point I can make in closing is to urge that the implicit theory of genre embedded within Greek and Roman literature come to play a significant role in any future attempt to assess the history of discourse about genre".

Cumpre dizer que neste capítulo delimitamos a discussão sobre o ensino entre os séculos IV a.C. e I d.C., antes e depois de Cícero, personagem que, a nosso ver, e como pretendemos verificar, é tido como precursor dos primeiros comentários teóricos sobre o assunto. Mais: embora atualmente sobejem teorias de tradução, em virtude dos pontos aqui a apontar, parece, como tentaremos demonstrar, que nos sistemas de gêneros do período tratado não havia propostas de tradução como arte ou técnica de verter em uma língua o texto de outra, buscando-se, o quanto possível, proximidade, fidelidade, correspondência, equivalência: estes são termos que à primeira vista parecem sinônimos, mas são abordados de modo diferente por diversos tradutores em suas ilações próprias. Aliás, cremos que nem sequer existia o papel do tradutor como há hoje, especificamente do tradutor literário, e sim o do autor. E aqui damos crédito aos professores João Batista Toledo Prado e Raimundo Carvalho por, durante a qualificação desta tese, apontarem sobre um contexto ímpar: apesar de existirem outras línguas, temos somente uma relação exclusiva do grego ao latim. Uma relação entre textos escritos em grego e um campo fértil romano ansioso por desenvolver sua antologia literária. Por isso a tradução, inevitável, paradoxalmente não era o centro da questão, mas uma consequência do desenvolvimento dessa cultura literária.

Contudo, se não havia uma teoria da tradução autônoma e coesa com o mesmo estatuto das artes retóricas, das artes poéticas e dos tratados filosóficos, existiam, porém, práticas de tradução derivadas dessas mesmas teorias retóricas e poéticas do discurso e das práticas que essas teorias ensejavam, de modo que podemos identificar a imitação, processo comum a todas, se não como precursora, causa da tradução.

Delimitemos, antes, as partes integrantes do sistema de ensino de então.

2.1 DOS MATERIAIS DA ESCRITA

De que modo, em primeiro lugar, circulavam pelas mãos leitoras as obras e, em segundo, como se davam as críticas ou comentários a respeito delas? (ELIOT; ROSE, 2007).[21] Em Roma,

[21] Trata-se de questão fundamental para qualquer estudo literário, bem como a respeito da manutenção, transmissão e seleção de textos. Cf. (ELIOT; ROSE, 2007, p. 1, grifo nosso): “Therefore, when we study any literate human society, we must ask what books it produced, where they were distributed, which libraries held them, how they were censored (or smuggled past the censors), **where and how they were translated**, and who was reading them.” (“Portanto, quando estudamos qualquer sociedade humana letrada, devemos perguntar que livros ela produziu, onde eles foram distribuídos, que bibliotecas os mantiveram, como eles eram examinados – ou contrabandeados

temos relatos de empréstimos e aquisição de obras, bem como de leituras públicas, de modo que, quer seja em tratados, quer em epístolas, como de Cícero, não poucas palavras se encontram com juízos a respeito de autores e escritos.

No terceiro século a.C. havia sido estabelecida a Biblioteca de Alexandria, sobre a qual Eliot e Rose (2007, p. 4) assinalam que, embora também ela tenha sido falha e perdido coleções de obras, porém a própria ideia de livro como a temos hoje, principalmente em termos materiais, já parece diferir da concepção sobre livro daquela época. Eleanor Robson, ao pesquisar sobre tábuas de argila na Suméria, Assíria e Babilônia (ELIOT; ROSE, 2007, p. 73), afirma:

> Não há evidência na antiga Mesopotâmia de leitura por prazer ou mesmo na criação ou utilização de tabuinhas como obras de referência: a tradição intelectual era quase que inteiramente composta de conhecimento, **internalizado por cópia, recitação e memorização repetidas.**[22]

Chamou-nos a atenção esse processo de internalização intelectual, que se dava por meio de sucessivas e repetidas cópias, recitações e memorizações, processo que vai ao encontro do que ocorria em nosso período romano aqui estudado. Quanto ao aspecto material, temos em Roma na época de Cícero as tabuinhas de madeira, o papiro e o pergaminho. Tucídides, Platão e Cícero escreveram em papiro, ao passo que as tabuinhas de madeira cobertas com cera eram utilizadas para trabalhos efêmeros, como anotações – algo como nosso bloco de notas nos dias de hoje – de caráter oposto à escrita no papiro ou no pergaminho, voltada à preservação (ELIOT; ROSE, 2007, p. 85). Cornelia Roemer escreve (ELIOT; ROSE, 2007, p. 85) sobre um afresco do primeiro século de nossa era que retrata Terêncio Nero e sua esposa em cuja imagem temos os papéis sociais delimitados – interpretação essa também sustentada por Veyne (2009, p. 20) – precisamente porque ele segura um rolo de papiro (demonstrando sua educação) e ela, tabuinha e estilete (de boa dona de casa). Tal imagem, aliás, estampa a capa do primeiro livro da *Coleção História da Vida Privada*, publicada pela Companhia das Letras. Ela ainda prossegue (2007, p. 90) dizendo que

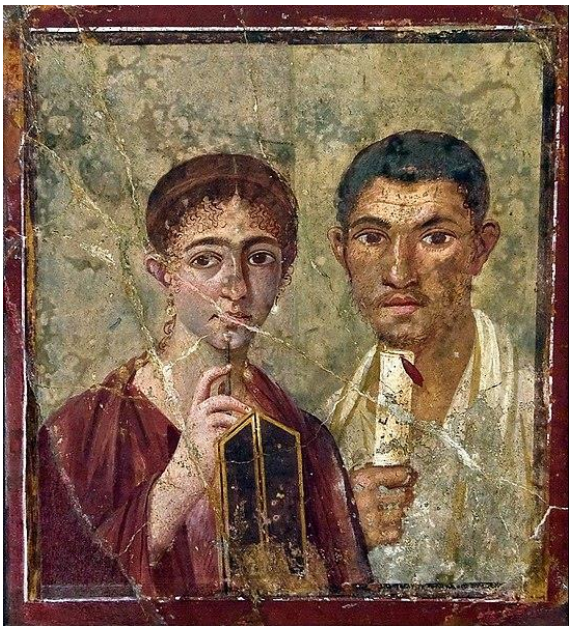
> A Antiguidade não tinha editores em nosso sentido moderno. Tito Pompônio Ático, que é às vezes chamado "editor" de Cícero, providenciou ampla

para escapar aos censores –, onde e como foram traduzidos e quem os lia"). Todas as traduções são de nossa autoria, exceto onde houver indicação específica.

[22] Negritos nossos. No original: "There is no early Mesopotamian evidence of reading for pleasure, or even creating or using tablets as reference works: the intellectual tradition was almost entirely composed of knowledge, internalized through repeated copying, recitation, and memorization."

> distribuição das obras de seu amigo Cícero na Grécia com fazer seus escravos copiá-las muitas vezes e passar as cópias adiante, para outros amigos, sendo tal fato mais um gesto de amizade que uma forma de atividade comercial.[23]

Figura 1 – Afresco de I. d.C. Casa de Terêncio Nero (VII, 2, 6)



Fonte: *Site* do Museu Arqueológico de Nápoles, disponível em: https://www.museoarcheologiconapoli.it/en/?s=terentius, acesso em: 7 jan. 2020.

Assim rapidamente temos um esboço das condições de produção escrita, que farão parte do pano de fundo de toda esta pesquisa, tendo sido bem explicadas em Siobhán McElduff (2003, p. 7). Em poucas palavras, a autora nos diz como seria a cena de um "tradutor" romano. Em primeiro lugar, ele podia não ter o texto original em mãos, mas se utilizava da memória: de fato, a memória é preponderante, pois, apesar de a escrita existir, nessa época podemos dizer que havia uma confluência entre escrita e oralidade; ainda que discursos fossem escritos, havia *actio*, derivada da memorização, em que oradores discursavam sem seguir aparato escrito diante deles – cenário muito diverso dos congressos, dos anúncios presidenciais, dos telejornais de hoje, em que *teleprompters*, PDFs, páginas impressas e *slides* são lidos – e com auxílio de um secretário (como o de Cícero), de modo que até a tradução era recitada. Não era viável revisar a tradução em virtude das próprias condições materiais da época. O códice não era tecnologia disponível, mas eram-no os volumes, desenrolados na leitura ao mesmo tempo que iam sendo

[23] "Antiquity had no publishers in our modern sense. T. Pomponius Atticus, who is sometimes called Cicero's 'publisher,' provided a wide distribution of the works of his friend Cicero in Greece by having his slaves copy it many times and passing the copies on to other friends, this being intended more as a gesture of friendship than as a form of commercial activity" (ELIOT; ROSE, 2007, p. 90).

enrolados, de modo que encontrar determinada passagem não era tarefa fácil. Com isso é de admirar a capacidade mnemônica de copistas e desses auxiliares-escrivãos, não isentos, porém, de lapsos, que podem ter ajudado a gerar os diversos manuscritos de uma mesma obra. Além disso, tais lapsos podem derivar mais de um espírito, ou atitude, autoritária, no sentido de dotada de autoridade de quem possui criatividade e conhecimento de vários textos numa combinação que resulta na liberdade de interferir, de corrigir ou, em última instância, de alterar como for verossímil caso não haja à mão fonte para verificações.

Ainda sobre aspectos materiais dos textos escritos, essa relação das tabuinhas e do papiro como oposição entre efêmero e duradouro, ou mesmo leve e pesado, manifesta-se como técnica de composição na poesia, em que vemos Catulo, por exemplo, queixar-se do roubo de suas tabuinhas, onde escrevia seus versos suaves. É possível que o poeta, ao dizer utilizar, quando adulto, essas tabuinhas para escrever poesias, e não discursos, estivesse, ao mesmo tempo, seguindo e testando as leis dos gêneros, e mais, questões socioculturais: em que os meninos deveriam seguir carreira política – âmbito dos oradores – ou militar.

No entanto, antes desse momento, o da vida adulta do autor, o arcabouço literário, por assim dizer, já se encontrava compósito pelos níveis de instrução, a começar pelas nutrizes.

2.1.1 Nível básico: as nutrizes e os gramáticos

Seriam as nutrizes, de acordo com Stanley F. Bonner (1977), as responsáveis por ensinar as primeiras letras e o idioma grego, de sorte que nas *Instituições oratórias* Quintiliano (I, 5) prescreve cuidados quanto à fala dessas primeiras professoras: *Ante omnia ne sit vitiosus* ***sermo*** *nutricibus, quas si fieri posset sapientes Chrysippus optavit* ("Antes de tudo, a **fala** das nutrizes não deve ser viciosa, e, se possível, que sejam inteligentes, como Crisipo preferia").

A etapa da primeira infância encerra-se por volta dos sete anos, quando a criança passa aos cuidados do gramático (*grammaticus*), de quem receberá lições até por volta dos quatorze ou quinze anos, e daí passará à última etapa, que será o ensino com o rétor (BONNER, 1977). Nossa pesquisa de mestrado, intitulada *Teoria e prática: estudo e tradução das epístolas e invectivas de Pseudo-Salústio e Pseudo-Cícero à luz dos Progymnásmata* (MANOEL, 2014, p.

20), debruçou-se justamente sobre o método de ensino dos rétores e buscamos encontrar o momento em que os exercícios preliminares, ou *progymnásmata*, eram utilizados:

> Suetônio diz que os gramáticos de antigamente conduziam o curso até o nível retórico, de modo que ambas as funções se confundiam, embora fossem bem distintos os cargos. O modo de ensino era diversificado, e muito variava de professor para professor; contudo, havia certos exercícios de que tanto o gramático como o rétor se utilizavam para preparar os alunos para a declamação. E é justamente nessa "zona cinzenta", em que se confundem o domínio dos gramáticos e o dos rétores, que os exercícios retóricos chamados *progymnásmata* se encontram.

Dos *progymnásmata*, "exercícios preliminares", os exercícios de Élio Teão (I a.C.?) são os primeiros de que temos registro[24] e partem de lições mais simples, como definição e estudo do mito, até as teses e hipóteses, ou causas e controvérsias. Teão diz que, embora outros tenham escrito sobre o assunto, ele quer contribuir para aqueles que estão começando a discursar (MANOEL, 2014, p. 5). Ou seja, trata-se da passagem do âmbito do gramático para o rétor.

Logo, podemos considerar que antes de Teão essas prescrições já haviam sido formuladas, discutidas e aplicadas na educação das crianças, passando por alterações de acordo com os subsequentes preceptores. Cumpre dizer, todavia, que em Teão, Hermógenes, Aftônio, Nicolau – autores de *progymnásmata* – é lugar-comum apresentar o tema sob nova abordagem e com novidades, além de atacar os pares. Dos três, Hermógenes tornou-se o mais conhecido (KENNEDY, 2003), e no século VI d.C. há uma tradução de seus exercícios preliminares feita pelo gramático Prisciano. Na tradução, logo de início notamos uma diferença com relação ao texto de Hermógenes:

De Fabula	Περὶ μύθου	On fable
1. Fabula est oratio ficta verisimili dispositione imaginem exhibens veritatis. Ideo autem hanc primam tradere pueris solent **oratores**.[25]	Τὸν μῦθον πρῶτον ἀξιοῦσι προσάγειν τοῖς νέοις, διότι τὰς ψυχὰς αὐτῶν πρὸς τὸ βέλτιον ῥυθμίζειν δύναται· ἔτι οὖν	Fable (*mythos*) is regarded as the first exercise to be assigned to the young because it can bring their minds into harmony for the better. In this way they

[24] A primeira menção aos *progymnásmata* ocorre na *Retórica a Alexandre*, coetânea da *Retórica* de Aristóteles (KENNEDY, 1994, p. 202).
[25] Texto retirado do *site Universitätsbibliothek Heidelberg*, onde consta versão digitalizada dos *Praeexercitamina* de Prisciano, disponível em: https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/halm1863/0573. Acesso em: 27 set. 2021.

1. A fábula é discurso fictício que, por meio de arranjo verossímil, exibe a imagem da verdade. Por isso mesmo é a primeira lição que os oradores costumam passar às crianças.	αὐτοὺς ἁπαλοὺς ὄντας ἀξιοῦσι πλάττειν.[26]	(i.e., teachers of grammar) think to form students while still tender.[27]

Em *Ideo autem hanc primam tradere pueris solent oratores* temos uma diferença quanto ao texto de Hermógenes, que se utiliza de um verbo na terceira pessoal do plural com sujeito indeterminado: ἀξιοῦσι, "consideram", aliás, traduzido por Kennedy (2003, p. 71) por meio da voz passiva "is regarded", "é considerada". Kennedy ainda busca explicar o texto grego indicando que os professores de gramática são os responsáveis pelas prescrições, ao passo que no latim temos "Por isso mesmo é a primeira lição que os **oradores** costumam passar às crianças". Daí termos dito que entre a passagem do estudo do gramático para o rétor há uma área cinzenta compartilhada entre ambos por meio dos *progymnásmata*. Mais diferenças entre a tradução de Prisciano e o texto de Hermógenes podem ser encontradas no ADENDO, em que apontamos como Prisciano: a) aos autores gregos justapõe autores latinos; b) substitui autores gregos por latinos e c) insere autores e exemplos latinos onde não há exemplos ou autores no original.

Parece-nos, assim, que os papéis de gramático e rétor / orador oscilavam de acordo com o âmbito de ação: quando se trata do ensino para crianças, é-se gramático; quando para adolescentes e jovens adultos, rétor ou orador. Estas funções Quintiliano parece ter unido, uma vez que nas *Instituições oratórias* I, 2, 14 temos a área de atuação do gramático:

Pleraque vero hanc condicionem habent, ut eadem voce ad omnis simul perferantur. Taceo de partitionibus et declamationibus rhetorum, quibus certe quantuscumque numerus adhibeatur, tamen unusquisque totum feret: non enim vox illa praeceptoris ut cena minus pluribus sufficit, sed ut sol universis idem lucis calorisque largitur. **Grammaticus quoque si de loquendi ratione disserat, si quaestiones explicet,**	Muitas matérias apresentam esse caráter: devem ser transmitidas a todos de uma vez. Silencio quanto às classificações e declamações dos rétores; as quais, certamente, por maior que seja a audiência, cada um aproveitará integralmente: não é, pois, a voz de quem fala como um banquete que míngua na multidão, mas como o sol, que despende luz e calor igualmente a todos. Assim **o gramático, se disserta sobre o método discursivo, se explica as questões, expõe as histórias e comenta os poemas**, tudo isso aprenderão quantos a ele ouvirem.[28]

[26] Texto grego retirado do *site* Open Greek and Latin Perseus Digital Library, disponível em: https://scaife.perseus.org/reader/urn:cts:greekLit:tlg0592.tlg001.1st1K-grc1:1-5/. Acesso em: 27 set. 2021.
[27] Kennedy (2003, p. 74).
[28] Na tradução da Loeb (2002, p. 88-89), o termo *historias* é traduzido, de modo explicativo, por "dar o contexto histórico": "There are also many things which require to be imparted to all the pupils at once. I say nothing of the analyses and declamations of the rhetors. For them, the audience can be as large as you like, yet each individual can get the full benefit; the voice of the lecturer is not like a dinner which is insufficient for a large company, but

historias exponat, poemata enarret, tot illa discent quot audient.

Deste modo, Quintiliano fala sobre o gramático, conhece suas atribuições e pode até mesmo aconselhar sobre elas. Porém, discorre sobre o gramático na terceira pessoa porque ele próprio é um orador. O orador, assim, domina o âmbito do gramático, mas a recíproca não é verdadeira e a diferença talvez resida no prestígio, na autoridade e na ação. Em I, 5, 7:

Sed ut parva sint haec, pueri docentur adhuc et grammaticos officii sui commonemus. Ex quibus si quis erit plane inpolitus et vestibulum modo artis huius ingressus, intra haec, quae profitentium commentariolis vulgata sunt, consistet; doctiores multa adicient: [...].	Ainda que essas coisas sejam corriqueiras, os meninos devem ser ensinados e por isso aconselhamos os gramáticos quanto a seu ofício. Se algum deles for de educação rasteira e mal tiver cruzado a porta desta arte, restrinja-se ao que já foi divulgado pelos manuais dos professores; os mais versados acrescentarão muito mais [...].[29]

Quintiliano, então, situa-se entre os *doctiores*, os mais versados, autoridade de que se utiliza para discorrer sobre a educação do orador desde a primeira infância com a nutriz, razão pela qual adiciona muito mais ensinamentos em outros livros. No entanto, *grammaticus* e *rhetor* não são os únicos termos que encontramos no contexto disciplinar, pois no epigrama 64 do livro VII de Marcial lemos: "*non rhetor, non grammaticus ludive magister,/ non Cynicus, non tu Stoicus esse potes*"[30] ("não podes ser rétor, nem gramático ou tutor, nem cínico, nem estoico", em que *grammaticus ludi* é traduzido por Russell como "schoolmaster", isto é, "professor", "tutor".

Lisa Maurice (2013, p. 1), em sua pesquisa sobre educação e ensino no período imperial romano, arrola ainda os termos *litterator*, *praeceptor*, *professor* e *paedagogus*, além de *nutrix*, *educator* e *altrix*, e diz que "os diferentes termos em latim devem ter tido diferentes conotações para quem os utilizava e os ouvia de acordo com o contexto, e, com efeito, os significados

---

like the sun that dispenses light and heat equally to all. Similarly, if a grammaticus is lecturing on correct speech, or explaining problems, or giving the historical background, or paraphrasing poems, all who hear him will profit by the lesson.".

[29] Cumpre citar opção da tradução inglesa, supracitada (p. 125), e que seguimos, para *commentariolis*, qual seja, "manuals", "manuais": "Of course this is all trivial; but we are still teaching children, and we are advising the grammatici on their duties. If a teacher is quite uneducated, and has barely crossed the threshold of his profession, he will confine himself to the rules commonly known from teachers' manuals; a more learned man will be able to add many more: […]".

[30] Epigrama e tradução extraídos de Martial. *Epigrams*, Volume II: Books 6-10. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Loeb Classical Library 95. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993, p. 125.

devem ter variado de acordo com as condições regionais, temporais e locais."[31] E mais: no primeiro nível de instrução, por volta dos sete anos, a criança era orientada pelo *ludi magister*, durante aproximadamente quatro anos, até passar aos cuidados do *grammaticus* e, então, para o *rhetor* (p. 2). Todavia, Lisa Maurice aduz concepções diferentes, como a de que haveria não três níveis de ensino, mas somente dois: um para as classes mais baixas, ao encargo do *ludi magister*, e outro para os mais ricos, ao encargo do *grammaticus*. O *grammaticus*, assim, além das atribuições que vimos Quintiliano lhe dar anteriormente, era responsável pelo ensino formal das letras e da língua. Mas de que língua? Se Teão, Hermógenes e outros autores gregos de *progymnásmata* escreviam em grego, utilizando exemplos e autores gregos, e seus métodos ou artes chegaram praticamente incólumes até Prisciano, que em sua tradução insere exemplos de autores romanos;[32] se, além disso, os primeiros professores eram justamente escravos vindos da Grécia, então há de falar *grammatici*, "gramáticos", para ambos os idiomas: Marco Antônio teve um *grammaticus* na língua grega e três para a latina (MAURICE, 2013, p. 10-11).[33]

Lisa Maurice parece contestar o sistema tripartite estabelecido e apoiado por pesquisadores como Booth (1978, p. 117), o qual inicia um artigo em que indica os professores para cada faixa etária do seguinte modo:

---

[31] Cf.: "[...] the different terms in the Latin must have had different connotations to those using and hearing them in context, and indeed the meanings must have varied according to region, period and local conditions".

[32] Citamos *praexercitamina* por se referir diretamente aos *progymnásmata* e a processos que serão essenciais para o desenvolvimento desta tese; porém trata-se de obra considerada entre as menores de Prisciano, uma vez que *Institutiones Grammaticae* é sua obra-prima. Enquanto naquela tradução inclui de modo ligeiro exemplos e autores latinos, nesta ele o faz de modo amplo, indicando um cânon influente até a Idade Média: "Os autores mais citados entre os latinos são, entre os que escreveram em versos: Virgílio (*Eneida*, *Bucólicas* e *Geórgicas*) e Terêncio (*Eunuco*, *Ândria*, *Adelfos* e *Formião*); entre os que escreveram em prosa: Cícero *(In Catilinam*, *Pro Murena*, *In Verrem*) e Salústio (*Bellum Iugurthinum*, *De coniuratione Catilinae*). No repertório de citações gregas, destacam-se: Homero (*Ilíada*), Platão (*República*, *Górgias*, *Mênon*, *Hípias* etc.) e *Demóstenes* (*Filípicas*). Em número menor, são igualmente citados, entre os latinos: Lucano, Estácio, Pérsio, Tito Lívio, Horácio e Juvenal; entre os gregos: Eurípides, Menandro, Sófocles, Heródoto, Tucídides, Lísias, Aristófanes, Xenofonte e Isócrates. Por esse elenco de autores, percebe-se que o período temporal recoberto pelas citações de autores gregos vai do século VIII a.C., com Homero, ao III a.C., com Menandro, com especial ênfase nos autores áticos dos séculos V e IV a.C. Entre os latinos, o lapso temporal focalizado recobre, basicamente, o período que se estende do século III a.C., com Terêncio, ao século II d.C., com Juvenal. As citações recobrem textos de gêneros variados: poesia épica (Homero, Virgílio, Lucano, Estácio), poesia lírica (Horácio), poesia bucólica (*Virgílio*), poesia dramática (Sófocles, Eurípides, Menandro, Terêncio), oratória (Lísias, Isócrates, Cícero), diálogos (Platão), história (Heródoto, Tucídides, Salústio, Tito Lívio)." (FORTES, 2014, p. 77).

[33] Sobre a informação a respeito de Marco Antônio, a fonte são os *Scriptores Historiae Augustae*, na *Vita Marci Antoni Philosophi Iuli Capitolini* 13, 1-2: *usus praterea grammaticis Graeco Alexandro Cotiaeensi, Latinis Trosio Apro et Pollione et Eutychio Proculo Siccencis* (Ele [sc. Marco Antônio] usou ainda Alexandre Cotiense para o grego, e Trosião Apro, Polião e Eutíquio Próculo de Sica para o latim). O texto latino pode ser encontrado *on-line*, em: http://216.129.112.202/loc/2331/4/6#2. Acesso em: 17 fev. 2020.

Quadro 1: Esquema do sistema de ensino romano.

Professor	Idade dos alunos
grammatistés/grammatodidáskalos ludi magister	7 – 11/12
grammaticus	11 – 12/15
rhetor	15+

Fonte: elaborado pelo autor a partir de tradução do artigo de Booth (1978, p. 117).

Booth ainda define a atribuição do *grammaticus* como "professor de língua e literatura, sendo a poesia seu principal objetivo. Ele lidava com crítica linguística, métrica e literária limitada, além da exposição de *historiae*" (1978, p. 117).[34] Ele ainda marca (1978, p. 120) o aparecimento do *grammaticus* no primeiro século a.C.: "Mas inscrições a partir de 123/122 a.C. honram os *epheboi* por frequentarem escolas filosóficas, e no primeiro século a.C. *grammatici* e rétores aparecem juntamente com filósofos".[35] Ainda diz (p. 121) que o equivalente grego para *grammaticus* é χριτικός, ao passo que em Roma Aristodemo de Nisa ensinava *grammatice* pela manhã e retórica à tarde, segundo Estrabão (14, I, 48).[36]

Não obstante, Booth (1978) segue de perto Suetônio, de quem afirma que escreveu a história mais completa do ensino de *grammatice* em Roma, em *De grammaticis*. Nessa obra, Suetônio alude a Crates de Malos como o marco do início do ensino de *grammatice* em Roma, tendo sido imitado pelos romanos, cujas leituras visavam mais aos adultos que às crianças (p. 122).

Destarte, vemos que a história do ensino se transformou de modo acentuado entre a república e o império,[37] de modo que entre os pesquisadores (BONNER, 1977; BOOTH, 1978;

[34] Cf.: "The grammaticus was a teacher of language and literature, with poetry as his principal concern. He dealt with linguistic, metrical and limited literary criticism, and the exposition of historiae".
[35] Cf.: "But inscriptions beginning 123/122 B.C. honour *epheboi* for attendance at philosophic schools, and in the first century B.C. *grammatici* and rhetors appear alongside pihlosophers".
[36] Fortes (2012, p. 99, grifo nosso) refere que "Dionísio Trácio, que teria ensinado em Rodes, entre 140 e 90 a.C., em sua Τέχνη γραμματική, por alguns críticos considerada o primeiro tratado gramatical supérstite: 'A **gramática é o conhecimento empírico do que é dito, frequentemente, nos poetas e prosadores**. Seis são suas partes: a primeira, a leitura exercitada segundo a prosódia; a segunda, a exegese dos tropos poéticos encontrados; a terceira, a atualização espontânea dos termos obscuros e das histórias; a quarta, a busca pela etimologia; a quinta, a consideração da analogia; a sexta, a avaliação dos poemas, a qual é o que há de mais belo de todas que há na arte.' (DIONÍSIO TRÁCIO, *Tekh. gram*., I, 1)".
[37] Booth (1978, p. 123-124) cita Varrão (*L.* 5,7) para uma distinção do objeto de ensino de *grammatice* do segundo século para o primeiro século a.C. e que (Suet. *Gramm*., 4, 6) os antigos *grammatici* também ensinavam retórica.

MAURICE; 2013), os níveis de ensino, as faixas etárias correspondentes a cada um e as atribuições dos ofícios, muita vez, se confundem.[38] Cícero menciona ao menos uma vez o *ludi magister* como profissão no *De natura deorum*, em 1, 73, 1, e essa própria designação *magister* tem acepção genérica que, segundo o *OLD* (s.v. 8, p. 1084), indica "a professional teacher, professor, teacher. esp. **a.** a teacher of rhetoric, grammar, law, etc. **b** a schoolmaster, tutor. **c** a slave put in charge of boys (= PAEDAGOGUS). **d.** a teacher of gymnastics, fencing, etc., trainer." ("um professor profissional, mestre, professor. esp. **a** um professor de retórica,

---

Os *grammatici* podiam também ensinar adultos, como diz Cantó (1997, p. 741 *apud* FORTES, 2012, p. 96): "hasta la época augústea los *grammatici* de primera fila son sobre todo críticos literarios, que enseñan em ocasiones, geralmente a jóvenes o a adultos." ("até a época de Augusto, os *grammatici* de primeira linha são, sobretudo, críticos literários, que ensinam em ocasiões, geralmente a jovens ou a adultos").

[38] Cumpre aqui citar que, séculos depois, a especialização nos diferentes âmbitos culminou por delimitar com mais precisão os ofícios do *grammaticus* e do *rhetor*. Fortes (2012, p. 13), ao analisar os últimos livros de obra de Prisciano, mostra que "[...] o *De constructione* promove uma especialização conceitual dos antigos temas gramaticais romanos, que adquiriram maior profundidade teórica, com a maior proeminência concedida ao mecanismo interno da linguagem – a *ratio* –, que parece se desvincular da antiga noção de *Latinitas*, oriunda da retórica, a partir do qual boa parte das análises gramaticais latinas anteriores se desenvolviam" e, citando Sêneca (*Ep.*, 15, 108, 30-33), que, por sua vez, cita a obra *De republica*, de Cícero, pelo víes de três ofícios, diz (p. 93) "o filósofo, o filólogo e o gramático teriam, então, cada um, suas preocupações próprias. Ao primeiro, restaria a admiração ética; ao segundo, as investigações em torno do texto em seu contexto mais amplo – os elementos históricos e sociais que pudessem contribuir para a sua interpretação –; ao terceiro, enfim, uma preocupação mais próxima do nível da realização formal das sentenças – as próprias palavras ou, para nos servirmos de termo próprio de nosso tempo, os significantes e seus referentes". Logo, o que antes era atribuição do *grammaticus*, qual seja, a contextualização ou *historiae* dos exemplos, passa ao mister do filólogo. Em Suetônio, *De gram.* 4, 2-5 há um registro sobre esse desenvolvimento:

[4] Appellatio grammaticorum Graeca consuetudine invaluit; sed initio litterati vocabantur. Cornelius quoque Nepos libello quo distinguit litteratum ab erudito, litteratos quidem vulgo appellari ait eos qui aliquid diligenter et acute scienterque possint aut dicere aut scribere, ceterum proprie sic appellandos poetarum interpretes, qui a Graecis grammatici nominentur. [Eosdem litteratores vocitatos Messala Corvinus in quadam epistola ostendit, non esse sibi dicens rem cum Furio Bibaculo, ne cum Ticida quidem aut litteratore Catone; significat enim haud dubie Valerium Catonem, poetam simul grammaticumque notissimum.] Sunt qui litteratum a litteratore distinguant, ut Graeci grammaticum a grammatista, et illum quidem absolute, hunc mediocriter doctum existiment.	A denominação de 'gramáticos' desenvolveu-se a partir do costume grego; mas no início eram chamados de 'literatos'. Também Cornélio Nepos, no livrinho em que distingue literato de erudito, afirma que, de fato, são chamados pelo povo literatos aqueles que são capazes de escrever ou dizer algo de forma diligente ou aprofundada; de resto, devendo ser chamados, assim, propriamente, de 'intérpretes dos poetas' aqueles que são chamados pelos gregos de gramáticos. [Messala Corvino mostrou em uma epístola que esses mesmos que foram citados eram literatos, dizendo não ter nada com Fúrio Bibáculo nem mesmo com Tícidas ou o literato Catão; ele quer dizer, pois, sem dúvida, Valério Catão, ao mesmo tempo poeta e gramático conhecidíssimo.] Porém, há aqueles que distiguem 'literatos' (*litterati*) dos 'mestres de letras' (*litteratores*), assim como os gregos soem distinguir gramáticos (*grammatici*) de mestres de gramática (*grammatistae*); aquele, de fato, estimam ser absolutamente culto, e este medianamente.

Tradução de Fortes (2012, p. 96), exceto do texto entre colchetes, cuja tradução é de nossa autoria.

gramática, lei etc. **b.** professor de escola, tutor. **c** um escravo encarregado de meninos (PEDAGOGO). **d.** um professor de ginástica, esgrima etc., treinador.”).

À época de Cícero, no fim da república, quando as escolas começavam a ser instituídas em lugar do estudo privado de cada criança com seus *grammatici* e quando os rétores abundavam em Roma, é provável que o papel de *grammaticus*, como professor de primeiro nível, responsável por estudos das línguas grega e latina, ortografia, pronúncia e leitura, interpretação e memorização dos poetas, e o papel de *rhetor*, como professor de segundo nível responsável pelo ensino de declamação[39], estivessem mais bem delimitados e então o *ludi magister*, com essa ampliação do acesso ao ensino, poderia mesmo ser o professor dos alunos oriundos de classes menos favorecidas.[40]

No *Brutus* (205), Cícero fala sobre Lúcio Élio Preconino Estilo, *“vir egregius”* e “*eruditissimus et Graecis litteris et Latinis”* (“homem egrégio e o mais versado nas letras gregas e latinas”), como cultor de *grammatice*, embora “*idem Aelius Stoicus esse voluit”* (“quis ser Élio, o Estoico”), decerto porque ser conhecido por *grammaticus* estivesse aquém de seu prestígio.

Mas na epístola 3,2 a Ático temos uma observação que parece contradizer a conjectura anterior; Cícero assim diz:

Sed quoniam grammaticus es, si hoc mihi ζήτημα persolveris, magna me molestia liberaris	Mas, porque és um gramático, se me resolveres esta questão, vais me livrar de uma grande moléstia.

O contexto é de informalidade e, talvez com chamar a Ático *grammaticus*, Cícero enfatizasse o conhecimento linguístico daquele para o auxiliar no *sermo* epistolar, portanto não afim à retórica. Vimos em pesquisa pregressa (MANOEL, 2014) que invectivas apócrifas podem muito bem ser exercícios tanto das escolas dos *grammatici* como dos *rhetores*. Booth (1978, p. 124), calcado em Suetônio, menciona Marco Antonio Gnifo, que, após ser tutor de Júlio César, abriu uma escola em casa, frequentada por Cícero, e cujos “alunos eram avançados o bastante

[39] Estabelecimento educacional este a que o Arpinate parece (no *De oratore*) tecer crítica em virtude da decadência do *tirocinium fori* (“estágio no fórum”).
[40] Booth (1978, p. 124) afirma que tanto em Roma como no mundo grego do primeiro século antes de Cristo o *grammaticus* e o *ludi magister* representavam profissão estabelecida, qual seja, a de “professor de crianças” (“teacher of children”).

para publicar tratados que poderiam passar como trabalhos do mestre”.[41] Assim, a designação de Ático, no contexto informal epistolar, como *grammaticus* não fere o prestígio dele, algo que seria inviável para um homem público como o supracitado Élio, o Estoico.

Cícero por mais vezes fala sobre os gramáticos, como no *de Oratore* I, 10, 7:

Quis musicis, quis huic studio litterarum, quod profitentur ei, qui **grammatici vocantur**, penitus se dedit, quin omnem illarum artium paene infinitam vim et materiem scientia et cognitione comprehenderit?	Quem se dedicou à música, quem se dedicou ao estudo das letras **atualmente** ensinado **pelos chamados gramáticos**, sem abarcar em sua totalidade, pelo conhecimento e reflexão, a essência quase infinita e a matéria de tais artes? (SCATOLIN, 2009, p. 149).

A alcunha pelo visto ainda não estava tão bem estabelecida, e o “**atualmente**” (*huic*) refere-se ao tempo do Cícero que escreve a seu irmão Quinto em 55 a.C. Mais à frente, em I, 187, 8, no discurso de Crasso, vê-se que as *artes* à época – se de Crasso, que fala então em 91 a.C., se de Cícero, que escreve em 55 a.C. – já haviam sido bem difundidas e ao *grammaticus* cabia “o estudo assíduo dos poetas, o conhecimento da história, a interpretação das palavras, a pronúncia de determinados sons”:

Omnia fere, quae sunt conclusa nunc artibus, dispersa et dissipata quondam fuerunt; ut in musicis numeri et voces et modi; in geometria lineamenta, formae, intervalla, magnitudines; in astrologia caeli conversio, ortus, obitus motusque siderum; in grammaticis poetarum pertractatio, historiarum cognitio, verborum interpretatio, pronuntiandi quidam sonus; in hac denique ipsa ratione dicendi excogitare, ornare, disponere, meminisse, agere, ignota quondam omnibus et diffusa late videbantur.	Quase tudo o que está agora encerrado em artes esteve, outrora, disperso e dissipado: como na música, o ritmo, os sons e a cadência; na geometria, as linhas, as formas, as distâncias, os volumes; na astronomia, a rotação do céu, o nascimento, o pôr e o movimento dos astros; na gramática, o estudo assíduo dos poetas, o conhecimento de história, a interpretação das palavras, a pronúncia de determinados sons; nesta própria doutrina do discurso, enfim, inventar, ornar, dispor, lembrar, atuar pareciam a todos, outrora, elementos desconhecidos e bastante difusos. (SCATOLIN, 2009, p. 178)

Até a história, como se depreende pelo passo, tem sua raiz nos cursos preliminares das *artes*, e os *grammatici*, assim – e aquela menção a Ático como *grammaticus* possivelmente não tenha nada de desprestígio –, tornavam-se “críticos literários”, como a Loeb traduz no *Orator*, 72, 4:

[41] Cf.: “His students were sufficiently advanced to publish treatises which could pass for the work of the master”.

itaque hunc locum longe et late patentem philosophi solent in officiis tractare – non cum de recto ipso disputant, nam id quidem unum est – grammatici in poetis, eloquentes in omni et genere et parte causarum.

E assim, este tópico, profunda e largamente patente, costumam tratá-lo os filósofos com relação aos ofícios – não quando discutem sobre a própria retidão, pois ela de fato é uma só –, **os gramáticos** com relação aos poetas, os eloquentes com relação a todo gênero e parte de causa. (Tradução de André Novo Viccini, 2018, p. 94).

The philosophers are accustomed to consider this extensive subject under the head of duties—not when they discuss absolute perfection, for that is one and unchanging; the **literary critics** consider it in connexion with poetry; orators in dealing with every kind of speech, and in every part thereof.[42]

Pouco adiante, em 94,1 o *grammaticus* é o responsável pela designação da metonímia:

hanc ὑπαλλαγὴν rhetores, quia quasi summutantur verba pro verbis, μετωνυμίαν grammatici vocant, quod nomina transferuntur.

The latter is called ὑπαλλαγή or "hypallage" by the rhetoricians, because as it were words are exchanged for words; the grammarians call it μετωνυμία or "metonymy" because nouns are transferred.

Os rétores chamam-na "hipálage", porque palavras são praticamente substituídas por palavras, e os gramáticos chamam-na "metonímia", porque nomes são transferidos.

Além das obras sobre oratória, Cícero menciona os gramáticos em outras passagens, e citamos aqui duas mais para encerrar este item:

Em *Finibus* III, 4, 3:

itaque et dialectici et physici verbis utuntur iis, quae ipsi Graeciae nota non sint, geometrae vero et musici, grammatici etiam **more quodam** loquuntur **suo**; ipsae rhetorum artes, quae sunt totae forenses atque populares, verbis tamen in docendo quasi privatis utuntur ac suis.

Thus Logic and Natural Philosophy alike make use of terms unfamiliar even to Greece; Geometry, Music, Grammar also, have **an idiom of their own**. Even the manuals of Rhetoric, which belong entirely to the practical sphere and to the life of the world, nevertheless employ for purposes of instruction a sort of private and peculiar phraseology.[43]

Assim, tanto os dialéticos como os naturalistas empregam estas palavras que não são conhecidas nem

[42] As traduções do *Orator* são de G. L. Hendrickson e H. M. Hubbell, do livro *Brutus. Orator*. Loeb Classical Library 342. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1939.
[43] Cicero. *On Ends.* Translated by H. Rackham. Loeb Classical Library 40. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914.

> pela Grécia; os geômetras, no entanto, os músicos e ainda os gramáticos falam **em seu jargão**; as próprias artes retóricas, que são todas forenses e populares, ao ensinar, contudo, utilizam palavras quase privadas e particulares.

em que diz que os *grammatici* "falam em seu jargão" e, na sequência, que os manuais de retórica – logo, diferentes das *artes* ou manuais dos gramáticos – "são todas forenses e populares"; ou seja, a retórica prepara para ação prática especializada. Mas e a gramática?

Em *De divinatione* I, 116, 5, Cícero aproxima a atividade do adivinho ou intérprete à do *grammaticus*: ambos dependem de habilidades técnicas, e não somente da inspiração, para seu exercício, e os *grammatici* são os *explanatores*, na tradução inglesa "*commentators*", comentadores dos poetas.

> Hic magna quaedam exoritur, neque ea naturalis, sed artificiosa somniorum [Antiphontis] interpretatio eodemque modo et oraculorum et vaticinationum [sunt enim explanatores, ut grammatici poëtarum].

> At this point it is pertinent to mention Antiphon's well-known theory of the interpretation of dreams. His view is that the interpreters of dreams depend upon technical skill and not upon inspiration. He has the same view as to the interpretation of oracles and of frenzied utterances; for they all have their interpreters, just as poets have their **commentators**.[44]
>
> Aqui aparece uma grande interpretação de Antifonte sobre os sonhos, não natural, mas artificial; e do mesmo modo, também sobre os oráculos e vaticínios, pois existem **comentadores** de todos estes, como os gramáticos dos poetas. (Tradução de Beatris Ribeiro Gratti, 2009, p. 98)

Em seguida, o argumento continua com o exemplo dos metais e os cultivos agrários, de como seriam infrutíferos se não houvesse aplicação da ciência, do conhecimento de suas leis e partes para operá-los e manejá-los: é o mesmo princípio tanto para interpretar oráculos como para interpretar poetas.

---

[44] Cicero. *On Old Age. On Friendship. On Divination*. Translated by W. A. Falconer. Loeb Classical Library 154. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1923, página 348-349.

2.1.2 Nível intermediário: os rétores

No subitem anterior vimos rapidamente como oscilam as designações e atribuições do *grammaticus*, uma vez que ao longo do primeiro século até o fim da república e início do império tal ofício poderia confundir-se com o do rétor: vale lembrar a tradução de Hermógenes feita pelo *grammaticus* Prisciano séculos depois, na qual de início atribui aos oradores a preferência por determinadas prescrições. Mas Prisciano situava-se após a era das declamações e já ia longe o *tirocinium fori* tão prezado por Cícero.

Quer seja atribuição de um *rhetor*, quer seja de um *grammaticus*, quer seja do segundo ou terceiro nível de instrução, os estudantes do primeiro século a.C. em diante podiam contar com as chamadas *artes* retóricas, voltadas àqueles que buscavam iniciar o *cursus honorum*. Em Roma, a *Rhetorica ad Herennium* e os vários tratados de Cícero, no primeiro século a.C., são os maiores exemplos. Na *Rhetorica ad Herennium* lê-se logo no primeiro parágrafo que o autor deixa os estudos filosóficos para atender a um pedido sobre lições de retórica, ao passo que o Arpinate passa do *De inuentione* de sua juventude a obras como *Orator*, *De Oratore* e *Brutus*, em que dá voz a personagens do cenário político romano para discorrer sobre retórica e oratória.

Como foi dito antes, os *progymnásmata*, isto é, os exercícios preliminares, podiam ser utilizados pelo *grammaticus* que avançasse nos estudos básicos, pelo *rhetor* que conduzisse alunos de mais tenra idade e por uma só pessoa que se imbuísse do ofício duplo de *grammaticus* e *rhetor*. Logo, com base no que expusemos até aqui, podemos traçar o seguinte esquema.

Quadro 2 – Atribuições didáticas e docentes com relação à faixa etária e aos fins no ocaso da República e início do Império.

Idade	Professor	Meio	Fins/objetivos
7 aos 15+	*ludi magister* *grammaticus* *rhetor*	*Progymnásmata*	Preparar alunos para que sejam: oradores poetas historiadores outros estudos
Acima de 15 anos	*rhetor*	artes retóricas/ *tirocinium fori*	Preparo para ação política, para fazer discursos ou declamações.

Acima de 15 anos	-	artes poéticas	Preparo para escrever poesia.
Acima de 15 anos	-	-	Preparo para escrever outros gêneros de textos.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Bonner (1977), Booth (1978), Maurice (2013) e Manoel (2014).

Pode parecer questionamento óbvio, mas, se os exercícios eram preliminares, eram preliminares a quê? Teão diz que poderia preparar as crianças para que discursassem, escrevessem poesia, história e outros gêneros de discursos. Nesse sentido, o *grammaticus* ou o *rhetor* poderia formar seus alunos em nível básico, como se fosse hoje nosso Ensino Médio, e as únicas especializações ou graduações, por assim dizer, disponíveis eram as oferecidas pela prática: à parte políticos e poetas, que poderiam consultar artes poéticas e retóricas desde Aristóteles, que materiais historiográficos ou autores de outros gêneros da prosa poderiam consultar senão os preâmbulos de registros escritos, isto é, frutos da prática, de seus pares?

Além disso, nesse nível especializado não estavam os rétores preocupados com estudar tópicos afins à prosa em geral, mas sim a orações. O ensino básico com o *grammaticus* ou o *rhetor* fornecia o arcabouço necessário para a leitura, interpretação e, sobretudo, composição nas letras. Aristóteles escreveu tanto sobre a retórica como sobre a poética, sendo ele mesmo filósofo. No entanto, com o passar do tempo e da história, o processo de análise que implica separação e classificação conduziu, no primeiro século a.C., à instituição, por assim dizer, de especializações: oradores escreveram manuais retóricos para os que buscavam seguir a carreira política, assim como poetas escreveram artes poéticas para auxiliar aqueles que queriam compor poemas: a distinção fundamental entre poesia e prosa manteve-se até os dias hoje. E o processo de especialização por meio de separação e classificação nos oferece hoje centenas de disciplinas, acadêmicas ou não.

Desta exposição importa-nos justamente a confluência e a importância desses estudos preliminares. Em resumo vimos (MANOEL, 2014, p. 30) que vários autores desde Teão até Prisciano baseavam-se na memorização, cópia, paráfrase, amplificação de excertos ou obras de autores gregos, primeiro, e latinos, depois. Nesses exercícios vimos ainda como a prosopopeia e suas formas desenvolvidas em etopeia e idolopeia eram etapas avançadas para a produção de teses e hipóteses, exercícios mais elaborados[45], a tal ponto, que textos de alunos de Marco

[45] Kennedy (1994, p. 202), a propósito, relaciona alguns exercícios a obras de autores: “A literatura latina que começa na era augustana mostra a influência dos exercícios na composição, que até mesmo se tornam gêneros literários. As *Heroides* de Ovídio são *prosopopeiae* versificadas, ou ‘personificações’, exercício comum nas escolas. Com frequência, versões literárias de exercícios combinam-se como unidades estruturais em obras

Antônio Gnifo foram considerados como obras do próprio mestre; da mesma forma, as invectivas *Contra Cícero* e *Contra Salústio*, bem como as *Epístolas a César* podem ter sido exercícios dessas escolas. Quintiliano, por exemplo, menciona que uma das invectivas era de Salústio, não por outro motivo senão porque para ele era verossímil e aceitável que fosse de Salústio, independentemente de problema da cronologia, que pesquisadores modernos apontaram para refutar a autoria. Aliás, tal processo de aprendizagem é ilustrado por alguns autores, aqui e ali. Aduzimos, a propósito, versos da terceira sátira de Pérsio:[46]

Saepe oculos, memini, tangebam paruus oliuo, grandia si nollem morituri uerba Catonis dicere non sano multum laudanda magistro, quae pater adductis sudans audiret amicis.	Eu menino, o olho (eu lembro) esfregava co' azeite sempre que ao moribundo Catão não queria grandes coisas dizer que o louco mestre aprove e o pai, suando, escute junto aos seus amigos.

Teria Pérsio estudado com *rhetor* ou *grammaticus*? Será que, em geral, os poetas abandonavam os estudos, já que a política se encontrava no primeiro escalão como atividade e fim último da aristocracia, e constituíam como que uma "escola" à margem? Destas questões não nos ocuparemos, mas sim do fato de que em todos esses gêneros há um modo de fazer e um atributo essenciais: imitação e invenção; procedimentos que marcavam o nível avançado da instrução, quando o jovem adulto não mais memorizava para reproduzir, mas dominava as matérias e, interpretando-as com seu próprio engenho, não raro compunha coisas novas.

2.1.3 Nível avançado: imitadores ou inventores?[47]

No livro X da *República* vemos Platão discorrendo (596a-d) sobre imitação, instaurando 3 níveis de atuação e utilizando o exemplo de uma cama: o do criador/demiurgo (deus), o do

---

maiores: as *Metamorfoses* de Ovídio usam mito, personificação, narrativa, comparação e écfrase (vívida descrição de lugar ou obra de arte). As comparações de gregos e romanos que Plutarco incluiu em suas *Vidas* são versões literárias de síncrise, outro exercício comum nas escolas". ("Latin literature, beginning in the Augustan age, shows the influence of exercises in composition, which even became literary genres. The *Heroides* of Ovid are versified *prosopopoeiae*, or "personifications," a common exercise in schools. Often literary versions of exercises are combined as structural units in larger works: Ovid's *Metamorphoses* use myth, personification, narrative, comparison, and ekphrasis – vivid description of a place or work of art). The comparisons of Greeks and Romans that Plutarch included in his *Lives* are literary versions of synkrisis, another exercise common in schools").

[46] Tradução de Fábio Paifer Cairolli (2019, p. 77).

[47] Cumpre citar que partes deste subitem, além de excerto inicial do capítulo 2, ensejaram artigo intitulado "Imitação: em busca de uma teoria antiga da tradução", publicado na revista *Translatio*, da UFRGS, n. 18, em julho de 2020, disponível em https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/91537/57639, acesso em: 24 dez. 2021. No entanto, ali tínhamos resultados parciais que desenvolvemos ao longo da pesquisa e culminaram neste capítulo da tese.

moveleiro e o do pintor, em que este último está na terceira categoria, imitação da imitação, sendo possivelmente, portanto, mais distante e subjetiva, dependente da interpretação do olhar do pintor, que pode ser de perspectivas diferentes.[48] É assim que defende a expulsão dos poetas, pela possibilidade de criação de ideias e representações falsas, afastadas da verdade e, entende-se, da sabedoria própria dos filósofos. No *Íon*, 530b-c, temos:

καὶ τὴν τούτου **διάνοιαν** ἐκμανθάνειν, μὴ μόνον τὰ **ἔπη**, ζηλωτόν ἐστιν. οὐ γὰρ ἂν γένοιτό ποτε ἀγαθὸς ῥαψῳδός, εἰ μὴ συνείη τὰ λεγόμενα ὑπὸ τοῦ ποιητοῦ. τὸν γὰρ ῥαψῳδὸν **ἑρμηνέα** δεῖ τοῦ ποιητοῦ τῆς διανοίας γίγνεσθαι τοῖς ἀκούουσι: τοῦτο δὲ καλῶς ποιεῖν μὴ γιγνώσκοντα ὅτι λέγει ὁ ποιητὴς ἀδύνατον.[49]	[...] e compreender a fundo o **pensamento** dele – não só os **versos** – é invejável! Porque um rapsodo jamais seria bom se não entendesse o que é dito pelo poeta: é preciso que o rapsodo seja, para os ouvintes, o **intérprete** do pensamento do poeta. E é impossível fazer belamente isso sem saber aquilo que o poeta diz.[50]

em que se percebe a diferença entre διάνοιαν, o pensamento que deve ser aprendido, e as ἔπη, versos que o representam.

Aristóteles, na *Poética,* 1447b, remete a Platão com inferir que houvesse poetas mais afeitos aos versos – ou ao metro (não vamos aqui enveredar em distinções dos termos) – do que ao pensamento:

οὐδὲν γὰρ ἂν ἔχοιμεν ὀνομάσαι κοινὸν τοὺς Σώφρονος καὶ Ξενάρχου μίμους καὶ τοὺς Σωκρατικοὺς λόγους οὐδὲ εἴ τις διὰ τριμέτρων ἢ ἐλεγείων ἢ τῶν ἄλλων τινῶν τῶν τοιούτων ποιοῖτο τὴν μίμησιν. πλὴν οἱ ἄνθρωποί γε συνάπτοντες τῷ μέτρῳ τὸ ποιεῖν ἐλεγειοποιοὺς τοὺς δὲ ἐποποιοὺς ὀνομάζουσιν, οὐχ ὡς κατὰ τὴν μίμησιν ποιητὰς ἀλλὰ κοινῇ κατὰ τὸ μέτρον προσαγορεύοντες:[51]	Efetivamente, não temos denominador comum que designe os mimos de Sófron e de Xenarco, os diálogos socráticos e quaisquer outras composições imitativas, executadas mediante trímetros jâmbicos ou versos elegíacos ou outros versos que tais. Porém, ajuntando à palavra "poeta" o nome de uma só espécie métrica, aconteceu denominarem-se a uns de "poetas elegíacos" a outros de "poetas épicos", designando-os assim, não pela imitação praticada, mas unicamente pelo metro usado.[52]

[48] Seguimos a tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado (2006, p. 381-386).
[49] O texto grego foi retirado da página do Perseus, da edição de John Burnet (1903), grifos nossos.
[50] Tradução de André Malta (2007, p. 22-3), grifos nossos.
[51] O texto grego foi retirado da página Perseus, da edição de R. Kassel, *Aristotle's Ars Poetica*. Oxford, Clarendon Press, 1966. A propósito, cumpre citar que no período citado e no parágrafo seguinte Kassel traduz, sucessivamente, μίμησις por "representation" ("representação"). Em tradução recente (PINHEIRO, 2017) encontramos as duas ocorrências traduzidas por mimese.
[52] Tradução de Eudoro de Souza constante na obra *Os pensadores: Aristóteles*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4977081/mod_resource/content/1/Etica%20a%20Nicomaco%20%28Aristoteles%29.pdf. Acesso em: 27 set. 2021.

Ou seja, para Aristóteles não faria parte essencial da imitação o metro, de modo que esta se refira à matéria.

Em latim tem-se como correlativo de *mímesis* o termo *imitatio*. Na *Retórica a Herênio*, é assim definido:

Haec omnia tribus rebus adsequi poterimus: arte, imitatione, exercitatione [...] Imitatio est, qua impellimur cum diligenti ratione ut aliquorum similes in dicendo valeamus esse.	Tudo isso poderemos alcançar por três meios: arte, imitação e exercício [...] Imitação é o que nos estimula, com método cuidado, a que logremos ser semelhantes a outros no dizer.[53]

Não há, contudo, maior desenvolvimento. Mas Cícero amplia o conceito (*de Or.* 2, 90-91), dando, aliás, acepções negativas da *imitatio* realizada de modo servil (como Horácio também criticará):

Ergo hoc sit primum in praeceptis meis, ut demonstremus, quem imitetur atque ita, ut, quae maxime excellent in eo, quem imitabitur, ea diligentissime persequatur; tum accedat exercitatio, qua illum, quem delegerit, imitando effingat atque exprimat, non ut multos imitatores saepe cognovi, qui aut ea, quae facilia sunt, aut etiam illa, quae insignia ac paene vitiosa, consectantur imitando.[54]	Portanto, seja este o primeiro de meus preceitos: indicar aquele que se há de imitar, e de tal forma que se busquem com maior zelo os elementos que mais se sobressaem naquele que se imitará. Some-se a isso, então, o exercício, no qual possa, pela imitação, reproduzir e representar aquele que se escolheu, porém, não como muitos dos imitadores que vi em diversas ocasiões, que procuram imitar os elementos fáceis ou mesmo aqueles que são particulares e quase viciosos. Nada é mais fácil do que imitar o modo de alguém se vestir, sua postura ou seus movimentos. (SCATOLIN, 2005, p. 216).

No passo citado, Cícero evidencia que há modelos a imitar; no entanto especifica que essa imitação se dá com "maior zelo" quanto aos "elementos que mais se sobressaem". Ou seja, abre-se espaço para o autor/imitador criar de modo inteligente a partir do modelo, a fim de não incorrer no erro daqueles, segundo o Arpinate, que imitam somente "elementos fáceis ou mesmo aqueles que são particulares". Talvez aí resida a raiz da centralidade do pensamento, da *sententia*, do sentido em relação às palavras, à literalidade, que São Jerônimo formulará na dicotomia entre tradução literal e pelo sentido. Mauri Furlan, ao traduzir um texto de Boécio e que já era retradução de excerto introdutório de Porfírio às *Categorias* de Aristóteles, diz (2020, p. 1):

---

[53] Texto latino e tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra (2005, p. 55, apud SCATOLIN, 2005, p. 51).

[54] Texto latino extraído da página do Perseus, estabelecido por A. S. Wilkins (1902). Disponível em: http://www.*perseus*.tufts.edu/hopper/text?doc=Cic.%20de%20Orat.%202.90.365&lang=original. Acesso em: 17 out. 2021.

> Anício Mânlio Torquato Severino Boécio (ca. 480-524) é nomeado entre os importantes autores latinos da Antiguidade, fundadores da Idade Média, e pode também ser tomado como um dos primeiros tradutores a defender a literalidade, que perpassará o Medievo, em contraposição ao pensamento jeronimiano de tradução literária. Jerônimo (ca. 347-420) deixou para a Idade Média um ambíguo legado teórico. A inversão que o tradutor da Vulgata fizera dos termos horácio-ciceronianos de fidus interpres –originalmente como de tradutor literal e sem arte–, com o fim de defender a fidelidade ao significado textual dos Escritos Sagrados, foi usada posteriormente para assinalar os erros e confusão que a tradução literal produz, mas também sofreu por sua vez outra inversão, de modo a servir para a defesa do literalismo.

Discussões sobre imitação, ainda, ou menções semelhantes ocorrem também em Quintiliano, como no livro X (em 2, 27): "A imitação, então (pois sempre direi isso), não deve residir somente nas palavras."[55]; em Sêneca, na suasória 3.7, quando traz: "Gelião dizia que isto tinha agradado muito ao seu Nasão [Ovídio]; e assim ele fez aquilo que fizera em muitos outros versos de Virgílio, não para roubar, mas para tomar de empréstimo claramente, desejando que isso fosse reconhecido".[56]

Se esses são alguns dos testemunhos sobre imitação no âmbito da retórica, na poesia recorremos a Horácio, na *Arte Poética* (131-137; 309-318):

---

[55] No original: *imitatio autem (nam saepius idem dicam) non sit tantum in verbis*. Outras passagens relevantes sobre *imitatio* ocorrem ao longo do livro X, a saber: 2; 4; 7; 11:

Neque enim dubitari potest, quin artis pars magna contineatur imitatione.	E não pode haver dúvida de que grande parte desta arte depende da imitação.
Ante omnia igitur imitatio per se ipsa non sufficit, uel quia pigri est ingenii contentum esse iis, quae sint ab aliis inuenta.	Antes de tudo, porém, a imitação não basta por si só, pois é próprio de intelectos preguiçosos o contentar-se com o que foi inventado por terceiros.
Nam rursus quid erat futurum, si nemo plus effecisset eo quem sequebatur? Nihil in poetis supra Livium Andonicum, nihil in historiis supra Pontificum annales haberemus; ratibus adhuc navigaremus;	Pois, caso contrário, o que teria acontecido se ninguém realizasse algo mais do que o modelo que seguia? Nada teríamos nos poetas além de Lívio Andronico, nada nas histórias além dos anais dos pontífices; ainda hoje navegaríamos em jangadas.
contra omnis imitatio ficta est et ad alienum propositum accomodatur.	[...] toda imitação, ao contrário [dos modelos, que possuem sua natureza e força verdadeira, *natura et uera uis*], é moldada e adaptada a um propósito alheio.

[56] Tradução de Artur Costrino (2011, p. 68). No original (p. 110): *hoc autem dicebat Gallio Nasoni suo valde placuisse; itaque fecisse illum, quod in multis aliis versibus Vergilii fecerat, non subripiendi causa sed palam mutuandi, hoc animo ut vellet agnosci*.

publica materies privati iuris erit, si
non circa vilem patulumque moraberis orbem
nec verbo verbum curabis reddere fidus
interpres nec desilies imitator in artum,
unde pedem proferre pudor vetet aut operis lex,
nec sic incipies, ut scriptor cyclicus olim:
'fortunam Priami cantabo et nobile bellum.'
[...]

rem tibi Socraticae poterunt ostendere chartae
verbaque provisam rem non invita sequentur.
qui didicit, patriae quid debeat et quid amicis,
quo sit amore parens, quo frater amandus et [hospes,
quod sit conscripti, quod iudicis officium, quae
partes in bellum missi ducis, ille profecto
reddere personae scit convenientia cuique.
respicere exemplar vitae morumque iubebo
doctum imitatorem et vivas hinc ducere voces.[57]

Matéria de domínio público será de direito privado se não te demorares em volta de um círculo batido e aberto; se não te preocupares em verter, fiel tradutor, palavra por palavra; se não caíres, imitador, num buraco de onde o pudor ou a lei do gênero te proíbam tirar o pé; e se não começares assim, como outrora o escritor cíclico: "A Fortuna de Príamo cantarei e a guerra famosa".[58]
[...]

Os escritos socráticos poderão revelar a matéria a ti,
e as palavras não obrigadas seguirão a matéria prevista.
Aquele que aprendeu o que deve à pátria e o que aos [amigos,
com qual afeto devem ser amados os pais, com qual o [irmão e com qual o hóspede,
qual é a tarefa de um senador, qual a de um juiz, quais
os deveres de um general mandado à guerra, sem dúvida
sabe dar adequação a cada personagem.
Ordenarei ao douto imitador observar o modelo da
vida e dos costumes e a retirar daí vívidas vozes.
(Tradução de Bruno Maciel et al., 2013, p. 36 e 38).

No primeiro excerto Horácio, ainda que se dirija a quem queira adentrar a seara poética, distingue dois tipos de ação ao associar ao tradutor a palavra e o gênero ao imitador. Não nos ateremos agora à compreensão de qual seria essa diferença, em Horácio, entre tradutor e imitador: basta que haja essa disposição distinta entre um e outro. No entanto, urge notar que no segundo excerto ao imitador ordena-se olhar o exemplo da vida e dos costumes, sendo já *doctum*, para que sua voz seja "viva". Andrew Laird (1999, p. 310) vê nessa locução a combinação de dois sentidos para a imitação, quais sejam: como cópia de modelos e como representação.[59] Inferimos, ainda, da expressão uma prática implícita da imitação de modelos nos estudos formativos, como os apontados por Teão (MANOEL, 2014), que propiciarão ao experiente imitador arcabouço necessário para trilhar seu próprio caminho, não mais imitando modelos, e sim a própria vida: inventando, quer seja em âmbito filosófico, poético ou retórico. Além disso, não podemos deixar de concordar com Harvey quanto ao menos um objetivo dos

[57] Texto latino extraído da página do projeto Perseus, edição de C. Smart (1836).
[58] Tradução de João Angelo Oliva Neto, em: *Falo no jardim: priapeia grega, priapeia latina*. Cotia (SP): Ateliê Editorial / Campinas, Editora da Unicamp, 2006, p. 164.
[59] Assim Andrew Laird traduz: "I will order the learned imitator to look to the model of life and morals, and draw his utterances living from there". E explica: "The phrase *doctum imitatorem* ('learned imitator') presupposes both the priority of imitating models and the necessity of the imitator being well versed in those models." (A expressão *doctum imitatorem* (imitador douto) pressupõe tanto a prioridade da imitação de modelos como a necessidade de o imitador ser bem versado nesses modelos".

autores antigos, a saber, alcançar a fama tornando-se modelo, o que era possível justamente por essa replicação, paráfrase e estudo de modelos anteriores.[60]

Da exposição feita até aqui, por conseguinte, percebemos como o conceito de mimese ou imitação possui sentidos diferentes, ora mais filosóficos e relacionados a ideias, ora mais objetivos e relacionados às próprias palavras escritas de algum autor.[61] Elaine Fantham (1978) analisa excerto do *De oratore* II, 89 e traça relações de influências desde Isócrates a Quintiliano, indicando que Cícero calca sua ideia de imitação numa combinação entre a *natura*, o *ingenium* e as *indoles* do orador com um conhecimento amplo e o modelo correto a imitar, cujo treinamento, por assim dizer, final é aquele que se dá no *tirocinium fori*; a autora ainda indica no *De oratore* I, 154-5 (1978b, p. 109) que Cícero preferia traduzir do grego a parafrasear autores latinos, o que nos leva a pensar que a imitação se relaciona antes aos procedimentos de composição, amplos e intricados no contexto sociocultural do autor/orador, e a paráfrase e a tradução são expedientes para a construção de uma obra, embora a diferença entre ambos não seja tão precisa, mas com uma demarcação da paráfrase como exercício que permite o desenvolvimento, ampliação das palavras e ideias do modelo, o que à tradução não compete. Porém, seja qual for o sentido, é condenável a imitação que vise à reprodução, o que, aliás, Quintiliano diz ser impossível (*Instituições oratórias*, 10, 2, 10-11), de modo que a imitação tem como "filtro" imprescindível a maior ou menor habilidade de um autor letrado.

Portanto, a invenção mira a novidade, que ocorre se é executada com êxito e poderá alçar o autor à eternidade ou à condição de modelo, quer seja como um entre o rol dos líricos,

---

[60] Cf. Harvey (1955, p. 157). "If we do not know the purpose for which a given poem was written, or the conventions which governed its form, we are deprived of what the Greeks regarded as one of the main criteria for assessing its quality". ("Se não sabemos o propósito para o qual determinado poema foi escrito ou as convenções que governam sua forma, ficamos privados do que os gregos consideravam como um dos principais critérios para compreender sua qualidade"). Sobre a memorização e repetição de modelos e sua relevância no cenário clássico, com a ideia de novidade emergindo da invenção justamente pela multiplicação e proliferação de modelos, ver Muckelbauer (2003).

[61] Discussão pormenorizada desses sentidos pode ser encontrada em Muckelbauer (2003), como à página 243, em que recupera desenvolvimentos de outros dois estudiosos: "Edward P. J. Corbett nicely summarizes McKeon's three primary meanings: '1) the Platonic notion of an image-making faculty which produces extensions of ideal truth in the phenomenal world, 2) the Aristotelian notion of the representation of human actions, and 3) the rhetorical notion of copying, simulating, emulating models." (E. P. J. C. resume bem os três sentidos principais de McKeon: 'a noção platônica de uma faculdade imagético-criadora que produz extensão de uma verdade ideal no mundo fenomênico, 2) a noção aristotélica de representação das ações humanas e 3) a noção retórica de cópia, simulação, emulação de modelos." Divisões que o autor havia explicitado anteriormente na página 65: "The imitation of an ideal world by the actual world became the province of ancient philosophy; the imitation of the actual world by a poet or actor became the concern of ancient literature; and the imitation of a renowned orator or teacher by a student became the terrain of ancient rhetoric." ("A imitação de um mundo ideal pelo mundo real tornou-se matéria da filosofia antiga; a imitação do mundo real por um poeta ou ator tornou-se preocupação da literatura antiga; e a imitação de um orador renomado ou professor por um estudante tornou-se terreno da retórica antiga").

com uma obra mais perene que o bronze, como um Propércio ao dizer-se o Calímaco romano, entre outros exemplos.

Se pareceram abruptas nossas mudanças de contexto grego para romano, da poesia para a retórica, ou seja, do verso para a prosa, é que entendemos que tal diferença resida na manifestação, isto é, da ação concreta da imitação, que se dá por meio dos gêneros (do qual aquela não se dissocia), como veremos a seguir.[62] É informação óbvia que, para surgir um sistema de gêneros, havia, mesmo que de modo implícito, convenções reconhecidas a respeito das composições escritas. No entanto, a imprecisão que vemos em autores gregos e a posterior crise dos gêneros[63] que se inicia com os helenísticos denota que tal sistema não fosse estável ou livre de dissensões.[64]

---

[62] Se temos autores adultos escrevendo em uma ou mais áreas, é porque a educação básica – em analogia ao ensino institucionalizado de hoje, guardadas as devidas proporções – que tiveram já os preparara para tal. Nisto remetemos aos *progymnásmata* ou *praeexercitamina*, com seus exercícios de reprodução, paráfrase, amplificação e, especificamente na retórica, hipóteses ou controvérsias, bem como um dos autores – talvez o mais antigo de que tenhamos um manual – o já citado Élio Teão, que diz (MANOEL, 2014, p. 30): "Incluí essas coisas, não julgando todas úteis a todos os iniciantes, mas para que saibamos que exercícios são muito importantes não só para os que estão prestes a discursar, como também a quem queira partilhar da faculdade dos poetas, dos historiadores e dos outros discursos", no original (PATILLON, 1997, p. 9): ταῦτα μὲν οὖν παρεθέμην, οὐ νομίζων μὲν ἅπαντα εἶναι πᾶσιν ἀρχομένοις ἐπιτήδεια, ἀλλ' ἵνα ἡμεῖς εἰδῶμεν, ὅτι πάνυ ἐστὶν ἀναγκαῖον ἡ τῶν γυμνασμάτων ἄσκησις οὐ μόνον τοῖς μέλλουσι ῥητορεύειν, ἀλλὰ καὶ εἴ τις ἢ ποιητῶν ἢ λογοποιῶν ἢ ἄλλων τινῶν λόγων δύναμιν ἐθέλει μεταχειρίζεσθαι. Pois Teão dissera anteriormente: "Antes de tudo, o professor deve apresentar aos jovens os bons exemplos recolhidos das letras antigas para que aprendam e guardem na memória, tal como o da *chréia* que há em Platão no primeiro livro da República." Do original vale destacar a expressão παλαιῶν συγγραμμάτων para se referir às "letras antigas" (PATILLON, 1997, p. 9), em: Πῶρτὸν μὲν ἁπάντων χρὴ τὸν διδάσκαλον ἑκάστου γυμνάσματος εὖ ἔχοντα παραδείγματα ἐκ τῶν παλαιῶν συγγραμμάτων ἀναλεγόμενον προστάττειν τοῖς νέοις ἐκμανθάνειν, οἷον χρείας μὲν ὁποία ἐστὶν ἡ παρὰ Πλάτωνι ἐν τῷ πρώτῳ τῆς πολιτείας, expressão que Patillon traduz por "les ouvrages des anciens" e Kennedy (2003, p. 9) verte para o inglês do seguinte modo "ancient prose works". Ademais, utilizamos "letras antigas" para compreender prosa e verso, pois, como diz Christian Werner (WERNER; SEBASTIANI; DOURADO-LOPES, 2014, p. 14 e 15), "entre os gregos, porém, não há nenhum termo que abarque prosa e verso [...] um termo que, nas práticas gregas, se aproximou bastante do sentido em questão foi *mousikê*, termo nuclear para aquilo que J. Herington chamou de 'cultura da canção'", e aqui vale lembrar das palavras de Harvey (1955, p. 5 e 28) quanto à poesia arcaica: "Thus the opposition between what we may call song and poetry is a mimesis or 'imitation' of the fundamental opposition between singing and speaking". ("Assim, a oposição entre o que podemos chamar canção e poesia é uma mimese ou imitação da oposição fundamental entre o cantar e o falar") e "Written is not something that is not oral, rather, it is some thing in addition to being oral, and that additional something will vary from society to society. It is dangerous to universalize the phenomenon of literacy". ("O escrito não é uma coisa não oral, é sim um algo a mais além de oral, e esse algo a mais variará de sociedade a sociedade. É perigoso universalizar o fenômeno do letramento"). Em Cícero o sistema do gênero e as diferenças entre prosa e poesia já parecem ser mais bem demarcados do que eram na época de Aristóteles.

[63] Ford (2002, p. 252-3) fala de hibridismo em Górgias, pois no programa/prólogo do *Elogio a Helena* este afirma dizer o que deve ser dito e refutar falsas acusações, uma vez que teria sido acusado por Isócrates de fugir à lei do gênero e fazer uma apologia em vez de um elogio. Isócrates, em *Antídosis*, no parágrafo 47, diz ter desenvolvido seu próprio gênero, mais poético e com estilo adornado. Mais um exemplo: o já citado Harvey (1955, p. 160 e 166) diz numa passagem que os epinícios de Píndaro não são todos, a rigor, epinícios, de modo que tenham sido organizados segundo lógica diferente, e que o rétor Menandro teria dito que um hino escrito para Apolo é chamado peã, mas ditirambo quando para Dioniso.

[64] Ver Farrel (2003, p. 388): "Com o tempo, encontra-se um senso de aventura cada vez maior, até que, no período helenístico e romano, chega a parecer que testar e mesmo violar limites genéricos não era meramente uma consequência inevitável e acidental de escrever em qualquer gênero, mas um importante aspecto da arte do poeta." (No original: "With time one finds an ever-greater sense of adventure until, by the Hellenistic and Roman periods,

De acordo com nosso propósito, não percorreremos definições e prescrições a respeito de gêneros, mas chamaremos a atenção para dois conceitos, a *poikilía* (variedade) e a *polyéideia* (pluralidade de gêneros). A *poikilia* ocorre já no período clássico em Píndaro (*Píticas*, 9, 76-78):

ἀρεταὶ δ' αἰεὶ μεγάλαι πολύμυθοι· βαιὰ δ' ἐν μακ᾽ροῖσι **ποικίλλειν** ἀκοὰ σοφοῖς· ὁ δὲ καιρὸς ὁμοίως παντὸς ἔχει κορυφάν.	Grandes virtudes são sempre muito faladas, mas **variegar** pequenas entre grandes coisas é o que ouvem os sábios. O oportuno igualmente é de tudo o remate.[65]

O termo ocorre também nas *Olímpicas* (6, 85-87) e em Aristóteles na *Poética* (XIII, 1459a, 34). Já a *polyéideia* ocorre num comentário (*Diegesis* 9, 32-35) antigo a um verso do *Iambo* 13 de Calímaco (frag. 203, Pfeiffer):

Ἐν τούτῳ πρὸς τοὺς καταμεμφομένους αὐτὸν ἐπὶ τῇ **πολυειδείᾳ** ὧν γράφει ποιημάτων ἁπαντῶν φησιν ὅτι Ἴωνα μιμεῖται τὸν τραγικόν· ἀλλ' οὐδὲ τὸν τέκτονά τις μέμφεται πολυειδῆ σκεύη τεκταινόμενον.	Neste [poema], [dirigindo-se] aos que o reprovam pela **pluralidade** de gêneros de todos poemas que escreve, [Calímaco] diz que imita o tragediógrafo Íon: mas ninguém, de fato, censura o artífice que faz multígenos utensílios.

Calímaco, assim, tanto busca variegar como faz uma pluralidade de gêneros – manifestações da invenção, sem deixar de citar um modelo, *Mimnermo*, para ser o primeiro em novo trilho (frag. 1 Pfeiffer, 23-28, tradução de João Angelo Oliva Neto):

'. . . . . .] . . .ἀοιδέ, τὸ μὲν θύος ὅττι πάχιστον	"o incenso, aedo, o mais espesso é o que convém
θρέψαι, τὴ]ν Μοῦσαν δ ὠγαθὲ λεπταλέην·	me dar, a Musa, amigo, delicada.
πρὸς δέ σε] καὶ τόδ ἄνωγα, τὰ μὴ πατέουσιν ἅμαξαι	Ordeno-te, não vás por onde os carros trilham
τὰ στεῖβειν, ἑτέρων ἰχνια μὲ καθ ὁμά	nem sobre o mesmo alheio rasto a roda
δίφρον ἐλ]ᾷν μηδ οἴμον ἀνὰ πλατύν, ἀλλὰ κελεύθους	leves nem vás à larga via, mas a estrada
ἀτρίπτο]ὺς, εἰ καὶ Στειὐτέρεν ἐλάσεισ.'	não batida, por mais que estreita, sigas."

it comes to seem that testing and even violating generic boundaries was not merely an inevitable and accidental consequence of writing in any genre, but an important aspect of the poet's craft").

[65] Tradução de João Angelo Oliva Neto para o referido curso de pós-graduação, a quem agradeço a apresentação de ambos os conceitos e das fontes. A tradução seguinte também é dele.

Cumpre aqui notar a relevância de Calímaco tanto por ser crítico como poeta, uma vez que, como bibliotecário, organizou índice de autores e obras, os *pínakes*, que hoje chamamos "catálogos". Sua importância é capital porque evidencia parte dessa poética helenística que terá influenciado Catulo e Horácio.

O livro de Catulo é emblemático porque reflete a poética helenística e a influência de Calímaco, é um livro variegado e também plural quanto aos gêneros, já que possui uma primeira parte polimétrica e uma segunda monométrica, em dísticos elegíacos, e apresenta poemas com características díspares, como epigramas e mesmo elegias, com destaque porém a seu caráter ligeiro (OLIVA NETO, 1996).

Nas *Odes*, Horácio segue edições alexandrinas para ordenar o livro quanto aos hinos, seja assemelhando-se aos modelos, como no caso do primeiro livro, imitando Alceu, ou afastando-se, como no caso de Safo, que faz hino a Afrodite, ao passo que o poeta a tenta afastar. Além disso, as sequências rítmicas, ou seja, os metros indicam seções próprias e relacionam as odes,[66] e Horácio busca tornar-se ele também modelo, como em IV, 6 (vv. 43-44: "dei carme grato aos deuses, aprendendo/ do vate Horácio os metros" (aqui sigo as ideias e utilizo a tradução de Alexandre Hasegawa, 2012). Também é poeta variegado e trabalha com os limites do gênero, como no livro dos epodos, em que apresenta dois (14 e 15) com elementos líricos, bem como se insere entre os primeiros no gênero – ainda que Catulo tenha feito iambos – na *Epístola* 1, 19, vv. 20-24: "Eu, por primeiro, pus meus pés em campo livre e não pisei pegadas alheias. Quem confiar em si, conduzirá o enxame. Eu fui o primeiro que mostrei ao Lácio os iambos Pários, imitando o ritmo e o ânimo de Arquíloco, não a matéria e as palavras dirigidas a Licambes" (HASEGAWA, 2010, p. 79, tradução dos versos por João Angelo Oliva Neto).

Todos esses conceitos e expedientes servem ao mesmo propósito, à emulação. Kelly afirma (1979, p. 44) que a rivalidade foi um conceito-chave para a construção da literatura romana e se refere a *Tusculanas* IV, 8,

Aemulatio autem dupliciter illa quidem dicitur, ut et in laude et in vitio nomen hoc sit; nam et **imitatio virtutis aemulatio** dicitur – sed ea nihil hoc loco utimur; est enim laudis –, et est aemulatio aegritudo, si eo quod concupierit alius potiatur, ipse careat. Obtrectatio autem est, ea quam intellegi ζηλοτυπίαν	Diz-se que o termo **emulação** é duplo porque é o mesmo tanto ao louvar como ao vituperar; assim, tanto **a imitação da virtude é emulação –** mas dela não nos utilizamos neste local –, como é emulação uma aflição quando alguém deseja algo que lhe falta e que por outro é possuído. É inveja, então, o que quero que seja

[66] Trata-se da alternância. Ver Hasegawa (2016, sobretudo nota de rodapé 60, à página 144, em que arrola bibliografia e menciona a alternância de estrofes alcaicas e sáficas no livro das *Odes* de Horácio, dísticos elegíacos e hendecassílabos falécios na Priapeia latina, éclogas dramáticas e narrativas nas *Bucólicas* de Virgílio e Calpúrnio).

volo, aegritudo ex eo, quod alter quoque potiatur eo quod ipse concupiverit.	entendido por ζηλοτυπίαν, a aflição que decorre quando outro também possui aquilo que alguém desejou.

para dizer que (p. 44):

> Não era uma obra que era imitada; mas a arte da *aemulatio* consistia em flexionar as técnicas de outro autor para sua própria matéria e linguagem. No que diz respeito à composição original, Cícero deixou isso claro. E, assim como a tradução era um aspecto geral da atividade literária, a consequência de forjar uma relação pessoal com o autor se deu naturalmente por meio de uma percepção imersiva de seu texto. Cícero seguiu seus próprios dizeres bem de perto. Seu Homero [no perdido *De fato*, em que traduz os versos 136-7 da *Odisseia*] é completamente romano e precursor de Virgílio; e seu Platão [excerto da também perdida tradução do *Timeu*] é ao mesmo tempo Cícero e Platão. Trezentos anos depois, São Jerônimo, seguindo Cícero, fez o mesmo tipo de coisa com Orígenes. Embora São Jerônimo pareça nunca ter usado a figura da *aemulatio*, em sua epístola a Pamáquio fala de "transferir o significado a sua própria língua pelo direito da conquista", um eco da ideia de embate de Quintiliano que, apesar de encontrada em autores até o presente, parecia dificilmente congruente com a reverência devida às sagradas escrituras.[67]

Cumpre notar que o termo *aemulatio* ocorre pouquíssimas vezes em Cícero, com boa parte das ocorrências justamente em obras filosóficas, como a do passo citado, em momento que se trata das perturbações da alma. Temos referência a uma *aemulatio* que seja *imitatio uirtutis*, isto é, imitação da virtude, mas não é desenvolvida. O apontamento de Kelly é perspicaz por implicar uma relação, dessa forma, entre autores, e não entre obras, ou, então, entre métodos de composição.

Copeland (1991, p. 9-36) situa a tradução no fogo cruzado entre gramática e retórica: "Quando empregada como exercício de estudo gramatical, a tradução representava uma forma de comentário; quando associada ao estudo retórico e à produção de discursos, a tradução constituía uma forma de imitação."[68] No entanto, assim como os papéis de *grammatici* e

---

[67] Cf.: "It was not a given work that was imitated; but the art of *aemulatio* consisted in bending the techniques of another author to one's own subject and language. As far as original composition is concerned, this had been made clear by Cicero. And as translation was an aspect of general literary activity, the consequence of forging a personal relationship with the author followed naturally on perceptive penetration of his text. Cicero himself followed his own dictates closely. His Homer [...] is completely Roman and a forerunner of Vergil; and his Plato [excerto da também perdida tradução do Timeu] is at one and the same time Cicero and Plato. Three hundred years later, St. Jerome in following Cicero, did much the same sort of thing to Origen. Though Jerome never seems to have used the *aemulatio* figura, in his letter to Pammachius he speaks of 'transfering the meaning into one's own language by right of conquest', an echo of Quintilian's idea of struggle which, though found in writers on language up to the present, seemed hardly congruent with the reverence due to sacred writings."

[68] Cf.: "When used as an exercise in grammatical study, translation represented a form of commentary; when associated with rhetorical study and the production of speeches, translation constituted a form of imitation".

rhetores se confundiam, também suas ações, e a tradução está mais para um recurso, consequência, do processo imitativo.

Enveredamos agora, com esta exposição sobre o modo de transmissão de conhecimentos e de composição, para o objeto de nossa tese, qual seja: a busca por uma teoria antiga da tradução; passando em primeiro lugar pela atividade mais básica e indissociável de qualquer atividade literária: a interpretação. Sim, porque de Calímaco a Horácio, de Ésquines ou Demóstenes a Cícero, quer em contexto bilíngue ou não, a interpretação sempre esteve presente nos modos de apreensão da tradição das letras propiciados pelos estudos preliminares. E o *interpres* (intérprete) é um agente muito discutido, embora pouco conhecido: quem é ele?

3 O *FIDUS INTERPRES*

"*quid porro inventio*?"

(Cícero, *Tusculanae disputationes*, I, 65)

Cícero e Horácio legaram à história, com se referirem a *interpres*, objeto até hoje inesgotável de investigação sobre tradução na Antiguidade.

Vamos às ocorrências. Em *De optimo genere oratorum*[69] (V, 14):

Conuerti enim ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilissimas orationes inter seque contrarias, Aeschini et Demostheni; **nec conuerti ut interpres, sed ut orator**, sententiis isdem et earum formis tamquam figuris, uerbis ad mostram consuetudinem aptis. In quibus non uerbum pro uerbo necesse habui reddere, sed genus omne uerborum uimque seruaui. Non enim ea me annumerare lectori putaui oportere, sed tamquam appendere.	**Traduzi**, então, dos áticos dois discursos notáveis e contrários entre si, um de Ésquino, outro de Demóstenes, autores dos mais eloquentes. **E não os traduzi como um tradutor, mas como um orador**, usando os mesmos argumentos, tanto na sua forma quanto nas suas figuras de linguagem, em termos adequados à nossa cultura. Para tanto, não considerei necessário verter palavra por palavra, mas mantive inteiro o gênero das palavras e sua força expressiva. Não julguei que fosse apropriado contabilizar as palavras para o leitor, mas como que sopesá-las.[70]	That is to say **I translated** the most famous orations of the two most eloquent Attic orators, Aeschines and Demosthenes, orations which they delivered against each other. **And I did not translate them as an interpreter, but as an orator**, keeping the same ideas and the forms, or as one might say, the "figures" of thought, but in language which conforms to our usage. And in so doing, I did not hold it necessary to render word for word, but I preserved the general style and force of the language. For I did not think I ought to count them out to the reader like coins, but to pay them by weight, as it were.[71]
Conuerti enim ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilissimas orationes inter seque contrarias, Aeschini et Demostheni; **nec conuerti ut interpres, sed ut orator**, sententiis isdem et earum formis tamquam figuris, uerbis	**J'ai traduit** les célèbres plaidoyers que les deux princes de l'éloquence attique, Eschine et Démosthène, ont prononcés l'un contre l'autre. **Ce n'est pas l'oeuvre d'un interprète, mais d'un orateur.** En conservant le fond de leurs pensées, je me suis	Com efeito, **traduzi** os mais ilustres discursos dos dois oradores áticos mais eloquentes, contrários entre si: de Ésquines e Demóstenes. **Não os converti como intérprete, mas enquanto orador**, com as mesmas ideias, e as suas formas e figuras, em palavras condicentes com a nossa

[69] Discute-se ainda hoje se Cícero teria de fato realizado as traduções que anunciou ou se teria abandonado o projeto, bem como a própria qualidade do trabalho, muito aquém ou apenas rascunho para obra posterior – de fato, às vezes parece difícil acreditar que até Cícero não poderia ter escritos não tão célebres ou bem desenvolvidos –, de modo que até o título é problemático: "Contrariamente ao que pode induzir o título, por certo atribuído posteriormente por editores, as linhas ciceronianas não discorrem apenas sobre o ‹melhor tipo de oradores›. Advém, pois, da necessidade sentida em desfazer um erro comum – o de contemplar, na abordagem da eloquência, a sua suposta partição em géneros, à semelhança da poesia" (PEREIRA, 2014, p. 159-160). À parte a indicação de atribuição posterior, não parece que os gêneros ocupem centralidade no tratado, pois são mencionados rapidamente no início. Pereira (2014, p. 161), no passo citado, conclui sua análise dessa obra de Cícero com uma comparação não elogiosa: "Ademais, estará porventura o leitor de *De Optimo Genere Oratorum* diante de um mero bosquejo preparatório da obra subsequente, já de maior fôlego e envergadura, não obtendo por parte do autor o zelo esperado, caso lhe fosse dada grande difusão – eis uma hipótese.".

[70] Tradução de Brunno Vinicius Gonçalves Vieira e Pedro Colombaroli Zoppi (2011).

[71] Tradução de H. M. Hubbell para a Loeb (1949).

ad mostram consuetudinem aptis. In quibus non uerbum pro uerbo necesse habui reddere, sed genus omne uerborum uimque seruaui. Non enim ea me annumerare lectori putaui oportere, sed tamquam appendere.	appliqué à leur donner une forme et une physionomie plus en rapport avec nos habitudes. Je ne me suis pas cru obligé de rendre mot pour mot, j'ai voulu seulement reproduire le caractère et la force des expressions ; car ce n'est point le nombre des mots que je dois au lecteur, mais leur valeur réelle.[72]	maneira de expressão tradicional. Ao fazê-lo, não considerei imperioso apresentar palavra por palavra. Contudo, conservei por inteiro o género e a força dos vocábulos. Na realidade, não julguei importante apresentar o mesmo número de palavras, mas antes o seu peso.[73]
Conuerti enim ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilíssimas orationes inter seque contrarias, Aeschini et Demostheni; **nec conuerti ut interpres, sed ut orator**, sententiis isdem et earum formis tamquam figuris, uerbis ad mostram consuetudinem aptis. In quibus non uerbum pro uerbo necesse habui reddere, sed genus omne uerborum uimque seruaui. Non enim ea me annumerare lectori putaui oportere, sed tamquam appendere.	**Verti**, pois, os discursos mais notáveis, e entre si contrários, dos dois áticos mais eloquentes de todos, Ésquines e Demóstenes; e **não os verti como intérprete, mas como orador**: com os pensamentos, e as formas destes (as "figuras", por assim dizer), os mesmos, mas com palavras adequadas ao nosso costume. Nos quais discursos não tive por necessário restituir palavra por palavra, mas conservei o gênero de todas as palavras e a sua força. Pois calculei que não cumpria fazer a contagem delas para o leitor, mas como que sopesá-las.[74]	

Justapomos ao texto latino três traduções em português (do Brasil e de Portugal), uma em inglês e uma em francês, grifando as correspondências para *converti* e a tão visitada expressão *nec conuerti ut interpres, sed ut orator*. As traduções não divergem quanto a tais vocábulos: "traduzi" e "intérprete" para *converti* e *interpres*. É digna de nota tradução que deixa em branco justamente o parágrafo ora analisado, com uma indicação de supressão "(...)" e a seguinte explicação em nota de rodapé (CICERO, 2000, p. 346):

> Nesse passo do capítulo V, em passo do capítulo VI e em todo o capítulo VII, Cícero fala diretamente a propósito de suas traduções de Ésquines e de Demóstenes, às quais *De optimo genere oratorum* serve de prefácio. Esses segmentos foram aqui omitidos, uma vez que sua leitura parece justificar-se sobretudo em função do subseqüente contato com os textos gregos, traduzidos ou não.

[72] Traduction de E. Greslou revue par J.P. Charpentier (1898), disponível em: https://mediterranees.net/art_antique/rhetorique/ciceron/optimo_genere.html. Acesso em: 8 jan. 2020.
[73] Tradução de Rena Marisol Pereira (2014).
[74] Tradução de André Novo Viccini, inédita.

Ou seja, para o autor esse excerto de Cícero não representa centralidade, a ponto de poder ser descartado, não prejudicando a leitura geral.

Na *Ars* de Horácio (119-152):

Aut famam sequere aut sibi conuenientia finge [...] Siquid inexpertum scaenae committis et audes personam formare nouam, seruetur ad imum qualis ab incepto processerit et sibi constet. Difficile est proprie communia dicere, tuque rectius Iliacum carmen deducis in actus quam si proferres ignota indictaque primus. Publica materies priuati iuris erit, si non circa uilem patulumque moraberis orbem, **nec uerbo uerbum curabis reddere fidus interpres** nec desilies imitator in artum, unde pedem proferre pudor uetet aut operis lex.	Either follow tradition, or invent consistently. […] If you're staging something untried, and dare To attempt fresh characters, keep them as first Introduced, from start to end self-consistent. It's hard to make the universal specific: It's better to weave a play from the poem of Troy, Than be first to offer something unknown, unsung. You'll win private rights to public themes, if you Don't keep slowly circling the broad beaten track, **Or, pedantic translator, render them word for word,** **Or following an idea, leap like the goat into the well** From which shame, or the work's logic, denies escape.[75]	Se scrivi, segui la tradizione, o inventa caratteri coerenti a se stessi. […] Se affidi alla scena un soggetto sconosciutto e hai il coraggio di modellare un personaggio nuovo, si mantenga fino in fondo come s'è presentato all'inizio e sia fedele a se stesso. È difficile rappresentare in modo originale caratteri conosciutti; meglio se riduci il poema di Troia in forma drammatica, anizché presentare per primo una storia sconosciuta, che nessuno ha trattato. La materia della tradizione riceverà un'**impronta personale** se non indugi sull'insieme dei fatti, banale e aperto a tutti, **se non ti preoccupi di rendere parola per parola come um traduttore fedele**, e non salti, per imitazione, in uma strettoia da cui il rispetto o la legge dell'opera ti impediranno di uscire.[76]
Aut famam sequere aut sibi conuenientia finge [...] Siquid inexpertum scaenae committis et audes personam formare nouam, seruetur ad imum qualis ab incepto processerit et sibi constet. Difficile est proprie communia dicere, tuque rectius Iliacum carmen deducis in actus quam si proferres ignota indictaque primus. Publica materies priuati iuris erit, si non circa uilem patulumque moraberis orbem, **nec uerbo uerbum curabis reddere fidus interpres** nec desilies imitator in artum, unde pedem proferre pudor uetet aut operis lex.	Either follow tradition or invent what is self-consistent. […] If it is an untried theme you entrust to the stage, and if you boldy fashion a fresh character, have it kept to the end even as it came forth at the first, and have it self-consistent. It is hard to treat in your own way what is common: and you are doing better in spinning into acts a song of Troy than if, for the first time, you were giving the world a theme unknown and unsung. In ground open to all you will win private rights, if you do not linger along the easy and open pathway, **if you do not seek to render word for word as a slavish translator**, and if in your copying you do not leap into the narrow well, out of which either shame or the laws of your task will keep you from stirring a step.[77]	Si pintas, o Escritor, los caracteres, O bien sigue la fama de la Historia, O haz que no tengan los que tú fingieres Circunstancia ú acción contradictoria. […] Quando un carácter expresar dispones No usado en algún drama, O un Heroe nuevo en el teatro expones, Obre desde el principio de la trama Hasta el fin de ella igual y consiguiente. Difícil es pintar exâcatamente Los caracteres que podemos tódos Fingir con libertad de varios modos. Harás mejor si alguna acción imitas Sacada de la Ilíada de Homero, Que nó en ser el primero Que represente historias inauditas. De esta suerte el assunto Que para tódos es un campo abierto, Será ya tuyo propio; mas te advierto No sigas (que esto es fácil) el conjunto,

[75] HORACE. *Ars Poetica*. *Or: Epistle to the Pisos*. Translated by A. S. Kline. *Poetry in Translation*, 2005. Disponível em: https://www.poetryintranslation.com/PITBR/Latin/HoraceArsPoetica.php#anchor_Toc98156243. Acesso em: 19 dez. 2019.

[76] PAOLICCHI, Luciano. *Orazio*. *Tutte le opere*. Intoduzione di Paolo Fedeli. Roma: Salerno Editrice, 1993, p. 1058-1129.

[77] HORACE. *Satires, Epistles and Ars Poetica*. With an English Translation by H. Rushton Fairclough. Cambridge: Harvard University Press, 1942, p. 461.

La serie toda, el giro y digresiones
Que usa el original que te propones;
Ni á la letra le robes y traduzcas
Como Intérprete fiel que nada inventa;
Ni seas tan servil, que te reduzcas,
Por copiar mui puntual aquel dechado,
A algún temible estrecho,
Del qual salir no puedas sin afrenta,
Qual fuera si te vieses obligado
A describir un hecho
Que no se acomodase
A la lei de un poema de otra clase.[78]

Aut famam sequere aut sibi conuenientia finge

[...]
Siquid inexpertum scaenae committis et audes
personam formare nouam, seruetur ad imum
qualis ab incepto processerit et sibi constet.
Difficile est proprie communia dicere, tuque
rectius Iliacum carmen deducis in actus
quam si proferres ignota indictaque primus.
Publica materies priuati iuris erit, si
non circa uilem patulumque moraberis orbem,
nec uerbo uerbum curabis reddere fidus
interpres nec desilies imitator in artum,
unde pedem proferre pudor uetet aut operis
lex.

sigue la fama, o lo que conviniere
a tal persona y a varón tan raro.
[…]
Mas si quieres mostrar en el tablado
alguna cosa de que no hay noticia
y formarnos un nuevo personaje,
guardarás una traça y una regla
desde el principio al cablo, sin que falte
de lo que començaste el fin que dieres.
Es más dificultoso hablar al proprio
e introducir las cosas que sabemos
que las que son ajenas o son raras;
y así tú debes con mayor cuidado
trabajar más en los latinos versos
y en las cosas que en ellos se escribieren,
que lo que nunca oýmos o ignoramos.
Los sujetos por otros ya tratados
vuestros propios hareys huyendo mucho
de componer hinchados los períodos,
y unos discursos largos muy cansados
traduciendo a la letra los autores.
Que no has de ser en esto fiel intérprete
ni estrecharte con términos tan cortos,
estando siempre al imitar atado,
que no puedas un passo adelantarte
sin gran vergüença o sin pasar la raya
que con tanto rigor te señalaste.[79]

Ou segue a tradição ou cria coisas em si convenientes, ó escritor.
[...]
Se se põe em cena algo inédito e se ousa criar
nova personagem, que se conserve até o fim tal como
tiver procedido desde o início e seja coerente consigo.
Difícil é dizer o comum de forma particular, e mais
corretamente se encena um carme ilíaco que
se primeiro se exibissem assuntos ignotos e jamais ditos.
A matéria pública será de direito privado, desde que
não se demore em torno de um círculo vil e banal
nem, intérprete servil, cuide-se de traduzir palavra por palavra,
nem, imitador, lance-se num beco.[80]

Aut famam sequere aut sibi conuenientia finge

[...]
Siquid inexpertum scaenae committis et audes
personam formare nouam, seruetur ad imum
qualis ab incepto processerit et sibi constet.
Difficile est proprie communia dicere, tuque

Ou segue a tradição ou cria coisas
convenientes entre si, escritor
[...]
Se pões em cena algo inexperimentado e ousas criar personagem nova, seja ela preservada até o fim da maneira como tiver procedido desde o começo, e esteja em

[78] YRIARTE, D. Tomas. *El arte poetica de Horacio, o epistola a los pisones*. Madrid: Imprenta Real de la Gazeta, 1777. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/arte-poetica-de-horacio-o-epistola-a-los-pisones-traducida-en-verso-castellano--0/html/. Acesso em: 19 dez. 2019.

[79] ILLÁN, Jesús Alemán. Una traducción inédita del Ars Poetica de Horacio, por Tomás Tamayo de Vargas. *Criticón*, 70, 1997, p. 117-148.

[80] MACIEL, Bruno et al. (Org.). *Epistula ad Pisones*. Belo Horizonte Fale/UFMG, 2013. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/vivavoz/Epistula%20ad%20Pisones.pdf.

rectius Iliacum carmen deducis in actus
quam si proferres ignota indictaque primus.
Publica materies priuati iuris erit, si
non circa uilem patulumque moraberis orbem,
nec uerbo uerbum curabis reddere fidus
interpres nec desilies imitator in artum,
unde pedem proferre pudor uetet aut operis
lex.

harmonia consigo. É difícil contar, com propriedade, coisas popularizadas. Tu, porém, pões em atos um canto ilíaco mais convenientemente do que se mostrasses pela primeira vez coisas desconhecidas e inéditas. Matéria pública será de direito privado, se não delirares em torno de um ponto desprezível e banal, nem **fiel tradutor tratares de traduzir palavra por palavra**, nem imitador te lançares numa situação embaraçosa, de onde a timidez ou a estrutura da obra não permita sair.[81]

Justapomos ao texto latino sete traduções: duas inglesas, uma italiana, duas espanholas e duas em português e grifamos o excerto de Horácio correspondente ao de Cícero: como se na prosa e na poesia, isto é, em âmbitos especializados e próprio das letras, tivéssemos o pensamento do *orator* e do *poeta* a respeito do procedimento de tradução. Antes, urge mencionar fato de interesse: no prefácio da tradução inglesa da Loeb lemos, com grifos nossos:

> Como é o caso com muitos outros volumes na Loeb Classical Library, achou-se necessário fazer deste livro **algo mais que mera tradução – algo perto de uma nova edição** do poeta [...] Todas as leituras variantes de importância foram devidamente registradas e consideradas, e os resultados de ambas as antigas e recentes pesquisas foram utilizados na **tradução ou interpretação**.[82]

Ora, subentende-se que a tradução é, na visão editorial da coleção da Loeb, algo menor ou menos que uma edição nova, isto é, um texto novo e autoral, bem como se fez uma "tradução ou interpretação": não se diz quem definirá se uma ou outra coisa, ou ambas, se confundem; ou se justamente por ser algo a mais que tradução é que se trata de uma tradução adjetivada: tradução-interpretação. Em 1942, quando a tradução de H. Rushton Fairclough veio à luz, parece-nos que havia alguma reflexão *in progress* (até hoje) sobre a definição e os limites da tradução.

A tradução italiana de Luciano Paolicchi, de 1993, apresenta uma das soluções, ao nosso sabor, mais interessantes com verter *publica materies priuati iuris erit* em "La materia della tradizione riceverà un'impronta personale" ("A matéria da tradição receberá uma marca[83]

---

[81] Tradução de Mauri Furlan. *Ars traductoris*: questões de leitura-tradução da *Ars poetica* de Horácio. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998, p. 104-105.

[82] "As is the case with many other volumes in the Loeb Classical Library, it has been found necessary to make this book something more than a mere translation – something approaching a new edition of the poet. […] All important variant readings have been duly registered and considered, and the results of both and recent scholarship have been utilized in translation or interpretation."

[83] Agradeço e credito ao professor João Batista Toledo Prado o apontamento de "marca" como opção para verter "*impronta*".

pessoal”), uma vez que essa *impronta personale* reflete uma especificidade do espaço privado em que se insere o autor, com sua autoridade e invenção, por isso pessoal e, consequentemente, distinta dos anteriores, uma vez que o processo é imitativo e a engenhosidade reside precisamente em mostrar sua autoridade fazendo, se possível, algo melhor, como é próprio da emulação.

Cumpre apontar que em todas, exceto no caso da tradução italiana, que dá *“*traduttore fedele” (“tradutor fiel”), e da inglesa da Loeb, com “slavish translator” (“tradutor servil”) para *fidus interpres*, temos a palavra intérprete qualificada como “fiel” ou “servil”, de modo que esta última acepção não encontramos no *OLD* ou em Lewis and Short, mas somente no âmbito de “confiável”, “leal”, “devoto” e, com relação a coisas, “seguro” e até “preciso”. Já para *interpres* temos, de imediato, a acepção 1, no *OLD*, como “intermediário”, “go-between”, aquele que está entre; 2. embaixador, porta-voz ou mensageiro de um deus, “spokesman”, “ambassador”; 3. aquele que explica ou expõe, como intérprete, intérprete de presságios, oráculos, sonhos etc., “interpreter”, “expositor”; e na acepção 4 e última aparece o intérprete como “an interpreter of foreign languages, translator” (“um intérprete de línguas estrangeiras, tradutor”).[84] Deve-se ressaltar ainda que das acepções esta é a que apresenta menos exemplos, os quais subscrevemos (p. 947):

nostri ~etes ὀμφαλὸν umbilicum dixerunt Var.L.7.17; nec converti (orationes) ut ~es, sed ut orator Cic.Opt.Gen.I 4; nec tamen exprimi uerbum e uerbo necesse erit, ut ~etes indiserti solent *Fin*.3.15; cotidianis ~etibus remotis Caes.*Gal*.I.19.3; litterae... lectae per ~etem sunt Liv.27.43.5.	nossos tradutores chamaram ὀμφαλὸν umbigo (Var. *De ling.* 7,17); não traduzi (os discursos) como tradutor, mas como orador. (Cíc. *Opt. Gen.* I, 4); não será necessário extrair palavra de palavra, como os tradutores ineloquentes (Cic. *Fin.* 3, 15; afastados os intérpretes usuais (Caes. *Gal.* I.19.3); as cartas... foram lidas pelo intérprete (*Liv*. 27,43-5).

Dos exemplos, temos em primeiro lugar Varrão, que, no contexto, se arroga o ofício de *grammaticus*, seguido por dois exemplos de Cícero: o primeiro é o que elencamos para esta

[84] À página 320 do dicionário etimológico de Ernout e Meillet (2001) encontramos, sobre *interpres*: “intermédiaire, courtier, charge d’affaires; puis chargé d’expliquer, truchement, interprèt; glosé ἑρμηνεύς. Ancien (Plt), usuel, classique. Dénominatif: *interpretor, aris*: <expliquer, interpréter> et <traduir>. Le sens de <être courtier> n’est pas attesté. De là *interpretatio*, etc. Le sens de <courtier, négociateur> semble être le plus ancien ; cf, Plt., Cu. 434, *quod te praesente isti egi, teque interprete* (il s’agit de l’achat d’une esclave). Cic., Fam. 10, 11, 3, *utor in hac re* (les négociations avec Lépide) *adiutoribus interpretibusque fratre meo et Laterense et Furnio nostro.* Il s’agit sans doute d’un terme de la langue du droit comme *sequester*. Le second terme du composé *–pres* est peut-être une forme nominale tirée d’un verbe disparu signifiant <acheter> ou <vendre> (cf. pour la formation *locuples* et *plere*, *super –stes* et *stare*), apparenté à *pretium*; v. ce mot." Ou seja, é também o "intermediário, corretor, negociador", e o "sentido de negociador parece ser o mais antigo”; assim como no *OLD inter-pres* tem formação relativa ao âmbito dos negócios e trocas.

discussão e o segundo vem da obra *De finibus*, momento em que Cícero reflete sobre a dificuldade de trazer conceitos filosóficos gregos ao latim; por fim, temos exemplos de Júlio César e Tito Lívio de momentos que se referem a intérpretes para ações não voltadas à composição: em Júlio César fala-se dos intérpretes que foram afastados de uma conversa privada; no segundo, de intérpretes lendo cartas estrangeiras. Os primeiros exemplos referem-se propriamente a momentos em que há reflexão sobre a língua do ponto de vista linguístico, ao passo que os últimos trazem descrições sobre ação cotidiana dos intérpretes, ou seja, uma distinção entre teoria e prática, embora os fins sejam diferentes. No entanto, apesar de Cícero no *De finibus* apontar esta questão da dificuldade de verter algumas palavras gregas ao latim, temos soluções, porém não há organização teórica dos procedimentos ou mesmo descrição e prescrição que nos permitam dizer, ao que parece, que Cícero teorizou sobre a tradução.

Chama a atenção ainda o fato de o *fidus interpres* de Horácio não ter sido elencado como exemplo, ainda mais que nas acepções anteriores do mesmo verbete o poeta é utilizado como exemplo em três ocasiões, inclusive na *Ars*. Um trabalho da envergadura do *OLD*, por mais rigoroso que seja, dificilmente é exaustivo; então, é possível que outros exemplos tenham passado despercebidos ou não fossem significativos o suficiente para menção, bem como é possível que os autores não tenham considerado o termo *interpres* de *fidus interpres* como relativo ao significado de tradutor ou intérprete.

Anteriormente citamos alguns passos do *De diuinatione* com relação aos gramáticos, como intérpretes dos poetas, mas ali (I, 34, 18) também Cícero apresenta os intérpretes dos oráculos:

[…] interpretes, ut grammatici poëtarum, proxime ad eorum, quos interpretantur, divinationem videntur accedere.	[...] intérpretes, como os gramáticos com relação aos poetas, parecem se aproximar da faculdade de adivinhação daqueles que eles interpretam.

Já *In Verrem* II, 3, 83 e *Pro Cluentio* 101, 7 trazem essa função primeira do intérprete, como agente, "go-between":

A. Valentius est in Sicilia interpres, quo iste interprete non ad linguam Graecam, sed ad furta et flagitia uti solebat	Aulo Valêncio é o intermediário na Sicília, do qual esse aí [Verres] costumava se servir não para a língua grega, mas para furtos e ações desonestas.[85]

[85] Sobre o passo citado, McElduff (2003, p. 23) diz que "O que também incomoda Cícero é que o intérprete está sendo elevado a um *status* para o qual não é socialmente aceitável" ("What also irks Cicero is that this interpreter is being raised to a status for which he is not socially fit").

e

Exagitabantur omnes eius [Staienus] fraudes atque fallaciae, tota vita in eius modi ratione versata aperiebatur, egestas domestica, quaestus forensis in medium proferebatur, **nummarius interpres** pacis et concordiae non probabatur.	Eram descobertas todas as fraudes e falácias dele, toda uma vida dedicada àquele modo de ser; a pobreza doméstica e o ganha-pão forense foram revelados: o **agente mercenário** da paz e concórdia não era aprovado.
	Then were all his sharp practices and impostures driven from cover, disclosing a whole lifetime devoted to such pursuits; his private lack of means was brought to light, and his source of income from the courts; but his pose as the **paid agent** of peace and goodwill carried no conviction.[86]

Parece-nos, destarte, que as ações do *interpres* têm caráter servil e prático, a ponto de, num caso extremo e pejorativo como nas ocorrências anteriores, reduzir-se a "agente", ao passo que as do *grammaticus* são essencialmente teóricas e, entre elas, inclui-se a interpretação dos poetas. Isso *grammaticus* e *interpres* têm em comum: o dizer, ou traduzir, o que outros disseram, quer sejam os poetas, quer sejam os deuses.

Folena, em sua análise histórica dos termos precursores do *tradurre*, isto é, da tradução, ressalta (1994, p. 6) que a palavra *interpres* é polissêmica e oriunda do âmbito dos negócios e das trocas, relacionada à oralidade, a ponto de, milênios depois, ainda hoje nas línguas neolatinas ocidentais – bem como em inglês –, referir-se à função técnica do "tradutor oral profissional". Ele também relaciona as passagens de Cícero e Horácio que há pouco aduzimos:

> Há, antes de tudo, a descoberta da tradução artística, que é inteiramente latina, com a romanização não só da expressão, mas também do conteúdo: este novo valor manifesta-se no verbo *uerto* e no composto *conuerto*, que se referem, assim como *transuerto* e *imitari*, principalmente à versão poética ou em todo caso à tradução literária (diz Cícero: *nec conuerti ut interpres, sed ut orator*, pois esta tradução implica um domínio pleno de toda a ***compositio***, articulação harmônica e estudada do período, e não apenas da simples *elocutio*, escolha e correspondência de palavras), e parecem focar no resultado, no ponto de chegada, bem como *explicare* (*proprietates alterius linguae suis proprietatibus explicare*, dirá São Jerônimo para indicar – mas focando antes na funcionalidade semântica que no ornamento retórico – a necessidade de uma total conversão do texto traduzido), o oposto de *interpretor*, que, modelado nos significados de ἑρμηνεύω remete ao original e enfatiza a dependência e fidelidade da cópia, com foco no conteúdo; enquanto

[86] CICERO. *Pro Lege Manilia. Pro Caecina. Pro Cluentio. Pro Rabirio Perduellionis Reo*. Translated by H. Grose Hodge. Loeb Classical Library 198. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1927, p. 101.

> *exprimere*, "modelar", parece sublinhar a marca formal do molde ou selo (assim, nas passagens bem conhecidas de Cícero: *uerbum de uerbo exprimere; non uerba sed uim Graecorum expresserunt poetarum; nec tamen exprimi uerbum e uerbo necesse erit, ut interpretes indiserti solent*, que ecoam quase literalmente nas famosas palavras de Jerônimo: *non uerbum de uerbo, sed sensum exprimere de sensu*), e ao mesmo tempo com *reddo* (lembremos de Horácio com *nec uerbum uerbo curabis reddere fidus | interpres*, Ep., II. 3, 133), que indica a correspondência formal não literal entre o original e a tradução.[87, 88]

Aguda é a consideração de Folena com dizer que Cícero, ao traduzir como orador, se arroga a propriedade de toda a *compositio*, isto é, de toda a composição nas suas partes: da invenção à *performance*, se esta tivesse lugar, portanto distante do limitado *interpres*. Ao fim de sua obra, Folena (1994, p. 76-77) faz um quadro-resumo de suas discussões, que ora reproduzimos, em que se evidenciam duas dimensões de predominância, oral e escrita, uma vez que naquela temos o foco no significado e na força do original e, nesta, no significante e nas possibilidades expressivas da língua vernácula. Fica aparente, aliás, o fato de que o desenvolvimento da escrita e o aumento de produções textuais e do estabelecimento de cada vez mais autores refletindo sobre sua própria produção e a dos antepassados produziram

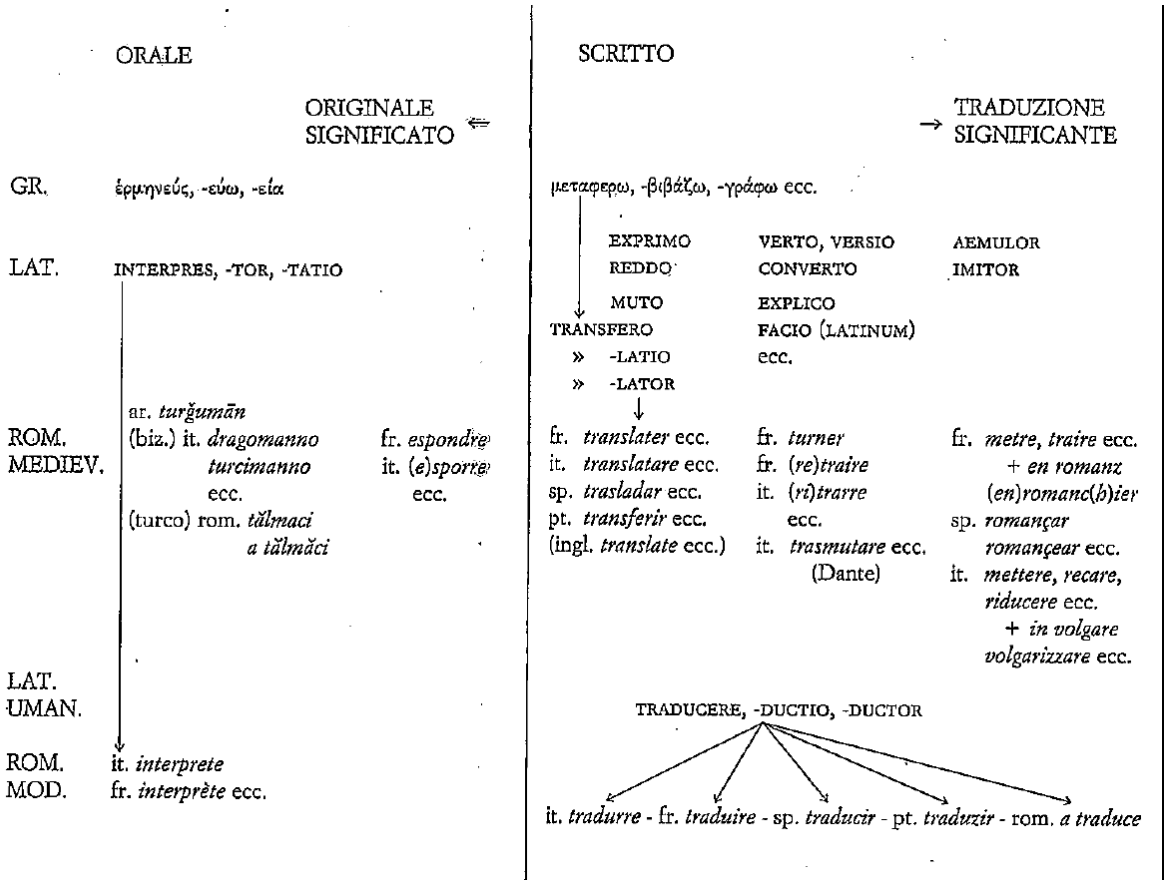
---

[87] Cf.: "C'è anzitutto la scoperta della traduzione artistica, che è cosa tutta latina, con la romanizzazione non soltanto dell'espressione ma anche del contenuto: questo valore nuovo si manifesta nel verbo *uerto* e nel composto *conuerto*, che si riferiscono, come anche *transuerto* e *imitari*, soprattutto ala versione poetica o comunque alla traduzione letteraria (dice Cicerone: *nec conuerti ut interpres, sed ut orator*, quindi questo tradurre comporta un pieno domínio di tutta la *compositio*, armonica e studiata articolazione del período, e non solo della semplice *elocutio*, scelta e corrispondenza di vocaboli), e sembrano puntare sul risultato, sul punto d'arrivo, come anche *explicare* (*proprietates alterius linguae suis proprietatibus explicare*, dirà san Girolamo per indicare – ma puntando piú sulla funzionalità semantica che sul1'ornato retorico - la necessità di una totale 'conversione' del testo tradotto): all'opposto di *interpretor* che, modellato sui significati di ἑρμηνεύω, rinvia all' originale e sottolinea la dipendenza e lo sforzo di fedeltà della copia, puntando sul contenuto; mentre *exprimere* 'modellare' sembra sottolineare l'impronta formale del calco o del sigillo (cosí nei ben noti passi di Cicerone: *uerbum* de *uerbo exprimere; non uerba sed uim Graecorum expresserunt poetarum; nec tamen exprimi uerbum e uerbo necesse erit, ut interpretes indiserti solent*, riecheggiati quasi letteralmente nelle famose parole di Girolamo: *non uerbum de uerbo, sed sensum exprimere de sensu*), e insieme com *reddo* (si ricordi 1'oraziano *nec uerbum uerbo curabis reddere fidus |interpres*, Ep., II. 3· 133) indica la corrispondenza formale non letterale fra originale e traduzione".

[88] Sidney Calheiros de Lima (2014, p. 88) vê em *indiserti* uma possível assunção da existência de uma arte da tradução: "*Indisertus* se diz desse tipo de tradutor. Entendemos como aquele que não é versado numa arte da tradução. Poder-se-ia discutir se Cícero apresenta de fato uma *ars* definida, o fato é que discute teoricamente a tradução nesta passagem justamente. Defende, além disso, uma tradução que se ajusta a seu projeto educacional. Recordemos, ademais, que no *Orator*, por exemplo, o orador *disertus* é aquele que aprendeu os preceitos das Artes, mas que não tem formação em filosofia". No entanto, preferimos entender com *artes* os conhecimentos retóricos de composição, e nesse artigo de Lima há considerações que apontam como Cícero, além de tradutor, foi de fato um autor e filósofo, de modo que à autoridade de Zenão tentou sobrepor a sua, o que teve consequência nas suas escolhas de tradução de termos próprios da filosofia após criticar e apontar os equívocos do fundador da filosofia estoica (p. 90): "Sabemos que Cícero, por sua vez, não dissocia completamente filosofia e eloquência. Ele as antes considera aliadas uma da outra. Há um interessante passo em que sua personagem interpreta a vida intelectual de Zenão recorrendo a preconceitos bem romanos, com os quais ele intenta dirimir a *auctoritas* do fundador do estoicismo".

vocábulos diferentes para dar conta das possibilidades de relação entre textos de línguas diferentes.

Figura 2 – Quadro-resumo do desenvolvimento dos conceitos tradutórios



Fonte: Folena (1994, p. 76-77), reprodução de foto de arquivo digital.

Aqui se faz pertinente citar um artigo intitulado "¿Cicerón y Horacio preceptistas de la traducción?," de Valentín Garcia Yebra (1980), no qual nega a Cícero e Horácio o lugar de precursores da teoria da tradução. Ele começa por Cícero no *De optimo genere oratorum* e, do trecho aqui analisado, diz (1980, p. 141):

> Das expressões tulianas deduz-se que o intérprete vertia "palavra por palavra" (*uerbum pro uerbo*), considerando-se obrigado a dar ao leitor o mesmo número delas que houvesse no original, contando-as como se fossem moedas (*ea adnumerare lectori putans oportere*), em vez de, por assim dizer, pesar seu conteúdo (*tamquam adpendere*) e não inserir em seu próprio texto

> nenhuma que não tivesse outra correspondente no grego (*uerba persequens ita ut e Graecis omnia conuersa sint*).[89]

Em seguida, analisa fragmento da tradução que Cícero diz ter feito do *Econômico*, de Xenofonte, em comparação com trecho correspondente do original, concluindo de imediato, pela extensão, que o texto latino não pode ser considerado uma tradução, por ser mais sintético. Continua com mostrar palavras ou conjuntos de palavras do grego que não constam do texto ciceroniano, isto é, subtrações; destaca palavras do texto latino que não constam no grego, ou seja, adições; salienta diferenças de pensamento e construção, como no texto latino o encontro de Ciro e Lisandro ter ocorrido fora da cidade de Sardis, pelo erro de Cícero ter atribuído a Ciro a realeza (*regem*), entre outros. Prossegue mencionando os excertos de Platão (*Protágoras*, *Timeu*) entre outros que Cícero pôs em latim, como ornamento (*Tusc*. II, 11, 26: *uerti etiam multa de Gracis, ne quo ornamento in hoc genere disputationis careret Latina oratio* – "verti ainda muito do grego, para que ornamento nesse gênero de reflexão não nos faltasse na frase latina").

Então, atinge o ponto central de sua argumentação a partir de passagem do *De finibus* (I, 6)[90] analisando os verbos *uertere* e *transferre*, que diz ter significados opostos. Para ele

---

[89] Cf.: "De las expresiones tulianas se deduce que el intérprete vertía 'palabra por palabra' (*verbum pro verbo*), considerándose obligado a dar al lector el mismo número de ellas que hubiese en el original, contándolas como sí fuesen monedas (*ea adnumerare lectori putans oportere*), en vez de, por decirlo así, pesar su contenido (*tamquam adpendere*), y a no poner en su propio texto ninguna que no tuviera otra correspondiente en el griego (*verba persequens ita ut e Graecis omnia conversa sint*)".

[90] Cf., p. 147, exceto tradução em português, nossa:

Quid si nos non interpretum fungimur munere, sed tuemur ea quae dicta sunt ab iis quos probamus eisque nostrum iudicium et nostrum scribendi modum adiungimus, quid habent cur Graeca anteponant iis quae et splendide dicta sint neque sint conversa de Graecis? [...] Quamquam, si plane sic verterem Platonem aut Aristotelem, ut verterunt nostri poetae fabulas, male, credo, mererer de meis civibus, si ad eorum cognitionem divina illa ingenia transferrem. Sed id neque feci adhuc nec mihi tamen ne faciam, interdictum puto. Locos quidem quosdam, si videbitur, transferam, et maxime ab iis quos modo nominavi, cum inciderit ut id	Y si yo no ejerzo el oficio de traductor, sino que atiendo a lo que han dicho los autores que me parecen valiosos y lo acomodo a mi juicio y a mi modo de escribir, ¿por qué han de preferir [mis lectores] los escritos griegos a lo expresado brillantemente sin haber sido traducido del griego? […] Por lo demás, si yo vertiera a Platón o Aristóteles como vertieron nuestros poetas obras teatrales, merecería sin duda el reproche de nuestros conciudadanos si para su conocimiento trasladara aquellos divinos ingenios. Pero esto, ni lo he hecho aún, ni pienso, sin embargo, que me esté prohibido hacerlo. Trasladaré, pues, algunos pasajes si me parece oportuno y cuando se tercie, sobre todo de aquellos que	Pois, se nós não desempenhamos o ofício de intérpretes, mas preservamos o que foi dito por aqueles que aprovamos e lhes adicionamos nosso pensamento e forma de escrever, por que as obras gregas alguém há de antepor às que foram ditas de modo esplêndido sem ter sido copiadas dos gregos? [...] Contudo, se vertesse inteiramente Platão ou Aristóteles, como nossos poetas verteram as peças teatrais, dificilmente, creio, seria digno de meus concidadãos, se traduzisse aquelas divinas mentes para o conhecimento deles. Mas isso ainda não fiz nem, todavia, se fizer, julgo seja proibido. Com efeito, alguns lugares, se bem parecer, traduzirei, sobretudo desses que ora mencionei, quando calhar que

(1980, p. 47-49), trata-se do mesmo *uertere* do *De optimo genere oratorum* como designação genérica para passar conteúdo do latim ao grego, ação que pode ser realizada sob a óptica do orador, isto é, "refundindo o original" (''réfundiendo el original"), ou do intérprete, ou seja, copiando as ideias, a ordem e a quantidade das palavras, o que hoje se aproxima do que se diz tradução literal. Em seguida cita Quintiliano (*Ins.* X, 5, 2-5) para explicar essa prática de *interpres* como exercício, e remete ao *De oratore*, a Crasso, que diz na juventude ter se exercitado com escrever (*explicare*) em latim o que havia lido em grego. Portanto, para Yebra Cícero somente quis fazer distinção entre a maneira própria de o orador verter, consequentemente não podendo ser considerado o primeiro teórico da tradução; e imputa o erro de tal atribuição a São Jerônimo na *Epístola a Pamáquio*, que cita os discursos que Marco Túlio se propôs a traduzir, de Ésquines e Demóstenes, como traduções livres; doravante, em São Jerônimo distinguem-se e estabelecem-se as traduções pela palavra ou pelo sentido, como fossem dois modos apartados e opostos.

Quanto à passagem de Horácio, ainda segundo Yebra, há menos fundamento para ver ali qualquer teoria sobre tradução e ele faz seu comentário em pouco mais de uma página, citação longa, que porém vale citar inteiramente (p. 153-154):

> Lidas estas palavras no contexto dos versos anteriores, quem sabe latim compreende bem que aqui não se trata de recomendar, como tantos têm pensado, a tradução livre. Ao escrever estes versos, Horácio não dá conselhos a tradutores, mas a poetas iniciantes: não devem eles buscar a todo custo originalidade no que dizem, senão à maneira de o dizer. Não é fácil tratar com novidade temas comuns; mas, talvez tu, jovem poeta, possas encenar a *Ilíada* com mais acerto que se representasses argumentos desconhecidos. A matéria pública passará a ser tua se não te prenderes em um caminho baixo e batido *e não trates de reproduzir o argumento palavra por palavra como fiel intérprete*. Horácio refere-se somente ao intérprete como termo de comparação: quando o poeta se decide a tratar um tema conhecido, não deve reproduzi-lo com as mesmas palavras **com as quais o expôs sua fonte**, pois, se assim fizesse, seria um intérprete fiel.
> Não se diz aqui como deve proceder o *interpres*. Prontos a examinar o pensamento horaciano e a buscar nele uma regra para o tradutor, mais que um elogio da tradução livre, poderíamos ver a ideia de que o tradutor, para ser *fidus* ("fiel"), deve traduzir palavra por palavra. Mas isso seria dar cinco patas ao gato.

apte fieri possit, ut ab Homero Ennius, Afranius a Menandro solet.	acabo de nombrar, como suele hacerlo Ennio com Homero, y Afranio con Menandro	seja possível fazê-lo habilmente, como costuma fazer Ênio com Homero, e Afrânio com Menandro.

É digno de nota que Yebra não se preocupa com o advérbio *plane* que acompanha *uerterem* e traduz apenas "vertiera", pois *plane* pode indicar tanto um ato feito na sua inteireza (como o ato do *interpres* de copiar todas as palavras, como moedas, para usar a expressão ciceroniana, bem como algo feito superficialmente ou sem profundo cuidado, de modo simples – entendemos essa simplicidade residir justamente na falta do acréscimo autoral).

Parece que foi São Jerônimo o primeiro que atribuiu às palavras de Horácio o sentido errôneo que desde então lhes vem sido dado desde a Idade Média até nossos dias: *Sed et Horatius* – diz no parágrafo 5 de sua *Epístola a Pamáquio –, uir acutus et doctus, hoc idem Arte poetica erudito interpreti praecipit:*

nec verbum verbo curabis redere fidus
interpres

[Também Horácio, homem agudo e douto, prescreveu a mesma coisa na *Arte Poética* ao tradutor experimentado: "Cuidarás para não traduzir palavra a partir de palavra, como um fiel intérprete".]

Esta famosa passagem [...] é exemplo de duas coisas: como um texto fora de contexto pode ser interpretado erroneamente e como afirmações equivocadas são aceitas e transmitidas sem círitca. Porém, já Huet nos adverte que a interpretação da passagem horaciana havia sido discutida por outros antes dele: *Horatii loco, de quo non nunc primum inter Grammaticos habita est concertatio* [Sobre a passagem em Horácio, que não está sendo analisada pela primeira vez entre os *Grammaticos*], e explica como se produziu o erro. Jerônimo – segundo ele mesmo diz em sua epístola 22, a Eustoquia, *De uirginitate seruanda*¸ 30 – em uma especíe de sonho ou êxtase que teve durante uma enfermidade grave que sofreu na juventude, foi levado diante o tribunal de Cristo e severamente açoitado por ser mais ciceroniano que cristão. Prometeu, então, sob juramento desfazer-se de livros profanos e não voltar a tê-los: *Domine, si umquam habuero codices saeculares, si legero, te negau*i ["Senhor, se alguma vez tiver livros profanos, se ler, te neguei". Não é, pois, estranho – pensa Huet – que, ao escrever a Pamáquio depois de tanto tempo (*tanto post intervalo*) sobre a melhor maneira de traduzir, e ao citar de memória algumas passagens, se lembrara subitamente daquele verso de Horácio, que, separado dos anteriores, facilmente se contorce ao sentido que lhe dá Jerônimo (*Horatianus ille versus, qui a superioribus disjunctus in Hieronymi sententiam facile detorquetur*) ["aquele verso horaciano, apartado dos anteriores, que na argumentação de Jerônimo é facilmente distorcido"]. Se tivesse podido consultar toda a passagem, seguramente a sua grande perspicácia não se teria ocultado o verdadeiro sentido. Desde então, muitos doutos têm preferido aceitar a interpretação preconcebida por Jerônimo em vez de examinarem-na por si mesmos.[91]

---

[91] Cf.: "Leídas estas palabras em el contexto de los versos anteriores, cualquiera que sepa latín compreende al punto que aqui no se trata de recomendar, como tantos han creído, la traducción libre. Al escribir estos versos, Horacio no da consejos a traductores, sino a poetas noveles: no deben éstos buscar a toda costa originalidade en lo que dicen, sino em la manera de decirlo. No es fácil tratar com novedad temas comunes; pero quizá tu, joven poeta, puedes escenificar la *Ilíada* con más acerto que si representaras argumentos desconocidos. La materia pública pasará a ser tuya si no te quedas en un círculo bajo y trillado *y no tratas de reproducir el argumento palabra por palabra como fiel intérprete*. Horacio sólo se refiere al <<intérprete>> o traductor como término de comparación: cuando el poeta se decide a tratar un tema conocido, no deve reproducirlo com las mismas palabras com que lo expone su fuente, si así lo hiciera, obraria como <<fiel intérprete>>. No se dice aquí cómo debe proceder el *interpres*. Puestos a escudriñar el pensamento horaciano y a buscar em él una norma para el traductor, más que un elogio de la traducción libre, podríamos ver la idea de que el traductor, para ser *fidus*, <<fiel>>, debe traducir palavra por palabra. *Pero esto sería buscarle cinco pies al gato*. Parece que fue san Jerónimo el primero que atribuyó a las palabras de Horacio el sentido erróneo que luego se les ha venido dando desde la Edad Media hasta nuestros días: <<*Sed et Horatius* – dice en el § 5 de su epístola *Ad Pammachium –, uir acutus et doctus, hoc idem Arte poética erudito interpreti praecipit*: *nec uerbum uerbo curabis reddere fidus/ interpres*. Este famoso passaje [...] es ejemplo de dos cosas de cómo un texto sin contexto puede interpretarse erroneamente, y cómo afirmaciones equivocadas se aceptan y se transmiten sin crítica. Sin embargo, ya Huet nos advierte que la interpretación del passaje horaciano la habían discutido otros antes que él. <<[ ] *Horatii loco, de quo nunc primum inter Grammaticos habita est concertatio*>>, y explica cómo se produjo el error. Jerónimo – según cuenta él mismo en su epístola 22, a Estoquia, *De virginitate servanda*, 30 –, en uma especie de sueño o éxtasis que tuvo durante una

Pierre-Daniel-Huet (1630-1721), autor a que Yebra se refere, escreveu *Petri Danielis Huetii De interpretatione libri duo: Quorum prior est, de optimo genere interpretandi: alter de claris interpretibus. His accessit De fabularum romanensium origine diatribe*, de 1683.[92] Dele um dos passos que Yebra cita traz o *grammaticus: Horatii loco, de quo non nunc primum inter Grammaticos habita est concertatio*. Não traduzimos propositadamente, pois questionamos quais seriam as atribuições do grammaticus em 1683, tema que foge de nosso âmbito, porém nos aponta para mais uma etapa do desenvolvimento histórico desse ofício.

Concordamos com as conclusões de Yebra parcialmente, pois, a nosso ver, o autor desconsiderou o pano de fundo estrutural do sistema de aprendizado e, por consequência, sua aplicação na composição de obras autorais, o que embasa a proposição de que tanto Cícero como Horácio não teorizaram ou deram preceitos, nas passagens em análise, sobre tradução ou o papel do tradutor. Antes, um ao modo dos oradores, o outro ao dos poetas, ambos distinguiram, na própria especialização no âmbito das letras em que cada um se insere, sua própria atividade daquela basilar e mais comum: a dos exercícios escolares, ou preliminares. A diferença é qualitativa: o que o autor tem que o intérprete não tem? Autoridade. Mas qual o atributo, senão essencial, ao menos um dos mais importantes, para distinguir um aluno de um mestre, um imitador de um autor?

3.1 AUTORIDADE DA INVENÇÃO E ELOCUÇÃO

Se as letras latinas na época de Cícero tinham história mais recente com relação às gregas e foram influenciadas já por obras, catálogos e *artes* helenísticos, a originalidade, muito diferente do que hoje pensamos sobre o termo, ainda influenciados pelo romantismo e a "tempestade e ímpeto" da escola alemã, não consistia somente e sobretudo em dizer o inaudito,

---

enfermidade grave sufrida em su juventude, fue llevado ante el tribunal de Cristo y severamente azotado por ser más ciceroniano que Cristiano. Prometió entonces com juramento desechar y no volver a tener ni ler los libros profanos <<*Domine, si umquam habuero códices saeculares, si legero, te negaui*>>. No es, pues, extraño – piensa Huet – que, al escribirle a Pamaquio después de tanto tempo (*tanto post intervalo*) sobre la mejor manera de traducir y al citar de memoria algunos pasajes, se acordara subitamente de aquel verso de Horacio, que, separado de los anteriores, fácilmente se tuerce hacia el sentido que le da Jerónimo (*Horatianus ille versus, qui a superioribus disjunctus in Hieronymi sententiam facile detorquetur*). Si hubiera podido consultar todo el passaje, es seguro que a su gran perspicacia no se le habría ocultado el verdadeiro sentido. Desde entonces, muchos doctos han preferido aceptar la interpretación prejuzgada por Jerónimo, en vez de examinarla por sí mismos".

[92] Em dominio público, a obra está disponível em: https://play.google.com/store/books/details?id=CHFpAAAAcAAJ&rdid=book-CHFpAAAAcAAJ&rdot=1. Acesso em: 12 jan. 2020.

como prescreve Horácio na *Ars*, mas sim com dizê-lo – esse o atributo que talvez distinga um autor de um imitador servil – de um modo original. Explicamos essa aparente confusão entre invenção e elocução: cremos que Horácio dá ênfase ao engenho no arranjo das palavras na composição poética mais que à invenção do que dizer. Aqui seguimos o que propõe Furlan (2016, p. 17-18):

> Uma vez que a tradução trabalha sobre um texto definido e não necessita nem pode tratar dos aspectos retóricos próprios da *inuentio* e da *dispositio*, a parte da retórica que lhe cabe cuidar é a *elocutio*. A *elocutio* se refere essencialmente à materialização das ideias e ao estilo, à escolha dos termos e sua *compositio*. [...] Dentro da cosmovisão da Antiguidade clássica, com valores distintos dos nossos de autoria e originalidade, num universo com outros parâmetros de reflexão, criação e escritura, deparamo-nos com um sistema operador do código que caracteriza sua teoria da linguagem do tipo *inuentio-elocutio*.

Em curso de pós-gradução realizado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas no primeiro semestre de 2018 intitulado "Questões poéticas em Roma II: elegia, iambo e lírica", ministrado por João Angelo Oliva Neto e Alexandre Pinheiro Hasegawa, vimos na primeira aula os versos 46-48 da *Ars* de Horácio, que demonstram preocupação com o arranjo das palavras, com a elocução inventiva, por assim dizer:

In **uerbis** etiam tenuis cautusque **serendis** dixeris egregie, notum si callida uerbum reddiderit iunctura nouum	Delicado e cauto também ao **juntar palavras**, te expressarás distintamente se, por combinação engenhosa, uma palavra conhecida produzir uma nova.[93]	Ademais, você falará de maneira notável se, sutil e cauto no **encadear as palavras**, renovar uma palavra corrente com uma ligação habilidosa.[94]
In uerbis etiam tenuis cautusque serendis dixeris egregie, notum si callida uerbum reddiderit iunctura nouum	Além disso, sutil e cauteloso **ao articular as palavras**, terás falado distintamente, se a hábil juntura tornar nova uma palavra conhecida[95]	

Verbis serendis, juntar ou articular (*sero, serui*) as palavras, também permite por paronímia uma imagem de semear (*sero, seui*) palavras – lembrando que o *versus*

[93] Tradução de Furlan (1998, p. 100).
[94] Tradução de Scatolin (2015, p. 56).
[95] Tradução de Maciel, Monteiro, Avelar e Bianchet (2013, p. 14).

etimologicamente deriva do traçado do arado na terra –, pois, quando lançadas à terra, geram frutos. Assim, a terra está arada: cabe ao poeta plantar com sua semente própria.

Essa semente própria é como o poeta vai dizer de um modo novo coisas já ditas. Um aspecto interessante na passagem é que, alguns versos atrás, Horácio escrevera *Cui lecta potenter erit res/ nec facundia deseret hunc, nec lucidus ordo*: "A quem escolher eficazmente o seu tema, (40) não faltará eloquência nem uma ordem cristalina", tradução esta de Scatolin (2015, p. 56), que, no rodapé da mesma página, a respeito dos versos, diz: "*Res* ('tema'), *facundia* ('eloquência'), *ordo* ('ordem'): sem usar os termos técnicos, e sem se preocupar com a ordem canônica dos manuais e tratados de retórica, Horácio aborda aqui a invenção, a elocução e a disposição, respectivamente".

Ora, trata-se do mesmo artifício utilizado por Cícero no *De oratore* (SCATOLIN, 2009). Ambos, Cícero e Horácio, não se preocupam com a ordem dos manuais e dos tratados, nem utilizam os mesmos termos, porque não são *grammatici* ou *rhetores*, mas *auctores*.

A polêmica em Cícero serve para "impressionar os leitores mais pela autoridade do que pela verdade da discussão" (SCATOLIN, 2009, p. 215), porque se trata de lugar-comum e a inovação, em grande parte, não se dá por trazer à baila discussões originais, mas sim discussões abordadas de um modo original, isto é, com o estilo próprio ciceroniano.[96] Cícero captou a importância da elocução, tanto que fez uma arte retórica sem o estatuto das artes, inventou meios de falar nas partes do discurso e nos demais temas, embora com tonicidades diferentes, sem utilizar o jargão já existente e que ele mesmo empregara no *De inuentione*: aqui ele estava

[96] Scatolin (2009a; 2009b), em sua tese de doutorado e em artigo relacionado, analisa, entre outras questões, estratégias de que Cícero se utiliza para, a seu próprio modo, lidar com conteúdos dos manuais visando não apenas a aprofundá-los mas a deles se afastar, e a invenção é a chave para tanto. Partindo de uma carta de Lêntulo Espínter (2009b), em que Cícero diz ter escrito ao modo aristotélico e se afastado dos preceitos comuns, Scatolin analisa como essa informação pode ser entendida, de acordo com (p. 201) "sua forma dialógica, *as disputationes in utramque partem*, as misturas de partes teóricas e práticas, tal como exemplificadas pelos casos tomados às carreiras de Crasso e Antônio, a tripartição *docere–conciliare–mouere*. Mas não se pode negar que, embora os temas sejam apresentados de uma maneira que faz a experiência das personagens, particularmente a de Antônio, a força motora por trás dos discursos, a maior parte dos temas, para não dizer todos eles, deriva de doutrina grega. Isso parece ser verdade até mesmo a respeito de uma das maiores inovações da obra, o *excursus de ridiculis*: embora os exemplos sejam (ou, em alguns casos, aparentem ser) latinos, seu pano de fundo teórico é, muito provavelmente, de origem grega". Ou seja (p. 205), é muito mais provável que tanto as observações de Cícero-Antônio como as do *Auctor* sejam baseadas em material *tradicional* já encontrado nos manuais de retórica gregos (tanto pré-aristotélicos como helenísticos) do que numa leitura direta da *Retórica* de Aristóteles. Para lidar com material assim tão *tradicional*, tanto que propiciara as especializações dos *grammatici* e *rhetores*, Cícero encontra no modo de dizer o lugar para aplicar sua invenção. Assim, em primeiro lugar polemiza com os *scriptores artium*, chamando-os pejorativamente de *iste*, suas obras de *pueriles* e até usando o termo *perridiculus* (2009b); em seguida, não usa as mesmas classificações que havia utilizado no *De inuentione* (e que o *Auctor* utilizara na *Retórica a Herênio*), de modo que, em vez de falar em invenção, usa uma circunlocução, como "encontrar o que dizer", e assim para cada parte do discurso (SCATOLIN, 2009a).

mais próximo do *fidus interpres* e mais preocupado com a invenção, ali já era um autor, com autoridade e prestígio, mais atento ao modo de dizer, à elocução.

Se o modo de tratar de assuntos conhecidos, como no caso da retórica, do *De inuentione* para o *De oratore*, variou, o que se manteve é justamente a importância da invenção[97] para a retórica e oratória – enfim, para todos os gêneros. É o que distingue, então, o *interpres* do *auctor* no âmbito das letras escritas.

É necessário fazer essa distinção porque – especulamos – o *interpres* como intérprete para transações comerciais ou em reuniões entre chefes tanto poderia a) ter estudado com *grammaticus* ou *rhetor* para exercer sua finalidade; c) ter algum treinamento próprio; c) não ter estudado com eles e exercer seu ofício com base na prática e vivência pessoais. De todo modo, baseamo-nos quanto a este ponto em McElduff, que nos informa (2003, p. 26): "não se sabe como tais intérpretes eram treinados e provavelmente nunca se saberá, em virtude do estado de nossas fontes (MAIRS, 2011, p. 17)" e "Nenhum treinamento específico para tais intérpretes

---

[97] Um excerto do *De Inventione* (c. 84 a. C.) e outro dos *Topica* (44 a. C.) mostram rapidamente que ao longo dos anos, embora o tratamento dos assuntos tenha se desenvolvido, a importância da *invenção* não se alterou: *De inuentione* (I, 9, 4-20):

inventio est excogitatio rerum verarum aut veri similium, quae causam probabilem reddant; dispositio est rerum inventarum in ordinem distributio; elocutio est idoneorum verborum [et sententiarum] ad inventionem accommodatio; memoria est firma animi rerum ac verborum ad inventionem perceptio; pronuntiatio est ex rerum et verborum dignitate vocis et corporis moderatio.[...]	A invenção é uma criação de coisas verdadeiras ou semelhantes à verdade, que tenham uma causa provável; a disposição é a distribuição em ordem das coisas inventadas; a elocução é adequação de palavras apropriadas [e também das sentenças] à invenção; a memória é percepção fixa do espírito das coisas e palavras à invenção; a pronunciação é a mediação dos assuntos e das palavras à dignidade da voz e do corpo. [...]
quare inventio, quae princeps est omnium partium, potissimum in omni causarum genere, qualis debeat esse, consideretur.	Por isso a invenção, que é a primeira de todas as partes, sobretudo em todo tipo de causas, como ela deve ser, é o que se considera.

Na *Topica*, no sexto parágrafo:

Cum omnis ratio diligens disserendi duas habeat artes, unam inveniendi alteram iudicandi, utriusque princeps, ut mihi quidem videtur, Aristoteles fuit.	Como todo método cuidadoso de discursar tem duas artes, uma de inventar, outra de julgar, o primeiro de cada uma delas, segundo de fato penso, foi Aristóteles.

É oportuno, também, aduzir trecho do *Orator*, parágrafo 44, a partir da linha 6:

Nam et invenire et iudicare quid dicas magna illa quidem sunt et tamquam animi instar in corpore, sed propria magis prudentiae quam eloquentiae: qua tamen in causa est vacua prudentia? Noverit igitur hic quidem orator, quem summum esse volumus, argumentorum et rationum locos.	Pois descobrir e julgar o que dizer são de fato coisas imensas, e como que a alma para o corpo, porém mais próprias da prudência que da eloquência; mas em que causa a prudência é vã? Que conheça, então, esse orador que queremos que seja o sumo os lugares dos argumentos e das razões. (Tradução de André Viccini, 2018, p. 82).

jamais foi mencionado".[98] Ela também aponta que a presença do intérprete, muita vez, podia criar distância entre falante e audiência, pois senadores versados em grego usavam de intérpretes mesmo assim para manter distância de estrangeiros, de menos prestígio. O exemplo do *OLD* da acepção da palavra *interpres* em que aparece excerto de *De bello Gallico*, anteriormente mencionado, é justamente sobre momento em que César pede a retirada dos intérpretes para ter mais privacidade ao conversar com Diviciaco, irmão de Dumnórix, com auxílio de Caio Valério Prócilo, em quem confiava. Ovídio (*Epistulae ex Ponto*, 4.14) reclama *At malus interpres populi mihi concitat iram / inque nouum crimen carmina nostra uocat*[99] ("Mas um mau intérprete provoca a ira do povo contra mim e reclama um novo crime aos nossos poemas").

Nestes exemplos, de acordo com McElduff (2003, p. 30), o intérprete não passava de uma ferramenta a serviço do *status*, em uso político: "tudo isso deve ser bem lembrado ao ler o comentário de Cícero de que ele traduziu não como *intérprete* mas como orador"[100]. Assim, o *interpres* pode ser considerado como profissional com menos prestígio que o *grammaticus*, pois a atribuição deste inclui e especializa aquela.

Por isso a capacidade mnemônica era um bem essencial aos autores e possivelmente foram os percalços de erros de memória que nos legaram manuscritos diferentes, como já dissemos.[101] No primeiro século antes de Cristo a civilização greco-romana ainda se encontrava muito próxima da oralidade, ainda que de oralidade secundária (MARCUSCHI, 2009, p. 25).

Fora do âmbito do *interpres* como serviçal responsável por mediar diálogos entre estrangeiros, na seara do *grammaticus* temos a transposição de uma atividade oral para uma prática escrita: *interpretari* é somente mediar essa transposição de línguas. As formas dessa mediação aparecem nos *progymnásmata* como cópia, para decorar os exemplos antigos, e paráfrases (com expedientes como adição, *amplificatio*) e prosopopeias (MANOEL, 2014). Assim, autores latinos imitavam autores gregos quanto ao gênero, mas não eram intermediários,

---

[98] Cf.: "How such interpreters were trained is not known and will almost certainly never be known, given the state of our sources (Mairs, 2011, 17)." e "No specific training for such interpreters is ever mentioned".

[99] T. George Hendren (2014) analisa esse poema e infere, em resumo, que Ovídio, exilado, se quisesse retornar a Roma, não poderia mais escrever como antes, de modo que lhe resta somente fazer encômio provincial (p. 74, "provincial encomium"; por isso diz louvar César, ironicamente, e o *malus interpres* em terras estrangeiras corresponderia a Augusto, que o exilou justamente por ter sido mau intérprete de seus poemas.

[100] Cf.: "All of this is well worth remembering when reading Cicero's comment that he translated not as an interpreter but as an orator."

[101] Interessa para nossa discussão o que sobre isso diz McElduff (2013, p. 9): "Comparing a translation and its source would be difficult, even if one were interested in doing so, and we never hear of a translator doing it" ("Comparar uma tradução e sua fonte seria difícil, mesmo se alguém estivesse interessado em fazer isso, e não temos notícias de um tradutor fazendo isso").

não estavam em um local entre uma coisa e outra: cada autor se atribuía um local próprio com a imitação do gênero e sua abordagem ou manejo inteligente, sua invenção.

3.1.1 Cícero: filósofo-tradutor ou tradutor-filósofo?

Em *De legibus* (II, 17), referindo-se a Platão, temos o seguinte diálogo entre Cícero e seu irmão:

Q. Habeo vero, frater, et in hoc admodum delector, quod in aliis rebus aliisque sententiis versaris atque ille [Platão]. nihil enim tam dissimile quam vel ea, quae ante dixisti, vel hoc ipsum de deis exordium; unum illud mihi videris imitari, orationis genus.
M. Velle fortasse; quis enim id potest aut umquam poterit imitari? **nam sententias interpretari perfacile est**; quod quidem ego facerem, nisi **plane** esse vellem meus. quid enim negotii est **eadem prope verbis isdem conversa** dicere?

Q. Prorsus adsentior; verum, ut modo tute dixisti, te esse malo tuum. sed iam exprome, si placet, istas leges de religione.

Quinto: Tenho, certamente, irmão, e justamente nisso me regozijo, porque você tratou de temas diferentes e ideias diferentes dos dele. Nada, pois, é tão dissímile quanto aquilo que você disse antes, ou esse mesmo exórdio sobre os deuses; parece-me que você imita somente uma coisa, o gênero do discurso.
Marco: Talvez quisesse; pois quem pode ou poderia imitá-lo? **Pois explicar as ideias é superfácil**, o que eu na verdade faria se não quisesse **inteiramente** ser senhor de mim mesmo. Que feito há em dizer **com palavras iguais outras quase traduzidas**?
Quinto: Penso da mesma forma; aliás, como você acabou de dizer, prefiro vê-lo senhor de si. Mas já vá apresentando, se for de seu agrado, essas leis da religião.

Q. There it is indeed, brother, and I am particularly pleased that you have taken up different subjects and presented different ideas from his. For nothing could be more unlike his treatment than your previous remarks, and also this preface in regard to the gods. In just one thing you do seem to me to imitate him—in the style of your language.
M. Wish to do so, possibly; for who can or ever will be able to imitate him [Platão] in this? It is very easy to **translate another man's ideas**, and I might do that, if I did not **fully** wish to be myself. For what difficulty is there in presenting the **same thoughts rendered in practically the same phrases**?
Q. I agree with you entirely. I certainly prefer that you be independent, as you have just said. But, if you please, let us hear your laws concerning religion.[102]

Em negrito, o advérbio *plane* nos remete à citada passagem do *De finibus*, em que coincidentemente Cícero também fala sobre Platão, além de Aristóteles. Ali, *plane uerterem* retrata um desserviço do Arpinate se tivesse inteiramente traduzido/transposto aqueles autores:

[102] CICERO. *On the Republic. On the Laws*. Translated by Clinton W. Keyes. Loeb Classical Library 213. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1928., p. 391.

portanto verter inteiramente impede que quem escreva seja autor inteiramente.[103] Aqui, discorrendo sobre Platão, diz que não seria inteiramente senhor de si / dono dele mesmo se tivesse transposto as ideias daquele. E mais, que fazer isso é algo *perfacile*, superfácil – o que nos remente, por sua vez, ao *perridiculus* de Cícero, apontado por Scatolin (2009b).

Justamente por ser atividade *perfacilis*, bem como da alçada dos *grammatici*, é que entendemos esse *interpretari*[104] como um exercício do nível dos *progymnásmata*. Em Plínio, por exemplo, na epístola VII, 9, o verbo é outro, *uertere*, haja vista *interpretari* não se referir ao exercício adequado de âmbito mais especializado dos oradores: "[...] e muitos recomendam o traduzir, seja do grego ao latim, seja do latim ao grego."[105] (*et multi praecipiunt, vel ex Graeco in Latinum vel ex Latino vertere in Graecum*). Verbo outro que a ocasião nos impele mencionar é *transferre*. McElduff (2003, p. 159-161) analisa a ocorrência desse termo a partir de excerto de Sêneca em *Con*.9.1.13:

Memini deinde Fuscum, cum haec Adaei sententia obiceretur, non infitiari transtulisse se eam in Latinam; et aiebat non commendationis id se aut **furti**, sed **exercitationis** causa facere. Do, inquit, operam ut cum optimis sententiis, nec illas corrumpere conor sed vincere. Multa oratores, historici poetae Romani a Graecis dicta non subripuerunt sed provocauerint.	Lembrei-me então de Fusco, quando desafiado por uma sentença de Adeu, que confessou ter traduzido ele mesmo tal sentença para o latim; e dizia que o motivo para assim fazer não foi para recomendar a si próprio ou **furtar**, mas como **exercício**. "Trabalho", diz, "para tentar não corromper as melhores sentenças, mas vencê-las. Muitos ditados os oradores, historiadores e poetas romanos não roubaram dos gregos, mas com eles rivalizaram.

Para McElduff, o passo mostra como imitação e tradução são processos indissociáveis, ao passo que a tradução seja um tipo específico de imitação – no caso de autores pós-ciceronianos pode ser que isso tenha se consolidado, mas pensamos que até Cícero não era o caso, pois tipos de imitação entendemos como espécies relacionadas a gêneros, e a tradução não parecia ser um gênero ou subgênero – e o uso de *transtulisse*, forma do infinitivo perfeito de *transfero*, seria, segundo McElduff (2003, p. 159-161), uma atenuação, ou "modo menos

[103] Segundo McElduff (2013, p. 15), os textos eram produzidos para concorrer com o original, e o leitor romano não lia o texto para aceder ao original, que poderia ser facilmente lido na língua estrangeira, mas avaliar como o *auctor* – e não o tradutor – lidou criativamente com o material, ainda quando diga ter seguido o original de perto: "no matter how he might [Cicero] declare at times that he is translating the words of his original closely" ("não importa como ele declare às vezes estar traduzindo de perto as palavras do original").

[104] O mesmo passo também é comentado por D'Hulst (2019, p. 352): "Assim, a interpretação aplica-se frequentemente a um tipo de tradução rudimentar, que é considerada sinal de fraqueza por parte do tradutor. Como Cícero coloca: '[…] é fácil traduzir literalmente (*interpretari*) pensamentos; o que eu faria se não quisesse ser eu mesmo" ("So, interpretation applies frequently to a sort of rudimentary translation, which is considered a sign of weakness on the side of the translator. As Cicero puts it: "[…] it is easy to literally translate (interpretari) thoughts; that I could do if I did not wish to be myself [*De legibus*, 53–50 BCE, quoted in S. McElduff 2013: 108]").

[105] Tradução de Mauri Furlan, já citada.

agressivo" de *conuertere*, que representaria uma tradução transformadora. Por fim, para ela, a relação de *transtulisse* com *corrumpere* indica que, na visão de Fusco – ou de Sêneca, pois acreditamos que essa hipótese se baseia em tomar Sêneca como fonte indiscutível e segura, a ponto de ter usado as mesmas palavras que Fusco teria utilizado, embora McElduff tenha notado que o próprio Sêneca use a mesma palavra *transtulisse* mais vezes –, a "equivalência" é impossível, pois não é possível transferir uma fonte, mas somente com ela competir, tornando-a pior ou aprimorando-a: "só pode haver vencedores ou perdedores ao se traduzir. É por isso que a tradução pode funcionar como excelente método de exercício; pode-se treinar para disputas na declamação ou na corte de justiça com lutar com um oponente de língua grega."[106]

Powell (2002), em artigo intitulado "Cicero's translations from Greek", faz uma rica análise, sobretudo no âmbito de obras filosóficas. No entanto, pelo título já se percebe que ele parte do pressuposto de que Cícero teria feito antes traduções do grego que novas obras autorais e dá mais importância às traduções do que – nos parece – o próprio Cícero teria dado. Assim, ele parte de possíveis erros de Cícero para formular hipóteses (p. 273-4):

> As traduções que Cícero fez do grego variam consideravelmente na acuidade. Quando Cícero traduz bem, à primeira vista não há problema, e a admiração correu livre pelas penas dos estudiosos. Quando ele traduz não tão bem, surgem as dificuldades e parece que se requer explicação.
> [...]
> a. Cícero, ou os romanos em geral, não compartilhavam de nossas ideias do que constitui uma tradução correta; logo, não surpreende que eles não a tenham sempre alcançado.
> b. Cícero, ou os romanos em geral, ainda que reconhecesse uma tradução correta quando visse uma, não tinha o treinamento em tradução que uma educação acadêmica moderna propicia; então, às vezes, eles falhavam por falta de instrução.
> c. Cícero nem sempre quis traduzir corretamente; ele poderia quando precisasse, mas às vezes seus propósitos literários eram mais bem atendidos por uma simples paráfrase ou adaptação.
> d. Cícero por vezes (consciente ou inconscientemente) alterava o pensamento do original de acordo com as necessidades de seu próprio contexto.
> e. Cícero tentou traduzir corretamente, mas foi impedido de fazê-lo por causa da inadequação do latim ao seu propósito.
> f. Cicero usava um texto diferente do original que nós temos; ou o texto de Cícero que temos está adulterado; ou Cícero confiava em

[106] Cf. (p. 160-161): "[…] there can only be winners and losers when translation is performed. This is why translation can function as an excellent form of exercise; one can train for contending in declamation or in the courtroom by wrestling with an opponent in the Greek language".

> interpretações errôneas de outras pessoas quanto aos textos que ele estava traduzindo.[107]

Powell parece, com formular suas hipóteses, não conseguir se desvencilhar de teorias modernas da tradução como relação entre somente dois textos e de um parâmetro de correção e acuidade: coisas que não encontram paralelo no contexto romano. No entanto, em sua discussão distingue a adaptação de dramas gregos ao latim, cujas fontes nem sempre são identificáveis, e a obra filosófica de Cícero, que quis distanciar do processo de adaptação daquelas, como se aquelas fossem mais próximas de possíveis originais do que as dele, que são reformulações a partir de sua inteligência, criatividade e seleção. Ainda quanto às hipóteses aventadas e testadas por Powell, é evidente que Cícero e os romanos em geral não compartilhavam de nossas ideias sobre tradução; eles tinham instrução sim, mas não tinham nossa preocupação e ideias sobre correção, afinal, a tradução não era central: será que Cícero pensava em termos de acuidade ou correção quanto à tradução? Acreditamos que ele agia de modo bem consciente, porque não podemos pensar que Cícero sempre usasse apenas uma fonte e, mesmo quando dizia seguir, poderia estar criando suas obras a partir de textos de segunda mão. Além disso, não podemos dar por óbvio que, para Cícero, referir-se a trechos ou frases de outro autor exigissem precisão e acuidade, como hoje fazemos sob as regras das referências normatizadas pela ABNT no caso de citações diretas. As muitas diferenças nos casos de traduções ciceronianas de excertos, como veremos no capítulo três, são como citações diretas e indiretas antes da existência de qualquer normatização nesse sentido. Bastava-lhe dizer "são essas suas palavras".

Powell (2002, p. 278) diz que a palavra *interpres* geralmente se refere a uma tradução literal, citando *interpretes indiserti* (*Fin*. 3. 15) de Cícero como exemplo, ainda que possa usar

---

[107] Cf.: "Cicero's translations from Greek vary considerable in accuracy. When Cicero translates well, there is at first signt no problem, and admiration has flowed freely from the pens of scholars. When he translates less well, difficulties arise, and explanation seems to be called for. […]

(a) Cicero, or the Romans in general, did not share our ideas of what constitutes accurate translation; hence it is not surprising they did not always achieve it.
(b) Cicero, or the Romans in general, though they knew an accurate translation when they saw one, did not have the training in translation that a modern academic education provides; hence they sometimes failed through lack of discipline.
(c) Cicero did not always aim to translate accurately; he could do so when he needed to, but sometimes his literary purposes were better served by a rough paraphrase or adaptation.
(d) Cicero sometimes (consciously or unconsciously) altered the thought of the original to suit the requirements of his own context.
(e) Cicero tried to translate accurately but was prevented from doing so by the inadequacy of the Latin language for the purpose.
(f) Cicero used a different text of the original from the one that we have; or the text of Cicero as we have it is corrupt; or Cicero relied on other people's erroneous interpretations of the texts he was translating.

essa mesma palavra para se referir a traduções em geral, atividade diferente da que Marco Túlio faz nas obras filosóficas, e que os verbos *uertere* e *conuertere* são ainda mais gerais e não técnicos, sem indicar proximidade ou distância da tradução quanto ao original. Assim, os comentários de Cícero não permitem, na visão de Powell, que se lhe atribua uma teoria da tradução.

Portanto, depreendemos que a tradução, até Cícero, não era atividade central, mas ancilar, básica, uma técnica como paráfrase, amplificação, prosopopeia, para levar a "algo a mais" – lembrando as palavras de Fairclough em edição da Loeb (1942) –, aprendida com o *grammaticus* ou mesmo o *rhetor*, referendada por Cícero, Quintiliano e, como visto há pouco, Plínio: forma de memorizar – a capacidade mnemônica era condição *sine qua non*, em virtude das próprias condições materiais da época, diferentemente dos dias de hoje, cuja capacidade mnemônica cedeu espaço a uma capacidade de indexação, de saber encontrar e localizar as informações – e apreender em sua inteireza os exemplos antigos, a tradição literária, pois não deixa de ser uma transmissão de conhecimentos no âmbito das letras preocupada com a forma e o conteúdo para expressar com pensada estética e de modo artístico as facetas da vida. Nesse processo, da seara dos filósofos, os estudos passaram para o *ludi magister*, o *grammaticus*, o *rhetor*, o *orator* e o *poeta*. Oradores e poetas, primeiro escalão, compreendem os saberes e ofícios dos níveis mais básicos, criticam-nos e deles fazem questão de se apartar justamente por meio daquilo sobre o que eles não têm: autoridade pela invenção. Ao passo que os professores ou instrutores têm autoridade para interpretar os poetas e transmitir a tradição, nisso se limitando, os autores são aqueles que inserem sua própria voz à tradição, daí o Calímaco romano, o monumento mais perene que o bronze, aquele que mais declamou causas no fórum e o primeiro a trazer de modo extensivo a filosofia para seus concidadãos.

3. 2 TRADUÇÃO COMO ESPECIALIZAÇÃO

Tu regere imperio populos, Romane, memento
tu, Romano, cuida o mundo em reger
(Tradução de Manuel Odorico Mendes em *Geórgicas. Eneida*. São Paulo: Editora Brasileira, 1949, p. 243. Clássicos Jackson, vol. 3)

Como entender a tradução nessa seara? Segundo a discussão e os passos apontados, deduzimos que o contexto retórico dos autores os incitava à inventividade, à originalidade, a testar os limites, a superar os modelos – para se tornarem modelos –, a escolher caminhos

estreitos. Enfim, cenário que em pouco mais de trezentos anos presenciou muitas guerras e transformações: hegemonias gregas, com Atenas, Esparta, as conquistas de Alexandre, o Grande, e a dominação imposta por Roma. Contexto agonístico e de competitividade política, militar e, como não poderia deixar de ser, nas composições escritas. É por isso, e a ausência de um tratado-testemunho sobre uma arte ou técnica da tradução o corrobora, que dificilmente podemos conceber um autor aplicado a "publicar" obra de outro autor, e não própria, portanto, sem sua autoridade, assumindo-se como imitador servil da matéria, do ritmo e das palavras, enfim, do gênero. Muitos testemunhos mencionam ou falam da imitação, mas quantos autores temos assumindo-se como imitadores sem ter feito qualquer inovação no gênero, seja com matéria, seja com arranjo – elocução – diferente? O próprio lugar-comum de criticar os antecessores e anunciar inovações é técnica para se apartar do rol dos *fidi interpretes*. E mais: os autores das *artes*, como Teão, o *Auctor*, Cícero e até Prisciano, quando em suas obras vão tratar de assuntos pertinentes ao *grammaticus* ou *rhetor*, justificam-se nas introduções dizendo sempre que foram instados por outrem e, para tanto, ou deixaram de lado estudos da filosofia ou encontravam-se em tempo de recesso dos trabalhos políticos.

Destarte, sugerimos que usar o termo "tradução" ou "tradutor" para denominar as obras e os autores antigos pode ser anacronismo e requer cautela, uma vez que não podemos encontrar teorias antigas a respeito disso, mas somente técnicas e artes de composição em que a invenção, senão explícita, é implícita. Contudo não ousamos radicalizar, e certamente estudantes treinavam com reproduzir textos de outros autores de uma língua a outra, sem, no entanto, entenderem isso como uma arte ou técnica própria, porque não era central, mas como uma imitação e, se "fiel", bem por isso condenável e abaixo da dignidade que a autoridade de um poeta exigia.[108] Essas balizas são aquelas que norteiam e da qual derivam as modernas teorias da tradução: as leis do gênero. O que nos parece assente é que os autores helenísticos tinham como princípio implícito o dever de conhecer profundamente seus modelos a fim de, justamente por isso, não os repetir, mas com eles competir, ou, para usar do jargão, emular, por meio de criatividade própria. Concordamos com Furlan, que, além de apontar uma "sobreposição entre as práticas de comentário, tradução e imitação" (2014, p. 172), diz (p. 173-174):

[108] Cf.: "[...] é equivocado também buscar para cada poema ou verso latino um modelo, como se o poeta fosse obrigado a imitar a cada palavra que escrevesse. Se a imitação é conceito importante para poetas latinos e prática frequente (mesmo **a imitação servil** deveria ser constante, caso contrário não haveria condenação de Horácio e Quintiliano), é estimulada também a inovação no gênero, que torna o escritor verdadeiramente *auctor*" (HASEGAWA, 2010, p. 79, grifos nossos).

> O texto era considerado aberto, e a marca pessoal do autor devia se mostrar no estilo. Nesse contexto, a prática da tradução literária e da imitação era um exercício para a emulação, ou seja, a superação do modelo. [...] Invenção romana, a tradução literária artística é reelaboração, é recriação da fonte grega, é apropriação, latinização.

Porém, como pensamos que a tradução como atividade não era central, isto é, atividade-fim, senão um meio, diríamos – como exercício de paráfrase ou *interpretatio* – que a prática da criação literária e da imitação era um exercício para a emulação, calcado na tradução ou interpretação de um modelo a superar, de modo que a criação literária romana é *sui generis*, reelaboração, é criação de uma fonte latina a partir de fonte grega, é apropriação, latinização.

Sopesar as gradações, isto é, distâncias e proximidades, entre textos que se relacionam pela atividade da tradução é que gera diferentes correntes teóricas e tradutológicas. Neste ponto, faz-se-nos fulcral a reflexão do professor Paulo Sérgio de Vasconcellos (2011, p. 71):

> Mas será que existe uma tradução qualquer que não seja recriação do original? Não seria mais adequado falar em modalidades de recriação? Depois de muito mencionar, em ocasiões variadas, o conceito de tradução poética como recriação (ou "transcriação"), nas pegadas de Haroldo de Campos, que o difundiu em nosso país, tendo hoje a crer que toda tradução, de qualquer tipo de texto, qualquer tradução, é uma recriação; por mais que se busque criar uma analogia cerrada dos aspectos textuais que se pretende ver no original, trata-se de um dizer em outro sistema lingüístico, sujeito às implicações desse sistema que não estavam previstas no original.

Passo este que parece extravasar os limites das definições e teorias sobre tradução. Mas, logo adiante, ele mesmo aponta uma chave para compreensão (p. 76):

> Uma outra questão é a do prestígio social do tradutor. Maior consciência da importância de sua tarefa parece ser um fenômeno mundial. Em se tratando de obras literárias, sobretudo, não vemos mais faltar, em nosso país, numa publicação, a indicação do nome do tradutor ou não ser dado a este nenhum destaque, como no passado por vezes ocorria.

Inegavelmente, *autor* e *tradutor* tornaram-se papéis distintos em algum momento – acreditamos que haja alguma influência da teologia cristã –, assim como *tradução* e *obra* (no sentido de fonte ou original), e talvez recentemente, quer seja com os irmãos Campos ou Ezra Pound, volta-se a questionar tal distinção. Em Roma, dificilmente a autoridade e o prestígio de um autor conformar-se-iam com o ofício de um *interpres*, *perfacilis* e *puerilis*, superfácil e pueril (entenda-se, dos manuais escolares); então essa "tradução literária", se é que os romanos

a inventaram, fizeram-no antes de modo acidental e de modo inconsciente do que de modo deliberado.

Um caso com ares de exceção, porém, nos chama a atentar: Catulo, no poema 65, 15-16 (OLIVA NETO, 1996, p. 133):

sed tamen in tantis maeroribus, Ortale, mitto haec expressa tibi carmina Battiadae,	de Ítilo); em tanta dor porém te envio, ó Hórtalo, estes versos vertidos de Calímaco

Em face à dedução que realizamos, se torna espantoso, em um primeiro momento, nesse cenário, um autor reconhecer ter traduzido outro sem inventar, isto é, aparentemente sem adaptar inteligentemente ou refundir o modelo: no entanto, ainda que assim pareça, Catulo o fez somente de modo segmentado, não de todo o poema, o que teria sido uma imitação servil – não utiliza *interpretari*, mas faz uso de termo próprio *exprimere*[109] – e condenável, mas somente de um trecho, incluindo-o em outro ambiente (poemas matrimoniais), diferente, embora em livro variegado e com pluralidade de gêneros. Seria assim uma inovação catuliana inserir em sua obra, de modo anunciado publicamente, uma tradução aparentemente servil, pois não é de fato, já que refunde o modelo, apesar de mantê-lo o mais possível aproximado da língua de chegada, com inseri-lo em ambiente diverso do original[110]. Ressalve-se que o original se refere ao fragmento 110 (Pfeiffer) do final do livro IV dos *Áitia* de Calímaco, do qual temos poucos versos para comparar ao texto latino, que tradicionalmente tem sido utilizado para maior compreensão do texto grego. *Carmina expressa* aponta para o verbo *exprimere*, que entendemos, com João Angelo Oliva Neto, ter a ideia de decalque. É a ressignificação de *interpretari*. Desse modo, Catulo seria uma exceção à regra, ou ao menos o primeiro a fazê-lo publicamente, mantendo a dignidade autoral como poeta hábil, e cujo testemunho nos

[109] Para Lewis (1986, p. 166-168), esse verbo pode indicar tanto tradução do grego como empréstimo de obras latinas.

[110] John Milton em sua obra *Tradução: teoria e pratica* (2010) dedica um capítulo (IV) a Ezra Pound, cuja genialidade admira: (p. 31) "Ezra Pound, sem dúvida a figura mais importante na tradução literária no mundo de língua inglesa no século XX [...] fez suas traduções novas, atualizou-as, mudou-lhes a ênfase, o resultado de suas 'traduções' foi muitas vezes um novo poema. Muita tradução moderna segue Pound, e o tradutor frequentemente impõe sua própria personalidade à tradução.", criador do lema "make it new". Pound, em seus poemas, muita vez inseria versos inteiros de outros autores (Milton, 2010, p. 109): "Semelhante a Chaucer e a seus contemporâneos, [Pound] toma de empréstimo, copia, traduz e adapta sem se preocupar com as fontes e sem fornecer referências dos originais." Guardadas as devidas proporções, é um procedimento composicional similar ao de Cícero e, parece-nos, explicativo da *imitatio*, apesar de Milton (2010, p. 33) tratar tal conceito como não importante à discussão da tradução (p. 33): "Há outras áreas de interesse periférico que não analiso, tais como a discussão clássica da imitação"; ou seja, no decorrer da história, assim como a tradução se tornou atividade ou arte central e final, a imitação, de modo contrário, ficou relegada a sua época e contexto natal.

chegou.[111] Mas, ao fazer isso, Catulo demonstra aos leitores atentos sua capacidade de ser original ainda quando aparente servilismo, testando as teorias explícitas e implícitas das composições poéticas e recepções dos leitores.

Cícero (*De optimo genere oratorum*, 14) e Plínio (VII, 9) – repetimos, bem como Aulo Gélio (*Noctes Atticae* 9,9,1), utilizarão o termo *uertere*, infracitados respectivamente:

Converti enim ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilissimas orationes inter seque contrarias, Aeschinis et Demosthenis; nec converti ut interpres, sed ut orator, sententiis isdem et earum formis tamquam figuris, verbis ad nostram consuetudinem aptis.	Verti, pois, os discursos mais notáveis, e entre si contrários, dos dois áticos mais eloquentes de todos, Ésquines e Demóstenes; e não os verti como intérprete, mas como orador: com os pensamentos, e as formas destes (as "figuras", por assim dizer), os mesmos, mas com palavras adequadas ao nosso costume. (Tradução de André Viccini, inédita).
1. Quaeris quemadmodum in secessu, quo iam diu frueris, putem te studere oportere. Utile in primis, et multi praecipiunt, vel ex Graeco in Latinum vel ex Latino vertere in Graecum. 2. Quo genere exercitationi proprietas splendorque verborum, copia figurarum, vis explicandi, praeterea imitatione optimorum similia inveniendi facultas paratur;	1 Perguntas-me de que modo eu creia que te seja oportuno estudares em teu retiro, do qual já desfrutas há bom tempo. 2 É sobretudo útil, e muitos recomendam o traduzir, seja do grego ao latim, seja do latim ao grego. Com este tipo de exercício, busca-se a propriedade e o esplendor das palavras, a riqueza das figuras, a força da expressão, ademais da capacidade de criar de maneira similar a partir da imitação dos melhores. (Tradução de Mauri Furlan, 2014, p. 174).
Quando ex poematis Graecis vertendae imitandaeque sunt insignes sententiae, non semper aiunt enitendum, ut omnia omnino verba in eum, in quem dicta sunt, modum vertamus.	Quando de poemas gregos é necessário verter e imitar sentenças notáveis, nem sempre, dizem, se deve empenhar para verter absolutamente todas as palavras daquele mesmo modo com que foram ditas.

O *interpres* de Horácio (*fidus interpres*, v. 134 da *AP*) parece evocar o *interpres* de Cícero, ainda que em contextos diferentes, uma vez que condenam o servilismo de verter palavra por palavra quando o intento é a busca da composição autoral, tendo em vista que o orador tem como primeira atividade encontrar os argumentos adequados, isto é, o pensamento, para depois exprimi-los por meio das palavras.

---

[111] Cf. Oliva Neto (1996, p. 22): "Os intelectuais helenísticos percebiam ser irreversível a consolidação da escrita e, embora fossem bem conscientes do abalo produzido por ela no mundo oral, jamais contemplaram seus predecessores como quem observa inimigos vencidos. Ao contrário, a própria escrita e a consciência de serem escribas, o apego ao livro, como qualquer nova atitude ligada à cultura, tinham apoio e justificação no fato de servir ao legado dos antecessores, preservando-o, o que outra coisa não é que o sentido dialético da tradição: tinham de ser conspicuamente diferentes deles para continuar a exercer, em outras circunstâncias, a mesma função de poetas. Percebendo ser outra a dinâmica da produção cultural graças precisamente à escrita, os poetas helenísticos, para inserir-se nessa tradição e continuá-la, tiveram muita vez que explicitar o caráter gráfico de sua obra".

Não são poucas as definições para artífices e suas obras, independentemente se em prosa ou verso: filósofos, oradores, poetas, todos *auctores*, com suas mais diferentes obras, como tratados, epístolas, diálogos, poemas épicos, líricos, elegíacos, ditirâmbicos etc. Mas quais os termos próprios e exclusivos para o tradutor e para a tradução? Não encontramos, bem porque tal função não era reconhecida como central ou atividade independente à época: não era um *genus* próprio. O que mais se aproxima dessa ideia é o conceito do lado negativo, condenável da *imitatio*, daí Horácio com "se não caíres, imitador", em que *imitator* qualifica o executor da mera *imitatio* servil, isto é que, não inventa, que não refunde, que não se lança como inovador.

Fala-se amiúde de Lívio Andronico como tradutor da *Odisseia*, bem como outros autores latinos. No entanto dessa imitação, ou criação, como preferimos chamar, não sobram mais que cinquenta versos, e é de analisar o quanto sejam ou não imitações servis, em vez de traduções, como hoje definimos (o mesmo para o poema 66 de Catulo com relação ao episódio do poema de Calímaco). E Lívio Andronico, atesta Cícero, foi *auctor* de peças. Não se enquadra na função de tradutor servil, e o ritmo escolhido para sua versão da *Odisseia* é feito no verso saturnino, que não corresponde ao hexâmetro. McElduff (2013, p. 53) questiona o fato de não haver em Roma público para a épica de Andronico e, justamente por isso, seu texto serviria como material para que ele usasse em sua escola, como um *grammaticus*[112].

Maurizio Bettini (2012, p. 55-59), em sua obra *Vertere*, à qual voltaremos no próximo capítulo, toma o primeiro verso da *Odusia* de Andronico (*Virum mihi Camena insece versutum*) para confirmar sua hipótese de que *uertere* implica uma transformação radical, o que justifica pelo uso da Camena em lugar da Musa, com *insece* para ἔννεπε e *versutum* para πολύτροπον, de modo que as formas gregas "preveem" ("premonisce") as latinas, tanto semântica como gramaticalmente, e continua tal análise até chegar às *dacrimae*, forma de dialeto sabino, em vez de *lacrimae*, que remetem ao grego δάκρυα. Essa transformação, ainda, o autor chama "metamorfose", uma vez que algo do texto de partida permanecerá, o que ele denomina *documenta*. Assim, chega ao que hoje chamamos "intertextualidade", cuja causa é, antes, a transformação ou diferença: "Se assim não fosse, não seria metamorfose, mas permanência: não seria tradução, mas escrito original"[113].

Desse modo, discordamos de Kennedy (2008, p. 224), a respeito da comédia de Plauto, porque traça um movimento do tradutor ao autor, com dizer:

---

[112] Traina (1974, p. 11-13) corrobora para esse entendimento ao dizer que Lívio Andronico ora explica, ora romaniza Homero, agindo como intérprete.

[113] Cf.: (p. 59): "Se cosí non fosse, non sarebbe metamorfosi ma permanenza: non sarebbe traduzione, ma scrittura originale".

> [...] para nossos objetivos o principal significado da comédia plautina reside em demonstrar quão longe um "tradutor" pode ir na mudança da forma e do conteúdo de seu modelo. Esta é a primeira explosão de virtuosismo linguístico na literatura romana, e as liberdades de Plauto na estrutura dramática e caracterização são equilibradas pela versatilidade de seu ritmo lírico e corrente, e por todo tipo de jogo com som e sentido numa fantasia verbal extravagantemente estilizada. Tradução como imitação foi suplantada pela exploração do modelo como veículo para a linguagem pessoal do poeta Romano.[114]

Também não vemos tanto em Lívio Andronico como em Plauto diferença a respeito da imitação, que continua sendo fusão de um modelo e veículo para manifestar a invenção do poeta.[115]

Rita Copeland (1991, p. 29) assim traduz os versos 131-135 da *Ars* de Horácio: "Public material will be private property if you do not linger over the common and open way, and if you do not try to render word for word like a faithful translator, and if, as an imitator, you do not throw yourself into narrow straights from which shame or poetic law will not let you escape." e explica que (p. 29)

> O entendimento de Horácio da composição poética como programa retórico que parte da invenção da matéria ao estilo e à disposição (*inuentio*, *elocutio* e *dispositio*) informa a teoria da imitação agonística apresentada aqui. Essas linhas da *Ars poetica* constituem um imperativo de apropriar-se daquilo que é *publica materies* por meio de faculdades reinventivas de *dispositio* e *elocutio*.

---

[114] Cf. "For our purposes the chief significance of Plautine comedy is in demonstrating how far a 'translator' [atente-se para o uso de aspas no termo "translator", que revela cautela por parte do autor] can go in changing the form and content of his model. This is the first explosion of linguistic virtuosity in Roman literature, and Plautus' cavalier liberties taken with dramatic structure and characterisation are offset by the versatility of his lyric and dialogue metres and by every kind of play on sound and sense in extravagantly stylised verbal fantasy. Translation as imitation has been superseded by exploitation of the model as vehicle for the Roman poet's personal idiom".

[115] E mais, nas palavras de Harvey (1955 p. 217): "uma importante característica da teoria retórica no período helenístico relaciona-se com a invenção" ("An important feature of rhetorical theory in the Hellenistic period relates to invention"), que não se restringe somente à retórica, como vimos nos passos supracitados, mas fazia parte do currículo educacional dos *progymnásmata* ou *praeexercitamina*. Aliás, em contexto romano, dirá Harvey à frente (p. 240): "quando enredo e sequência narrativa, caracterização e diálogo são predeterminados pelo modelo, a composição torna-se muito mais uma questão de escolha (ou criação) da palavra correta [*aptum*] para o contexto. Daí a poesia romana começar com a preocupação quanto à elocução, mas com espaço para a criatividade linguística" ("when plot and narrative sequence, character and dialogue are predetermined by the model, composition becomes very much a matter of choosing (or creating) the right word for the context. Hence Roman poetry began with concern for diction but with scope for linguistic creativity"). Ideia de que discordamos em parte, pois, tomando ainda Catulo e Horácio como exemplos, esses *autores* não apenas testaram limites quanto ao ritmo, a métrica, a dicção ou elocução, como demonstraram que essa mesma elocução, o arranjo das palavras (*uerbis serendis*, *AP*, v. 45) não pode ser dissociada da invenção quanto à matéria: Horácio faz epodos pouco agressivos**,** Catulo nos leva do epigrama à elegia (HASEGAWA, 2010; OLIVA NETO, 2006). Assim, é possível que tenha havido uma mudança de foco, mais para a arte da escrita e da forma (com o desenvolvimento e divulgação da escrita); no entanto a invenção ainda permanece como condição *sine qua non* do ofício dos compositores: rétores, poetas, filósofos, professores etc.

> Aqui a tradução é meramente conservação (a meta do *fidus interpres*), forma degradada de imitação, talvez semelhante a exercícios gramáticos de paráfrase próxima do original.[116]

Desse modo, utilizar o termo "tradutor" ou "tradução", pelo menos até Cícero, é um anacronismo, ao passo que o termo mais acertado seria *autor* ou *imitador*, no caso de uma adaptação inteligente ou de uma imitação servil respectivamente, de acordo com a recepção e a própria crítica antigas.[117]

No quarto capítulo de *Vertere*, Bettini (2012, p. 88-121) dá mais alguns exemplos pertinentes a esta discussão, com dois episódios de Tito Lívio (*Ab urbe condita*, XLV, 29 e X, 4, 8): no primeiro, Otávio, um pretor, traduziu ao grego o discurso de Emílio Paulo com as decisões do senado aos macedônios (*ea Cn. Octavius praetor – nam et ipse aderat – interpretata sermone Graeco referebat*) e, no segundo, *peritos linguae* foram chamados não somente para traduzir (*interpretarentur*) a fala (*sermo*) dos pastores (soldados disfarçados em tentativa de preparar uma armadilha aos romanos, que estavam encerrados em seus acampamentos), mas para dizer se soavam mesmo como pastores, ou seja, "o intérprete não foi apenas linguista, mas antropólogo" ("l'interprete si è fato non solo linguista ma antropólogo", p. 90). Refere-se, ainda, a passagem de César em *De bello Gallico* I, 19 em que *uir praetorius* fez as vezes de *interpres* e toma alguns exemplos de Cícero: *Ad familiares* X. 11, 3, em que Plâncio diz que, em tratativa com Lépido, contará com a ajuda e intermediação de seu irmão, de Laterense e Fúrnio – *utor in hac re adiutoribus interpretibusque fratre meo et Laterense et Furnio nostro*[118] – e *In Verrem*, II, 2, 108, *Is est C. Claudius, qui in Sicilia sequester istius, interpres, confector negotiorum* ("Esse é Cláudio, que na Sicília era o procurador deste sujeito aí, era o intermediário, administrador de negócios").

Então, Bettini passa de dois exemplos da atuação de escravos como *interpretes* no *Miles Gloriosus*, 952, e *Curculio*, 434, em que agem pelo interesse de enamorados, para a *Eneida*, IV, 608: *tuque harum interpres curarum et conscia* ("e tu, cônscia mediadora destes cuidados"),

---

[116] Cf.: "Horace's understanding of poetic composition as a rhetorical program proceeding from invention of material to style and arrangement (*inventio*, *elocutio*, and *dispositio*) informs the theory of agonistic imitation set forth here. These lines of the *Ars poetica* constitute an imperative to appropriate that which is *publica materies* through the reinventive faculties of *dispositio* and elocutio. Here translation is merely conservation (the aim of the fidus interpres), a debased form of imitation, perhaps recalling grammatical exercises in close paraphrase".

[117] Cf. Hunter (2005, p 481): "evitar a larga via é uma questão de usar o passado de modo inteligente" ("Avoiding the 'broad highway [Calímaco, fr. 1, 21-28] is a matter of using the past intelligently").

[118] Bettini (2012, p. 92-93) atribui essas palavras a Cícero equivocadamente, uma vez que se trata de reprodução de epístola de Plâncio a Cícero, de maio de 43 (CICERO, *Letters to Friends*, Volume III: Letters 281-435. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Loeb Classical Library 230. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2001, p. 257-261).

atribuindo ao adjetivo *conscia*, ligado a *interpres*, uma autonomia – que relaciona à atuação dos escravos dos exemplos anteriores – para aproximar o *interpres* da função do *auctor*, que faz crescer ou aumentar ("far crescere [*augere*], p. 96). Para tanto, cita ainda comentário de Sérvio ao livro quarto da *Eneida*; no entanto, parece ter ocorrido um equívoco, pois ele dá como fonte IV, 168, mas se trata em verdade do verso 608, que *traz tuque harum interpres curarum et conscia Iuno*.

Deste modo, Bettini toma como definitva a declaração de Sérvio de que para os antigos o *interpres* era também *auctor*. Em primeiro lugar, os comentários de Sérvio são do início do século V d.C., de modo que esse excerto parece informar tão-somente o papel atribuído à época ao *interpres* derivado de seu desenvolvimento histórico, senão, quando muito, já que Sérvio credita aos antigos seu pensamento próprio do assunto, que ele poderia ter em mãos textos ou fontes de que hoje não dispomos, e nessa conjectura não nos aventuramos, nem sequer ao fato de qual seja a interpretação que Sérvio porventura lhes desse. Assim, com base em nossa exposição, até este momento, estamos convencidos de que, à época de Cícero, não podemos afirmar que o *interpres* fosse considerado *auctor* de obras literárias, nem encontramos no *OLD*, entre as várias acepções de *auctor* (veremos adiante), nenhuma relação com *interpres*, em nenhum exemplo.

Bettini (2012, p. 96-104) utiliza-se da etimologia de *interpres*, da cultura econômica romana e até de comparação com a língua grega para evidenciar que a concepção ou raiz tradutória romana, por assim dizer, está intimamente ligada com uma ideia de troca econômica. Calca-se nessa ideia, aliás, para reforçar a autoridade de que o *interpres* poderia gozar. No entanto, a nosso ver, o autor concentra-se excessivamente na ação do *interpres*, sua atuação como intermediário, a ponto de a metáfora quase desaparecer, pois ele deixa de lado a diferença de *status* do agente: no âmbito das letras não era a mesma coisa um agente de negócios que um "agente de discursos ou palavras". Além disso, Bettini informa que, à época de Cícero, o valor monetário era indicado por número (*adnumerare*), e não pelo peso (*adpendere*)[119]. Por isso, em *De optimo genere oratorum*, o Arpinate explica que não fará um intercâmbio de palavra por palavra, mas sim considerará o peso para fazer sua tradução, de forma que "tem uma visão monetária arcaica" ("[...] há una visione monetale arcaica", p. 103). Por mais enriquecedora e

[119] Bettini cita Plínio, *Naturalis historia* XXXIII, 42, para situar que antes da derrota de Pirro (ainda no século III a.C.) não havia cunhagem de moedas em Roma, e então refere trecho da obra *Institutiones* do jurista Gaio, em I, 122: *nec ullus aureus vel argenteus nummus in usu erat*, [...] *eorumque nummorum vis et potestas non in numero erat, sed in pondere* ("não se usava moeda de ouro ou de prata [...] o valor e o poder dessas moedas não estava no número, mas no peso"), tanto para mostrar a correlação de palavras que Cícero usará no *De optimo genere oratorum*, como para mostrar a diferença entre os dois sistemas de valoração monetária.

convincente que seja – e é –, a hipótese de Bettini é que Cícero usa de uma metáfora monetária para mostrar que seu procedimento tradutório não tem a preocupação de ater-se à correspondência entre palavras, mas sim ao efeito, ao peso – e não ao sentido, como uma visão anacrônica pode dar a entender –, no caso, dos discursos gregos. E Bettini mostra ainda que em Roma havia palavras para exprimir "significado", como *significatus*, *signum*, *sensus* ou *sententia*; ele cita ainda *De significatu uerborum*, do gramático Festo, mas é obra já do século II d.C. e que, a nosso ver, pode trazer já desenvolvimentos em relação às concepções da época de Cícero. Logo, o uso de *uis*, que Cícero dirá conservar dos discursos de Ésquines e Demóstenes, traduzindo de forma a pesá-los, e não contar suas palavras, refere-se ao efeito, justamente porque fará a tradução como orador.

Contudo, a Bettini parece escapar que, se Cícero substitui o sistema monetário atual, ao *adpensare* em vez de *adnumerare* as palavras dos textos-fonte, é justamente porque não está agindo como *interpres* – o que é dito explicitamente com ***nec*** *converti ut interpress*, mas Bettini não comenta. De modo particular, então, Cícero diferencia-se do *interpres*, marca o que é agir como orador, uma vez que seu sistema "monetário", isto é, de peso e equilíbrio, antigo, difere-se daquele costumeiro à época, qual seja, o do *interpres*.

Entendemos, portanto, que Cícero age como orador e busca efeito retórico, contrapondo-se diametralmente ao *interpres*, de modo que usa da tradução para compor: é sempre *auctor*.

3.2.1 Nascimento do tradutor fiel

Bettini (2012, p. 106-112) investiga o significado de *fidus interpres* no passo de Horácio e entende que "É *fidus* porque se comporta como mediador honesto, que em sua obra não engana as partes, sempre retribuindo com uma palavra a toda aquela que recebe" e "As palavras de Horácio soam quase de modo sarcástico: em matéria de poesia, a honestidade e o escrúpulo não compensam"[120]. É uma análise indubitavelmente interessante e, como o nome do livro já o diz, trata-se de uma antropologia mesmo da tradução porque ele foi às estruturas culturais do povo romano e certamente conseguiu mostrar que, muita vez, julgamos ter com esses autores uma intimidade que não temos, porque as culturas não são assim tão semelhantes: não podemos

[120] Cf. (p. 111, 112): "È *fidus* perché si comporta da mediatore onesto, che nella sua opera non inganna le parti, recambiando ogni volta con una parola quella che riceve [...] Le parole do Orazio suonano quase sarcastiche: in materia di poesia l'onestà e lo scrupolo non pagano."

menosprezar o tempo. Com ele concorda Kelly (1979), que intitula o capítulo oitavo de seu livro *The true interpreter* como "Rights and duties: fidus interpres" e diz (p. 204): "Como um conceito técnico, a fidelidade começa sob uma nuvem, igualada à tradução literal: *fidus interpres* é o termo de desprezo que Horácio aplica ao tradutor literal na *Ars poética* 133. Nosso segundo termo, espírito, vem de Jerônimo"[121]. Kelly prossegue com abordagem abrangente – que mantém em toda a obra – atravessando séculos para encontrar continuações, semelhanças, diferenças e, ainda no capítulo sobre *fidus interpres*, comparará Cícero a autores como Chaucer e Leonardo Bruni – que considera tradutores literais – para dizer que, mesmo com as liberdades que toma em suas traduções, o Arpinate permanece (p. 217) "verdadeiro" ("true") em relação ao original, no sentido de agir com o "*insight*" de autor.

Contudo, Bettini concilia a carga cultural do papel do *interpres* de agenciador econômico, de negócios diversos e até religiosos, como intérprete dos deuses, com a solércia dos escravos de comédias latinas, o trabalho de explicação e estudo de textos escritos e o uso de *fidus interpres* horaciano em uma leitura de jaez irônico para afirmar que a figura do *interpres* coincide com a do *auctor* (2012, p. 115). Na sequência, ainda no mesmo capítulo, Bettini recorrerá a Quintiliano (*Inst*. X, 5, 2 e 4) para dizer que, nessas passagens, aquilo "[...] que qualifica o ato de *uertere* não é tanto a passagem de uma língua a outra, mas a mudança radical que determinado enunciado sofre" ("[...] che qualifica l'atto del *uertere* non è tanto il passaggio da una língua all'altra, quanto la mutazione radicale che um certo enunciato subisce"). Desse modo, não importa se a língua do texto de partida for o grego ou o próprio latim.

Diferimos do pensamento de Bettini justamente nesse ponto: parece-nos que, pelas mesmas razões que ele aventa, que o *interpres* não era *ainda* um *auctor*, pelo menos para Cícero e provavelmente Horácio. Isso porque o *uertere* de Quintiliano não nos parece ser aquele de Cícero, que, diferentemente do mestre de retórica do século primeiro, não via como indiferente o fato de a fonte ser grega ou latina por causa de uma convenção de não imitar os pares. E mais: Cícero disse que não faria justamente tradução como intérprete e Horácio recomenda ao poeta não ser *fidus interpres*. O agente e a ação, *interpres* e *interpretari*, concordamos com Folena (1994), situam-se nos limites entre oralidade e escrita, primeiros recursos para transmitir ideia

[121] Cf.: "As a technical concept, fidelity begins under a cloud, equated with literal translation: *fidus interpres* is the slighting term Horace applies to the literal translator in *Ars Poetica* 133. Our second term, spirit, comes from Jerome."

que seria reelaborada depois com *transferre, uertere, reddere, exprimere* até o *traducere* de Leonardo Bruni.

Cumpre ainda mencionar que em Horácio a tradução e a imitação são abordadas, nessas recomendações negativas que o poeta faz na *Ars poética*, como processos distintos. De acordo com Brink (1971, p. 210-211), nos versos 132-3 (*nec uerbo uerbum curabis reddere fidus interpres*), "uma segunda instância prossegue: um assunto tradicional deixa de se tornar pessoal quando há tradução próxima" e "entretanto, Horácio não está aqui preocupado com estilo, mas com o efeito no tema do poeta se a nova obra permanecer amarrada à redação de uma anterior"[122], ou seja, a atuação como *interpres* afasta-o da originalidade, ou, como preferimos aqui, da autoridade derivada da criatividade calcada em recursos retóricos, entre os quais imitação e tradução são como faces de uma mesma moeda, pois, ainda em Brink, na página seguinte, temos que, no caso da imitação, Horácio adverte o poeta (v. 133) de que "uso de um tema tradicional deve ser original". *Grosso modo*, para Cícero e Horácio há mais peso na criatividade resultante da disposição, do enredo e encadeamento episódico e manejo dos conteúdos públicos das obras conhecidas do que propriamente com as palavras.

Voltamos a Bettini, com sua análise da *uis* ciceroniana como efeito resultante da não atuação como *interpres*, para associá-la às palavras de Brink referidas, quando, ao comentar o verso *nec uerbo uerbum curabis reddere fidus interpres*, diz que Horácio ali não se preocupa com o efeito. Concordamos e inferimos, destarte, que ao poeta tanto como ao orador o efeito se alcança de formas várias, mas não por meio da tradução próxima ou literal. Porque a *uis*, própria do *uir* que era o *ciuis romanus*, não poderia se dar numa obra subordinada, isto é, traduzida, sem perder sua virtude.

---

[122] Cf.: "A second instance follows: a traditional subject fails to become personal when there is close translation; [...] H. however is not here concerned with style, but with the effect on the poet's subject if the new work remains tied to the wording of an older". Cumpre atentar ainda que Brink comenta a relação entre os versos de Horácio a passagem em Cícero (p. 133): "Desde Lambino os comentadores comparam Cic. *Opt.*, 14. A semelhança é indubitável: *nec converti ut interpres; non uerbum pro uerbo; genus omne uerborum uimque seruaui.* [...] naturalmente diz-se que até a *rerum ordo* é preservada, uma vez que Cícero está falando sobre uma tradução de Ésquines e Demóstenes. Horácio, contudo, tem em mente um assunto grego recriado de modo que até a *ordo rerum* está fadada a diferir da fonte grega", ("Ever since Lambinus commentators have compared Cic. *Opt. Gen*. 14. The likeness in indubitable: *nec converti ut interpres; non uerbum pro uerbo; genus omne uerborum uimque seruaui*. [...], naturally, even *rerum ordo* is said to be preserved since Cicero is talking about a translation of Aeschines and Demosthenes. H. on the other hand has in mind a Greek subject so re-created that the *rerum ordo* is bound to differ from the Greek source").

3.3 FURTIVA NOTA SOBRE PLÁGIO

Ao discorrer sobre imitação como o processo pelo qual o escritor almeja reconhecimento de sua autoridade como *auctor*, vale fazer uma nota sobre uma consequência de sua execução inapta: o plágio. Para tanto, seguimos McGill (2012) em seu livro *Plagiarism in Latin literature*, no qual reúne e analisa passagens textuais – sobretudo em prefácios – que versam sobre o plágio do ponto de vista cultural romano, diferente, embora derivado, dos gregos. Ele inicia o primeiro capítulo (p. 1, grifo nosso) com citação, bem a nosso propósito, de Cícero, em epístola de 60 a.C. a Ático (2.1, 1):

Kal. Iun. eunti mihi Antium et gladiatores M. Metelli cupide relinquenti venit obviam tuus puer. is mihi litteras abs te et commentarium consulatus mei Graece scriptum reddidit. in quo laetatus sum me aliquanto ante de isdem rebus **Graece item** scriptum librum L. Cossinio ad te perferendum dedisse; nam si ego tuum ante legissem, furatum me abs te esse diceres.	Ia a Âncio, nas calendas de junho, avidamente deixando para trás os gladiadores de Marco Metelo, e seu menino me encontrou. Ele me entregou uma carta vinda de você e um apontamento escrito em grego sobre o meu consulado. Eu me alegrei muito com isso porque antes, sobre o mesmo assunto e **também em grego**, havia dado um livro a Lúcio Cossínio para que lhe entregasse, pois, se eu tivesse lido o seu antes, você ia dizer que eu havia te roubado.

passo este do qual começa sua caminhada para a compreensão do plágio em Roma. McGill continua (p. 1-2) e informa que, ao longo da epístola, Cícero dirá que o texto dele tem mais ornamento retórico, portanto diferente, de modo que o introito tinha somente caráter jocoso. Tal facécia, contudo, permite entrever que, entre os interlocutores, havia o compartilhamento da ideia de *furtum* de textos, o que se aproxima do que hoje entendemos por plágio, ressalvada em suas devidas proporções, como o diferente cenário de circulação de obras, o desenvolvimento da imprensa e do mercado editorial e, consequentemente, de leis e regras de direito autoral e propriedade intelectual.[123] Infelizmente, McGill não comenta o que, se lhe

[123] Pensamento diferente é o de A. Lewis (1986, p. 174, grifo nosso): "Emprestar de fontes latinas ou de fontes gregas (isto é, traduzir), requeria a mesma ação e produzia o mesmo resultado: uma obra de literatura latina. Para o tradutor romano, como para o escritor romano, **com quem o tradutor não pode ser igualado**, a excelência do modelo, não importa qual o idioma, era da maior importância" ("Borrowing from Latin sources or borrowing from Greek sources (that is, translating) necessitated the same action and produced the same result – a work of Latin literature. To the Roman translator, as to a Roman writer, with whom the translator may not be equated, the model's excellence, no matter what the language, was of the greatest significance". Pois em Cícero percebe-se, como antes dele em Terêncio, que emprestar de autores latinos não era algo eticamente bem visto e não se pode dizer que "não importa o idioma", pois a relação era exclusiva entre grego e latim, particular e específica, de modo que essa generalização não tem lugar aqui. Por fim, quando A. Lewis diz que o tradutor não pode ser igualado ao escritor, não dá, contudo, definições precisas sobre os limites e distinções desses papéis, empreitada, por sinal, e de acordo

escapou como detalhe, aqui é marca garrida: por que Cícero foi explícito em dizer que não apenas as mesmas coisas, o assunto, enfim, a matéria era a mesma, mas também o idioma? Tivesse escrito em latim, isso constituiria fato atenuante ou agravante? Acreditamos que agravante porque, veremos no próximo item, desde os comediógrafos, onde encontramos pela primeira vez o *furtum* literário, era mais grave tomar empréstimos aos pares, isto é, aos autores escrevendo no mesmo idioma. Ousamos até dizer que, se tivesse escrito em latim, Cícero correria o risco de passar por *interpres*.

Logo adiante, McGill novamente cita Cícero, especificamente uma passagem de *Brutus* (75-6):

> Tamen illius, quem in vatibus et Faunis adnumerat Ennius, bellum Punicum quase Myronis opus delectat. sit Ennius sane, ut est certe, perfectior; qui si illum, ut simulat, contemneret, non omnia bella persequens primum illud Punicum acerrimum bellum reliquisset. "scripsere," inquit, "alii rem vorsibus" – et luculente quidem scripserunt, etiam si minus quam tu polite. nec vero tibi aliter videri debet, qui a Naevio vel **sumpsisti multa**, **si fateris**, vel, **si negas**, **surripuisti**.

> No entanto, a *Guerra púnica* do poeta, que Ênio enumera entre os vates e Faunos, agrada como se fosse uma obra de Míron. [76] Que Ênio seja, como de fato é, mais completo, se ele desprezasse esse poeta [Névio], como finge fazê-lo, não teria deixado de lado, ao tratar de todas as guerras, justamente a violentíssima primeira guerra púnica. Mas ele mesmo diz porque o faz. "Outros", diz ele, "escreveram versos sobre o tema", e escreveram de modo realmente magnífico, ainda que não tão refinado quanto você. Mas você não deve pensar diferente, você que **tomou muita coisa emprestado** a Névio, **se reconhece** a dívida, ou, **se não reconhece**, **roubou muita coisa**. (Tradução de Olavo V. B. de Almeida, 2014, p. 85, grifos nossos).

Desse modo, McGill (2012) entende que para Cícero o plágio se diferencia do empréstimo já que o autor explicita seus modelos.[124] Rica em sua análise e interpretação, todavia, essa obra de McGill, como ele diz (2012, p. 4, grifo nosso), aborda tema difícil porque:

> É preciso dizer aqui no início que nenhum caso preciso e verificável de plágio sobreviveu da Antiguidade romana. Antes, o fenômeno chegou a nós por meio de sua **representação** nos textos; e eu estou muito menos preocupado com o

com nosso entendimento, infrutífera, pois é buscar o que ainda não havia, é procurar conceitos prontos em momentos em que muitos conceitos estavam se desenvolvendo.

[124] O autor menciona *en passant* a diferença entre o plagiarista e o falsário, em que (2012, p. 3) "o falsário apresenta obra própria sob o nome de outro, ao passo que o plagiarista apresenta como sua a obra de outro" ("[...] the forger presents his own work under another's name, while the plagiarist presents another's work under his own name"), sem, contudo, analisar sua relação com o plágio.

> que nossas fontes sugerem sobre a real investigação de plágio em Roma do que com a forma como eles descreveram essa investigação.[125]

Representação, que grifamos, é a ideia-chave, porque, nos passos citados de Cícero, bem como veremos no próximo capítulo em Terêncio, sem uma legislação, como hoje temos, ou tipificação criminal dessa prática, parece-nos que os limites entre autoria bem-sucedida, tradução literal ou imitação ineficiente se encontravam não apenas em desenvolvimento, como serviam de lugar-comum para construção retórica da autoridade e propriedade do autor. E a terminologia não facilita essa delimitação, pois McGill (2012, p. 2, 9, 160, 171) aponta que os verbos *sumere* e *transferre* "comumente significam 'imitar' e 'traduzir'" (p. 9), mas, quando empregados com *furtim*, podem indicar "tomar emprestado" ou "plagiar". Ao longo da obra, no entanto, McGill se afasta de nossa época específica e apresenta um quadro curioso, em que o plágio praticamente desaparece das manifestações textuais após o primeiro século de nossa era para retornar muito posteriormente; então ele se concentra no prefácio do livro VII da obra *De architectura* de Vitrúvio, quase coetâneo de Cícero, apesar de sua obra ser datada entre 30 a 15 a.C., mais de década após a morte do Arpinate, e excertos de Sêneca (*Contr.*) e Donato, (*VSD*) "Após Terêncio, referências a isso [plágio] alcançaram o pico dos últimos anos da república [com Vitrúvio] ao primeiro século de nossa era, mas ainda aparecem esporadicamente na Antiguidade tardia até o século VI com Fortunato, considerado o último poeta latino do mundo antigo" (McGill, 2012, p. 8).[126]

É com a *Septuaginta* que temos um caso interessante e de oposição, a helenística *epístola de Aristeas*, cuja lenda refere uma "tradução" feita por 72 escolhidos e cujo resultado seria uma versão pura, correta e imutável das palavras inspiradas por um autor que não pode ser emulado: Deus. E é justamente em São Jerônimo, tradutor da Bíblia, em *Epístola a Pamáquio* (376 d.C.), que vemos uma defesa de suas escolhas de versão, e de onde derivam explicitamente as ideias de tradução pela letra ou pelo espírito ou sentido.

Em suma, é evidente que havia tipos de traduções, tantas possíveis quantos os autores ou intérpretes; porém, embora não haja teoria explícita[127] em tratado sobre a tradução, podemos

---

[125] Cf.: "It needs to be said here at the outset that no clear and verifiable cases of plagiarism survive from Latin antiquity. Rather, the phenomenon exists for us through its representation in texts; and I am much less concerned with what our sources suggest about the actual pursuit of plagiarism in Rome than I am with how they depicted that pursuit."

[126] Cf. McGill (2012, p. 8): "After Terence, references to it reached their peak from the last years of the republic through the first century ce, but they still appear sporadically into late antiquity up to the sixth-century Venantius Fortunatus, the so-called last Latin poet of the ancient world".

[127] Tomamos de um texto fora do âmbito dos Estudos Clássicos o questionamento sobre o que é e para que serve uma teoria, de modo que em suma (PAUL, 2012, p. 4): "o que é uma teoria ou para que serve reside em que ela

circunscrevê-la nesse sistema genérico que, como visto, era responsivo, competitivo, fértil e repleto de debates. Nele circunscrita, torna-se mais fácil compreender Cícero quando diz verter como orador, e não como imitador: o foco não estava em Demóstenes, mas no próprio Cícero, que reconhece Demóstenes como modelo para utilizar inteligentemente para seu propósito, que, nem de longe, se assemelha ao papel da tradução de hoje: centrada no autor do original, no *outro*, a fim de recuperar seus possíveis sentidos originais e como ele os teria manifestado em outro idioma.

Assim, com base na hipótese aqui aventada, emerge a seguinte questão: quando ocorreu e por que razões a mudança de foco do olhar dos autores de sua obra própria, original por imitação, para o modelo, ou seja, o apagamento autoral ou a separação de papéis – entre autores e tradutores, diferentes na justa medida da maior ou menor inventividade própria em competição com a do modelo –, o nascimento do tradutor e de traduções, ou seja, quando a imitação servil, como exercício formativo relegado às salas de aula, tornou-se objetivo de escrita e um gênero próprio? Possivelmente, a resposta enseja nova pesquisa e requer novas forças, que aqui já não se encontram. Contudo, *a priori*, suspeitamos que a resposta esteja em São Jerônimo, patrono dos tradutores, responsável pela especialização da tradução, agora central e atividade-fim – possível decorrência de um hibridismo entre metodologia religiosa própria de exegese dos textos sagrados, com a preocupação sempre presente de não adulterar o sentido das palavras divinas e de seu máximo autor, e a metodologia de composição de herança clássica, de refundição do original e suplantação do modelo para emersão do imitador como autor, de modo que, se o autor não pode ser emulado, o único meio pelo qual a invenção do autor que agora se torna tradutor pode se manifestar – sem reproduzir servilmente a quantidade de palavras e a ordem – é pela habilidade de transpor o mesmo sentido, a força da expressão

---

pode nos informar sobre a natureza (conteúdo, processo, relações entre variáveis etc.) de seu tópico, área de conteúdo ou disciplina" ("what a theory is or should be good for is that it can inform you of the nature (content, process, relations between variables, etc.) of your topic or content area or discipline"). Nesse sentido, nem Cícero, nem Horácio ou outro autor romano definiu a natureza, o conteúdo, o processo ou relacionou variáveis de modo ordenado para que tivéssemos uma teoria da tradução. O que havia era uma prática, como vimos, calcada em pano de fundo e procedimentos próprios. E mais (p. 6): "Bem, não há nada mais prático que uma boa teoria, mas o verdadeiro desafio é encontrar ou desenvolver uma boa teoria. Se conseguir isso, não apenas se entenderá a natureza da leitura em inglês, em nosso caso, mas também compreender-se-á para que serve uma teoria" ("Well, there might be nothing more practical than a good theory, but the real challenge is to find or develop a good theory. If you can accomplish this, you will not only understand the nature of—in our case—English reading, but also you will understand what a theory is good for."). Neste sentido, para que serviria uma teoria da tradução para os romanos? Não parecia haver uma teoria da tradução, e sim uma teoria do fazer criativo: poética, quer seja para poesias, quer seja para a prosa. Nessa grande teoria poética a tradução é um elemento, a serviço daquilo que era o fim de todos os autores: a *auctoritas*, a autoridade, para o reconhecimento. Se há algum jaez de vaidade ou egolatria nisso, é outra questão, porventura psicanalítica, ainda mais com o descrédito por que a atuação de tradutores passou (MILTON, 2010) até sua recente revalorização.

divina, para sua voz própria, de modo que o *autor* não perderá assim seu *status*: não é um *auctor* ao nível de Deus, nem tampouco se torna um imitador servil. É uma nova espécie de adivinho, é o *interpres* do novo Deus.[128] Nem sempre é fácil delimitar o início ou marco inicial de determinada teoria; no caso de retórica, por exemplo, o primeiro registro do termo aparece no *Fedro*, de Platão, a primeira teoria escrita propriamente dita em Aristóteles, na *Retórica*, mas os inventores dificilmente podem ser determinados. Há uma história, que mais parece mito, de Córax e Tísias, porém atualmente pensa-se que são a mesma e única pessoa.[129] No caso da tradução, se considerarmos a *Septuaginta*, o tradutor foi Deus[130] e sua teoria não nos é acessível, a menos que a encontremos em São Jerônimo[131] o primeiro teórico propriamente dito porque,

---

[128] Neste ponto faz-se necessário mencionar artigo de Catherine Brown Tkacz (1996), intitulado *Labor tam utilis: the creation of the Vulgate*, em que ela toca precisamente essa questão e o papel dúbio de São Jerônimo. Segundo a autora, foi ele quem introduziu, pela primeira vez, prefácios extensos na Biblia, **uso este de influência da literatura clássica** – lembremo-nos da compilação de prefácios de Cícero! –; São Jerônimo haure exemplos da cultura clássica quando, por exemplo, no *Evangelho segundo São Marcos*, em episódio de Herodes com Salomé, traduz com "dicção clássica" ao modo de episódio de Apolo com Faetonte nas *Metamorfoses* de Ovídio; na carta 70, São Jerônimo diz que autores bíblicos também foram influenciados pela literatura pagã (clássica). Assim (p. 44) "tomadas juntas, as observações de Jerônimo indicam que não se deve supor que suas traduções bíblicas sejam desprovidas de influência clássica ou indignas de estudo estilístico" ("Taken all together, Jerome's remarks indicate that one ought not to assume his biblical translations are devoid of classical influence or unworthy of stylistic study").

[129] Kennedy (1994) diz que *Corax* em grego remete a corvo, possível apelido de Tísias, e mais (p. 34): "It has recently been plausibly suggested that Corax and Tisias are one and the same person, Tisias the Crow. This would explain why the example of argument from probability that Plato attributes to Tisias is attributed by Aristotle to Corax and why writers of the Roman period sometimes say that Aristotle identified Corax as the 'inventor' of rhetoric and at other times identify Tisias as such. Perhaps what Aristotle said in the *Synagogé* was something like 'Corax, as Tisias was called.' What Plato actually makes Socrates say in the reference to Tisias in *Phaedrus* 273c is 'It was a wonderously hidden art that Tisias or another seems to have discovered, whoever he really is and whatever he likes to be called!' […] Cicero says (*On Invention* 2.6) that after Aristotle wrote his *Synagoge* everyone consulted it rather than the original handbooks, which were soon lost." ("Recentemente, sugeriu-se que possivelmente Córax e Tísias sejam uma e a mesma pessoa, Tísias, o Corvo. Isso explicaria por que o exemplo do argumento da probabilidade que Platão atribui a Tísias é atribuído por Aristóteles a Córax e por que autores do período romano algumas vezes dizem que Aristóteles identificou Córax como o 'inventor' da retórica e, vezes outras, identifica Tísias como tal. Talvez o que Aristóteles disse na *Synagogé* foi algo como 'Córax, como Tísias era chamado'. O que Platão realmente faz Sócrates dizer na referência a Tísias no *Fedro* (273c) é 'Era uma arte maravilhosamente oculta que Tísias ou outro parece ter descoberto, quem quer que ele seja e como quer que ele goste de ser chamado!' [...] Cícero diz (*Da invenção*, 2, 6) que, após Aristóteles escrever sua *Synagogé*, todos a consultavam em vez dos manuais originais, que logo se perderam."). Interessante esta passagem de Cícero citada por Kennedy pois, de modo análogo, assim como Aristóteles tornou-se preferível aos manuais, desde o *De inventione*, e de modo mais patente no *De oratore*, Cícero quer, ele mesmo, se tornar preferível – já que tem mais prestígio e autoridade – aos manuais de sua época, tal como Aristóteles, aliás, um de seus modelos.

[130] Alessandra Petrina (2013, p. 2) pensa de modo semelhante, com dizer que "A distinção clássica entre 'tradução literal e livre', exemplificada na declaração de Cícero de que ele não traduziria *ut interpres, sed ut orator*, é substituída no pensamento patrístico, no qual toda diferença é subordinada à articulação mais ampla da verdade de Deus." ("The classical distinction between 'literal and loose translation', exemplified in Cicero's statement that he would translate not 'ut interpres, sed ut orator', is pre-empted in Patristic thought, in which all difference is subsumed under the wider articulation of God's truth.").

[131] Cf.: D'Hulst (2019, p. 350), que diz haver três forças principais que determinam a tradução em Latim: "Em primeiro lugar, a transferência de bens culturais, por exemplo, entre a Grécia e Roma, utiliza um amplo conjunto de técnicas de escrita que incluem, mas também excedem, o que se denomina tradução desde os primeiros séculos. Em segundo lugar, a transferência não busca apenas dar acesso a fontes estrangeiras em todos os domínios do discurso público e privado, mas também é utilizada no processo de construção de repertórios independentes (posteriormente, nacionais) da cultura-alvo, como gêneros literários ou modelos de aprendizado do idioma.

diferentemente dos tradutores da *Septuaginta*, nos deixou explicações metodológicas sobre a tradução como atividade-fim, central – o que Cícero não fez.

Ao fim e ao cabo, São Jerônimo pode ser o primeiro a especializar a tradução,[132] elevando o *status* do *interpres*,[133] estabelecendo duas correntes que até hoje vigoram: tradução literal (*uerbum pro uerbo*) ou livre (*ad sensum*), ainda que resultantes, segundo Yebra, como vimos, de uma leitura equivocada. Além disso, Cícero e Horácio, que elencamos aqui para representar a prosa e a poesia, não parecem, nas imitações que fazem, seguir uma ou outra vertente, mas sim uma forma de tradução oposta ao modo ancilar[134] para alcançar o fim da originalidade autoral em que forma e conteúdo são indissociáveis, e a questão não é de

---

Finalmente, o pensamento sobre a tradução está incorporado em várias tradições intelectuais: a tradição gramatical e retórica inicial corre do século III em diante paralelamente a uma tradição patrística que dá lugar mais proeminente ao significado e aborda a tradução de um ponto de vista filosófico e religioso." ("First, the transfer of cultural goods, e.g. between Greece and Rome, makes use of a broad set of writing techniques that include but also exceed what is labelled translation proper from the first centuries on. Second, transfer is not only aimed at giving access to foreign sources in all domains of public and private discourse, but is also used in the process of building independent (later: national) repertoires of the target culture, such as literary genres or models of learning language. Finally, the thinking about translation is embedded within several intellectual traditions: the early grammatical and rhetorical tradition is from the third century on paralleled by a patristic one that gives a more prominent place to meaning and approaches translation from a philosophical and religious viewpoint.").

[132] Neste ponto, interessa mencionar que, se a tradução não aparecia como treinamento nos manuais de exercícios preliminares ou retóricos em Roma, em 1599 já integra a educação jesuíta, como diz D'Hulst (2009, p. 354): "Carreira mais influente de conceitos é o código de regulações para oficiais e professores no sistema de educação jesuíta elaborado em 1599 com o nome de *Ratio studiorum*. Nesse manual, tradução é parte do treinamento gramatical e retórico dos alunos de acordo com os preceitos de Quintiliano" ("A most influential carrier of concepts is the code of regulations for officials and teachers in the Jesuit education system elaborated in 1599 under the name of *Ratio studiorum*. In this manual, translation is part of the grammatical and rhetorical training of pupils following Quintilian's precepts"). Furlan (2003, p. 14) aponta que "Uma grande diferença entre o método de tradução dos romanos e o de São Jerônimo é a perspectiva. Enquanto aqueles enfocavam prioritariamente o texto de chegada, São Jerônimo põe a atenção no texto de partida, no original".).

[133] Tkacz (1996, p. 51) informa que, em sua empreitada de traduzir o *Velho Testamento* diretamente do grego, São Jerônimo contratou um intérprete para verter os textos em aramaico para o hebraico, de modo que ele assim os pudesse traduzir ao latim. Isso nos remete ao curioso caso do *Fausto* de Antônio Feliciano de Castilho, no prefácio ([s.d.] p. 1-7). Ali, Antônio Feliciano de Castilho diz que seu irmão se utilizou de um "beato" intérprete para lhe auxiliar com alemão, por meio de tradução interlinear. E mais, Antônio Feliciano de Castilho utilizou-se de "sete intérpretes", traduções em outras línguas, para fazer o seu *Fausto*, afirmando que "pode um poeta de consciência verter a obra de outro sem aliás lhe conhecer a língua". Quem é afinal o tradutor? O livro traz Antônio Feliciano de Castilho, mas este não sabia alemão e traduziu a partir da tradução, e com ajuda, de seu irmão, que já havia traduzido a partir da intepretação de um terceiro. No processo citado, o tradutor utiliza-se de outras traduções e da interpretação, ou tradução interlinear de outra pessoa, para fazer o que chama tradução, mas sem recorrer ao original, cuja língua não conhece. A intuição é citada, e mesmo a ajuda divina, o que nos remete aos processos gramaticais e divinatórios descritos por Scheleiermacher. Isso em pleno século XIX. Percebe-se o papel ancilar da tradução como interpretação, quando a tradução é apenas uma paráfrase do original e que servirá de material ao autor.

[134] É notável que esse aspecto servil, se o encontrarmos não de forma abundantemente explícita, consta subentendido e percorreu a história até os dias de hoje, como ressalta Berman (2002, p. 15, grifo do autor): "Faço referência aqui a alguma coisa que não pode deixar de ser evocada: a condição ocultada, reprimida, reprovada e *ancilar* da tradução que repercute sobre a condição dos tradutores, a tal ponto que quase não é mais possível fazer dessa prática uma profissão autônoma".

separação, mas de gradação: nos pontos em que mais se afastam ou mais se aproximam encontramos o estilo próprio, a voz de cada autor.

Berman (2007, p. 30-31), resume de modo brilhante essa diferença de Cícero-Horácio para São Jerônimo como uma questão de gradação:

> Este empreendimento de tradução anexionista encontrou em Roma seus "teóricos" nas pessoas de Cícero e de Horácio. Mas foi São Jerônimo, isto é, a romanidade cristã, ou o cristianismo romanizado, quem deu uma ressonância histórica aos princípios estabelecidos por seus predecessores pagãos, graças à sua tradução da Bíblia (a *Vulgata*), tradução que ele acompanhou com diversas reflexões teóricas e técnicas. São Jerônimo define assim a essência da tradução: *sed quasi captivos sensus in suam linguam uictoris iure transposuit* e *non uerbum e uerbo, sed sensum exprimere de sensu* [mas os sentidos, como que capturados, trasladou-os à sua língua, como um direito de vencedor] e [não traduzir uma palavra a partir de outra palavra, mas o sentido a partir do sentido]. Tal é a concepção da tradução que se tornou canônica no Ocidente [Stõrig, 1963]. Os dois enunciados se completam: se a tradução é anexação, ela só pode ser anexação do "sentido". Se ela é captação do "sentido", ela só pode ser anexação. Mas estes princípios de São Jerônimo, além dos de Cícero e Horácio, têm sua origem em São Paulo e no pensamento grego, isto é, em Platão. Não que este último tenha falado (do que sei) de tradução: mas instituiu o famoso corte entre o "sensível" e o "inteligível", o "corpo" e a "alma". Corte que se encontra em São Paulo com a oposição entre o "espírito" que "vivifica" e a "letra" que mata. A tradução não se importa com a letra morta: ela vai, para captá-lo, até ao espírito, ao sentido. Enquanto que a tradição judaica desconfiava da tradução, é realmente um imperativo categórico do cristianismo a tradução do Livro em todas as línguas, a fim de que o sopro vivificante do Espírito atinja todas as nações (Atos dos Apóstolos, 2, 4). Há, portanto, aqui impulso a tradução: ao impulso tradutório da romanidade pagã visando constituir sua própria cultura por pilhagem, empréstimos e anexação, superpõe-se o impulso evangelizador do cristianismo: é necessário que cada povo possa entender a Palavra de Deus, é necessário traduzir. É a tradução para..., mais do que a tradução por..., e este empreendimento continua, é o mesmo de um Nida nos Estados-Unidos; e como na Antigüidade o impulso evangelizador unia-se ao impulso anexionista romano, o evangelismo tradutório de Nida une-se hoje ao imperialismo cultural norte-americano.

3.4 Traduzir bem para escrever mal

Até aqui mantivemos o foco em textos de retórica/oratória, filosofia e poesia, sem mencionar, contudo, a importância de obras da comédia latina que trazem as "[...] primeiras discussões explícitas, embora breves, sobre tradução em Roma"[135] (MCELDUFF, 2013, p. 63),

[135] Cf.: "[...] the first explicit, albeit brief, discussions of translation in Rome".

quais sejam, as de Plauto e Terêncio, especificamente seus prefácios. Em ordem alfabética, McElduff (2013, p. 67-68) cita 18 versos coligidos dos prefácios de Plauto, a saber, *Asinaria* (10-13), *Casina* (30-34), *Mercator* (9-10), *Miles gloriosus* (86-87), *Poenulus* (53h-55) e *Trinummus* (19-21), que ora reescrevemos:

Demophilus scripsit, Maccus uortit barbare (*As*. 11)	Demófilo escreveu, Mácio a verteu barbaramente
Diphilus	Dífilo
Hanc graece scripsit, post id rursum denuo	a escreveu em grego, depois ela novamente
Latine Plautus (*Cas*. 32-34)	em latim, Plauto
Graece haec uocatur *Emporos* Philemonis,	Em grego ela é chamada *Émporos*, de Filêmon,
eadem latine Mercator Macci Titi (*Mer*. 9-10)	ela mesma em latim *O mercador*, de Mácio Tito
Alazon Graece huic nomen est comoediae,	*Alazón* em grego é o nome desta comédia,
id nos Latine gloriosum dicimus (*Mil.* 86-87)	ela em latim chamamos *Glorioso*
Carchedonius uocatur haec comoedia;	Cartaginês, *Karchedónios* se chama, em grego,
Latine Plautus Patruus *Pultiphagonides.* (*Poe*. 53h-55)	a comédia: não é isso nenhum segredo!
	mas quis que fosse *Poenulus*, "Punicozinho",
	Titio Plauto, o Papa-Minguau, em latim.[136]

[136] A tradução destes versos é de Beethoven Alvarez, que busca preencher a lacuna no texto e responder à antiga dúvida sobre o título da obra dizendo: "Para concluir, volto ao início deste capítulo e proponho unir a imaginação com a especulação filológica, ambas incertas e incompletas, mas ainda as únicas ferramentas de que dispomos. Se a tradição manuscrita pode ter aberto uma lacuna de um verso entre os versos 53 e 54, me pergunto por que a tradução não poderia reimaginar dois versos aí. Assim, numa proposta imaginativo-filológica, adiciono um verso para dizer o que Plauto pode ter querido dizer [...]," no artigo Traduzindo Plauto em verso: o prólogo de *Poenulus*. *In:* PAGANINE, C.; HANES, V. (Org.) *Tradução e criação*: entrelaçamentos. Campinas: Pontes, 2019, p. 109-142. Disponível em: https://www.academia.edu/39418437/Traduzindo_Plauto_em_verso_o_pr%C3%B3logo_de_Poenulus. Acesso em: 28 set. 2021. Solução, se não ousada, podemo-la considerar propriamente autoral, pois, ao estilo romano, manejou o original e o reconstruiu com invenção particular. A. S. Gratwick (1973, p. 73), no artigo Titvs Maccivs Plavtvs [Titus Maccius Plautus], refere que "(b) *Patruus* não pode ser tratado como um nome indeclinável contra toda a analogia [é o objeto do imaginário *uocat*], (c) o hipérbato *Plautus 'Patruus' pultiphagonides* seria incrivelmente áspero e sem sentido, bem como bastante estranho ao estilo de verso dramático usado aqui. O texto de Leo [refere-se ao texto estabelecido por F. Leo, *Plauti Comoediae*. Berlin: Weidmann, 1895, onde consta a indicação da falta de um verso] está correto" ["(b) *Patruus* cannot be treated as an indeclinable noun against all analogy {it is the object of the imaginary uocat}, (c) the proposed hyperbaton Plautus '*Patruus' pultiphagonides*

Philemo scripsit, Plautus uortit barbare	Filêmon escreveu, Plauto verteu barbaramente

Do primeiro e do último extratos McElduff chama a atenção para o *uortit barbare*, que dá nome a obra de Traina (1974, p. 61), autor este que, quanto a essas ocorrências, afirma: "Plauto, em ambos os casos em que menciona nos prólogos a sua obra de tradutor em oposição ao trabalho do autor, usa a mesma fórmula, *uortere* oposto a *scribere*."[137] E, em seguida (p. 62), mostra que o significado de *uortere* é dado pelo comediógrafo no *Poenulus*, v. 984, com *si respondebunt, Punice pergam loqui; si non, tum ad horum mores linguam uortero* ("se responderem, começarei a falar em púnico, se não, então ajustarei o idioma a seus costumes"), verso que Traina associa a Cícero no *De optimo genere oratorum* com *uerbis ad nostram consuetudinem aptis* para concluir que *uertere* é o que ele chama tradução artística, "sem fins práticos, mas estéticos" (p. 63), tradução que compete com o modelo, forma do ζῆλος (*aemulatio*) própria do contexto bilíngue de roma desde Lívio Andronico. Com efeito, "fins práticos" nos remetem ao âmbito do agente ou intermediário de negócios, faceta prática do *interpres*, bem como a sua face no âmbito das letras como erudito ou aquele que trabalha com obras de outrem, o *grammaticus*.

---

would be incredibly harsh and pointless, as well as quite alien to the style of dramatic verse used here. Leo's text is right.]". Na edição da Loeb de 1980 temos: "Plautus giving it the Latin title of Uncle Papeater", com indicação em nota de rodapé dizendo "*Pultiphagonides* pode se referir a Plauto, o título em latim sendo *Patruus*" ("*Pultiphagonides* may refer to Plautus, the Latin title being *Patruus*", em *The little carthaginian, Pseudolus, The rope*. With an english translation by Paul Nixon. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, William Heinemann Ltd, 1980, p. 123. Disponível em: https://ryanfb.github.io/loebolus-data/L260.pdf. Acesso em: 28 set. 2021. Já em 2012, a Loeb traz como tradução para o referido verso "in Latin uncle porridge-eater Plautus" (PLAUTUS. *The Little Carthaginian. Pseudolus. The Rope*. Edited and translated by Wolfgang de Melo. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2012, p. 25. Loeb Classical Library 260). Sobre o uso de *patruus* como *Titio*, é curiosa a acepção II dada por Lewis & Short (DIOGÉNES, *software* versão 4.5): "a severe reprover (as uncles are apt to co [sic, sc. cope] towards their nephews" ("um censor severo [como tios costumam lidar com seus sobrinhos)", seguida por exemplo de Cícero, em *Cael;* 11, 25: *fuit in hac causa pertristis quidam patruus, censor, magister*, que traduzimos "foi [Lúcio Herênio] nesta causa um tipo austero demais: um tio, censor, professor" (Cf. a tradução da Loeb: "yet in court here he was the grimmest kind of uncle, moralist, mentor", em *Pro Caelio. De Provinciis Consularibus. Pro Balbo*. Translated by R. Gardner. Loeb Classical Library 447. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1958, p. 437). Curiosa porque vemos ali – não encontramos essa acepção no *OLD* nem no dicionário etimológico de Ernout e Meillet (2001) – uma aproximação do *patruus* com *magister*, tipos de figuras austeras, o que, de modo anacrônico e conjectural, provavelmente levados antes pela ideia que por qualquer comprovação, nos remete à figura do "tio" e da "tia" da educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental em nosso país, o que nos leva a questionar se, talvez, apesar de não termos encontrado indícios para tanto, os estudantes romanos não poderiam chamar *patruus* ao *grammaticus* (em italiano temos como acepções para *zio* as de título de respeito a pessoas mais velhas e até sacerdotes [*Dizionario dela lingua italiana*, disponível em https://www.grandidizionari.it/Dizionario_Italiano/parola/Z/zio.aspx?query=zio, e *Dizionario italiano Olivetti*, disponível em: https://www.dizionario-italiano.it/dizionario-italiano.php?parola=zio, acessos em: 29 set. 2021).

[137] Cf.: "Plauto, le due volte che nei prologhi accenna alla sua opera di tradutore di contro all'opera de autore, usa lo stesso modulo, *uortere* oposto a *scribere*".

Voltando a McElduff (2013, p. 69), a autora apresenta três interpretações, de caráter sociocultural, para o uso de *uortit barbare* e demais passos citados dos prólogos de Plauto, bem como uma hipótese, não recente, a respeito do papel do autor. Ela diz que a evocação dessa tradução bárbara "[...] pode zombar dos gregos (algo que os romanos sempre apreciaram), alçar sua obra ao nível de uma campanha militar bem-sucedida *e* conseguir apontar a crescente habilidade de Roma em consumir bens culturais gregos"[138]. Sobre zombar dos gregos, parece mais convincente do que um autor que menospreze sua própria obra – a não ser que consideremos uma ironia ou forma própria da comédia de *captatio beneuolentiae*, e a autora se opõe veementemente a esta interpretação, que, a seu ver, reflete o *status* negativo dos tradutores e de traduções de tempos posteriores, portanto anacrônica. Contudo, quanto à visão de alçar o texto ao nível de uma campanha militar bem-sucedida – portanto digna de um triunfo –, pressupõe um entendimento comum de que a comédia fosse vista como pior, ruim, ou de somenos importância em relação à carreira militar e que os poetas tivessem competição como um fim dentro de sua produção. Seja assim ou não, pensamos ser mais simples: a ironia do fato de o "bárbaro" ter sido vencedor no terreno militar. A respeito do papel do autor, McElduff (p. 70-71) diz que Plauto, quando usa *Maccus*, constrói uma *persona*, pois *Maccus* é um personagem de farsa atelana, então, continua ela, seria como se Plauto quisesse dizer que, embora um grego tenha escrito, é um personagem de uma farsa que está traduzindo". Ela não discorre mais a respeito dessa questão antiga sobre a referência de *Maccus* como personagem de farsa atelana e a abandona com a conclusão oposta a isso que dará, qual seja, que Plauto faz questão de referenciar o original, possivelmente conhecido pelo público, para mostrar como ele é capaz de manejá-lo para fazer algo tão bom quanto o original ou ainda melhor em latim, consequência de transformar o original, isto é, de *uertere*, algo que uma personagem não faria.

Em seguida, para tratar de Terêncio, inicia assim sua abordagem (2013, p. 87): "Diferentemente de Plauto, Terêncio não 'transforma' peças, ele as 'escreve' (*ad scribendam*)"[139]. No entanto, em *Casina*. 33-34 temos *post id rursum denuo Latine Plautus* [*scripsit*], ou seja, se Dífilo escreveu em grego, então depois Plauto a escreveu "de novo" em latim. Não usou, como em outros exemplos, *uortit*, mas o elíptico *scripsit*, embora *rursus* (= *reuorsus*) seja cognato de *uerto*. A propósito, temos um uso pleonástico de dois advérbios em *rursum denuo*. Por meio do *software Diogénes* encontramos para *rursus*, em Lewis & Short, na

[138] Cf.: "[...] can make fun of the Greeks (something the Romans always appreciated), raise his work to the level of a successful military campaign, *and* manage to point ou the increasing ability of Rome to consume Greek cultural goods".
[139] Cf.: "Unlike Plautus, Terence does not 'turn' plays, he 'writes' them (ad scribendam)".

acepção B, o uso dessa expressão referente a esse verso de Plauto: “denotando o retorno a uma ação anterior ou sua repetição, de volta, outra vez, novamente [...] Pleon. Com *denuo*, etc. *Diphilus hanc Graece scripsit, post id rursum denuo Latine Plautus*” (“Denoting return to a former action or its repetition, back again, again, anew [...]”); no *OLD*, na acepção 1b, “na direção por onde alguém veio, de volta” (“in the direction from which one has come, back again”, seguida por exemplo de Plauto no *Poenulus*. 79, *reuortor rursus denuo Carthaginem* (“retorno novamente a Cartago”). Quanto ao vocábulo *denuo*, no *OLD* temos “*denuo*, adv. [de nouo]. 1. De um novo começo, novamente, outra vez. [...]” (*denuo*, adv. [de nouo] 1 From a fresh beginning, anew, over again”), seguido do verso de Plauto em *Casina.* 33, e “3 (restaurando as condições de antes) Novamente” (“3 restoring conditions as they were) Again”), seguido do exemplo de Plauto em *Poenulus*. 79; Lewis & Short indicam ser mais frequente em Plauto e Terêncio e raro em outros locais, e referem o uso com *rursus* dando como exemplos os dois versos de Plauto já mencionados em *Casina.* 33 e *Poe*. 79. Ernout e Meillet (2001, p. 725), para *denuo*, dão “e, como *rursus*, em sentido contrário [...] Muitas vezes associado explicitamente a verbos em re-” (“comme *rursus*, en sens inverse [...] souvent joint explétivement à des verbes en re-:”), tendo como exemplo *Poenulus*. 79. Logo, parece que, mais que voltar ou retornar ao texto-fonte, Plauto refaz ou repete a ação própria do autor e refaz um original.

Bettini (2013, p. 5-31) também comenta a importância de Plauto no estudo da tradução e principalmente do *uertere*, partindo do início da comédia *Poenulus*, em que Hano, cartaginês, fala tanto o púnico como o latim. Assim, faz uma análise de viés antropológico, bem como linguístico, da cena: mostra a ambivalência de Hano, uma vez que seu povo era visto com desconfiança, como mercantes enganadores, retratada no modo como o escravo Mílfio o trata, insinuando sempre querer tratá-lo com violência, embora Hano se mostre íntegro. Além disso, a cena em que Mílfio “traduz” a fala púnica de Hano para Agorástecles, além de hilária, permite interpretações, como o modo estereotipado de os romanos lidarem com os cartagineses. Mílfio não entende o idioma, então faz uma “rearticulação” (*riarticulare*). Bettini na sequência compara Mílfio a Varrão, que no *De lingua latina* utiliza o mesmo meio de Mílfio, qual seja, explicar uma etimologia de palavra a partir de traços fonéticos. Mílfio traduz erroneamente as falas de Hano porque não conhece o idioma púnico, mas Varrão conhece o grego, e esta seria a única diferença entre eles. Assim, segundo Bettini, vemos que nas origens do pensamento tradutório há o que ele chama rearticulação, um modo criativo de lidar com conteúdo estrangeiro, desenvolvido na forma da *commutatio*. À rearticulação associa-se o que ele

denomina *belief ascription*, "atribuição de crença", de modo que, seguindo o exemplo do escravo Mílfio, o tradutor busca imaginar qual a intenção de quem fala e como a transmitir a quem ouve (é o que vimos ocorrer na tradução de Beethoven Alvarez).

Quanto a essas origens do pensamento tradutório, McElduff (2012, p. 61-62) inicia seu capítulo sobre "tradução e drama" no terceiro e segundo séculos a.C., em Roma, com uma comparação entre o contexto de Plauto e da personagem Nicholas, do romance de Charles Dickens, em que Mr. Crummles lhe exige uma tradução com pouco prazo e recebe como resposta "[...] my invention is not accustomed to these demands [...]" ("minha criatividade não está acostumada a essas demandas"), para nos mostrar como, por se tratarem, no caso de Plauto e Terêncio, de peças de teatro, as conjunturas seriam diferentes daquelas em torno das obras de Cícero e poetas posteriores. Ao passo que Bettini (2012, p. 42) enfatiza a diferença de meio, isto é, da oralidade e da escrita, para o entendimento desses atos de tradução:

> Mais ou menos inevitavelmente, com efeito, a tradução está ligada para nós à escrita, como produção de um texto destinado à leitura, que aliás é silenciosa. O *uertere* dos romanos, entretanto, não nasceu nesse contexto. Assim como o *uertere linguam* de Hano produz uma metamorfose primorosamente oral do púnico em latim, da mesma forma que o *uortit barbare* de Plauto é uma prática destinada ao teatro, a palavra *conuersa* que o poeta produz é concebida para ser encenada e falada sobre o palco, e não lida. Concluída a declaração do prólogo – *Plautus uortit barbare* –, o que os espectadores esperam ter pela frente não será uma fileira de caracteres do alfabeto, que muitos deles nem saberiam decifrar, mas alguns personagens gregos que se tornaram romanos, que trocam palavras que, pela obra do poeta, agora se tornaram latinas. O ato do *uertere* nasce nos territórios da oralidade e da visualidade: não implica uma metafórica "versão" de *litterae*, mas uma verdadeira metamorfose de *uerba* e *personae* que estão audivelmente diante de nós, ou melhor, diante deles.[140]

Passemos, também de modo conciso, a Terêncio, seguindo ainda os passos de McElduff (2012) e Bettini (2013), uma vez que ambos, cada qual segundo abordagem própria, perceberam

[140] Cf.: "Piú o meno inevitabilmente, infatti, la traduzione è legata per noi alla scrittura, in quanto produzione di un testo destinato alla lettura, per di piú silenziosa. Il *uertere* dei Romani, però, non nasce all'interno di questo contesto. Cosí come il *uertere linguam* di Annone produce una metamorfosi squisitamente orale del púnico in latino, allo stesso modo il vortit barbare di Plauto è una pratica destinata al teatro, la parola conversa che il poeta produce è concepita per essere agita e parlata sulla scena, non letta. Una volta conclusasi la dichiarazione del prologo – *Plautus uortit barbare* – ciò che gli spettatori si aspettano di avere davanti a sé non sarà una filza de caratteri dell'alfabeto, che del resto molti fra loronon saprebbero neppure decifrare, ma alcuni personaggi che da greci sono diventati romani, i quali si scambiano parole che, per opera del poeta, sono adesso divenute latine. L'atto del vertere nasce nei territori dell'oralità e della visualità: esso implica non una metafórica 'versione' di *litterae*, ma una reale metamorfosi di *verba* e di *personae* che stanno udibilmente di fronte a noi, o meglio, di fronte a loro".

ser inevitável passar pela comédia de Plauto e Terêncio antes de chegar a Cícero na busca de uma compreensão e descrição de teorias tradutórias romanas.

Siobhán McElduff (2012, p. 82-95) começa pelo prólogo da primeira peça de Terêncio, *Andria*, em que o poeta se refere às peças de Menandro intituladas *Andria* e *Perinthia*, dizendo que *qui utramuis recte norit ambas nouerit:/ non ita dissimili argumento, et tamen/ dissimili oratione sunt factae ac stilo* ("quem conhece bem uma conhece ambas:/ não diferentes no argumento, embora / diferentes no discurso e no estilo"), lugar de onde extrai, por assim dizer, o *modus operandi* do comediógrafo, que, tal como Menandro, usa mais de uma fonte para produzir a sua (p. 87): "Terêncio toma o texto-fonte e o utiliza como seu; a função do texto grego é fornecer propriedade a um tradutor romano, assim como será a *Arte poética* de Horácio".[141] Em seguida, seleciona versos do prefácio de *Heautontimoroumenos* e se detém em *ex integra Graeca integram comoediam*, apesar de reiterar nesse prólogo a repetição do argumento dúplice na formação da nova obra (*duplex quae ex argumento facta est simplici/ nouam esse ostendit* – que de argumento dúplice se fez simples/ apresentou como nova). Ela rebate análise que define essa "integridade" como se a peça grega ainda não tivesse sido traduzida anteriormente, portanto passível de tradução, algo que não faria sentido porque o adjetivo também é utilizado para a obra "traduzida". Desse modo, ela entende *integra* como sinônimo de *nouam*, pois seria uma peça grega ainda não utilizada para dar uma composição nova, "original". Chama-nos a atenção o silêncio de McElduff quanto aos versos 11-15: *oratorem esse uoluit me, non prologum:/ uostrum iudicium fecit; me actorem dedit, / si hic actor tantum poterit a facundia*[142]*/ quantum ille potuit cogitare commode/ qui orationem hanc scripsit quam dicturus sum* ("quis-me orador, não prólogo: fez a vós um tribunal; de mim, advogado, se este procurador apenas conseguir com a eloquência o quanto ele planejou de modo adequado, ele, que escreveu este discurso que estou prestes a declamar".), evidência de como, tanto repetimos, era do conhecimento dos autores o jargão retórico, quer seja porque parte do ensino oriundo dos *grammatici*, quer seja porque compunham parte da vida do cidadão romano.

A próxima obra é *Eunuchus*, que chama a atenção por apresentar uma defesa do autor contra acusação que lhe foi feita de ser plagiador. Embora Terêncio não dê o nome do acusador,

---

[141] Cf.: "Terence takes the ST [source-text] and uses it for his own; the Greek text's function is to provide property for a Roman translator, as it will be in Horace's *Art of Poetry*".

[142] Tanto em Lewis & Short (II D) como no *OLD* (4), *actor* é forma do jargão retórico para se referir a quem quer que faça um discurso oral ou advogado. Cícero, em *De optino genere oratorum.* 3, 57 traz *ut illum efficeret oratorem verborum actoremque rerum*, que Scatolin (2009, p. 274) traduz como "a fim de que o tornasse orador de palavras e ator de casos"; *facundia* no Lewis & Short tem apenas uma acepção, como *eloquence, fluency* (eloquência, fluência), que também consta, entre outras, no *OLD* (4), de modo que, em ambos, o exemplo imediato é justamente esse verso de Terêncio. Silva (2010, p. 21) comenta tratar-se de metáfora, um "simulacro do tribunal".

é o *grammaticus* Donato, séculos depois, que identificará certo Lúcio Lanuvino como perpetrador desses ataques ao comediógrafo. Vamos ao prólogo:

Si quisquamst qui placere se studeat bonis
quam plurimis et minime multos laedere,
in is poeta hic nomen profitetur suom.
tum siquis est qui dictum in se inclementius
existumavit esse, sic existumet
responsum non dictum esse, quia laesit prior;
qui bene vortendo et easdem scribendo male
ex Graecis bonis Latinas fecit non bonas.
idem Menandri Phasma nunc nuper dedit,
atque in Thesauro scripsit causam dicere
prius unde petitur, aurum qua re sit suom
quam illic qui petit unde is sit thesaurus sibi
aut unde in patrium monumentum pervenerit.
dehinc ne frustretur ipse se aut sic cogitet
'defunctus iam sum, nil est quod dicat mihi':
is ne erret moneo et desinat lacessere.
habeo alia multa quae nunc condonabitur,
quae proferentur post si perget laedere
ita ut facere instituit. quam nunc acturi sumus
Menandri Eunuchum, postquam aediles emerunt,
perfecit sibi ut inspiciundi esset copia.
magistratus quom ibi adesset occeptast agi.
exclamat furem, non poetam fabulam
dedisse, et nil dedisse verborum tamen:
Colacem esse Naeui et Plauti veterem fabulam:
parasiti personam inde ablatam et militis.
si id est peccatum, peccatum inprudentiast
poetae, non quo furtum facere studuerit.
id ita esse uos iam iudicare poteritis.
Colax Menandrist, in east parasitus Colax
et miles gloriosus: **eas se non negat**
personas transtulisse in Eunuchum suam
ex Graeca; **sed eas fabulas factas prius**
Latinas scisse sese id vero pernegat.
quod si personis isdem huic uti non licet,
qui magis licet currentem seruom scribere,
bonas matronas facere, meretrices malas,

Se há alguém que se esforça por agradar o maior número possível de pessoas de bem e lesar o mínimo possível a muitos, este poeta proclama seu nome entre eles. Por outro *[5]* lado, se há alguém que julgou ter sido tão duramente atacado, do mesmo modo deve julgar que se trata de uma resposta, não de um ataque, porque atacou primeiro**: ele, traduzindo bem e escrevendo mal, fez de boas comédias gregas, comédias latinas nada boas**. Ele apresentou *[10]* recentemente *O Fantasma* de Menandro, e escreveu em *O Tesouro* que o acusado explica primeiro por qual motivo o tesouro é seu antes que aquele que acusa explique como o tesouro lhe pertence ou como foi parar no túmulo de sua família. A partir deste momento, que *[15]* ele não se engane ou pense assim: "já me desobriguei: não há nada que ele possa me dizer". Advirto para que ele não se engane e deixe de provocar. Tenho muitas outras coisas pelas quais ele é agora desculpado, mas que serão mostradas depois se ele continuar a injuriar, *[20]*, assim como começou a fazer. A comédia que vamos representar, o *Eunuco* de Menandro, depois que os edis a compraram, ele conseguiu obter a permissão para examiná-la. Visto que o magistrado aí estivesse presente, começou a representação. Então **ele grita que um ladrão, não um poeta escreveu a peça**, e que o mesmo todavia não escreveu nenhuma palavra; *[25]* que há um *Cólax*, de Névio, e uma velha comédia de Plauto: daí teriam sido tiradas as personagem do parasito e do soldado. Se isto é um crime, o crime é o descuido do poeta, não porque desejasse cometer um plágio. Agora vocês julgar se isto é assim. Há um *Cólax* de *[30]* Menandro, nesta comédia há um parasita bajulador e um soldado fanfarrão. **O poeta não nega que transladou estas personagem da peça grega para seu *Eunuco*. Mas que ele soubesse que estas peças tivessem sido traduzidas para o latim antes, isso ele nega deveras**. Mas se *[35]* não lhe é permitido usar aqui as mesmas personagens, como seria possível descrever o escravo apressado, apresentar as boas matronas, as cortesãs maldosas, o parasita glutão, o soldado fanfarrão, o bebê que é trocado, o velho que é enganado pelo escravo, o amor, o ódio, *[40]* a suspeita? Em suma, não há nada disto agora que não tenha sido dito antes. Por isso é justo que vocês reconheçam e desculpem se os novos fazem o que os velhos já fizeram muitas *[45]* vezes. Prestem atenção, fiquem atentos e em silêncio,

parasitum edacem, gloriosum militem,
puerum supponi, falli per seruom senem,
amare odisse suspicari? Denique 40
nullumst iam dictum quod non dictum sit prius.
qua re aequomst uos cognoscere atque ignoscere
quae ueteres factitarunt si faciunt noui.
date operam, cum silentio animum attendite,
ut pernoscatis quid sib Eunuchus uelit.

para que possam entender o que o *Eunuco* tem a dizer. (Texto latino e tradução extraídos da dissertação de Nahim Santos Carvalho Silva, 2010, p. 70, grifos nossos).

Silva (2010, p. 20), cuja tradução aduzimos, afirma que "Na obra de Plauto jamais aparece polêmica literária"; no entanto Terêncio não seria o inventor do prólogo polêmico, pois – seguindo Hunter (em *The new comedy of Greece and Rome.* New York: Cambridge University Press, 1985, p. 30-33) –, Calímaco, no proêmio dos *Áitia*, apresenta uma polêmica literária com dar justificativa a seu modo compositivo. Procede com análise desse prólogo (2010, p. 23-26) apontando seu tom judicial (*iudicare poteritis*), organização textual calcada em divisões preconizadas pelo ensino retórico, a *dispositio*, com "[...] o exórdio [*exordium*] (vv. 1-19), a *narratio* (vv. 19-19), a *refutatio* (vv. 30-43) e o epílogo [*peroratio*] (vv. 44-5)" e cuja função é captar a benevolência dos espectadores. Assim, continua Silva (2010, p. 23-24), o *éthos* do poeta é construído como pessoa dócil que busca agradar à maioria, sem causar danos, e que se defende porque foi atacado; e, sobre o uso de *furtum*, segue Tonioli (em *Os adelfos de Terêncio*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1961, p. 53), que menciona uma convenção antiga segundo a qual "os modelos gregos só fossem utilizados uma única vez", e, por isso, Terêncio diz não saber do *Cólax* em latim. McElduff (2012, p. 91-92) concorda que em Terêncio há o reconhecimento de que tomar emprestado a um autor romano é roubo, mas não quando se trata de autor grego; sobre *bene uortendo et easdem scribendo male*, ela não entende aí "bem traduzir" como tradução literal porque: Plauto não se referia à tradução literal, e sim a uma reelaboração ou retorno ao momento de escrita para recriar a obra em latim, adaptando-a; ora, então por que Terêncio o faria? *Bene uortendo* indicaria que o adversário de Terêncio transpõe a cena grega em palco romano sem os ajustes necessários à audiência e ao contexto, escrevendo desse modo peças ruins, e assim Terêncio responderia a uma crítica por ter contaminado (*contaminatio*) suas obras ao utilizar mais de um modelo, selecionando episódios para sua própria criação (Silva, 2010, p. 24 também segue este raciocínio). Aline da Silva Lazaro Bragion, em sua tese de doutorado, intitulada *Humor e metalinguagem nos prólogos de Terêncio*, assim traduz esses versos (2020, p. 65): "Esse outro,

que traduz bem comédias ao mesmo tempo em que compõe / mal dos bons modelos gregos fez peças latinas não tão boas", e explica:

> Poderíamos supor, na esteira de Barsby (1998, p. 84), que a crítica de Terêncio é ao fato de seu inimigo, por melhor tradutor do grego que fosse, ter falhado ao adaptar a representação de uma comédia grega para o público romano, nomeadamente no que diz respeito a procedimentos jurídicos que vigorariam à época em Roma. No entanto, tal hipótese presume que a comédia de Menandro já seguiria tal exposição invertida dos acontecimentos – o que, como acontece com esse tipo de especulação sobre modelos perdidos, não se pode verificar. (p. 66).

E, mais à frente, assim define a questão (p. 67, negritos nossos):

> Ao que parece, quando os adversários de Terêncio o acusam de "contaminar" suas comédias, eles, com efeito, estariam reprovando o fato de nosso poeta dar-se uma liberdade a que não teria direito (Tonioli, 1961, p. 50). **Segundo tal visão, o poeta, ao misturar modelos, inovava quando deveria apenas traduzir (*uortere*), e por isso ele "estragava" os modelos que adaptava para o público romano**. Mas parece ser precisamente essa sua técnica de *imitatio* (que vai além da simples versão em 'língua bárbara', para usar aqui a expressão plautina) que nosso poeta enaltece – uma técnica já empregada, segundo ele afirma, por autores romanos precedentes e prestigiados. Por isso, tanto este como os demais prólogos de Terêncio nos dão a entender que o poeta não estaria meramente se desculpando de fato nesses versos de *Eunuco*, mas vai além disso, aproveitando a oportunidade de resposta para defender o valor de sua arte e de um modo de fazer comédias: a liberdade de misturar modelos (gregos), embora respeitando o limite de não usar comédias romanas (já adaptações de peças gregas) como matéria-prima para as suas.

De sua pesquisa, Bragion (2020, p. 133-9) conclui, entre outras considerações, que os prólogos de Terêncio funcionam retoricamente, como no caso do lugar-comum da defesa que o poeta faz contra ataques de adversários – quer se trate de defesa de críticas reais ou não – assim como vimos de modo similar no caso de gramáticos (MANOEL, 2014) ao destacarem-se como inovadores –, o que levará à *captatio beneuolentia*. Ou seja, buscar referências externas e concretas a partir das palavras de Terêncio pode, não raro, nos fazer passar despercebida, ou manter escondida, essa arte de composição que, como Bragion demonstra, não ocorre ao acaso, mas de modo sistemático em todas as seis comédias supérstites desse comediógrafo.

Maurizio Bettini (2012, p. 61-73) faz uma análise prolongada sobre esse texto prefacial de Terêncio no *Eunuchus* partindo de duas possibilidades de interpretação sobre *bene uortendo et easdem scribendo male* apontadas no século IV d.C. pelo tutor de São Jerônimo, Élio Donato, quais sejam: 1. o poeta usou *bene* como *ualde*; assim "[...] a mutação ou transformação

(*uertendo*) a que Lúcio sujeitou o texto original teria sido particularmente forte ou intensa" ou 2. "[...] neste caso, *uertendo* não significa 'traduzir', mas 'corromper'"[143]. Mas Bettini logo discorda do gramático (2012, p. 62): "[...] *bene* não pode senão expressar uma opinião positiva, a intensidade não está envolvida; ao passo que *uertendo* só pode significar 'traduzir', de acordo com o uso que os autores de *palliatae* fazem do verbo *uertere*"[144]. Logo, *uertere* seria um jargão próprio desse gênero. Vejamos, ainda, a súmula que Bettini faz da interpretação moderna desses versos (p. 62): "A interpretação desses versos enigmáticos dada pelos modernos é que Lúcio Lanuvino – o velho e malévolo poeta – teria traduzido de modo servil o texto grego, ou seja, de modo muito literal: traduziu bem, certamente, fiel à letra do texto grego, mas por isso mesmo escreveu mal, e de boas comédias fazia más"[145]. Essa intepretação, com a qual parece concordar Bragion (2020), vai ao encontro do que vimos sobre o *fidus interpres*: não em oposição, mas em postura diversa daquela do *auctor*. Ora, pois assim Terêncio estaria criticando em seu adversário, quer seja ou não o *uetus* Lúcio Lanuvino, esse procedimento "escolástico" de tradução, oposto ao processo imitativo e criativo, autoral, de Terêncio. A questão estaria encerrada como que matematicamente. No entanto, Bettini faz uma ressalva que não podemos desconsiderar (p. 63):

> A ironia de Terêncio dirigir-se-ia, portanto, contra quem traduz bem no sentido, se assim se pode dizer, do que é escolasticamente correto: e por isso mesmo escreve mal, como ocorre com todos os tradutores muito preocupados em permanecer fiéis ao *wording* do original. Mas será mesmo isso? O fato de Donato não ter em mente essa explicação aparentemente óbvia deveria nos colocar em guarda. Pelo contrário, deve-se lembrar que o antigo comentarista propunha, quando muito, a hipótese oposta, ou seja, que Lúcio teria mudado, transformado muito intensamente o texto original. Em suma, ele teria sido um tradutor tudo menos fiel, isto é, servil, para usar categorias caras aos modernos.[146]

---

[143] Cf. (p. 62): "[...] la mutazione o transformazione (*vertendo*) a cui Luscio aveva sottoposto il testo originale sarebbe stata particolarmente forte o intensa. [...] in questo caso vertendo voglia dire non 'traducendo', ma 'corrompendo.".

[144] Cf.: "[...] bene non può che esprimere un giudizio positivo, l'intensità non c'entra; mentre *vertendo* non può che voler dire 'traducendo', secondo l'uso che gli autori di palliatae fanno del verbo *vertere*.".

[145] Cf.: "L'interpretazione che di questi enigmatici versi viene data dai moderni è che Luscio Lanuvino – il vecchio e malevolo poeta – avrebbe tradotto pedissequamente il testo greco, ossia in modo troppo letterale: ha tradotto bene, certo, fedele alla lettera del testo greco, ma proprio per questo ha scritto male, e da commedie buone ne ha tratte di cative".

[146] Cf.: L'ironia di Terenzio si rivolgerebbe dunque contro chi traduce bene nel senso, se si può dir così, dello scolasticamente correto: e proprio per questo scrive male, come accade a tutti i traduttori tropo preoccupati di restare fedeli al wording dell'originale. Ma è davvero così? Già il fato che a Donato non sai venuta in mente questa spiegazione, aparentemente tanto ovvia, dovrebbe metterci in guardiã. Si rammenti anzi che l'antico commentatore prospettava, se mai, l'ipotesi oposta, ossia che Luscio avrebbe mutato, transformato tropo intensamente il testo

Para que essa explicação fosse óbvia a Donato, talvez ele tivesse de compartilhar de conceitos e ideias sobre a tradução exclusivamente posteriores ao seu tempo – porventura esses mesmos conceitos e ideias que nos fizeram, seguindo "os modernos", Bragion e Silva, entender de modo semelhante os versos de Terêncio: justamente por traduzir bem, isto é, de modo fiel, literal, é que escreveu/compôs mal. Mas nos parece que, se hoje nossas preocupações com fidelidade, literalidade e liberdade não estavam ainda à vista no horizonte de Terêncio e Cícero, possivelmente suas sombras, por assim dizer, já deveriam marcar a retina de Donato, não somente coetâneo, mas também tutor de São Jerônimo. Daí o *bene* com sentido de intensidade na visão de Donato não ser algo tão improvável, não só por ele ser um gramático, como por ser falante nativo de latim. A propósito, no *OLD* há o verbete *bene*, em cujas acepções 13 e 14 temos, respectivamente:

- "Thoroughly, completely, well. **b** (after *wix, non*, etc.). **c** (as an intensive to strenghten the idea contained in the verb)": dos exemplos arrolados em **c** destacamos de Cícero, *Ver*. II, 5, 108, *homo bene adpositus ad istius audaciam*, cuja tradução, no *site* Perseus[147], de C.D. Yonge, é "a **very** suitable tool for the audacity of Verres" (negrito nosso, "homem muito apto à audácia desse aí"). Cumpre citar, ainda, a referência dada na página, onde se lê: "M. Tullius Cicero. The Orations of Marcus Tullius Cicero, **literally** translated by C. D. Yonge. London. George Bell & Sons. 1903.", em que grifamos *literally*, isto é, "literalmente", porque, para o tradutor, nesse caso, *bene* é sim "muito", indica intensidade, portanto de acordo com o que diz Donato. Curiosa, ainda, é a menção a *literally* para designar a tradução de *bene* por *very*. De modo semelhante, na edição da Loeb, com tradução de L. H. G. Greenwood, temos "a most suitable tool for the unscrupulous Verres (CICERO, 1935, p. 585)".[148]

- "(w. adj. or adv.) Thoroughly, well, nicely, pretty, quite. **b** (after *wix, non*, etc.)": de cujos exemplos arrolados destacamos outros dois de Cícero. Em primeiro lugar, novamente do discurso *Contra Verres*, 2, 169, *bene penitus in istius familiaritatem sese dedit*. Por algum erro, esse trecho não apresenta tradução no

originale. Insomma sarebbe stato un traduttore tutt'altro che fedele, ovvero pedissequo, per usar ancora categorie care ai moderni.

[147] Disponível em: http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0018%3Atext%3DVer.%3Aactio%3D2%3Abook%3D5%3Asection%3D108, acesso em: 7 maio 2021.

[148] CICERO. *The Verrine Orations, Volume II: Against Verres, Part 2, Books 3-5*. Translated by L. H. G. Greenwood. Loeb Classical Library 293. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1935.

> *site* Perseus, contudo, por se tratar de tradução já em domínio público, encontramos em outro local[149] do seguinte modo "had got **into such** familiarity with [Verres]" (negritos nossos); na tradução de L. H. G. Greenwood, da Loeb, temos "worked his way very thoroughly into intimacy with Verres" (CICERO, 1928, p. 475)[150]. Em segundo, *De Or*. 2, 259, *si ad te bene ante lucem venisset*, que Scatolin (2009, p. 243) traduz por "se fosse a tua casa antes do amanhecer", em que esse advérbio *bene* não foi considerado, mas H. Rackham traduz por "if he were to visit you **well** before daylight" (CICERO, 1942, p. 393, negrito nosso)[151], em que *bene* é dado por "well", que pode ser substantivo, verbo e, como neste exemplo, advérbio com o sentido de intensidade, ou "thoroughly".[152]

Em português, "bem" como advérbio também exprime intensidade, como no exemplo "A prova foi bem difícil"[153], e o mesmo ocorre em italiano.[154] Mas, ainda no *OLD*, na acepção 11, temos "With the result that one would wish, sucessfully, fortunately. **b** ~ *uertere* (*uortere*), *uerruncare* (usu. in wishes), to turn out well; ~*uertere* (also) to cause to turn out well [...]", porém nenhum dos exemplos (nem aqui, nem nas demais acepções), relaciona *bene* e *uertere* no contexto e sentido de tradução.

Voltando ao caso de *bene uortendo et easdem scribendo male ex Graecis bonis Latinas fecit non bonas*, da peça *Eunnuchus*, Bettini recorre ao prólogo de *Adelphoe*, que Terêncio afirma ter mantido *integer* em relação ao original de Menandro, para mostrar que ali Terêncio defende a tradução literal com *uerbum de uerbo expressum extulit*, a respeito de episódio tirado

---

[149] Em *The Online Library of Liberty*, porém se trata de edição de 1916, em 4 volumes, de modo que esse texto das verrinas está no primeiro volume. Disponível em: https://oll-resources.s3.us-east-2.amazonaws.com/oll3/store/titles/570/Cicero_0043-01_EBk_v6.0.pdf, acesso em: 8 maio 2021.

[150] CICERO. *The Verrine Orations, Volume I: Against Caecilius. Against Verres, Part 1; Part 2, Books 1-2*. Translated by L. H. G. Greenwood. Loeb Classical Library 221. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1928.

[151] CICERO. *On the Orator: Books 1-2*. Translated by E. W. Sutton, H. Rackham. Loeb Classical Library 348. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1942.

[152] De acordo com o dicionário *Merriam Webster* on-line, em: https://www.merriam-webster.com/dictionary/well, acesso em: 7 maio 2021.

[153] Exemplo extraído do dicionário *Aulete* on-line: https://aulete.com.br/bem.

[154] Acepção 7 no dicionário on-line *Corriere della Sera* (disponível em: https://dizionari.corriere.it/dizionario_italiano/B/bene_1.shtml, acesso em: 8 maio 2021) e acepção 10 do dicionário on-line *Olivetti* (disponível em: https://www.dizionario-italiano.it/dizionario-italiano.php?parola=bene, acesso em: 7 maio 2021.

de Dífilo e não de Plauto. Bragion (2020, p. 65), em nota de rodapé de número 85, relaciona ambos os excertos:

> Note-se que, aqui, o verbo usado é *facere* [no *Eunnuchus*, com *fecit non bonas*], "fazer", com o que se parece admitir que a autoria das peças romanas, ainda que adaptadas, é de quem a adapta. Cf., porém, o prólogo de *Adelfos* em que o poeta afirma (ironicamente?) ter traduzido 'palavra por palavra' de seu modelo grego (*in Adelphos, uerbum de uerbo expressum extulit*).

Para Bettini não há ironia de Terêncio em *uerbum de uerbo expressum extulit*, pois (p. 64): "Esta afirmação mostra de fato que Terêncio não tem nada contra a chamada tradução literal"[155].

Com efeito, se interpretar partes específicas pode ser desafiador, quão mais difícil se torna a questão ao analisar o conjunto da obra. Concordamos com Bragion (2020) que os prólogos de Terêncio, em conjunto, apresentam lugares-comuns retóricos e fazem parte da arte de composição do poeta. Deste modo, não é necessariamente porque no *Eunnuchus* Terêncio – se este for realmente o sentido – critica a tradução literal com *bene uortendo* que ele jamais lançará mão desse expediente, como assumirá – quer ironicamente, quer não – na obra *Adelphoe*. Uma coisa não exclui a outra e, se não podemos acreditar piamente nos gramáticos, quando criticam seus antecessores e dizem fazer algo inédito (MANOEL, 2014), nem nos rétores, como o *Auctor* na *Rhetorica ad Herennium* ou Cícero no *De inuentione* e *De oratore*, que quase sempre dizem escrever instados por outrem e porque se encontram em momento de descanso, que diremos nos caso de comediógrafos?

Aos olhos de Bettini, Terêncio não poderia afirmar coisas conflitantes em diferentes prólogos, com criticar Lúcio num lugar (*Eunnuchus)* por traduzir literalmente e, em outro (*Adeplhoe*), usar da tradução literal como defesa a uma acusação de *contaminatio* – que, aliás, só é *contaminatio* se realizada entre pares romanos, e não quando o empréstimo é tomado dos modelos gregos – sem que estivesse criticando a si mesmo.

Entre esses pontos acreditamos que haja uma justa medida: possivelmente traduzir literalmente uma obra inteira fosse algo bem distinto de traduzir partes. O primeiro procedimento pode ser servil, ao passo que o segundo, quando ocorre *contaminatio* ou, como faz Plauto, alterações de nomes de personagens e episódios, é o ato autoral por excelência.

---

[155] Cf.: "Questa affermazione mostra infatti che Terenzio non ha nulla contro la cosidetta traduzione letterale, anzi".

Contudo, Bettini dá explicação formidável para o significado do *male scribendo* de Terêncio: refere-se não à tradução, quer seja literal, quer não seja, mas a um erro de composição de acordo com os gêneros propriamente romanos. Especificamente, um erro na *dispositio* dos argumentos (p. 66). E, assim, Bettini, novamente, e com argumentação didática e exemplar, aponta como nós, "modernos", lançamos nos antigos preocupações que lhes eram alheias, como a da fidelidade a um texto ao autor, quando, do último exemplo, vimos que, se havia fidelidade, esta se dava antes às regras de composição.

Por fim, quanto a *bene uortendo*, Bettini acredita que se trate de ironia, sim, e entende que Lúcio traduziu bem segundo seus próprios conceitos, e justamente por isso escreveu mal, ou compôs mal, suas comédias. Essa conclusão nos faz deduzir a partir do debate constante nesses prólogos: para Lúcio, segundo Terêncio, a *contaminatio*, isto é, a mistura de episódios de diferentes autores gregos, seria recriminada, ao que Terêncio responde ter seguido já os exemplos de seus antecessores e pares. E mais, sobre a acusação de *furtum*, Terêncio se defende ao dizer que traduziu literalmente, ou palavra por palavra, de Dífilo, e não que teria tomado um episódio de Plauto, da obra *Commorientes.* Em suma, Terêncio defende seu modo de composição manejando criativamente os modelos gregos, sem roubar ou plagiar seus pares romanos. McGill (2012, p. 41) informa que essas acusações e defesas de roubo literário, ou plágio, servem em grande parte como artifício para determinado autor angariar reconhecimento para a própria óbria, pois, com defender-se de uma acusação de plágio, como no caso de Terêncio, o poeta situa-se no ponto alto de quem é atacado por fazer sucesso, além de ter aquelas comentadas possibilidades de usar a oportunidade retoricamente.

Todavia, Bettini chega a uma conclusão com a qual não podemos concordar inteiramente, vejamos (2012, p. 72-3):

> O que está em jogo, portanto, não é o conceito do tradutor mais ou menos servil – e, como tal, não original – mas o conceito moral e não literário, de honestidade profissional entre os pares autores de *palliatae*. O ato de tomar posse de um texto grego para fazer uma comédia a ser encenada em Roma – coisa que os poetas cênicos latinos faziam desde o início – não é minimamente considerado ou definido como *furtum*. Essa categoria se dá somente quando o texto de que se empresta pertence a outro comediógrafo romano. Isso mostra que os limites da propriedade literária, por assim dizer, em Roma coincidiam com os da língua e da cultura da cidade: somente pegar de dentro era considerado *furtum*, pegar de fora não era. Sobretudo, porém, os ataques polêmicos de Lúcio mostram mais uma vez que o problema da originalidade do tradutor como o entendemos – ou seja, a capacidade de se separar criativamente do texto de partida – não fazia parte do horizonte cultural compartilhado pelos poetas cênicos romanos. Ou seja, não foi considerado um

> parâmetro para orientar a qualidade, boa ou ruim, de uma tradução. O que poderia incomodar um dramaturgo do século II a.C. não era o fato de um colega ter ficado muito próximo da letra do modelo grego – ou, ao contrário, se distanciado demais –, mas de ter roubado cenas ou personagens de outro poeta romano. O fato é que estamos acostumados a acreditar que nossos ancestrais pensavam como nós em tudo, inclusive sobre a tradução.[156]

Concordarmos que o fulcro da questão não seja o conceito de tradução ou o papel de tradutor – papel esse ainda não bem definido e separado do de autor, conforme mantemos –, nem de originalidade, mas sim e justamente o de autoria. Lúcio ou Terêncio, qual deles era de fato um autor e, portanto, detinha autoridade e, por consequência, legitimidade perante os pares? Lúcio e Terêncio, aqui tomados agora como representantes ou vozes de possíveis correntes contrárias existentes à época, concordam numa coisa: o plágio ou furto ocorre somente quando se dá entre pares romanos. Mas discordam nos procedimentos de composição. Pesa mais a crítica contra Lúcio por não seguir as regras de composição retóricas compartilhadas, *bene uortendo*, isto é, ironicamente, comédia de Menandro. Assim, subentende-se que para Terêncio o *bene uortere* implica, ao manejar modelos gregos, seguir as regras de composição coetâneas e mesmo misturar episódios de um e outro (*contaminatio*) para compor uma nova obra. Quer seja de fato atribuído a pessoas reais, quer seja uma construção retórica, o que esse debate mostra *per se* é que, no âmbito autoral, poderia haver concorrência e quais eram os temas importantes: não a originalidade, mas a autoridade, capacidade criativa de criar boas comédias, no caso, seguindo regras compartilhadas, aquelas oriundas do ensino gramático-retórico, além de uma convenção ou acordo entre os autores romanos de não tomar empréstimos uns aos outros. E a relação entre modelo(s) e nova obra, se não nos termos e conceitos de que hoje utilizamos, fomentava alguma discussão sobre abordagem, então entendida como mais ou menos servil. Lúcio pode sim ter sido mais servil, e por isso sua capacidade e autoridade como poeta é posta em xeque, e tal servilismo se define em uma

---

[156] Cf.: "Quel che è in gioco non è dunque il concetto del traduttore più o meno pedissequo – e como tale non originale – ma quello, morale e non letterario, dell'onestà professionale nei confronti dei colleghi autori di palliatae. L'atto di impossessarsi di un testo greco per trarne una commedia da mettere in scena a Roma – cosa che i poeti scenici latini facevano peraltro fin dall'inizio – non è minimamente considerato o definito furtum. Questa categoria scatta solo quando il testo di cui ci si impadronisce appartiene a un altro commediografo romano. Il che mostra che i confini della proprietà letteraria, per chiamarla cosí, a Roma coincidevano com quelli della língua e della cultura della città: solo prendere da dentro era considerato furtum, prendere da fuori non lo era. Soprattuo, però, gli attacchi polemici di Luscio mostrano ancora una volta che il problema dell'originalità del traduttore cosí come la intendiamo noi – ossia la capacità di distaccarsi creativamente dal testo di partenza – non rientrava nell'orizzonte culturale condiviso dai poeti scenici romani. In altre parole, non era considerato un parametro in base al quale guidicare la qualità, buona o cativa, di una traduzione. Quello che poteva infastidire un autore di teatro del II secolo a.C. non era il fatto che un colega rimanesse tropo vicino alla lettera del modelo greco – o che, inversamente, se ne distaccasse tropo – ma che rubasse scene o personaggi a un altro poeta romano. Il fatto è che siamo tropo abituati a creder che in nostri antenati la pensassero come noi su tutto quanto anche sulla traduzione".

questão de medida, isto é, se apenas um modelo, e não alguns episódios, deriva, pela tradução literal, em nova obra, menos criatividade e propriedade com os modelos terá seu autor. Não se trata apenas de uma questão de língua, mas ética, como diz Bettini, porém o tradutor servil, essa alcunha pejorativa, rebaixa o *status* do adversário e não pode ser desconsiderada: não é o ponto central, mas está no pano de fundo.

Encerremos por ora esta dramática digressão com Terêncio, que faleceu meio século antes do nascimento de Cícero, para termos algums compreensões de como essas discussões em seus prólogos, assim como os ainda anteriores de Plauto, de algum modo fizeram parte da formação do Arpinate.

4 CÍCERO: PALAVRA POR PALAVRA?

Bettini (2012, p. 74-87) apresenta uma resposta a uma aparente contradição em Cícero resultante de suas declarações em *De finibus* I, 4 e *Academica* I, 3,[157] respectivamente, ambas as obras escritas à mesma época, em 45 a.C., infracitadas:

Iis igitur est difficilius satisfacere qui se Latina scripta dicunt contemnere. In quibus hoc primum est in quo admirer, cur in gravissimis rebus non delectet eos sermo patrius, cum iidem fabellas Latinas **ad verbum e Graecis expressas** non inviti legant. [158]	Portanto, é mais difícil satisfazer àqueles que dizem desprezar os textos em latim. Neles admiro sobretudo isso: que, quanto aos assuntos mais relevantes, não lhes agrada o discurso pátrio, quando eles leem sem má vontade as peças latinas *ad uerbum e Graecis expressas*.
[...] quid enim causae est cur poetas Latinos Graecis litteris eruditi legant philosophos non legant? an quia delectat Ennius Pacuvius Accius multi alii **qui non verba sed vim** Graecorum expresserunt poetarum [...].[159]	[...] qual o motivo para que os eruditos em letras gregas leiam os poetas latinos e não leiam os filósofos? Será porque lhes agradam Ênio, Pacúvio, Ácio, e muitos outros, que expresseram não as palavras, mas a força dos poetas gregos?

A comparação é problemática, ou um "pensiero che disturba" (BETTINI, 2012, p. 78), porque temos Cícero à mesma época, em obras igualmente filosóficas, dizendo, de um lado, que as peça latinas "traduzidas literalmente"[160] agradam a alguns e, de outro, que essas peças agradam mas não foram traduzidas literalmente. Para resolver essa questão, isto é, a contradição entre as duas passagens supramencionadas, Bettini argumenta que Cícero não queria, com *ad*

---

[157] Lewis (1986, p. 169) também recorre a essa obra para dizer que *imitari* e *interpretari* referem-se a processos diferentes, sendo o último verbo exclusivo e sempre usado para a tradução e, no caso de Cícero, com sentido pejorativo: "A identificação de *imitari* como palavra para tradução também é sustentada pelo seu uso com outras palavras que são empregadas para se refrir à tradução. Cícero, em suas discussões da importância do estudo filosófico, comenta [*Acad.* I, 2, 8]: 'E, ainda, naqueles nossos mais velhos, que imitaram, e não traduziram, Menipo, encontramos alguma graça, muita mistura de profunda filosofia [...]' ... Embora as palavras *imitati* e *interpretati* pareçam denotar diferentes processos, é mais provável que Cícero esteja usando *interpretari*, que sempre se refere à tradução, em seu sentido pejorativo em relação à tradução palavra por palavra. ("The identification of imitari as a translation word is also supported by its use together with other words which are used to refer to translation. Cicero in his discussion of the importance of philosophical study coments {Acad., I, 2, 8): Et tamen in illis ueteribus nostris, quae Menippum imitati non interpretati, quadam hilaritate conspersimus, multa admixta et intima philosophia […] ... Although the words imitati and interpretati seem to denote different processes, it is more likely that Cicero is using interpretati, which always refers to translation, in its pejorative sense in connection with word-for-word translation.").

[158] CICERO. *On Ends*. Translated by H. Rackham. Loeb Classical Library 40. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914, p. 4-6.

[159] CICERO. *On the Nature of the Gods. Academics*. Translated by H. Rackham. Loeb Classical Library 268. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1933, p. 421.

[160] Rackham (1914, p. 5) dá "word for word".

uerbum, dizer o que hoje entendemos como "palavra por palavra". Assim, parte de breve análise gramatical em que compara *ad uerbum* com as expressões *ad modum, ad exemplum, ad normam* e *ad imaginem* para concluir que *ad uerbum* significa "de acordo com o *uerbum*" ou "segundo o *uerbum*". Então, volta a Terêncio, em *Eunnuchus*, 174, para mostrar que *uerbum* não se refere apenas a palavra:

verum tamen potius quam te inimicum habeam, faciam ut iusseris. utinam **istuc verbum** ex animo ac vere diceres 175 "**potius quam te inimicum habeam**"	[...] na verdade, antes que tê-lo como inimigo, prefiro fazer como você mandar. [175] Fédria: Quem dera você dissesse **isso** de coração e mente: "**antes de que tê-lo como inimigo**"! (Texto latino e tradução extraídos da dissertação de Nahim Santos Carvalho Silva, 2010, p. 70, grifos nossos).

Fédria, então, refere-se a uma oração (*potius quam te inimicum habeam*) como aposto, a explicação do que é *istuc uerbum*. Bettini Recorre ainda a um exemplo de Tito Lívio (*Ab Urb.* XIX, 17, I, *absit inuidia uerbo*) e a um verso da *Eneida* (VI, 547: *tantum effatus, et in uerbo vestigia torsit*, que Manuel Odorico Mendes traduz por "Nisto, o passo torcendo, se retira", [s.d., p. 234], que Bettini interpreta como se Deífobo já estivesse se afastando não apenas ao terminar sua fala, mas ainda enquanto falava) para concluir que *uerbum* não significa necessariamente "palavra", mas também "enunciado".

Tal sentido já é registrado pelo próprio *OLD*, na acepção 5: "(pl.) spoken words, talking, utterance, discourse, etc. **b** (sg.) the spoken word, speech", que traz somente como exemplos de **b** uma frase do *De oratore* I, 47, *uerbi enim controuersia iam diu torquet Graeculos homines contentionis cupidiores quam ueritatis* (que Scatolin traduz por "[...] a controvérsia em torno de uma palavra atormenta esses gregos mesquinhos, mais ávidos de discussão do que da verdade" [2009, p. 155], e Rackham[161] [1942, p. 37] traduz como "controversy about a word has long tormented those Greeklings, fonder as they are of argument than of truth."), e o provérbio *absit inuidia uerbo,* no já citado Tito Lívio (IX, 19.15) e em Aulo Gélio (10, 27.3).

É curioso como o *OLD* relaciona, no mesmo item da acepção 5, "palavra falada" ("spoken word") e "enunciado" ou "discurso" ("speech"), uma relação entre parte e todo, fornecendo exemplo único para "spoken word", qual seja, de Cícero. Desta observação surge a

[161] CICERO. *On the Orator: Books 1-2*. Translated by E. W. Sutton, H. Rackham. Loeb Classical Library 348. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1942.

dúvida de como essa acepção, no *OLD*, não poderia ter influenciado tradutores do *De oratore* de Cícero, como no caso de Rackham e Scatolin, ambos porventura seguindo a indicação do *OLD* e utilizando "a word" e "palavra", respectivamente, e, talvez, inviabilizado alguma interpretação para a oração, o discurso, tendo em vista ainda o contexto em que Crasso e Cévola estão justamente citando filósofos gregos e suas discussões:

> Havia, além disso, muitos filósofos ilustres e famosos, e eu via a todos eles, quase a uma só voz, afastarem o orador do leme das cidades, excluí-lo de toda doutrina e conhecimento dos temas mais elevados, relegá-lo e confiná-lo apenas aos tribunais e às assembléias populares de pouca monta, tal como a trabalhos forçados. 47. Mas eu mesmo não concordava com eles nem com o inventor e originador de tais discussões, de longe o mais solene e eloquente de todos na oratória, Platão, cujo *Górgias* li então cuidadosamente em Atenas, junto com Cármadas; nesse livro, admirava Platão sobretudo pelo fato de, ao zombar dos oradores, parecer ele próprio um excelente orador. De fato, já há muito a controvérsia em torno de uma palavra [...]. (SCATOLIN, 2009, p. 155).

Tornando ao *OLD*, na acepção 3, temos "A word (as the minimal or basic element in speech or language). **b** *uno ~o*, in a word, briefly; also *~o* alone. **c** *~o*, by a single word."); já na acepção 7 temos "(w. ref. to content) What one has to say, one's words", que entendemos talvez diferir do "speech" da acepção 5 com relação a um maior ou menor grau de abstração: aqui se refira provavelmente ao conteúdo ou às "palavras de alguém" determinado, ao passo que lá se refira provavelmente à categoria de um texto. Mas um dos exemplos parece não concordar, já que novamente Tito Lívio é citado com *absit inuidia uerbo* (XXVIII.39.11).

Absit **invidia verbo** et civilia bella sileant: nunquam [...].	**Proud word** I would not speak, but never—and may civil wars be silent![162]
(IX, 19, 15)	(Afaste-se a inveja do discurso e guerras civis silenciem-se: nunca [...])
sed— **absit verbo invidia**—ne posteris quidem timenda nostris esset.	[...] but even our descendants do not need to fear it—**without boasting** be it said![163]
(XXVIII, 39, 11)	[...] mas – sem presunção – nem mesmo aos nossos filhos há o que temer.

[162] LIVY. *History of Rome, Volume IV: Books 8-10.* Translated by B. O. Foster. Loeb Classical Library 191. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1926, p. 241.

[163] LIVY. *History of Rome, Volume VIII: Books 28-30.* Translated by Frank Gardner Moore. Loeb Classical Library 381. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1949, p. 157, essa opção por "without boasting", aliás, é *ipsis litteris* apontada como penúltimo exemplo da acepção II em Lewis & Short neste exato local.

Trata-se da mesma expressão em ambos os passos: *absit inuidia uerbo*. O contexto é similar, de guerra. No primeiro, fala-se da guerra dos romanos com os macedônios e de como, apesar de derrotas, nunca Roma esteve em perigo, nunca foi derrotada por infantaria, em campo aberto etc.; no segundo, vem à tona Cipião, que destruiu a Turdetânia, rival de Sagunto. De um lado *absit uerbo inuidia* porque se louva o fato de o exército romano ser superior; de outro, louva-se, novamente, o fato de uma tribo rival ter sido destruída. São contextos muito semelhantes, mas a mesma expressão aparece dicionarizada sob acepções diversas. Bettini assim interpreta o primeiro caso – pois não comenta, nem cita, o segundo: "il mio *uerbum* sia libero da invidia", isto é, "minha palavra esteja livre de inveja", bem como também podemos entender por "meu discurso esteja livre de inveja", ou mesmo "minha fala", "minhas palavras". Embora o sentido, concordamos com Bettini, não possa ser outro que não o do conteúdo, e não apenas de uma parte, de uma palavra única.

Na sequência desse arrazoado é que Bettini apresenta uma brilhante análise (2012, p. 81-83) chamando a atenção para o *prouerbium*: ele toma dois exemplos de provérbios (*vapula Papiria* e *sus Mineruam*) para mostrar que são metáforas em que a pessoa que os diz não está no momento se referindo a Papíria nem Minerva, mas há uma transferência ou comparação que situa os interlocutores para explicar determinada situação. Deste modo, o *pro-uerbium*, ainda seguindo Bettini "[...]constitui um enunciado de algum modo público, que não pertence a ninguém e pode circular indiferentemente na boca de qualquer um."[164] Dessa forma, liga-se a *prodicere* e *proloqui*, relacionado ao ato de falar em público algo que é justamente pertencente àquela comunidade. É disso que Bettini deriva e associa ao *prouerbium* sua autoridade (*autorevolezza*). No tópico seguinte de sua discussão (p. 84), intitulado "O *uerbum* entre oralidade e escrita" ("Il *verbum* tra oralità e scrittura"), Bettini chama-nos a atentar ao fato de que

> [...] nossa cultura – habituada há mais de dois mil anos a observar a língua através da lente da escrita – luta para recuperar uma dimensão em que o vocábulo e o discurso, o componente singular e a totalidade do enunciado, possam se dissolver um no outro. Mas convém resignar-se à ideia de que outras culturas, entre as quais a romana, olharam a língua de um modo diverso do nosso.[165]

---

[164] Cf. (p. 83): "[...] costituisce um enunciato in qualche modo pubblico, che non appartiene a nessuno e può circolare indiferentemente sulla boca di chiunque".

[165] Cf.: "[...] la nostra cultura – abituata da duemila anni e piú a osservare la lingua attraverso la lente dela scrittura – fa fatica a recuperare uma dimensione in cui il vocabolo e il discorso, la singola componente e la totalità

Bettini encerra o capítulo (p. 86-87) declarando que *ad uerbum*, no uso de Cícero ao falar sobre Cecílio, Terêncio e Pacúvio, quer dizer "segundo o discurso", ou seja, sem uma nova *ordo scribendi*; portanto, o modo de traduzir *ad uerbum* empregado por esses autores era diferente daquele que Cícero diz utilizar, como orador, no momento de composição do texto *De optimo genere oratorum* – 52 a.C., poucos anos antes de sua empreitada filosófica, mas trinta e dois anos após *De inuentione*, e, assim como se compara o desenvolvimento do jovem Cícero deste texto e o maduro Arpinate do *De oratore*, possivelmente podemos imaginar que houve um desenvolvimento na metodologia do *uertere*.

De volta, e finalmente, ao *OLD*, temos na acepção 8 de *uerbum* "The actual words used (on any occasion), wording. **b** *ad ~um, ad ~um de ~o,* and sim. (in phrs. indicating literalness of translation) word for word, or the like; (also w. ref. to verbatim copying, learning by heart). [...] **b** *eum Plautus locum reliquit integrum, eum hic locum sumpsit sibi* ***in Adephos, ~um de ~o expressum*** TER.*Ad.*II; ***non ~um pro ~o necesse habui reddere, sed genus omne uerborum uimque seruaui*** **CIC.Opt.Gen.14**; *tibi omnem illius meumque sermonem ominbus ~is expressum statim mittam Att.*9.15.3; ***fabellas Latinas ad ~um*** *e Graecis expressas Fin.*I.4; ***nec ~o ~um curabis reddere fidus interpres*** **HOR.*Ars* 133**; *ad ~um tralata sententia* Plin.*Nat.*18.65; *hanc partem uocant Hermagnei κατ'αντίληπιν ad intellectum id nomen referentes: Latine ad ~um translatam non inuenio, absoluta appellatur* QUINT.*Inst.*7.4.4; GEL.II.16.3; [...]. Ou seja, na mesma acepção o *OLD* arrola o exemplo trabalhado por Bettini em *ad uerbum e Graecis expressas* e o de Cícero em *uerbum pro uerbo [...] reddere* com o sentido de tradução literal "literalness of translation". Mesmo sem mencionar, Bettini relativiza essa visão e acreditamos que não esteja descoberto de argumentação, de modo a fornecer uma contribuição que nos auxilie a ter mais um ângulo de interpretação sobre esse manejo feito por Terêncio, Cícero e Horácio – justapostos na exemplificação do *OLD* (8) – segundo o qual os procedimentos, nessas três esferas distintas de composição representadas pelos respectivos autores, não correspondam à tradução literal simplesmente.

Anna Busetto (2015, p. 313) faz uma resenha do livro de Bettini (2012) e, sobre explicação que ele faz de *ad uerbum*, diz: "se traduzir *ad uerbum* não implica necessariamente o uso das mesmas palavras do original, tal prática não está, contudo, excluída, como declara

---

dell'enunciato, potevano sfumare l'uno nell'altro. Conviene però rassegnarsi all'idea che altre culture, fra cui quella romana, hanno guardato ala lingua in un modo diverso dal nostro".

Bettini" [166] e indica que Eugráfio[167] – que não é citado por Bettini –, já havia entendido *bene uortendo et easdem scribendo male*: "[...] parece que Eugráfio entendeu **corretamente** o sentido do texto terenciano [...]" (p. 312, grifo nosso)[168]. Ou seja, Busetto concorda com Bettini – e ambos com Eugráfio – que nesses versos de Terêncio não encontramos a tradução literal, e sim um procedimento mais ao sabor da tradução livre, quer seja quanto ao conteúdo, com possibilidades de adaptação, quer seja quanto às palavras, disposição e estilo. Aduzimos a seguir excertos dos comentários de Donato (p. 267, 271 e 275) e Eugráfio (p. 41-42) sobre o prólogo do *Eunuchus* e que ensejaram esta já prolongada discussão.

Donato[169]	Eugráfio[170]
facta autem ex duabus Graecis una est Latina, nam ex Eunucho et Colace Menandri fabulis haec Eunuchus Terentiana scripta est, non sine crimine, quod multa in hanc translata sint ex multis poetis Latinis: quod totum per prologum purgat ataque defendit	
[...] foi feita, assim, de duas [peças] gregas e uma latina, pois das obras *Eunuco* e *Cólax* de	

[166] Cf.: "[...] se tradurre ad verbum non implica necessariamente l'uso delle stesse parole dell'originale, una tale pratica non è nemmeno esclusa, come Bettini peraltro dichiara [...]".

[167] No sítio eletrônico *Oxford Classical Dictionary* (disponível em: https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-2537, acesso em: 5 out. 2021) consta entrada publicada em 22 de dezembro de 2015 que indentifica Eugráfio como pertencente ao início do século VI de nossa era, "autor de um comentário sobre Terêncio (editado por P. Wessner, *In Donati Commetum*, 3. 1). Seu interesse está sobretudo nas qualidades retóricas e caracterização das peças e faz pouco mais que parafrasear o texto de Terêncio. Ele provavelmente conhecia o comentário de Donato sobre Terêncio e o de Sérvio sobre Virgílio" ("Eugraphius (early 6th cent. ce), author of a commentary on *Terence (ed. P. Wessner in Donati Commentum, 3. 1). His interest is chiefly in the rhetorical qualities and characterization of the plays, and often he does little more than paraphrase the text of Terence. He probably knew the commentary of *Donatus (1) on Terence and that of *Servius on Virgil"). Em *Brill's New Pauly* (disponível em: https://referenceworks.brillonline.com/search?s.f.s2_parent=s.f.book.brill-s-new-pauly&search-go=&s.q=eugraphius, acesso em: 5 out. 2021) encontramos a mesma datação e descrição semelhante. Já o Perseus traz a seguinte identificação dada por William Smith em *A Dictionary of Greek and Roman biography and mythology* (London: John Murray: printed by Spottiswoode and Co., New-Street Square and Parliament Street, 1848, grifos nossos. Disponível em: http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0104:entry=eugraphius-bio-1. Acesso em: 5 out. 2021): "[...] um gramático latino, que se acredita ter florescido até o final do século X. Ele é o autor de poucas notas sem importância sobre Terêncio, referindo-se principalmente aos prólogos" ("[...] a Latin grammarian, who is believed to have flourished as late as the end of the tenth cen. He is the author of a few unimportant notes upon Terence, referring chiefly to the prologues").

[168] Cf.: "[...] sembra che Eugrafio avesse compreso correttamente il senso del dettato terenziano".

[169] WESSNER, P. (Ed.). *Aeli Donati quod fertur Commentum terenti accedunt Eugraphi commentum et Scholia Bembina*. Vol I. Lipsiae: Teubneri, 1902, p. 267, 271, 275). (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana).

[170] WESSNER, P. (Ed.). *Aeli Donati quod fertur commentum Terenti accedunt Eugraphi commentum et Scholia Bembina*. Vol II. Lipsiae: Teubneri, 1902, p. 41-42. (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana). Disponível em: https://digiliblt.uniupo.it/download.php#. Acesso em: 5 out. 2021.

Menandro o *Eunuco* terenciano foi escrito, não sem crime, porque nela muitas coisas foram tomadas de muitos poetas latinos: pelo que no prólogo inteiro se desculpa e defende	
7 1 QVI BENE VERTENDO ‘bene’ pro ualde. 2 *ET VERTENDO*. in Latinam linguam transferendo, ut (*Plautus Trin. Prol. 19*) ‘Plautus uertit barbare’. 3. Aut VERTENDO corrumpendo.	7 (7) QVI BENE VERTENDO ET EASDEM SCRIBENDO MALE. bene uertere est de Graeco in Latinum, male scribere est male uerba componere.
7 1 QUE, AO VERTER BEM, “bem” aqui significa “inteiramente”. 2. E VERTENDO significa aqui transferindo para a língua latina, como em “*Plautus uertit barbare*” (Plauto, *Trin.* 19). 3. Ou então VERTENDO significa “corrompendo”.	7 (7) QUE, AO VERTER BEM, AS ESCREVEU MAL. traduzir bem é do grego ao latim, escrever mal é dispor mal as palavras.
23 2 EXCLAMAT FUREM NON POETAM adhuc nulla reprehensio, siquidem licet transferre de Graeco in Latinum.	23 (23) EXCLAMAT FVREM NON POETAM FABVLAM DEDISSE <ET NIHIL DEDISSE> VERBORVM. [...] de Latino in Latinum transferre non liceat. haec quaestio sic proponitur
23 2 EXCLAMA QUE UM LADRÃO, NÃO POETA aqui nenhuma crítica, uma vez que é lícito traduzir do grego ao latim	23 (23) EXCLAMA QUE UM LADRÃO, NÃO POETA, FEZ A PEÇA <E NENHUMA PALAVRA>. Traduzir do latim ao latim não é lícito. Assim a questão é disposta

De Donato a Eugráfio o que parece inconteste é que tomar emprestado aos latinos se tornou de fato algo recriminável, apesar da defesa de Terêncio em *Eunuchus* (vv. 37-42) ao dizer que não há como dizer nada que já não tenha sido dito e questionar como poderia *bonas matronas facere, meretrices malas,/ parasitum edacem, gloriosum militem,/ puerum supponi, falli per seruom senem,/ amare odisse suspicari?*, isto é, ele não se refere a uma especificidade linguística, na composição de palavras, no arranjo, mas a tipos de personagens e enredos, a lugares-comuns. Em um primeiro momento, de nosso olhar anacrônico, parece estranho imaginar que romanos pudessem criticar uns aos outros por tomarem empréstimos de seus pares e, ao mesmo tempo, entender como processo comum fazê-lo quanto aos gregos. Bettini (2013),

McElduff (2012) e Rita Copeland (1991), por exemplo, vez por outra sempre apontam para o teor militar com que os romanos se referiam, no âmbito das letras, como conquistadores dos gregos, e é provavelmente isso que possa justificar o porquê dessa convenção. Ou então temos aí um início daquilo que séculos depois seria a ideia de originalidade que ainda hoje persiste: escrever algo inaudito.[171] É curioso, também, que, entre as salas de aula dos estudos clássicos, nos encontremos na busca por traduzir algum texto que ainda não o tenha sido ao português por ninguém ou cuja tradução seja antiga. Resquício de romanidade ou apenas atributo humano que nos impele a evitar a concorrência ou alcançar a glória da autoridade?

Voltemos a Cícero em *De finibus* I, 5-6:

[...] cum Sophocles vel optime scripserit Electram, tamen male conversam Atili mihi legendam putem, de quo Licinius 'ferreum scriptorem,' verum opinor **scriptorem tamen, ut legendus sit**. [...] Mihi quidem nulli satis eruditi videntur quibus nostra ignota sunt.[...] quae autem de bene beateque vivendo a Platone disputata sunt, haec **explicari** non placebit Latine? Quid si nos **non interpretum fungimur munere**, sed tuemur ea quae dicta sunt ab iis quos probamus, eisque nostrum iudicium et nostrum scribendi ordinem adiungimus? quid habent cur Graeca anteponant iis quae et splendide dicta sint neque sint conversa de Graecis?	[...] Embora Sófocles tenha escrito *Electra* maravilhosamente, ainda assim julgo que deve ser lida a versão de Atílio, sobre quem Licínio disse "escritor duro como ferro", mas, a meu ver, um escritor mesmo assim, e deve ser lido. Para mim, com efeito, ninguém será erudito o bastante sem conhecer nossas letras. [...] o que foi debatido por Platão sobre a vida boa e feliz não valerá a pena **explicar** em Latim? E se nós **não fizermos as vezes de tradutor**, mas examinarmos o que foi dito por esses que aprovamos e lhes acrescentarmos nosso julgamento e nossa ordem de escrita? Por que hão de preferir os gregos a essas que foram elaboradas esplendidamente e não traduzidas dos gregos?

Cícero defende uma versão de Atílio de tragédia de Sófocles, afirmando que ele deve ser lido porque se trata de um *scriptor*, e a seguir desenvolve o argumento da relevância de explicar em latim importantes temas discutidos por Platão – que no *Orator*, 151, chama *maior scriptor* –, não como um tradutor, mas examinando e selecionandoo material, entre vários, e acrescentando algo que lhe seja próprio. Ou seja, dá-nos uma definição do que seja o autor: alguém que, mais que explicar ou traduzir, seleciona, elege – nisso já há um juízo – e então

[171] Pertinentes são as palavras prefaciais de Antonio Candido (2007, p. 13) prestes a tratar da formação da literatura brasileira: "Não tenho ilusões excessivas quanto à originalidade em livro de matéria tão ampla e diversa. Quando nos colocamos ante um texto sentimos, em boa parte, como os antecessores imediatos, que nos formaram, e os contemporâneos, a que nos liga a comunidade da cultura; por isso acabamos chegando a conclusões parecidas, ressalvada a personalidade por um pequeno timbre na maneira de apresentá-las. O que é nosso míngua ante a contribuição para o lugar-comum. Dizia o velho Fernandes Pinheiro nas Postilas de retórica e poética, que os 'homens têm quase as mesmas idéias acerca dos objetos que estão ao alcance de todos, sobre que versam habitualmente os discursos e escritos, constituindo a diferença na expressão, ou estilo, que apropria as coisas mais comuns, fortifica as mais fracas e dá grandeza às mais simples. Nem se pense que haja sempre novidades para exprimir; é uma ilusão dos parvos ou ignorantes acreditarem que possuem tesouros da originalidade, e que aquilo que pensam, ou dizem, nunca foi antes pensado, ou dito por alguém.'".

acrescenta algo, aumenta. E o mais interessante é que Cícero dá essa explicação logo após defender um *scriptor* criticado; subentende-se que Atílio acrescentou algo e não apenas fez uma tradução ou agiu como *interpres.* Se nos fiarmos em Cícero, a *autoria* também será uma questão de persuasão.

4.1 CÍCERO: AUTOR INTEGRAL

Ernout e Meillet (2001, p. 55) indicam o primeiro sentido de *auctor* como "aquele que faz crescer ou que aumenta" ("celui qui fait cròître, ou qui fait pousser"), passando pela acepção que nos é comum de autor, como responsável por alguma ação ou feito, literário ou não, até "aquela de proprietário" ("là celui de 'possesseur'") em específico contexto comercial; vocábulo de que deriva *auctoritas*, aquilo que faz ser autor e (2001, p. 55) "Do significado de *auctor*, como 'vendedor', deriva aquele de *auctoritas* como 'atributo do vendedor', isto é, 'posse' (o vendedor de uma coisa geralmente é aquele que a possui) e, portanto, 'direito de [reclamar] propriedade".[172] Em Isidoro de Sevilha (BARNEY et al., 2006, p. 213) temos:

Auctor ab augendo dictus. Auctorem autem feminino genere dici non posse. Nam quaedam sunt quae in feminino flecti non possunt, ut cursor	Autor, assim chamado por aumentar. A palavra *auctor*, ainda, não pode ser usada no gênero feminino. Pois há algumas que não podem ser flexionadas no feminino, como *cursor* (corredor).

No *OLD* se encontram ainda várias acepções, como vendedor, quem possui poder de decisão ou para sancionar e autorizar ações de outras pessoas, testemunha, agente ou líder, conselheiro, originador ou fonte de algo, fundador, ancestral e autor de obras literárias. Substantivo do verbo *augere*, forma como adjetivo *augustus*, por que é conhecido o imperador Otávio para indicar a grandiosidade de suas realizações.

"Autor é quem faz alguma coisa, e uma tradução é alguma coisa" é uma definição dada por Manuel Odorico Mendes que retiramos de Raimundo de Carvalho (2016, p. 209) quando analisa pesquisa desse autor-tradutor maranhense intitulada *Opusculo acerca do Palmeirim de*

[172] Cf.: "Du sens de *auctor* 'vendeur' derive celui de *auctoritas* 'qualité de vendeur', d'où 'possession' (le vendeur d'une chose étant généralement celui qui la possède), et par là 'droit de [revendication em] propriété'."

Inglaterra para restituir a tal obra a autoria de Francisco de Morais, indevidamente atribuída a seu tradutor espanhol Luiz Hurtado. Carvalho destaca (p. 9):

> [...] o que só se conserva na tradução de Hurtado "pelo dever de fiel intérprete" (MENDES, 1860, p. 12), ecoando a expressão *fidus interpres* que em Horácio (1994, 133-134) tem conotação pejorativa de servilidade, mas que em autores posteriores, como São Jerônimo, tem sentido positivo e desejável (SVENBRO, 2009, p. 12) com o qual comunga Odorico que, no prólogo à sua tradução do *Tancredo*, em 1839, afirma que o ofício do tradutor "não é seguir as palavras servilmente, mas representar na sua língua a mente e o modo de sentir do autor" (MENDES, 1999, p. 197).

em que vemos a oscilação do sentido e do papel da tradução de Horácio a São Jerônimo e como Manuel Odorico Mendes se posiciona, de modo que em "representar na sua língua a mente e o modo de sentir do autor"[173] parecemos ouvir ecos da *imitatio* antiga como relação entre processos de composição, portanto autorais, mais que relação entre textos, ou intertextualidade. Adiante em sua análise, atenta ao que chamou a atenção de Mendes no texto de Morais, o verbo *tresladar*, "pois tresladar nem sempre significa traduzir. Muitas vezes quer dizer apenas extrair" (p. 10), que culminará na definição de Carvalho de que "Autor é quem imprime no que escreve a marca [lembrembos da *impronta personale* do tradutor italiano de Horácio] de sua imaginação e a força do seu estilo (p. 212)". Essa arguta análise de Carvalho ultrapassa a relação além-texto para se tornar uma relação *inter pares*, em que Odorico Mendes se reconhece em Francisco de Morais, na vida e nos procedimentos tradutórios, sendo que este teve sua autoria eclipsada assim como aquele sofreu processo semelhante de negação por parte da crítica em virtude de seu modo de traduzir. Essa consistente definição do que é o autor dada por Raimundo de Carvalho ele próprio a exemplifica ao falar de sua tradução (2014, p. 107): "Para mim, a experiência da tradução me põe de chofre no terreno da invenção e da audácia. Audácia e invenção que são frutos da pesquisa e da comparação com outras traduções e leituras críticas", e dirá que o tradutor, "poeta ao avesso", é (p. 111) "Cavalo de Exu, ele se posta na encruzilhada das línguas, e sabe que, depois do transe tradutório, ele voltará a ser o ser invisível de sempre, o renegado que ousou desafiar os tabus da tribo". A imagem não poderia ser mais pertinente: Exu é em iorubá o *egnubarijó*, boca coletiva, do panteão das divindades afro-brasileiras é das mais

[173] Campos (2016, p. 39) cita como maior exemplo brasileiro de poeta/tradutor criativo Manuel Odorico Mendes, que reduz o original, forma novas palavras, interpola versos de outros autores – o que faz Ezra Pound, o que faziam os antigos –, e define como ideal do processo tradutório aquele que se realize (p. 47) "num labor de tradução competente como tal e válido como arte. Num produto que só deixe de ser fiel ao significado textual para ser inventivo, e que seja inventivo na medida mesmo em que transcenda, deliberadamente, a fidedignidade ao significado para conquistar uma lealdade maior ao espírito do original transladado, ao próprio signo estético, visto como entidade total, indivisa, na sua realidade material".

polêmicas, mensageiro dos deuses, comunicador, e, como entidade que dá transe – também chamado *transe de possessão* – em seu cavalo é o espírito de outra dimensão que em nosso meio fala como nativo, mas só vemos o "cavalo" (RIVAS NETO, 2015). A posse desse dom da comunicação e do intercâmbio entre dimensões e línguas esbarra nos "desafios da tribo", que podemos entender, entre outros, como a força da crítica acadêmica, como no exemplo da antes rechaçada tradução de Odorico Mendes. Essa mesma crítica que já viu em Cícero um tradutor incapaz e que mal compreendia a filosofia grega e sofreu nesse intento (DOUGLAS, 1968; JONES, 1959).

O percurso de nossa pesquisa até aqui nos fez analisar o *status* dessa natureza do escritor Cícero como *auctor*, e não como tradutor, embora tivesse feito traduções. No entanto, cremos que, até Cícero, traduções não poderiam conceder autoridade, mas sim ainda implicar quem delas se utilizasse na acusação de *furtum*, de plágio, ou, provavelmente pior, de *interpres*, isto é, aquele que não conseguiu se destacar como um modelo, mas somente imitador inapto. Em termos lógicos – se assim for possível simplificar –, temos o sujeito que busca em modelos gregos as ideias, os episódios, enfim, a matéria a tratar e, por processo imitativo, compõe sua obra, de acordo com procedimentos adquiridos por meio de um "sistema" de ensino compartilhando e em desenvolvimento, calcado nos gêneros, dando-lhe arranjo próprio no idioma latino. Se for bem-sucedido – reconhecido como tal pelos pares e pelos pósteros, será um autor, detentor da propriedade de sua composição. Se não for tão bem sucedido – mas ainda assim tiver ao seu lado um bom patrono, por assim dizer, como Atílio encontrou em Cícero –, será todavia um autor, provavelmente de segundo escalão. No entanto, se falhar em sua empreitada, poderá ser um autor ruim, se ainda mantiver esse título, ou, então, um imitador ou *interpres*, uma vez que a distinção entre ambos os conceitos pode ter um limite de formas não precisamente demarcadas. Pois vimos que o *interpres* ora pode ser associado ao *grammaticus*, ao preceptor de conhecimentos básicos das letras, ora ao profissional socialmente desvalorizado que lida com questões objetivas de caráter pecuniário para servir de comunicador nos negócios entre estrangeiros – e não se pode afirmar que os *grammatici* não se prestassem também a esse papel.

A chave para diferenciar um imitador, o sujeito que tentou se destacar em algum gênero de texto em prosa ou em verso e, no entanto, não conseguiu por uma questão de incapacidade e inaptidão, de um *interpres* parece residir numa questão quantitativa: isto é, no quanto uma obra tem de empréstimo de um modelo.

Infelizmente, na maior parte das vezes, não temos os textos para comparação, como no caso da tradução que Cícero fez dos *Fenômenos*, de Arato de Solos, que doravante denominaremos somente por *Aratea*, da qual temos pouco mais de quinhentos versos e feita em sua juventude, coincidentemente a época mais propícia aos estudos com o *grammaticus* e o *rhetor* envolvendo decorar, parafrasear e reescrever modelos – espécies de tradução –, e do *De inuentione*, início de um possível projeto que abarcaria todas as partes da retórica, mas não foi além da primeira parte, sendo anos depois suplantado pelo *De oratore*.

Temos então informação das seguintes obras de Cícero que seriam traduções completas, isto é, texto em latim derivado de tradução completa do mesmo texto em grego: *Fenômenos*, *Oeconomicus*, *Protagoras*, *Timaeus* e os dois discursos, de Ésquines e Demóstenes, dos quais o *De optimo genere oratorum* é o texto introdutório (DISLER, 2004, p. 15-23). Desta forma, parece improvável termos alguma definição do procedimento tradutório de Cícero.

E não teremos porque se a tivesse Cícero, não teria ele apenas um procedimento, mas tantos quantos fossem determinados pelo gênero em questão. A seguir, aduziremos informações sobre traduções de Cícero seguindo Jones (1959, p. 22-34), de modo que justaporemos os 18 excertos em latim por ele apontados, com seus respectivos modelos em grego e traduções que encontramos.

1. *Tusc*. I, 97-99 → *Apol*. 40C-42a

Comentário de Jones (p. 24): “Consideravelmente parafraseado e com longas omissões na parte final” (“considerably paraphrased and with long omissions towards the end”).

ἐννοήσωμεν δὲ καὶ τῇδε ὡς πολλὴ ἐλπίς ἐστιν ἀγαθὸν αὐτὸ εἶναι. δυοῖν γὰρ θάτερόν ἐστιν τὸ τεθνάναι: ἢ γὰρ οἷον μηδὲν εἶναι μηδὲ αἴσθησιν μηδεμίαν μηδενὸς ἔχειν τὸν τεθνεῶτα, ἢ κατὰ τὰ λεγόμενα μεταβολή τις τυγχάνει οὖσα καὶ μετοίκησις τῇ ψυχῇ τοῦ τόπου τοῦ ἐνθένδε εἰς ἄλλον τόπον. καὶ εἴτε δὴ μηδεμία αἴσθησίς ἐστιν ἀλλ᾽[40δ] οἷον ὕπνος ἐπειδάν τις καθεύδων μηδ᾽ ὄναρ μηδὲν ὁρᾷ, θαυμάσιον κέρδος ἂν εἴη ὁ θάνατος—ἐγὼ γὰρ ἂν οἶμαι, εἴ τινα ἐκλεξάμενον δέοι ταύτην τὴν νύκτα ἐν ᾗ οὕτω κατέδαρθεν ὥστε μηδὲ ὄναρ ἰδεῖν, καὶ τὰς ἄλλας νύκτας τε καὶ ἡμέρας τὰς τοῦ βίου τοῦ ἑαυτοῦ ἀντιπαραθέντα ταύτῃ τῇ νυκτὶ δέοι σκεψάμενον εἰπεῖν πόσας ἄμεινον καὶ ἥδιον ἡμέρας καὶ νύκτας ταύτης τῆς νυκτὸς βεβίωκεν ἐν τῷ ἑαυτοῦ βίῳ, οἶμαι ἂν μὴ ὅτι ἰδιώτην τινά, ἀλλὰ τὸν μέγαν βασιλέα εὐαριθμήτους [40ε] ἂν εὑρεῖν αὐτὸν ταύτας πρὸς τὰς ἄλλας ἡμέρας

Passemos a considerar a questão em si mesma, de como há grande esperança de que isso seja um bem. Porque morrer é uma ou outra destas duas coisas: ou o morto não tem absolutamente nenhuma existência, nenhuma consciência do que quer que seja, ou, como se diz, a morte é precisamente uma mudança de existência e, para a alma, uma migração deste lugar para um outro. Se, de fato, não há sensação alguma, mas é como um sono, a morte seria um maravilhoso presente. Creio que, se alguém escolhesse a noite na qual tivesse dormido sem ter nenhum sonho, e comparasse essa noite às outras noites e dias de sua vida e tivesse de dizer quantos dias e noites na sua vida havia vivido melhor, e mais docemente do que naquela noite, creio que não somente

XLI. “Magna me” inquit “spes tenet, iudices, bene mihi evenire, quod mittar ad mortem; necesse est enim sit alterum de duobus, ut aut sensus omnino omnes mors auferat aut in alium quendam locum ex his locis morte migretur. Quam ob rem sive sensus exstinguitur morsque ei somno similis est, qui non numquam etiam sine visis somniorum placatissimam quietem adfert, di boni, quid lucri est emori! aut quam multi dies reperiri possunt, qui tali nocti anteponantur, cui si similis futura est perpetuitas omnis consequentis temporis, quis me beatior? Sin vera sunt quae dicuntur, migrationem esse mortem in eas oras, quas qui e vita excesserunt incolunt, id multo iam beatius est. Tene, cum ab iis, qui se iudicum numero haberi volunt, evaseris, ad eos venire, qui vere iudices appellentur, Minoem,

Diz: “Tenho grande esperança, juízes, de que me é um bem o ser enviado à morte; pois é necessário que seja, de duas, uma a opção: ou que a morte leve todos os sentidos, ou que me leve deste para qualquer outro lugar. Por isso, se o sentido é extinto e a morte é como o sono, que, não raro, sem as visões dos sonhos, traz o descanso mais agradável – pelos bons Deuses! –, que sorte é morrer! Quantos – muitos! – dias podemos encontrar preferíveis a tal noite? Se ela é a eternidade de todos os tempos, quem mais feliz que eu? Mas se for verdade o que dizem, que a morte é uma mudança para aquelas regiões habitadas por aqueles que partiram da vida, então isso é ainda maior motivo de felicidade. Saiba que, destes que se creem juízes, quando fugirdes, para virdes a ter com aqueles que são verdadeiramente chamados juízes: Minos,

καὶ νύκτας—εἰ οὖν τοιοῦτον ὁ θάνατός ἐστιν, κέρδος ἔγωγε λέγω: καὶ γὰρ οὐδὲν πλείων ὁ πᾶς χρόνος φαίνεται οὕτω δὴ εἶναι ἢ μία νύξ. εἰ δ᾽ αὖ οἷον ἀποδημῆσαί ἐστιν ὁ θάνατος ἐνθένδε εἰς ἄλλον τόπον, καὶ ἀληθῆ ἐστιν τὰ λεγόμενα, ὡς ἄρα ἐκεῖ εἰσι πάντες οἱ τεθνεῶτες, τί μεῖζον ἀγαθὸν τούτου εἴη ἄν, ὦ ἄνδρες δικασταί; εἰ γάρ τις [41α] ἀφικόμενος εἰς Ἅιδου, ἀπαλλαγεὶς τουτωνὶ τῶν φασκόντων δικαστῶν εἶναι, εὑρήσει τοὺς ὡς ἀληθῶς δικαστάς, οἵπερ καὶ λέγονται ἐκεῖ δικάζειν, Μίνως τε καὶ Ῥαδάμανθυς καὶ Αἰακὸς καὶ Τριπτόλεμος καὶ ἄλλοι ὅσοι τῶν ἡμιθέων δίκαιοι ἐγένοντο ἐν τῷ ἑαυτῶν βίῳ, ἆρα φαύλη ἂν εἴη ἡ ἀποδημία; ἢ αὖ Ὀρφεῖ συγγενέσθαι καὶ Μουσαίῳ καὶ Ἡσιόδῳ καὶ Ὁμήρῳ ἐπὶ πόσῳ ἄν τις δέξαιτ᾽ ἂν ὑμῶν; ἐγὼ μὲν γὰρ πολλάκις ἐθέλω τεθνάναι εἰ ταῦτ᾽ ἔστιν ἀληθῆ. ἐπεὶ [41β] ἔμοιγε καὶ αὐτῷ θαυμαστὴ ἂν εἴη ἡ διατριβὴ αὐτόθι, ὁπότε ἐντύχοιμι Παλαμήδει καὶ Αἴαντι τῷ Τελαμῶνος καὶ εἴ τις ἄλλος τῶν παλαιῶν διὰ κρίσιν ἄδικον τέθνηκεν, ἀντιπαραβάλλοντι τὰ ἐμαυτοῦ πάθη πρὸς τὰ ἐκείνων—ὡς ἐγὼ οἶμαι, οὐκ ἂν ἀηδὲς εἴη—καὶ δὴ τὸ μέγιστον, τοὺς ἐκεῖ ἐξετάζοντα καὶ ἐρευνῶντα ὥσπερ τοὺς ἐνταῦθα διάγειν, τίς αὐτῶν σοφός ἐστιν καὶ τίς οἴεται μέν, ἔστιν δ᾽

qualquer indivíduo, mas até um grande rei acharia fácil escolher a esse respeito, lamentando todos os outros dias e noites. Assim, se a morte é isso, eu por mim a considero um presente, porquanto, desse modo, todo o tempo se resume a uma única noite. Se, ao contrário, a morte é como uma passagem deste para outro lugar, e, se é verdade o que se diz que lá se encontram todos os mortos, qual o bem que poderia existir, ó juízes, maior do que este? Porque, se chegarmos ao Hades, libertando-nos destes que se vangloriam serem juízes, havemos de encontrar os verdadeiros juízes, os quais nos diria que fazem justiça acolá: Monos e Radamante, Éaco e Triptolemo, e tantos outros deuses e semideuses que foram justos na vida; seria então essa viagem uma viagem de se fazer pouco caso? Que preço não serieis capazes de pagar, para conversar com Orfeu, Museu, Hesíodo e Homero? Quero morrer muitas vezes, se isso é verdade, pois para mim especialmente. a conversação acolá seria maravilhosa, quando eu encontrasse Palamedes e Ajax

Rhadamanthum, Aeacum, Triptolemum, convenireque eos, qui iuste et cum fide vixerint: haec peregrinatio mediocris vobis videri potest? Ut vero colloqui cum Orpheo, Musaeo, Homero, Hesiodo liceat, quanti tandem aestimatis? Equidem saepe emori, si fieri posset, vellem, ut ea, quae dico, mihi liceret invenire. quanta delectatione autem adficerer, cum Palamedem, cum Aiacem, cum alios iudicio iniquo circumventos convenirem! Temptarem etiam summi regis, qui maximas copias duxit ad Troiam, et Ulixi Sisyphique prudentiam, nec ob eam rem, cum haec exquirerem, sicut hic faciebam, capite damnarer. Ne vos quidem, iudices ii, qui me absolvistis, mortem timueritis. Nec enim cuiquam bono mali quidquam evenire potest nec vivo nec mortuo, nec umquam eius res a dis immortalibus negligentur, nec mihi ipsi hoc accidit fortuito. Nec vero ego iis, a quibus accusatus aut a quibus condemnatus sum, habeo quod suscenseam, nisi quod mihi nocere se crediderunt.” Et haec quidem hoc modo; nihil autem melius extremo: “Sed tempus est” inquit “iam hinc abire me, ut moriar, vos, ut vitam agatis. Utrum autem sit

Radamante, Éaco e Triptólemo, que viveram com justiça e devoção, tal viagem poderá parecer de somenos? O quanto estimais poder falar com Orfeu, Musáon, Homero, Hesíodo? Com efeito, gostaria de morrer muitas vezes, se fosse possível, para encontrar tudo isso de que falo. Que tamanho deleite, pois, me tomaria se com Palamedes, Áiax e outros reunidos por injusto juízo me reunisse! Examinaria ainda a prudência do grande rei que conduziu os maiores exércitos a Troia, bem como de Ulisses e Sísifo, sem, por isso, aos questionar tais coisas, como aqui comecei a fazer, receber pena capital. Nem mesmo vós, juízes que me absolvestes, temeis a morte. Pois ao bom não pode acometer nenhum mal, esteja vivo, esteja morto, e nunca os deuses imortais negligenciam tais assuntos, como a mim mesmo nada acontece fortuitamente. Também não tenho, contra esses que me acusaram ou condenaram, por que me enraivecer, senão porque acreditaram terem feito algum mal contra mim”. E falou desse modo, porém nada é melhor que o fim: “Mas já é tempo de eu partir daqui, de morrer, e vós, de seguir a vida. Qual das opções é

οὔ. ἐπὶ πόσῳ δ᾽ ἄν τις, ὦ ἄνδρες δικασταί, δέξαιτο ἐξετάσαι τὸν ἐπὶ Τροίαν ἀγαγόντα [41ξ] τὴν πολλὴν στρατιὰν ἢ Ὀδυσσέα ἢ Σίσυφον ἢ ἄλλους μυρίους ἄν τις εἴποι καὶ ἄνδρας καὶ γυναῖκας, οἷς ἐκεῖ διαλέγεσθαι καὶ συνεῖναι καὶ ἐξετάζειν ἀμήχανον ἂν εἴη εὐδαιμονίας; πάντως οὐ δήπου τούτου γε ἕνεκα οἱ ἐκεῖ ἀποκτείνουσι: τά τε γὰρ ἄλλα εὐδαιμονέστεροί εἰσιν οἱ ἐκεῖ τῶν ἐνθάδε, καὶ ἤδη τὸν λοιπὸν χρόνον ἀθάνατοί εἰσιν, εἴπερ γε τὰ λεγόμενα ἀληθῆ.

Telamônio e qualquer um dos antigos mortos por injusto julgamento. E não seria sem deleite, me parece, confrontar o meu com os seus casos, e, o que é melhor, passar o tempo examinando e confrontando os de lá com cá, os últimos dos quis tem a pretensão de conhecer a sabedoria dos outros, e acreditam ser sábios e não são. A que preço, ó juízes, não se consentiria em examinar aquele que guiou o grande exército a Tróia, Ulisses, Sísifo, ou infinitos outros? Isso constituiriam inefável felicidade.

ἀλλὰ καὶ ὑμᾶς χρή, ὦ ἄνδρες δικασταί, εὐέλπιδας εἶναι πρὸς τὸν θάνατον, καὶ ἕν τι τοῦτο διανοεῖσθαι ἀληθές, ὅτι [41δ] οὐκ ἔστιν ἀνδρὶ ἀγαθῷ κακὸν οὐδὲν οὔτε ζῶντι οὔτε τελευτήσαντι, οὐδὲ ἀμελεῖται ὑπὸ θεῶν τὰ τούτου πράγματα: οὐδὲ τὰ ἐμὰ νῦν ἀπὸ τοῦ αὐτομάτου γέγονεν, ἀλλά μοι δῆλόν ἐστι τοῦτο, ὅτι ἤδη τεθνάναι καὶ ἀπηλλάχθαι

Com certeza aqueles de lá mandam a morte por isso, porque além do mais, são mais felizes do que os de cá, mesmo porque são imortais, se é que o que se diz é verdade. XXX Mas também vós, ó juízes, deveis ter boa esperança em relação à morte, e considerar esta única verdade: que não é possível haver algum mal para um homem de bem, nem durante sua vida, nem depois da morte, que os deuses não se interessam do que a ele concerne; e que, por isso mesmo, o que

melius di immortales sciunt: hominem quidem scire arbitror neminem.”

melhor sabem os deuses imortais: penso que nenhum homem de fato o saiba.”

πραγμάτων βέλτιον ἦν μοι. διὰ τοῦτο καὶ ἐμὲ οὐδαμοῦ ἀπέτρεψεν τὸ σημεῖον, καὶ ἔγωγε τοῖς καταψηφισαμένοις μου καὶ τοῖς κατηγόροις οὐ πάνυ χαλεπαίνω. καίτοι οὐ ταύτῃ τῇ διανοίᾳ κατεψηφίζοντό μου καὶ κατηγόρουν, ἀλλ᾽ οἰόμενοι βλάπτειν: [41ε] τοῦτο αὐτοῖς ἄξιον μέμφεσθαι. τοσόνδε μέντοι αὐτῶν δέομαι: τοὺς ὑεῖς μου, ἐπειδὰν ἡβήσωσι, τιμωρήσασθε, ὦ ἄνδρες, ταὐτὰ ταῦτα λυποῦντες ἅπερ ἐγὼ ὑμᾶς ἐλύπουν, ἐὰν ὑμῖν δοκῶσιν ἢ χρημάτων ἢ ἄλλου του πρότερον ἐπιμελεῖσθαι ἢ ἀρετῆς, καὶ ἐὰν δοκῶσί τι εἶναι μηδὲν ὄντες, ὀνειδίζετε αὐτοῖς ὥσπερ ἐγὼ ὑμῖν, ὅτι οὐκ ἐπιμελοῦνται ὧν δεῖ, καὶ οἴονταί τι εἶναι ὄντες οὐδενὸς ἄξιοι. καὶ ἐὰν [42α] ταῦτα ποιῆτε, δίκαια πεπονθὼς ἐγὼ ἔσομαι ὑφ᾽ ὑμῶν αὐτός τε καὶ οἱ ὑεῖς. ἀλλὰ γὰρ ἤδη ὥρα ἀπιέναι, ἐμοὶ μὲν ἀποθανουμένῳ, ὑμῖν δὲ βιωσομένοις: ὁπότεροι δὲ ἡμῶν ἔρχονται ἐπὶ ἄμεινον πρᾶγμα, ἄδηλον παντὶ πλὴν ἢ τῷ θεῷ.

hoje aconteceu, no que a mim concerne, não é devido ao acaso, mas é a prova de que para mim era melhor morrer agora e ser libertado das coisas deste mundo. Eis também a razão por que a divina voz não me dissuadiu, e por que, de minha parte, não estou zangado com aqueles cujos votos me condenaram, nem contra meus acusadores. Não foi com esse pensamento, entretanto, que eles votaram contra mim, que me acusaram, pois acreditavam causar-me um mal. Por isto é justo que sejam censurados. Mas tudo o que lhes peço é o seguinte: Quando os meus filhinhos ficarem adultos, puni-os, é cidadãos, atormentai-os do mesmo modo que eu os vos atormentei, quando vos parecer que eles cuidam mais das riquezas ou de outras coisas do que da virtude. E, se acreditarem ser qualquer coisa não sendo nada, reprovai-os, como eu a vós: não vos preocupeis com aquilo que não lhes é devido. E, se fizerdes isso, terei de vós o que é justo, eu e os meus filhos. Mas, já é hora de irmos: eu para a morte, e vós para viverdes. Mas, quem vai para

melhor sorte, isso é segredo, exceto para deus. (Tradução de Maria Lacerda de Souza, retirada do *site Domínio público*. Disponível em: http://www.dominiopublico. gov.br/download/texto/cv000065.pdf. Acesso em: 8 set. 2021).

2. *Tusc*. V, 34-35 → *Gorg*. 470d

Comentário de Jones (p. 24): “Há muita paráfrase e resumo” (“there is much paraphrase and abridgement”).

Σωκράτης οὐκ οἶδα, ὦ Πῶλε: οὐ γάρ πω συγγέγονα τῷ ἀνδρί.	Sócrates — Não posso sabê-lo, Polo. Nunca convivi com ele.	[...] velut in *Gorgia* Socrates, cum esset ex eo quaesitum Archelaum, Perdiccae filium qui tum fortunatissimus haberetur, nonne beatum putaret, 35“Haud scio” inquit; “numquam enim cum eo collocutus sum.” Ain tu? an aliter id scire non potes? “Nullo modo.” Tu igitur ne de Persarum quidem rege magno potes dicere beatusne sit? “An ego possim, cum ignorem quam sit doctus, quam vir bonus? “Quid? tu in eo sitam vitam beatam putas? “Ita prorsus existimo, bonos beatos,	Por exemplo, em seu Górgias, onde Sócrates, interrogado sobre o que pensava da felicidade de Arquelau, filho de Perdicas, o qual era considerado então o homem mais feliz do mundo, respondeu que nada podia dizer quanto a isso, uma vez que jamais tivera nenhuma conversa com ele, e que, ademais, não o podia conhecer de nenhuma outra maneira. “Então”, perguntaram-lhe ainda, "tampouco poderias assegurar que o grande rei da Pérsia seja feliz?” “Como o poderia”, respondeu ele, “se ignoro se
[470ε] Πῶλος τί δέ; συγγενόμενος ἂν γνοίης, ἄλλως δὲ αὐτόθεν οὐ γιγνώσκεις ὅτι εὐδαιμονεῖ;	Polo — Como! Se tivesses convivido com ele, saberias; e por outras pessoas,		

Σωκράτης

μὰ Δί᾽ οὐ δῆτα.

Πῶλος

δῆλον δή, ὦ Σώκρατες, ὅτι οὐδὲ τὸν μέγαν βασιλέα γιγνώσκειν φήσεις εὐδαίμονα ὄντα.

Σωκράτης

καὶ ἀληθῆ γε ἐρῶ: οὐ γὰρ οἶδα παιδείας ὅπως ἔχει καὶ δικαιοσύνης.

Πῶλος

τί δέ; ἐν τούτῳ ἡ πᾶσα εὐδαιμονία ἐστίν;

Σωκράτης

ὥς γε ἐγὼ λέγω, ὦ Πῶλε: τὸν μὲν γὰρ καλὸν καὶ ἀγαθὸν ἄνδρα καὶ γυναῖκα

daqui mesmo, não poderás saber se ele é feliz?

Sócrates — Não, por Zeus.

Polo — Pelo visto, Sócrates, vai dizer que não sabes nem mesmo se o Grande Rei é feliz.

Sócrates — E só diria a verdade, pois sou de todo ignorante no que respeita à sua educação e à justiça.

Polo — Como assim! A felicidade só consiste nisso?

Sócrates — É como digo, Polo; considero feliz quem é honesto e bom,

improbos miseros.” Miser ergo Archelaus? “Certe, si iniustus.”

é sábio e homem de bem?” Perguntou-se-lhe então se era nisto que ele fazia consistir toda a felicidade. “Sim, é precisamente este o meu sentir: que as pessoas de bem são felizes, e os iníquos, infelizes.” “Arquelau”, tornaram, “é pois infeliz? “Sim, sem dúvida, se é injusto.” (Tradução de Carlos Ancêde Nougué, 2005, p. 36-37).

εὐδαίμονα εἶναί φημι, τὸν δὲ ἄδικον καὶ πονηρὸν ἄθλιον.

[471α]

Πῶλος

ἄθλιος ἄρα οὗτός ἐστιν ὁ Ἀρχέλαος κατὰ τὸν σὸν λόγον;

Σωκράτης

εἴπερ γε, ὦ φίλε, ἄδικος.

[...]

(Texto em grego extraído do site Perseus, com referência à obra *Plato in Twelve Volumes*, Vol. 3 translated by W.R.M. Lamb. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1967).

quer seja homem, quer seja mulher; o desonesto e mau é infeliz.

Polo — Nesse caso, de acordo com o teu modo de pensar, Arquelau é infeliz?

Sócrates — Sim, amigo; se for injusto.

[...]

(Tradução de Carlos Alberto Nunes, disponível em: http://bocc.ubi.pt/~fidalgo/retorica/platao-gorgias.pdf. Acesso em: 8 set. 2021).

3. *Tusc*. V, 36 → *Menex*. 247E-248A

Comentário de Jones (p. 24): "uma versão muito próxima [...] *semper* e *omnem*, expedientes favoritos da tradução ciceroniana, como R. Poncelet já mostrou, parecem ter sido usados aqui para captar a nuance do infinitivo perfeito do grego" ("a very close version, [...] semper and omnem, favourite tools of Ciceronian translation, as R. Poncelet has shown, seem intended here to catch the nuance of the Greek perfect infinitive").

[247ε] ὅτῳ γὰρ ἀνδρὶ εἰς ἑαυτὸν ἀνήρτηται πάντα τὰ πρὸς εὐδαιμονίαν [248α] φέροντα ἢ ἐγγὺς τούτου, καὶ μὴ ἐν ἄλλοις ἀνθρώποις αἰωρεῖται ἐξ ὧν ἢ εὖ ἢ κακῶς πραξάντων πλανᾶσθαι ἠνάγκασται καὶ τὰ ἐκείνου, τούτῳ ἄριστα παρεσκεύασται ζῆν, οὗτός ἐστιν ὁ σώφρων καὶ οὗτος ὁ ἀνδρεῖος καὶ φρόνιμος: οὗτος γιγνομένων χρημάτων καὶ παίδων καὶ διαφθειρομένων μάλιστα πείσεται τῇ παροιμίᾳ: οὔτε γὰρ χαίρων οὔτε λυπούμενος ἄγαν φανήσεται διὰ τὸ αὑτῷ πεποιθέναι.

(Texto em grego extraído do *site* Perseus, com referência à obra *Platonis Opera*, ed.

[e] Para aquele homem que faz depender de si mesmo todas as coisas que conduzem à felicidade, [*248a]* ou disso se aproxima, e não fica na dependência de outros homens, cuja boa ou má fortuna forçaria também a sua própria sorte a oscilar, para ele a vida está disposta da melhor maneira possível. Esse é o homem temperante, esse é o homem corajoso e prudente. Esse homem, quando lhe sobrevierem riquezas e filhos e quando ele os perder, mais confiará no provérbio; e, por confiar em si mesmo, nem alegre nem aflito em demasia ele se mostrará. Assim nós esperamos que sejam

Videturne omnem hic beatam vitam in una virtute ponere? Quid vero? in Epitaphio quo modo idem? "Nam cui viro," inquit, "ex se ipso apta sunt omnia, quae ad beate vivendum ferunt, nec suspensa aliorum aut bono casu aut contrario pendere ex alterius eventis et errare coguntur, huic optime vivendi ratio comparata est. Hic est ille moderatus, hic fortis, hic sapiens, hic et nascentibus et cadentibus cum reliquis commodis, tum maxime liberis, parebit et obediet praecepto illi veteri; neque enim laetabitur umquam nec maerebit nimis, quod semper in se ipso omnem spem reponet sui." Ex hoc igitur Platonis quasi quodam sancto augustoque fonte nostra omnis manabit oratio.

É indubitável, portanto, que Sócrates encerrava toda a felicidade na virtude. E vê-lo-ás novamente no *Epitáfio*. "Parece-me", diz ele, "tomar a via mais segura para ser feliz aquele que busca encontrar no seu próprio âmago tudo quanto o pode fazer tal, sem depender da sorte nem do capricho de outro. Um homem que age assim é moderado; é corajoso; é sábio, e na adversidade como na prosperidade, na morte como no nascimento dos filhos, obedece ao antigo preceito que nos protege de nunca entregar-nos demasiadamente à alegria nem à tristeza, porque as nossas esperanças devem residir todas no que depende absolutamente de nós." Tal é a doutrina de Platão; e dela, como de uma fonte augusta e divina, manará tudo quanto eu disser.

John Burnet. Oxford University Press. 1903)

os nossos, assim como desejamos e rogamos;

(CAMARA, Bruna. *Menêxeno de Platão*: tradução, notas e estudo introdutório. 2014. Dissertação, Mestrado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014, p. 71. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-17102014-182852/pt-br.php. Acesso em: 8 set. 2021.

(Tradução de Carlos Ancêde Nougé, 2005, p. 37).

4. *Cat. Mai*. 6-9 = *Rep*. 328E-330A

Comentário de Jones (p. 24): "[...] não tanto uma tradução, mas uma adaptação, na qual Catão e Lélio tomam a vez de Céfalo e Sócrates, e alusões romanas são introduzidas; a anedota de Temístocles e o homem de Serifo permanecem" ("[...] not so much a translation as an adaptation, in which Cato and Laelius take the place of Cephalus and Socrates, and Roman allusions are introduced; the anecdote of Themistocles and the man of Seriphus is retained").

καὶ μήν, ἦν δ᾽ ἐγώ, ὦ Κέφαλε, χαίρω γε διαλεγόμενος [328ε] τοῖς σφόδρα πρεσβύταις: δοκεῖ γάρ μοι χρῆναι παρ᾽ αὐτῶν πυνθάνεσθαι, ὥσπερ τινὰ ὁδὸν

— De fato, Céfalo, eu fico contente, disse eu, quando converso com pessoas bem idosas. Como percorreram um caminho por onde talvez nós também tenhamos de passar, acho que é preciso

Laelius. Atqui, Cato, gratissimum nobis, ut etiam pro Scipione pollicear, feceris, si, quoniam speramus, volumus quidem certe, senes fieri, multo ante a te didicerimus

LÉLIO: De pleno acordo, Catão! Mas já que esperamos e mesmo queremos nos tornar velhos, ficaríamos felizes, Cipião e eu, de aprender contigo (e com muito tempo

προεληλυθότων ἢν καὶ ἡμᾶς ἴσως δεήσει πορεύεσθαι, ποία τίς ἐστιν, τραχεῖα καὶ χαλεπή, ἢ ῥᾳδία καὶ εὔπορος. καὶ δὴ καὶ σοῦ ἡδέως ἂν πυθοίμην ὅτι σοι φαίνεται τοῦτο, ἐπειδὴ ἐνταῦθα ἤδη εἶ τῆς ἡλικίας ὃ δὴ "ἐπὶ γήραος οὐδῷ" φασιν εἶναι οἱ ποιηταί, πότερον χαλεπὸν τοῦ βίου, ἢ πῶς σὺ αὐτὸ ἐξαγγέλλεις.

fazer-lhes uma pergunta: será esse caminho áspero e penoso ou suave e fácil? Também me dá prazer, já que estás naquela idade que os poetas chamam de limiar da velhice, ouvir-te dizer como vês esse momento da vida. É um momento difícil? Que dizes dele?

quibus facillime rationibus ingravescentem aetatem ferre possimus.

de antecedência) como suportar da melhor maneira os assaltos progressivos da idade.

[329α] ἐγώ σοι, ἔφη, νὴ τὸν Δία ἐρῶ, ὦ Σώκρατες, οἷόν γέ μοι φαίνεται. πολλάκις γὰρ συνερχόμεθά τινες εἰς ταὐτὸν παραπλησίαν ἡλικίαν ἔχοντες, διασῴζοντες τὴν παλαιὰν παροιμίαν: οἱ οὖν πλεῖστοι ἡμῶν ὀλοφύρονται συνιόντες, τὰς ἐν τῇ νεότητι ἡδονὰς ποθοῦντες καὶ ἀναμιμνῃσκόμενοι περί τε τἀφροδίσια καὶ περὶ πότους τε καὶ εὐωχίας καὶ ἄλλ᾽ ἄττα ἃ τῶν τοιούτων ἔχεται, καὶ ἀγανακτοῦσιν ὡς μεγάλων τινῶν ἀπεστερημένοι καὶ τότε μὲν εὖ ζῶντες, νῦν δὲ οὐδὲ ζῶντες. [329β] ἔνιοι δὲ καὶ τὰς τῶν οἰκείων προπηλακίσεις τοῦ γήρως ὀδύρονται, καὶ ἐπὶ τούτῳ δὴ τὸ γῆρας ὑμνοῦσιν ὅσων κακῶν σφίσιν αἴτιον. ἐμοὶ δὲ δοκοῦσιν, ὦ Σώκρατες, οὗτοι οὐ τὸ αἴτιον αἰτιᾶσθαι. εἰ

— Por Zeus, Sócrates, disse, eu te direi como o vejo. Muitas vezes nos reunimos, eu e alguns outros homens da mesma idade, e confirmamos o antigo provérbio[174]. Nesses encontros, quase todos entre nós se lamentam, sentindo falta dos prazeres da juventude e, lembrando-se dos amores, das bebidas, dos banquetes e de coisa ligadas a isso, e irritam-se, porque, segundo eles, perderam grandes bens e somente naquele tempo a vida valia a pena, agora não mais. Alguns se queixam também de que os familiares tratam mal os velhos e, por isso, a cantilena deles é sempre esta: "Que sofrimentos nos causa a velhice!" Na minha opinião, Sócrates, eles não acusam a verdadeira causa. Se essa fosse a causa, na minha velhice eu também passaria pelo mesmo, e também todos os outros que atingiram a

Cato. Faciam vero, Laeli, praesertim si utrique vestrum, ut dicis, gratum futurum est.

Laelius. Volumus sane, nisi molestum est. Cato, tamquam longam aliquam viam confeceris, quam nobis quoque ingrediendum sit, istuc, quo pervenisti, videre quale sit.

III. Cato. Faciam ut potero, Laeli. Saepe enim interfui querellis aequalium meorum, pares autem vetere proverbio cum paribus facillime congregantur, quae C. Salinator, quae Sp. Albinus, homines consulares, nostri fere aequales, deplorare solebant, tum quod voluptatibus carerent, sine quibus vitam nullam putarent, tum quod spernerentur ab eis, a quibus essent coli soliti; qui mihi non id videbantur accusare, quod esset accusandum. Nam si id culpa senectutis accideret, eadem mihi usu venirent reliquisque omnibus maioribus

CATÃO: Responderei de bom grado, Lélio, sobretudo se, como dizes, isto vos é agradável.

LÉLIO: Sim, nós o desejamos, se isso não te aborrece. Gostaríamos que, após a longa estrada que percorreste e que teremos de percorrer por nossa vez, nos descrevesses o lugar onde chegaste.

CATÃO: Farei o melhor possível, Lélio. Com frequência escutei os lamentos das pessoas de minha idade. (Cada qual com seu igual, diz um velho provérbio!) Assim ouvi Gaio Salinator e Espúrio Albino, dois antigos cônsules de minha geração, queixarem-se amargamente de estarem privados dos prazeres sem os quais, supunham, a vida nada mais vale; ou, ainda, de serem agora negligenciados pelos mesmos que os honravam outrora. Escutando-os, eu tinha a impressão de que se enganavam de culpado. Será de fato a

[174] "Cada um gosta de estar com os da sua idade" (PRADO, 2006, p. 6).

γὰρ ἦν τοῦτ᾽ αἴτιον, κἂν ἐγὼ τὰ αὐτὰ ταῦτα ἐπεπόνθη, ἕνεκά γε γήρως, καὶ οἱ ἄλλοι πάντες ὅσοι ἐνταῦθα ἦλθον ἡλικίας. νῦν δ᾽ ἔγωγε ἤδη ἐντετύχηκα οὐχ οὕτως ἔχουσιν καὶ ἄλλοις, καὶ δὴ καὶ Σοφοκλεῖ ποτε τῷ ποιητῇ παρεγενόμην ἐρωτωμένῳ ὑπό τινος: ‘πῶς,’ ἔφη, [329δ] δεσποτῶν πάνυ πολλῶν ἐστι καὶ μαινομένων ἀπηλλάχθαι. ἀλλὰ καὶ τούτων πέρι καὶ τῶν γε πρὸς τοὺς οἰκείους μία τις αἰτία ἐστίν, οὐ τὸ γῆρας, ὦ Σώκρατες, ἀλλ᾽ ὁ τρόπος τῶν ἀνθρώπων. ἂν μὲν γὰρ κόσμιοι καὶ εὔκολοι ὦσιν, καὶ τὸ γῆρας μετρίως ἐστὶν ἐπίπονον: εἰ δὲ μή, καὶ γῆρας, ὦ Σώκρατες, καὶ νεότης χαλεπὴ τῷ τοιούτῳ συμβαίνει.

minha idade. Na realidade, porém, já encontrei outros, entre eles o poeta Sófocles, cuja atitude não é essa. Estava a seu lado quando lhe perguntaram: “Sófocles, como estás em relação aos prazeres do amor? Ainda és capaz de estar com uma mulher”? “Silêncio, homem!”, disse. “Estou muito contente de estar a salvo disso... como alguém que está a salvo de um senhor furioso e selvagem”... Naquela ocasião achei boa a resposta e, neste momento, não a acho menos boa. É que de maneira geral, na velhice, em relação a assuntos como esses, começa a haver muita paz e liberdade. Quando as paixões perdem sua tensão e se acalmam, acontece o que disse Sófocles e podemos ficar longe de senhores que são muitos e desvairados. Mas, também a respeito dessas queixas e das que eles têm dos familiares, a causa é uma só. Não é a velhice, Sócrates, mas o caráter dos homens. Se são moderados e de bom temperamento, também a velhice é para eles moderadamente penosa. Se não são, acontece que não só a velhice, Sócrates, mas também a juventude é penosa.

natu, quorum ego multorum cognovi senectutem sine querella, qui se et libidinum vinculis laxatos esse non moleste ferrent nec a suis despicerentur. Sed omnium istius modi querellarum in moribus est culpa, non in aetate. Moderati enim et nec difficiles nec inhumani senes tolerabilem senectutem agunt, importunitas autem et inhumanitas omni aetati molesta est.

idade que devemos incriminar? Nesse caso, eu também deveria padecer dos mesmos inconvenientes, e, comigo, todas as pessoas idosas. Ora, sei de muitos que vivem sua velhice sem jeremiadas, aceitam alegremente estar liberados da carne e são respeitados pelos que os cercam. É portanto ao caráter de cada um, e não à velhice propriamente, que devemos imputar todas essas lamentações. Os velhos inteligentes, agradáveis e divertidos suportam facilmente a velhice, ao passo que a acrimônia, o temperamento triste e a rabugice são deploráveis em qualquer idade.

Laelius. Est, ut dicis, Cato; sed fortasse dixerit quispiam tibi propter opes et copias et dignitatem tuam tolerabiliorem senectutem videri, id autem non posse multis contingere.

LÉLIO: Certamente, Catão! Mas poderiam te objetar que teu poder, tua riqueza e teu prestígio tornam tua velhice mais suportável. Não é o caso da maioria...

καὶ ἐγὼ ἀγασθεὶς αὐτοῦ ε ἰπόντος ταῦτα, βουλόμενος ἔτι [329ε] λέγειν αὐτὸν ἐκίνουν καὶ εἶπον:

IV. Fiquei encantado com essa resposta e, querendo que continuasse a falar, provoquei-o dizendo:

Cato. Est istuc quidem, Laeli, aliquid, sed nequaquam in isto sunt omnia; ut Themistocles fertur Seriphio cuidam in iurgio respondisse, cum ille dixisset non eum sua, sed patriae gloria splendorem assecutum: “nec hercule,” inquit, “si ego

CATÃO: Há verdade no que dizes, Lélio, mas isso não explica tudo. Conta-se que um serifiano [habitante da ilha grega de Serifos], querendo discutir com Temístocles, disse-lhe que este devia seu renome menos à sua própria glória que à de

ὦ Κέφαλε, οἶμαί σου τοὺς πολλούς, ὅταν ταῦτα λέγῃς, οὐκ ἀποδέχεσθαι ἀλλ᾽ ἡγεῖσθαί σε ῥᾳδίως τὸ γῆρας φέρειν οὐ διὰ τὸν τρόπον ἀλλὰ διὰ τὸ πολλὴν οὐσίαν κεκτῆσθαι: τοῖς γὰρ πλουσίοις πολλὰ παραμύθιά φασιν εἶναι.

ἀληθῆ, ἔφη, λέγεις: οὐ γὰρ ἀποδέχονται. καὶ λέγουσι μέν τι, οὐ μέντοι γε ὅσον οἴονται: ἀλλὰ τὸ τοῦ Θεμιστοκλέους εὖ ἔχει, ὃς τῷ Σεριφίῳ λοιδορουμένῳ καὶ λέγοντι [330α] ὅτι οὐ δι᾽ αὑτὸν ἀλλὰ διὰ τὴν πόλιν εὐδοκιμοῖ, ἀπεκρίνατο ὅτι οὔτ᾽ ἂν αὐτὸς Σερίφιος ὢν ὀνομαστὸς ἐγένετο οὔτ᾽ ἐκεῖνος Ἀθηναῖος. καὶ τοῖς δὴ μὴ πλουσίοις, χαλεπῶς δὲ τὸ γῆρας φέρουσιν, εὖ ἔχει ὁ αὐτὸς λόγος, ὅτι οὔτ᾽ ἂν ὁ ἐπιεικὴς πάνυ τι ῥᾳδίως γῆρας μετὰ πενίας ἐνέγκοι οὔθ᾽ ὁ μὴ ἐπιεικὴς πλουτήσας εὔκολός ποτ᾽ ἂν ἑαυτῷ γένοιτο. πότερον δέ, ἦν δ᾽ ἐγώ, ὦ Κέφαλε, ὧν κέκτησαι τὰ πλείω παρέλαβες ἢ ἐπεκτήσω;

(Texto em grego extraído do *site* Perseus, com referência à obra *Platonis Opera*, ed. John Burnet. Oxford University Press. 1903)

— Céfalo, penso que, quando dizes isso, as pessoas em sua maioria não concordam contigo; acreditam que levas a velhice com facilidade não graças ao teu caráter, mas graças à grande fortuna que possuis. Os ricos, dizem elas, têm muitas consolações...

— É verdade o que dizes, respondeu. Não concordam comigo e têm certa razão, mas não tanta razão quanto pensam. Vale é a resposta de Temístocles ao cidadão de Sérifo que o injuriava dizendo que devia sua reputação não a si mesmo, mas à sua cidade: “Sendo de Sérifo, eu não seria célebre, nem tu, se fosse ateniense.” Para os que não são ricos e têm dificuldade em levar a velhice, vale o mesmo dito. Nem o homem sensato suportaria facilmente uma velhice que tivesse a pobreza como companheira, nem, tendo enriquecido, o não-sensato ficaria bem consigo mesmo.

(Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado, 2006, p. 5-6)

Seriphius essem, nec tu, si Atheniensis,1 clarus umquam fuisses.” Quod eodem modo de senectute dici potest; nec enim in summa inopia levis esse senectus potest, ne sapienti quidem, nec insipienti etiam in summa copia non gravis.

Aptissima omnino sunt, Scipio et Laeli, arma senectutis artes exercitationesque virtutum, quae in omni aetate cultae, cum diu multumque vixeris, mirificos ecferunt fructus, non solum quia numquam deserunt, ne extremo quidem tempore aetatis, quamquam id quidem maximum est, verum etiam quia conscientia bene actae vitae multorumque bene factorum recordatio iucundissima est.

(Texto latino de *Old Age. On Friendship. On Divination*. Translated by W. A. Falconer. Loeb Classical Library 154. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1923, p. 14-19)

sua pátria. Temístocles respondeu: “Por Hércules! Se eu fosse serifiano e tu ateniense, nem por isso serias mais ilustre”. Pode-se raciocinar do mesmo modo a propósito da velhice. Na extrema indigência, mesmo o sábio não poderia considerá-la leve; quanto ao imbecil, ele a julgará pesada mesmo na riqueza.

Para dizer tudo, Cipião e Lélio, as melhores armas para a velhice são o conhecimento e a prática das virtudes. Cultivados em qualquer idade, eles dão frutos soberbos no término de uma existência bem vivida. Eles não somente jamais nos abandonam, mesmo no último momento da vida – o que já é muito importante –, como também a simples consciência de ter vivido sabiamente, associada à lembrança de seus próprios benefícios, é uma sensação das mais agradáveis. (Tradução de Paulo Neves, 2011, p. 6).

5. *Off*. III, 38 = *Rep*. II,359D-360B

Comentário: “[...] uma paráfrase resumida, antes com ecos verbais que uma tradução” (“an abridged paraphrase with verbal echoes rather than a translation”).

εἴη δ᾽ ἂν ἡ ἐξουσία ἣν λέγω τοιάδε μάλιστα, εἰ αὐτοῖς γένοιτο οἵαν [359δ] ποτέ φασιν δύναμιν τῷ Γύγου τοῦ Λυδοῦ προγόνῳ γενέσθαι. εἶναι μὲν γὰρ αὐτὸν ποιμένα θητεύοντα παρὰ τῷ τότε Λυδίας ἄρχοντι, ὄμβρου δὲ πολλοῦ γενομένου καὶ σεισμοῦ ῥαγῆναί τι τῆς γῆς καὶ γενέσθαι χάσμα κατὰ τὸν τόπον ᾗ ἔνεμεν. ἰδόντα δὲ καὶ θαυμάσαντα καταβῆναι καὶ ἰδεῖν ἄλλα τε δὴ ἃ μυθολογοῦσιν θαυμαστὰ καὶ ἵππον χαλκοῦν, κοῖλον, θυρίδας ἔχοντα, καθ᾽ ἃς ἐγκύψαντα ἰδεῖν ἐνόντα νεκρόν, ὡς φαίνεσθαι μείζω ἢ κατ᾽ ἄνθρωπον, τοῦτον δὲ ἄλλο μὲν οὐδέν, περὶ δὲ [359ε] τῇ χειρὶ χρυσοῦν δακτύλιον ὄντα περιελόμενον ἐκβῆναι. συλλόγου δὲ γενομένου τοῖς ποιμέσιν εἰωθότος, ἵν᾽ ἐξαγγέλλοιεν κατὰ μῆνα τῷ βασιλεῖ τὰ περὶ τὰ ποίμνια, ἀφικέσθαι καὶ ἐκεῖνον ἔχοντα τὸν δακτύλιον: καθήμενον οὖν μετὰ τῶν ἄλλων τυχεῖν τὴν

A permissão de que falo seria mais ou menos a que teriam, se tivessem o poder que, segundo dizem, teve um dia Giges, antepassado do lídio. Ele era um pastor que servia o então governante da Lídia. Tendo havido grande chuva e terremoto, o solo rachou e formou-se uma grande fenda no local onde Giges pastoreava. Espantado com o espetáculo, desceu e viu, além de outras coisas espantosas que o mito mencionava, um cavalo de bronze que era oco e tinha pequenas portas. Espiando através delas, viu lá dentro um cadáver cujo tamanho, ao que parecia, era maior que o de um ser humano e estava nu, mas tinha na mão um anel de ouro. Ele pegou o anel e foi embora. Quando houve a assembléia habitual dos pastores para que dessem ao rei as notícias relativas ao rebanho, para lá foi ele com seu anel. Então, quando estava sentado junto com os outros, acontece que ele fez o engaste do anel girar, passando-o do lado de fora para a palma de sua

IX. Hinc ille Gyges inducitur a Platone, qui, cum terra discessisset magnis quibusdam imbribus, descendit in illum hiatum aëneumque equum, ut ferunt fabulae, animadvertit, cuius in lateribus fores essent; quibus apertis corpus hominis mortui vidit magnitudine invisitata1 anulumque aureum in digito; quem ut detraxit, ipse induit (erat autem regius pastor), tum in concilium se pastorum recepit. Ibi cum palam eius anuli ad palmam converterat, a nullo videbatur, ipse autem omnia videbat; idem rursus videbatur, cum in locum anulum inverterat. Itaque hac opportunitate anuli usus reginae stuprum intulit eaque adiutrice regem dominum interemit, sustulit, quos obstare arbitrabatur, nec in his eum facinoribus quisquam potuit videre. Sic repente anuli beneficio rex exortus est Lydiae.

IX.38. Daí Platão nos mostrar aquele Giges que, após a terra se abrir em conseqüência de violentas chuvas, desceu pela cratera e – conta a lenda – avistou ali um cavalo de bronze com aberturas nos flancos. Entrou e deu com o cadáver de um homem avantajado, que trazia no dedo um anel de ouro. Arrancou-o, colocou-o no seu próprio – era pastor do rei – e dirigiu-se à assembléia dos pastores. Lá, toda vez que girava a pedra do anel para a palma da mão, todos deixavam de vê-lo, mas ele continuava vendo a todos. Voltava a ser visível quando repunha o anel no lugar. Valendo-se dessa propriedade do objeto, desonrou a rainha e, com a ajuda dela, assassinou o rei seu senhor, suprimindo também os que julgava seus opositores, sem que ninguém o visse no momento em que perpetrava tais crimes. Assim,

σφενδόνην τοῦ δακτυλίου περιαγαγόντα πρὸς ἑαυτὸν εἰς τὸ εἴσω τῆς χειρός, τούτου δὲ γενομένου [360α] ἀφανῆ αὐτὸν γενέσθαι τοῖς παρακαθημένοις, καὶ διαλέγεσθαι ὡς περὶ οἰχομένου. καὶ τὸν θαυμάζειν τε καὶ πάλιν ἐπιψηλαφῶντα τὸν δακτύλιον στρέψαι ἔξω τὴν σφενδόνην, καὶ στρέψαντα φανερὸν γενέσθαι. καὶ τοῦτο ἐννοήσαντα ἀποπειρᾶσθαι τοῦ δακτυλίου εἰ ταύτην ἔχοι τὴν δύναμιν, καὶ αὐτῷ οὕτω συμβαίνειν, στρέφοντι μὲν εἴσω τὴν σφενδόνην ἀδήλῳ γίγνεσθαι, ἔξω δὲ δήλῳ: αἰσθόμενον δὲ εὐθὺς διαπράξασθαι τῶν ἀγγέλων γενέσθαι τῶν παρὰ τὸν βασιλέα, ἐλθόντα [360β] δὲ καὶ τὴν γυναῖκα αὐτοῦ μοιχεύσαντα, μετ᾽ ἐκείνης ἐπιθέμενον τῷ βασιλεῖ ἀποκτεῖναι καὶ τὴν ἀρχὴν οὕτω κατασχεῖν. εἰ οὖν δύο τοιούτω δακτυλίω γενοίσθην, καὶ τὸν μὲν ὁ δίκαιος περιθεῖτο, τὸν δὲ ὁ ἄδικος, οὐδεὶς ἂν γένοιτο, ὡς δόξειεν, οὕτως ἀδαμάντινος, ὃς ἂν μείνειεν ἐν τῇ δικαιοσύνῃ καὶ τολμήσειεν ἀπέχεσθαι τῶν ἀλλοτρίων καὶ μὴ ἅπτεσθαι, ἐξὸν αὐτῷ καὶ ἐκ τῆς ἀγορᾶς ἀδεῶς ὅτι βούλοιτο λαμβάνειν, [360ξ] καὶ εἰσιόντι εἰς τὰς οἰκίας συγγίγνεσθαι ὅτῳ βούλοιτο, καὶ ἀποκτεινύναι καὶ ἐκ δεσμῶν λύειν οὕστινας

mão. Feito isso, Giges ficou invisível para os que estavam a seu lado e dele falavam como se não estivesse mais lá. Ficou espantado e, de novo, tocando o anel, girou o engaste para o lado de fora e, depois de girá-lo, tornou-se visível. Notando isso, tentou ver se era o anel que tinha esse poder, e o que lhe aconteceu foi que, se ele girava o engaste para a palma da mão, ficava invisível, se para o lado de fora, visível. Tendo percebido isso, imediatamente tratou de ser um dos mensageiros que iriam até o rei. Lá chegando, seduziu a mulher do rei e junto com ela atacou-o e, depois de matá-lo, assumiu o governo. Se, portanto, houvesse dois anéis como esse e um deles o homem justo colocasse em seu dedo, e o outro o injusto, não haveria ninguém tão pertinaz que perseverasse na justiça e tão resistente que se mantivesse longe dos bens alheios e neles não tocasse, estando livre para, sem nada temer, tomar o que quisesse no mercado, entrar nas casas e aí conviver com quem quisesse, matar e livrar dos grilhões quem quisesse e fazer tudo o mais, já que, entre os homens, seria igual a um deus. Agindo assim, nada faria de diferente do outro, mas, ao contrário, ambos percorreriam o mesmo caminho. Ora, diria alguém, isso é indício de que ninguém é justo de bom grado, mas sob

Hunc igitur ipsum anulum si habeat sapiens, nihilo plus sibi licere putet peccare, quam si non haberet; honesta enim bonis viris, non occulta quaeruntur.

inesperadamente, viu-se sagrado rei da Lídia graças ao anel. Se um sábio lançasse mão desse anel, não acharia lícito fazer coisa alguma que não faria sem ele. De fato, as pessoas de bem buscam as coisas honestas, não as ocultas. (Tradução de Angélica Chiappetta, 1999, p. 142)

βούλοιτο, καὶ τἆλλα πράττειν ἐν τοῖς ἀνθρώποις ἰσόθεον ὄντα. οὕτω δὲ δρῶν οὐδὲν ἂν διάφορον τοῦ ἑτέρου ποιοῖ, ἀλλ᾽ ἐπὶ ταὔτ᾽ ἂν ἴοιεν ἀμφότεροι. καίτοι μέγα τοῦτο τεκμήριον ἂν φαίη τις ὅτι οὐδεὶς ἑκὼν δίκαιος ἀλλ᾽ ἀναγκαζόμενος, ὡς οὐκ ἀγαθοῦ ἰδίᾳ ὄντος, ἐπεὶ ὅπου γ᾽ ἂν οἴηται ἕκαστος οἷός τε ἔσεσθαι ἀδικεῖν, ἀδικεῖν.

(Texto em grego extraído do *site* Perseus, com referência à obra *Platonis Opera*, ed. John Burnet. Oxford University Press. 1903)

coerção, já que para ele pessoalmente não é um bem, já que cada um, quando crê que será capaz de cometer injustiça, comete. Todo homem crê, no que está certo, aliás, que para ele pessoalmente a injustiça traz mais vantagem que a justiça, como dirá quem defende essa posição. É que se alguém, de posse dessa permissão, não quisesse jamais cometer um ato injusto nem tocar nos bens alheios, os que disso se apercebessem o teriam como muito infeliz e insensato, mas o elogiariam diante dos outros, enganando-se mutuamente por medo de sofrer injustiça. É assim que isso acontece.

(Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado, 2006, p. 49-51)

6. *Rep*. I, 66-7 → *Rep*. VIII, 562C.

Comentário de Jones (p. 31): "[...] a versão é de fato abreviada e parafraseada, o diálogo é abandonado [...]" ("[...] the version is in fact shortened and paraphrased; dialogue is abandoned [...])"

[562ξ] ἆρ᾽ οὖν, ἦν δ᾽ ἐγώ, ὅπερ ᾗα νυνδὴ ἐρῶν, ἡ τοῦ τοιούτου

— Então, disse eu, ouve o que eu ia dizer agora... a busca insaciável de tal

tum fit illud, quod apud Platonem est luculente dictum**, si modo id**

then we have a condition which is splendidly described by Plato,[1]

Verifica-se, nesse caso, o que Platão descreve com tanta

ἀπληστία καὶ ἡ τῶν ἄλλων ἀμέλεια καὶ ταύτην τὴν πολιτείαν μεθίστησίν τε καὶ παρασκευάζει τυραννίδος δεηθῆναι;

πῶς; ἔφη.

[562δ] κακῶν οἰνοχόων προστατούντων τύχῃ, καὶ πορρωτέρω τοῦ δέοντος ἀκράτου αὐτῆς μεθυσθῇ, τοὺς ἄρχοντας δή, ἂν μὴ πάνυ πρᾷοι ὦσι καὶ πολλὴν παρέχωσι τὴν ἐλευθερίαν, κολάζει αἰτιωμένη ὡς μιαρούς τε καὶ ὀλιγαρχικούς.

δρῶσιν γάρ, ἔφη, τοῦτο.

τοὺς δέ γε, εἶπον, τῶν ἀρχόντων κατηκόους προπηλακίζει ὡς ἐθελοδούλους τε καὶ οὐδὲν ὄντας, τοὺς δὲ ἄρχοντας μὲν ἀρχομένοις, ἀρχομένους δὲ ἄρχουσιν ὁμοίους ἰδίᾳ τε καὶ δημοσίᾳ ἐπαινεῖ τε καὶ τιμᾷ. ἆρ᾽ οὐκ ἀνάγκη ἐν τοιαύτῃ [562ε] πόλει ἐπὶ πᾶν τὸ τῆς ἐλευθερίας ἰέναι;

bem e a indiferença por tudo o mais traz alterações também para essa forma de governo e cria condições para que seja necessário recorrer à tirania?

— Como?, disse.

— Creio que, quando uma cidade de governo democrático, sedenta de liberdade, tem à sua frente maus escanções e se embriaga além da medida com vinho sem mistura, se os governantes não são bastante afáveis e não lhe proporcionam grande liberdade, ela os castiga acusando-os de impuros e oligarcas.

— É isso que fazem, disse.

— Aos que se submetem aos governantes, falei, os cidadãos insultam tendo-os como pessoas que optaram pela servidão e que nada valem; aos governantes que se assemelham aos governados e aos governados que se assemelham aos governantes, em particular e em público, elogiam e prestam honras. Numa cidade desse tipo, não será

exprimere Latine potuero; difficile factu est, sed conabor tamen.

XLIII. “Cum” enim inquit “inexplebiles populi fauces exaruerunt libertatis siti malisque usus ille ministris non modice temperatam, sed nimis meracam libertatem sitiens hausit, tum magistratus et principes, nisi valde lenes et remissi sint et large sibi libertatem ministrent, insequitur, insimulat, arguit, praepotentes, reges, tyrannos vocat.” puto enim tibi haec esse nota.

L. Vero mihi, inquit ille, notissima.

67S. Ergo illa sequuntur: “eos, qui pareant principibus, agitari ab eo populo et servos voluntarios appellari; eos autem, qui in

if only I can reproduce his description in Latin; it is difficult, but I will attempt it.

XLIII. He says: “When the insatiable throats of the people have become dry with the thirst for liberty, and, served by evil ministers, they have drained in their thirst a draught of liberty which, instead of being moderately tempered, is too strong for them, then, unless the magistrates and men of high rank are very mild and indulgent, serving them with liberty in generous quantities, the people persecute them, charge them with crime and impeach them, calling them despots, kings, and tyrants.” I think you are acquainted with this passage.

Laelius. It is very familiar to me.

Scipio. He continues thus: “Those who follow the lead of prominent citizens are persecuted by such a people and

eloqüencia e que **eu vou tentar traduzir, se minhas forças puderem realizar tamanha empresa**: “Quando o povo, devorado por uma sede insaciável de independência, longe de beber com medida, embriaga-se com o licor funesto que lhe prodigalizam imprudentes aduladores, então persegue, acusa, incrimina de dominadores, reis e tiranos, aos magistrados e chefes que, dóceis e complacentes, não lhe escanceiam em caudais a liberdade”. Conheces essa passagem?

Lélio: - É-me bastante conhecida.

Cipião: - Sigamos, pois: “obedecer, então, a uma autoridade é excitar ainda mais a cólera do povo, que chama os que

πῶς γὰρ οὔ;

καὶ καταδύεσθαί γε, ἦν δ᾽ ἐγώ, ὦ φίλε, εἴς τε τὰς ἰδίας οἰκίας καὶ τελευτᾶν μέχρι τῶν θηρίων τὴν ἀναρχίαν ἐμφυομένην.

πῶς, ἦ δ᾽ ὅς, τὸ τοιοῦτον λέγομεν;

οἷον, ἔφην, πατέρα μὲν ἐθίζεσθαι παιδὶ ὅμοιον γίγνεσθαι καὶ φοβεῖσθαι τοὺς ὑεῖς, ὑὸν δὲ πατρί, καὶ μήτε αἰσχύνεσθαι μήτε δεδιέναι τοὺς γονέας, ἵνα δὴ ἐλεύθερος ᾖ: μέτοικον δ ὲ[563α] ἀστῷ καὶ ἀστὸν μετοίκῳ ἐξισοῦσθαι, καὶ ξένον ὡσαύτως.

γίγνεται γὰρ οὕτως, ἔφη.

ταῦτά τε, ἦν δ᾽ ἐγώ, καὶ σμικρὰ τοιάδε ἄλλα γίγνεται: διδάσκαλός τε ἐν τῷ τοιούτῳ φοιτητὰς φοβεῖται καὶ θωπεύει, φοιτηταί τε διδασκάλων ὀλιγωροῦσιν, οὕτω δὲ καὶ παιδαγωγῶν: καὶ ὅλως οἱ μὲν νέοι πρεσβυτέροις ἀπεικάζονται καὶ διαμιλλῶνται καὶ ἐν λόγοις καὶ ἐν ἔργοις, οἱ δὲ γέροντες συγκαθιέντες

forçoso que a exigência da liberdade abranja tudo?

— Como poderia deixar de ser?

—E que ela, meu amigo, penetre no interior das casas, disse eu, e finalmente chegue até os bichos, fazendo nascer a anarquia?

— O que queres dizer com isso?

— Por exemplo, o pai se acostuma, disse, a fazer-se de criança, a sentir medo de seus filhos, o filho tem medo do pai e nem respeita nem teme seus genitores, a fim de ser livre; o meteco e, da mesma forma, um estrangeiro.

— É isso que acontece, disse.

— Aí está o que acontece, disse eu, e ainda outras coisinhas... Um mestre numa cidade desse tipo teme e adula seus discípulos, os discípulos fazem pouco caso do mestre e também de seus tutores. Em geral, os jovens tornam-se semelhantes aos mais velhos e com eles competem com suas palavras e ações. Os velhos condescendem com os jovens e se

magistratu privatorum similes esse velint, eosque privatos, qui efficiant, ne quid inter privatum et magistratum differat, ferunt laudibus et mactant honoribus, ut necesse sit in eius modi re publica plena libertatis esse omnia, ut et privata domus omnis vacet dominatione et hoc malum usque ad bestias perveniat, denique ut pater filium metuat, filius patrem neglegat, absit omnis pudor, ut plane liberi sint, nihil intersit, civis sit an peregrinus, magister ut discipulos metuat et iis blandiatur spernantque discipuli magistros, adulescentes ut senum sibi pondus adsumant, senes autem ad ludum adulescentium descendant, ne sint iis odiosi et graves; ex quo fit, ut etiam servi se liberius gerant, uxores eodem iure sint, quo viri, inque tanta libertate canes etiam et equi, aselli denique liberi sic incurrant, ut iis de via decedendum sit. Ergo ex hac infinita," inquit,

called willing slaves; but those who, though in office, try to act like private citizens, and those private citizens who try to destroy all distinction between a private citizen and a magistrate are praised to the skies and loaded with honours. It necessarily follows in such a State that liberty prevails everywhere, to such an extent that not only are homes one and all without a master, but the vice of anarchy extends even to the domestic animals, until finally the father fears his son, the son flouts his father, all sense of shame disappears, and all is so absolutely free that there is no distinction between citizen and alien; the schoolmaster fears and flatters his pupils, and pupils despise their masters; youths take on the gravity of age, and old men stoop to the games of youth, for fear they may be

assim procedem de escravos voluntários; os magistrados, ao contrário, que fingem descer ao nível dos simples cidadãos, e estes que se esforçam para suprimir toda diferença entre eles e os magistrados, vêem-se cumulados de honras e de elogios. Numa república assim governada, a liberdade transforma-se em licença, a própria família fica, no seu interior, desprovida de autoridade, estendendo-se esse contágio aos próprios animais. O pai despreza o filho, e este deixa de honrar o pai. Perece o pudor em nome da liberdade geral; nada separa o cidadão do estrangeiro; o mestre, tremendo ante seus discípulos, adula-os, ao passo que eles o menosprezam; os jovens pretendem exercer as prerrogativas dos velhos, que, por sua parte, descem a loucuras da juventudo para não parecerem odiosos e extravagantes. Os

τοῖς νέοις εὐτραπελίας τε καὶ χαριεντισμοῦ [563β] ἐμπίμπλανται, μιμούμενοι τοὺς νέους, ἵνα δὴ μὴ δοκῶσιν ἀηδεῖς εἶναι μηδὲ δεσποτικοί.

πάνυ μὲν οὖν, ἔφη.

τὸ δέ γε, ἦν δ᾽ ἐγώ, ἔσχατον, ὦ φίλε, τῆς ἐλευθερίας τοῦ πλήθους, ὅσον γίγνεται ἐν τῇ τοιαύτῃ πόλει, ὅταν δὴ οἱ ἐωνημένοι καὶ αἱ ἐωνημέναι μηδὲν ἧττον ἐλεύθεροι ὦσι τῶν πριαμένων. ἐν γυναιξὶ δὲ πρὸς ἄνδρας καὶ ἀνδράσι πρὸς γυναῖκας ὅση ἡ ἰσονομία καὶ ἐλευθερία γίγνεται, ὀλίγου ἐπελαθόμεθ᾽ εἰπεῖν. [563ξ]

οὐκοῦν κατ᾽ Αἰσχύλον, ἔφη, ‘ἐροῦμεν ὅτι νῦν ἦλθ᾽ ἐπὶ στόμα;’

πάνυ γε, εἶπον: καὶ ἔγωγε οὕτω λέγω: τὸ μὲν γὰρ τῶν θηρίων τῶν ὑπὸ τοῖς ἀνθρώποις ὅσῳ ἐλευθερώτερά ἐστιν ἐνταῦθα ἢ ἐν ἄλλῃ, οὐκ ἄν τις πείθοιτο ἄπειρος. ἀτεχνῶς γὰρ αἵ τε κύνες κατὰ τὴν παροιμίαν οἷαίπερ αἱ δέσποιναι γίγνονταί τε δὴ καὶ ἵπποι καὶ ὄνοι,

fazem de matreiros e espirituosos; imitando os jovens para que não pareçam nem desagradáveis, nem autoritários.

— É bem isso que acontece, disse.

— Mas, disse eu, o mais alto grau de liberdade, meu amigo, atingido numa cidade sob um governo tal, ocorre quando os homens e mulheres que foram comprados em nada são menos livres que aqueles que os compraram. Quase íamos esquecendo-nos de mencionar até que ponto vai a igualdade e a liberdade das mulheres em relação aos homens e dos homens em relação às mulheres.

— Então, seguindo Ésquilo, disse, não vamos dizer *o que nos vem à boca neste momento*?

— Sem dúvida! Falei. É isso que vou fazer... Quanto aos animais submissos aos homens, eles são tão mais livres aqui que em outros lugares que ninguém acreditaria a não ser por experiência própria. As cadelas, segundo o provérbio, são realmente

“licentia haec summa cogitur, ut ita fastidiosae mollesque mentes evadant civium, ut, si minima vis adhibeatur imperii, irascantur et perferre nequeant; ex quo leges quoque incipiunt neglegere, ut plane sine ullo domino sint.”

XLIV. Tum Laelius: **Prorsus, inquit, expressa sunt a te, quae dicta sunt ab illo**.

disliked by their juniors and seem to them too serious. Under such conditions even the slaves come to behave with unseemly freedom, wives have the same rights as their husbands, and in the abundance of liberty even the dogs, the horses, and the asses are so free in their running about that men must make way for them in the streets.” “Therefore,” he concludes, “the final result of this boundless licence is that the minds of the citizens become so squeamish and sensitive that, if the authority of government is exercised in the smallest degree, they become angry and cannot bear it. On this account they begin to neglect the laws as well, and so finally are utterly without a master of any kind.”

XLIV. Laelius. **You have given us his description with great exactness**.

próprios escravos participam dessa libertinagem; reclamam as mulheres idênticos direitos aos de seus cônjuges; em suma, os próprios animais, os cães, os cavalos, os anos, correm livremente, mas tão livremente que atropelam e envolvem quanto se opõem à sua passagem desenfreada”. Ao chegar aqui, Platão exclama: “Aonde conduz esse extremo de licença? Ao triste resultado de tornar os cidadãos tão delicados e sombrios, que a menor aparência de autoridade os irrita e exaspera a tal ponto que sonham com romper as leis que desprezam, para se encontrarem livres de qualquer jugo”.

XLIV. Lélio: - **Traduziste fielmente o que foi dito por ele**.

(Tradução de Amador Cisneiros, 1985, p. 152).

πάνυ ἐλευθέρως καὶ σεμνῶς εἰθισμένοι πορεύεσθαι, κατὰ τὰς ὁδοὺς ἐμβάλλοντες τῷ ἀεὶ ἀπαντῶντι, ἐὰν μὴ ἐξίστηται, καὶ τἆλλα πάντα οὕτω [563δ] μεστὰ ἐλευθερίας γίγνεται.

τὸ ἐμόν γ᾽, ἔφη, ἐμοὶ λέγεις ὄναρ: αὐτὸς γὰρ εἰς ἀγρὸν πορευόμενος θαμὰ αὐτὸ πάσχω.

τὸ δὲ δὴ κεφάλαιον, ἦν δ᾽ ἐγώ, πάντων τούτων συνηθροισμένων, ἐννοεῖς ὡς ἁπαλὴν τὴν ψυχὴν τῶν πολιτῶν ποιεῖ, ὥστε κἂν ὁτιοῦν δουλείας τις προσφέρηται, ἀγανακτεῖν καὶ μὴ ἀνέχεσθαι; τελευτῶντες γάρ που οἶσθ᾽ ὅτι οὐδὲ τῶν νόμων φροντίζουσιν γεγραμμένων ἢ ἀγράφων, ἵνα δὴ μηδαμῇ [563ε] μηδεὶς αὐτοῖς ᾖ δεσπότης.

(Texto em grego extraído do *site* Perseus, com referência à obra *Platonis Opera*, ed. John Burnet. Oxford University Press, 1903)

tais quais suas donas, os cavalos e os burros são habituados a andar com toda liberdade e altivez, nos caminhos jogando-se sobre aqueles que se vão pondo diante deles, quando não lhes cedem caminho, e assim tudo o mais é repleto de liberdade.

— Mas é a um sonho meu, disse ele, que referes! Quando estou indo para o campo, é isso que freqüentemente me acontece.

— Sabes o que é o mais importante em tudo isso? disse eu. Torna a alma dos cidadãos tão sensível que, se alguém tenta trazer-lhes servidão, por pouco que seja, eles se irritam e se revoltam. Por fim, sabes isso muito bem, não dão atenção alguma nem às leis escritas nem às não-escritas, para que não venham a ter nenhum senhor.

(Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado, 2006, p. 334-6)

(Texto latino e tradução em inglês extraídos da obra *On the Republic. On the Laws*. Translated by Clinton W. Keyes. Loeb Classical Library 213. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1928, 108-111).

7. *Div*. I,60-l → *Rep*. IX, 571C-572B.

Jones (p. 32) cita outro autor para comentar que se trata de uma versão extremamente livre, “dificilmente” algo mais que uma paráfrase.

τὰς περὶ τὸν ὕπνον, ἦν δ᾽ ἐγώ, ἐγειρομένας, ὅταν τὸ μὲν ἄλλο τῆς ψυχῆς εὕδῃ, ὅσον λογιστικὸν καὶ ἥμερον καὶ ἄρχον ἐκείνου, τὸ δὲ θηριῶδές τε καὶ ἄγριον, ἢ σίτων ἢ μέθης πλησθέν, σκιρτᾷ τε καὶ ἀπωσάμενον τὸν ὕπνον ζητῇ ἰέναι καὶ ἀποπιμπλάναι τὰ αὑτοῦ ἤθη: οἶσθ᾽ ὅτι πάντα ἐν τῷ τοιούτῳ τολμᾷ ποιεῖν, ὡς ἀπὸ πάσης λελυμένον τε καὶ ἀπηλλαγμένον αἰσχύνης καὶ φρονήσεως. μητρί τε γὰρ ἐπιχειρεῖν [571δ] μείγνυσθαι, ὡς οἴεται, οὐδὲν ὀκνεῖ, ἄλλῳ τε ὁτῳοῦν ἀνθρώπων καὶ θεῶν καὶ θηρίων, μιαιφονεῖν τε ὁτιοῦν, βρώματός τε ἀπέχεσθαι μηδενός: καὶ ἑνὶ λόγῳ οὔτε ἀνοίας οὐδὲν ἐλλείπει οὔτ᾽ ἀναισχυντίας.

— Os que surgem durante o sono, disse eu, quando a outra parte da alma que, racional e mansa, comanda a outra parte que está dormindo e a parte animal e selvagem, farta de comida e bebida, procurando afastar o sono, empina-se e procura ir embora e satisfazer seus gostos. Sabes que, em tal momento, tudo ousa, como se estivesse livre e afastada de tudo, do pudor e da sabedoria. Não hesita, parece, em tentar, unir-se à sua mãe, a qualquer outro que seja, deuses, homens ou animais que sejam, assassinar quem quer que seja, nem se abstém de nenhum alimento e, em sua, de irracionalidade e de impudicícia nada lhe falta.

Vide, quid Socrates in Platonis Politia loquatur. Dicit enim:

Vê o que Sócrates fala na *República* de Platão. Pois diz:

ἀληθέστατα, ἔφη, λέγεις.

— É bem verdade, disse ele, o que falas.

‘Cum dormientibus ea pars animi, quae mentis et rationis sit particeps, sopita langueat; illa autem, in qua feritas quaedam sit atque agrestis immanitas, cum sit immoderato tumefacta1 potu atque pastu, exsultare eam in somno immoderateque iactari. Itaque huic omnia visa obiciuntur a mente ac ratione vacua, ut aut cum matre corpus miscere videatur aut cum quovis alio vel homine vel deo, saepe belua, atque etiam trucidare aliquem et impie cruentari multaque facere impure atque taetre cum temeritate et impudentia.

“Quando, naqueles que dormem, aquela parte da alma que partilha da mente e da razão, se enfraquece adormecida, aquela parte, porém, na qual há certa ferocidade e uma selvageria rústica, sendo intumescida pela bebida e pelo alimento imoderado, durante o sono se excita e se agita em excesso. E assim, todo tipo de visão desprovido de discernimento e razão se apresenta a ela, como, por exemplo, quando o corpo parece se unir ao da mãe ou então ao de um outro ser humano ou ao de um deus, muitas vezes ao de um animal feroz, ou até mesmo assassinar alguém, ensanguentar-se impiamente e fazer muitas coisas de modo impuro e sombrio com despropósito e atrevimento.

ὅταν δέ γε οἶμαι ὑγιεινῶς τις ἔχῃ αὐτὸς αὑτοῦ καὶ σωφρόνως, καὶ εἰς τὸν ὕπνον ἴῃ τὸ λογιστικὸν μὲν ἐγείρας ἑαυτοῦ καὶ ἑστιάσας λόγων καλῶν καὶ σκέψεων, εἰς σύννοιαν

— Quando alguém, creio eu, se mantém sadio e temperante consigo mesmo e se entrega ao sono depois de despertar o que nele há de racional e de servi-lo com o banquete de suas belas palavras e

61. Ora, aquele que possui um hábito e uma alimentação

[571ε] αὐτὸς αὑτῷ ἀφικόμενος, τὸ ἐπιθυμητικὸν δὲ μήτε ἐνδείᾳ δοὺς μήτε πλησμονῇ, ὅπως ἂν κοιμηθῇ καὶ μὴ παρέχῃ θόρυβον [572α] τῷ βελτίστῳ χαῖρον ἢ λυπούμενον, ἀλλ᾽ ἐᾷ αὐτὸ καθ᾽ αὑτὸ μόνον καθαρὸν σκοπεῖν καὶ ὀρέγεσθαί του αἰσθάνεσθαι ὃ μὴ οἶδεν, ἤ τι τῶν γεγονότων ἢ ὄντων ἢ καὶ μελλόντων, ὡσαύτως δὲ καὶ τὸ θυμοειδὲς πραῦνας καὶ μή τισιν εἰς ὀργὰς ἐλθὼν κεκινημένῳ τῷ θυμῷ καθεύδῃ, ἀλλ᾽ ἡσυχάσας μὲν τὼ δύο εἴδη, τὸ τρίτον δὲ κινήσας ἐν ᾧ τὸ φρονεῖν ἐγγίγνεται, οὕτως ἀναπαύηται, οἶσθ᾽ ὅτι τῆς τ᾽ ἀληθείας ἐν τῷ τοιούτῳ μάλιστα ἅπτεται καὶ ἥκιστα παράνομοι τότε αἱ ὄψεις [572β] φαντάζονται τῶν ἐνυπνίων.

(Texto em grego extraído do *site* Perseus, com referência à obra *Platonis Opera*, ed. John Burnet. Oxford University Press, 1903)

reflexões, chega a uma meditação dentro de si mesmo sem permitir, entretanto, que sua parte emotiva sofra carência ou excesso, para que ela se acalme e, com suas alegrias ou dores, não traga perturbação ao que de melhor há nele; ao contrário, deixa que só este, por si mesmo, examine e busque perceber o que não sabe, ou do passado ou do presente ou do futuro; da mesma forma quando, tendo amansado também sua impetuosidade, sem emoções em seu íntimo, vai dormir sem irritação contra ninguém; quando, porém, apaziguou essas duas partes da alma e incitou a terceira onde habita a sabedoria, quando, depois de tudo, está repousando, sabes disso, é sobretudo nesse momento que ele atinge a verdade e menos lhe aparecem as visões infames dos sonhos.

(Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado, 2006, p. 334-6)

enecta nec satietate affluenti (quorum utrumque praestringere aciem mentis solet, sive deest naturae quidpiam sive abundat atque affluit), illa etiam tertia parte animi, in qua irarum existit ardor, sedata atque restincta, tum eveniet duabus animi temerariis partibus compressis, ut illa tertia pars rationis et mentis eluceat et se vegetam ad somniandum acremque praebeat, tum ei visa quietis occurrent tranquilla atque veracia.' **Haec verba ipsa Platonis expressi.**

sadia e moderada, tendo se entregado ao repouso com a parte da alma que é da mente e do bom senso agitada, estimulada e saciada pelo banquete de bons pensamentos, a parte da alma que é alimentada pelo prazer nem privada do necessário nem saciada em abundância (ambos costumam ferir a atividade da mente, se falta alguma coisa da natureza ou se abunda e sobra) e até aquela terceira parte da alma, na qual existe o ardor das iras, acalmada e aplacada, assim, com as duas partes imprudentes da alma contidas, acontecerá que aquela terceira parte da razão e da mente brilhará e se exporá ao sonho vigorosa e ativa, e então as visões do sono ocorrerão tranqüilas e verdadeiras". **Reproduzi as próprias palavras de Platão.**

(Texto latino e tradução de Beatris Ribeiro Gratti, 2009, p. 73-4)

8. *Tusc*. I,53-4 → *Phaedr*. 245C-246A

Comentário de Jones (p. 24, grifo nosso): "repetido com quase nenhuma alteração a partir do *De republica* VI, 27, onde aparece sem o crédito a Platão, como parto do discurso de Africano. É admiravelmente próxima e idiomática e tem alguma pretensão de representar **o melhor de Cícero como tradutor**" ("repeated with almost no change from *Rep*.VI,27, where it is given, without acknowledgment to Plato, as part of Africanus' speech. This is admirably close and idiomatic, and has some claim to represent **the best of Cicero as translator").**

		Sed si qualis sit animus ipse animus nesciet, dic, quaeso, ne esse quidem se sciet, ne moveri quidem se? Ex quo illa ratio nata est Platonis, quae a Socrate est in Phaedro explicata, a me autem posita est in sexto libro de re publica.	Mas se a própria alma desconhece qual a sua natureza, diz, por favor, se ela nem mesmo sabe que existe e se move? Foi disso que nasceu aquele pensamento de Platão, explicado por Sócrates no *Fedro* e posto por mim no sexto livro *Da República*.
ψυχὴ πᾶσα ἀθάνατος. τὸ γὰρ ἀεικίνητον ἀθάνατον: τὸ δ᾽ ἄλλο κινοῦν καὶ ὑπ᾽ ἄλλου κινούμενον, παῦλαν ἔχον κινήσεως, παῦλαν ἔχει ζωῆς. μόνον δὴ τὸ αὑτὸ κινοῦν, ἅτε οὐκ ἀπολεῖπον ἑαυτό, οὔποτε λήγει κινούμενον, ἀλλὰ καὶ τοῖς ἄλλοις ὅσα κινεῖται τοῦτο πηγὴ καὶ ἀρχὴ κινήσεως. [245δ] ἀρχὴ δὲ ἀγένητον. ἐξ ἀρχῆς γὰρ ἀνάγκη πᾶν τὸ γιγνόμενον γίγνεσθαι, αὐτὴν δὲ μηδ᾽ ἐξ ἑνός: εἰ γὰρ	[...] a alma é imortal, pois o que se move a si mesmo é imortal, ao passo que, naquilo que move alguma coisa, mas, por sua vez, é também movido por outra, a cessação do movimento corresponde ao fim da existência. Somente o que se move a si mesmo não deixará de mover-se e, sendo assim, constitui também fonte de movimento para as outras coisas que se movem. Ora, um princípio constitui algo inato, pois é a partir de um princípio que	XXIII. "Quod semper movetur, aeternum est: quod autem motum adfert alicui quodque ipsum agitatur aliunde, quando finem habet motus, vivendi finem habeat necesse est. Solum igitur, quod se ipsum movet, quia numquam deseritur a se, numquam ne moveri quidem desinit: quin etiam ceteris, quae moventur, hic fons, hoc principium est movendi. Principii autem nulla est origo: nam e principio oriuntur omnia, ipsum autem nulla	XXIII. "O que sempre está se movimentando é eterno: o que, entretanto, traz movimento a algo e é movimentado por outro, quando o movimento acaba, necessariamente encontra o fim de sua vida. Portanto, somente o que se move a si próprio, porque nunca se aparta de si, jamais deixa de se mover: assim então, de todos que se movem, esta é a fonte, este é o princípio do movimento. Mas o princípio não tem origem: pois todas as coisas se originam

ἔκ του ἀρχὴ γίγνοιτο, οὐκ ἂν ἔτι ἀρχὴ γίγνοιτο. ἐπειδὴ δὲ ἀγένητόν ἐστιν, καὶ ἀδιάφθορον αὐτὸ ἀνάγκη εἶναι. ἀρχῆς γὰρ δὴ ἀπολομένης οὔτε αὐτή ποτε ἔκ του οὔτε ἄλλο ἐξ ἐκείνης γενήσεται, εἴπερ ἐξ ἀρχῆς δεῖ τὰ πάντα γίγνεσθαι. οὕτω δὴ κινήσεως μὲν ἀρχὴ τὸ αὐτὸ αὑτὸ κινοῦν. τοῦτο δὲ οὔτ᾽ ἀπόλλυσθαι οὔτε γίγνεσθαι δυνατόν, ἢ πάντα τε οὐρανὸν [245ε] πᾶσάν τε γῆν εἰς ἓν συμπεσοῦσαν στῆναι καὶ μήποτε αὖθις ἔχειν ὅθεν κινηθέντα γενήσεται. ἀθανάτου δὲ πεφασμένου τοῦ ὑφ᾽ ἑαυτοῦ κινουμένου, ψυχῆς οὐσίαν τε καὶ λόγον τοῦτον αὐτόν τις λέγων οὐκ αἰσχυνεῖται. πᾶν γὰρ σῶμα, ᾧ μὲν ἔξωθεν τὸ κινεῖσθαι, ἄψυχον, ᾧ δὲ ἔνδοθεν αὐτῷ ἐξ αὑτοῦ, ἔμψυχον, ὡς ταύτης οὔσης φύσεως ψυχῆς: εἰ δ᾽ ἔστιν τοῦτο οὕτως ἔχον, μὴ ἄλλο τι εἶναι τὸ αὐτὸ ἑαυτὸ [246α] κινοῦν ἢ ψυχήν, ἐξ ἀνάγκης ἀγένητόν τε καὶ ἀθάνατον ψυχὴ ἂν εἴη. [...]

(Texto em grego extraído do *site* Perseus, com referência à obra *Platonis Opera*, ed. John Burnet. Oxford University Press, 1903)

necessariamente assume existência tudo aquilo que existe, ao passo que o princípio não provém de coisa alguma, pois, se começasse a ser partindo de qualquer outra fonte, não seria princípio. Por outro lado, como não proveio de uma geração, não se encontra sujeito à corrupção, pois é evidente que, uma vez o princípio anulado, jamais poderia gerar-se nele, porque ele é o princípio e tudo provém necessariamente desse princípio. Podemos então concluir que o princípio do movimento é o que a si mesmo se move e por isso não pode ser anulado, nem pode ter começado a existir, pois, de outra maneira, todo o universo, todas as gerações parariam e jamais poderiam voltar a ser movidas a encontrar um ponto de partida para a existência. Agora que foi demonstrada a imortalidade do que se move por si mesmo, não haverá qualquer escrúpulo em afirmar que essa é exactamente a essência da alma, que o seu carácter é precisamente este. Com efeito, todos os corpos movidos por um agente exterior são inanimados, enquanto o corpo movido de dentro é animado, pois que ele é o movimento e natureza da alma. O que se move a si mesmo não pode ser outra coisa senão a alma, de onde

ex re alia nasci potest: nec enim esset id principium, quod gigneretur aliunde. Quod si numquam oritur, ne occidit quidem umquam: nam principium exstinctum nec ipsum ab alio renascetur nec ex se aliud creabit, si quidem necesse est a principio oriri omnia. Ita fit ut motus principium ex eo sit, quod ipsum a se movetur; id autem nec nasci potest nec mori, vel concidat omne caelum omnisque natura consistat necesse est nec vim ullam nanciscatur, qua a primo impulsa moveatur. Cum pateat igitur aeternum id esse, quod se ipsum moveat, quis est qui hanc naturam animis esse tributam neget? Inanimum est enim omne, quod pulsu agitatur externo; quod autem est animal, id motu cietur interiore et suo. Nam haec est propria natura animi atque vis, quae si est una ex omnibus, quae se ipsa moveat, neque nata certe est et aeterna est."

do princípio, ao passo que ele próprio não pode nascer de nada mais, afinal não seria o princípio se surgisse de outra coisa. Porque, se nunca nasce, com efeito jamais morre: uma vez extinto o princípio, não renascerá de outra coisa e nada surgirá dele, se de fato é necessário que tudo o mais surja de um princípio. Destarte, o princípio do movimento decorre de si, porque se move a si próprio. Mas não pode nascer nem morrer, ou todo o céu desabaria e a natureza pararia por completo e não teria força nenhuma para se mover com o primeiro impulso. Embora a eternidade do que se move a si mesmo seja manifesta, quem poderá negar que tal natureza tenha sido atribuída às almas? Pois é inanimado tudo que se move por estímulo externo, ao passo que o que é animado se move por um movimento interior que lhe é próprio. Pois essa é a própria natureza e força da alma: se ela somente, de tudo, move a si mesma, certamente não teve início e é eterna."

se segue necessariamente que a alma é simultaneamente incriada e imortal.
(Tradução de Pinharanda Gomes, 2000, p. 57-8)

9. *Orat.* 41 → *Phaedr. 279.*

Comentário de Jones (p. 25): “a versão é de fato muito próxima” (“the version is indeed very close”).

Σωκράτης
νέος ἔτι, ὦ Φαῖδρε, Ἰσοκράτης: ὃ μέντοι μαντεύομαι [279α] κατ᾽ αὐτοῦ, λέγειν ἐθέλω.
Φαῖδρος
τὸ ποῖον δή;
Σωκράτης
δοκεῖ μοι ἀμείνων ἢ κατὰ τοὺς περὶ Λυσίαν εἶναι λόγους τὰ τῆς φύσεως, ἔτι τε ἤθει γεννικωτέρῳ κεκρᾶσθαι: ὥστε οὐδὲν ἂν γένοιτο θαυμαστὸν προϊούσης τῆς ἡλικίας εἰ περὶ αὐτούς τε τοὺς λόγους, οἷς νῦν ἐπιχειρεῖ, πλέον ἢ παίδων διενέγκοι τῶν πώποτε ἁψαμένων λόγων, ἔτι τε εἰ αὐτῷ μὴ ἀποχρήσαι ταῦτα, ἐπὶ μείζω δέ τις αὐτὸν ἄγοι

Sócrates — Isócrates é ainda muito jovem, Fedro! Por conseguinte, o mais que posso fazer é tentar adivinhar e dizer-te o que prevejo para ele!

Fedro — Diz então o que auguras!
Sócrates — Auguro que, em virtude dos seus dons naturais, será capaz de vir a fazer melhor do que discursos à maneira de Lísias. Por outro lado, o seu carácter é muito mais nobre. Por isso, não será de admirar que Isócrates, à medida que se tornar maduro, venha a distinguir-se na arte da eloquência em que agora se exercita, de tal maneira que todos os que se dedicam à retórica pareçam aprendizes ao pé dele Mas pode acontecer que não se sinta satisfeito com isso e venha a dedicar-se, por

Est enim, ut scis, quasi in extrema pagina Phaedri **his ipsis verbis** loquens Socrates: “adulescens etiam nunc, o Phaedre, Isocrates, est, sed quid de illo augurer libet dicere.” “Quid tandem?” inquit ille. “Maiore mihi ingenio videtur esse quam ut cum orationibus Lysiae comparetur, praeterea ad virtutem maior indoles; ut minime mirum futurum sit, si, cum aetate processerit, aut in hoc orationum genere cui nunc studet tantum, quantum pueris, reliquis praestet omnibus qui unquam orationes attigerunt aut, si contentus his non fuerit, divino aliquo animi motu maiora concupiscat; inest enim natura philosophia in huius viri mente quaedam.”

Pois, como tu sabes, quase na última página do Fedro está Sócrates a falar **com estas exatas palavras**: “Isócrates ainda é um adolescente, Fedro, mas me apraz dizer o que agouro a respeito dele”. “O que é, então?”, diz este. “Parece-me ter um engenho grande demais para que se equiparem os seus discursos aos de Lísias, além de uma maior índole para a virtude, de modo que não há de ser nada supreendente se, quando avançar em idade, assim como ultrapassa os demais meninos, ultrapassar, neste gênero de discurso a que agora se aplica, todos os que jamais se ocuparam com discursos, ou, se com isso não estiver contente, cobiçar, por algum divino movimento da alma, coisas maiores; há,

ὁρμὴ θειοτέρα: φύσει γάρ, ὦ φίλε, ἔνεστί τις φιλοσοφία [279β] τῇ τοῦ ἀνδρὸς διανοίᾳ. (Texto em grego extraído do *site* Perseus)	inspiração divina, a assuntos mais elevados, pois o seu espírito é notavelmente propenso à filosofia! (Tradução de Pinharanda Gomes, 2000, p. 129-130)		sim, por natureza, na mente deste homem certa filosofia". (Tradução de André Novo Viccini, 2018, p. 80)

10. *De Leg.* II, 45 → *Leg*. XII, 955E-956B.

Comentário de Jones (p. 25): "[...] muito próxima e imitando o estilo legal" ("[...] very close and imitating legal style").

γῆ μὲν οὖν ἑστία τε οἰκήσεως ἱερὰ πᾶσι πάντων θεῶν: μηδεὶς οὖν δευτέρως ἱερὰ καθιερούτω θεοῖς. χρυσὸς δὲ καὶ ἄργυρος ἐν ἄλλαις πόλεσιν ἰδίᾳ τε [956α] καὶ ἐν ἱεροῖς ἐστιν ἐπίφθονον κτῆμα, ἐλέφας δὲ ἀπολελοιπότος ψυχὴν σώματος οὐκ εὐαγὲς ἀνάθημα, σίδηρος δὲ καὶ χαλκὸς πολέμων ὄργανα: ξύλου δὲ μονόξυλον ὅτι ἂν ἐθέλῃ τις ἀνατιθέτω, καὶ λίθου ὡσαύτως πρὸς τὰ κοινὰ ἱερά, ὑφὴν δὲ μὴ πλέον ἔργον γυναικὸς μιᾶς ἔμμηνον. χρώματα δὲ λευκὰ πρέποντ᾽ ἂν	The soil and the hearth are in all cases sacred to all the gods; wherefore no one shall consecrate afresh what is already sacred. Gold and silver, [956a] which in other States are used both privately and in temples, are objects liable to cause envy; and ivory, which comes from a body bereft of soul, is not a pure offering;1 while iron and bronze are instruments of war; of wood forming a single piece a man may offer in the public temples whatsoever he wishes, and of stone likewise, and of woven stuff an amount not exceeding a month's output by	XVIII. Agri autem ne consecrentur, Platoni prorsus adsentior, qui, **si modo interpretari potuero**, **his fere verbis** utitur: "Terra igitur, ut focus domiciliorum, sacra deorum omnium est? quocirca ne quis iterum idem consecrato. aurum autem et argentum in urbibus et privatim et in fanis invidiosa res est. tum ebur ex inani corpore extractum haud satis castum donum deo. iam aes atque ferrum duelli instrumenta, non fani. ligneum autem, quod quisque voluerit, uno e ligno dicato itemque lapideum in delubris communibus, textile ne operosius quam mulieris opus	Que não se consagrem os campos. Estou de acordo com Platão que, **se me permite traduzi-lo**, diz **mais ou menos o seguinte**: "A terra, pois, como o lar das casas, está consagrada a todos os deuses. Logo, ninguém deve consagrá-la pela segunda vez. O ouro e a prata despertam a inveja, quando figuram nas cidades, nas casas particulares e nos templos. O marfim, extraído de um corpo sem vida, não é um dom digno para um Deus. O bronze e o "ferro" são instrumentos de guerra e não convêm a um templo. Assim consagrai nos santuários públicos um objeto qualquer de

θεοῖς εἴη καὶ ἄλλοθι καὶ ἐν ὑφῇ, βάμματα δὲ μὴ προσφέρειν ἀλλ᾽ ἢ πρὸς τὰ πολέμου [956β] κοσμήματα. θειότατα δὲ δῶρα ὄρνιθές τε καὶ ἀγάλματα ὅσαπερ ἂν ἐν μιᾷ ζωγράφος ἡμέρᾳ εἷς ἀποτελῇ: καὶ τἆλλα ἔστω κατὰ τὰ τοιαῦτα ἀναθήματα μεμιμημένα.

(Texto em grego extraído do *site* Perseus, com referência à obra *Platonis Opera*, ed. John Burnet. Oxford University Press, 1903)

one woman. For woven stuff and other materials, white will be a color befitting the gods; but dyes they must not employ, save only for military decorations. [956b] Birds and statues make most godlike gifts, and they should be no larger than what one sculptor can complete in a single day; and all other votive offerings shall be modelled on similar lines.

(Tradução extraída do *site* Perseus. PLATO. Plato in Twelve Volumes, Vols. 10 & 11 translated by R.G. Bury. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1967 & 1968)

menstruum. color autem albus praecipue decorus deo est cum in cetero, tum maxime in textili; tincta vero absint nisi a bellicis insignibus. divinissima autem dona aves et formae ab uno pictore uno absolutae die; itemque cetera huius exempli dona sunto.

madeira (feito, porém, de uma só madeira), ou também de pedra; se se trata de um tecido, o trabalho necessário para sua fabricação não deve superar o de uma mulher durante um mês. A cor branca é a mais adequada para um deus, em todos os casos, porém, especialmente, no caso de um tecido; devem-se evitar as tinturas, salvo nas insígnias militares. Os sacrifícios mais divinos são as aves e demais imagens realizadas por um só pintor em um só dia. Que todas as outras dadivas se conformem com estes exemplos".

(Tradução de Otávio T. de Brito, 1967, p. 91)

Na tradução de Clinton Keyes para a Loeb (*On the Republic. On the Laws*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1928, p. 426. Loeb Classical Library 213) temos "In my prohibition of the consecration of land I am in complete agreement with Plato, who expresses his opinion in **about** the following words, **if I can translate the passage** [...]". Utilizando o *software* Diógenes, em uma busca delimitada dentre as obras de Cícero por *potuero*, encontramos 21 resultados, dos quais, além do referido no passo supracitado, damos a seguir outros três em que consta *modo potuero*, ou seja, quase um quinto das ocorrências ou vinte por cento. Também chama atenção o caso de *fere* com *uerbis*, de modo que encontramos alguns resultados em que percebemos como escrita, memória e fala são processos, muita vez, indissociáveis:

Rep. I, 65

Si quando aut regi iusto vim populus attulit regnove eum spoliavit aut etiam, id quod evenit saepius, optimatium sanguinem gustavit ac totam rem publicam substravit libidini suae (cave putes autem mare ullum aut flammam esse tantam, quam non facilius sit sedare quam effrenatam inso- lentia multitudinem), tum fit illud, quod apud Platonem est luculente dictum, **si modo id exprimere Latine potuero**; difficile factu est, sed conabor tamen.

Mas, se, por desgraça, o povo feriu um rei justo ou o despojou do trono ou, o que é mais freqüente, fez derramar o sangue dos nobres e submeteu todo o Estado ao seu furor, sabe que não há incêndios nem tempestades mais difíceis de apaziguar do que a insolência e o furor dessa desenfreada multidão.
XLIII. — Verifica-se, nesse caso, o que Platão descreve com tanta eloqüência e **que eu vou tentar traduzir, se minhas forças puderem realizar tamanha empresa**. (Tradução de Amador Cisneiros, 1985, p. 314).

Rep. II, 52

Ego autem, si [quo] **modo consequi potuero**[175], rationibus eisdem, quas ille vidit, non in umbra et imagine civitatis, sed in amplissima re publica enitar, ut cuiusque et boni publici et mali causam tamquam virgula videar attingere.

Por minha parte, **tanto quanto possa consegui-lo**, tentarei aplicar princípios idênticos, não ao vão simulacro de uma sociedade imaginária, mas à mais ampla e poderosa República, de modo que se possa assinalar a causa dos males e bens públicos. (Tradução de Amador Cisneiros, 1985, p. 331).

Deiot. 38, 10

Memini enim **isdem fere verbis** ad me te scribere [...]

Lembro de você me escrever **praticamente as mesmas palavras** e [...].

For I recollect that it was **in very similar words** you wrote to me [...] (Cicero. *Pro Milone. In Pisonem. Pro Scauro. Pro Fonteio. Pro Rabirio Postumo. Pro Marcello. Pro Ligario. Pro Rege Deiotaro*. Translated by N. H. Watts. Loeb Classical Library 252. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931, p. 537)

Luc. 102, 15

scripsit igitur **his fere verbis** (sunt enim mihi nota [...].

Escreveu, então, **praticamente estas palavras** (é que me são conhecidas [...].

He wrote then in almost these words—for I am familiar with them [...] (Cicero. *On the Nature of the Gods. Academics*. Translated by H. Rackham. Loeb Classical Library 268. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1933, p. 599.)

[175] Bernardo (2013, p. 115) traduz *si [quo] modo consequi potuero* por “se é que posso expressá-lo em latim”.

Fin. II, 92 ipse enim Metrodorus, paene alter Epicurus, beatum esse describit **his fere verbis** [...].	O próprio Metrodoro, quase outro Epicuro, descreveu o que é ser feliz **com as seguintes palavras** [...] Metrodorus himself, who was almost a second Epicurus, describes happiness (I give almost his actual words) (Cicero. *On Ends*. Translated by H. Rackham. Loeb Classical Library 40. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914, p. 183.)
Fin. II, 100 Sed ut epistulam laudandam arbitror eam, quam modo **totidem fere verbis** interpretatus sum [...]	Mas como penso que essa epístola deve ser celebrada, que há pouco traduzi **com praticamente as mesmas palavras** [...]. But while I think that the letter I have just translated almost word for word is most admirable [...] (Cicero. On Ends. Translated by H. Rackham. Loeb Classical Library 40. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914, p. 191.)
Tusc. II, 9, 17 post meridiem in Academiam descendimus; in qua disputationem habitam non quasi narrantes exponimus, sed eisdem **fere verbis**, ut actum disputatumque est.	À tarde descemos à Academia, onde ocorreu um debate que expomos não como uma narrativa, mas **praticamente com as mesmas palavras** que foram faladas e utilizadas na discussão. [...] and there a discussion took place which I do not present in narrative form, but **as nearly as I can in the exact words of our actual discussion**. (Cicero. Tusculan Disputations. Translated by J. E. King. Loeb Classical Library 141. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1927, p. 155.)

É notável que Cícero, ao mencionar o ato de passagem de um texto ou conteúdo do grego ao latim, frequentemente faz espécie de ressalva, atenuação com *si potuero* – no *De optimo genere oratorum*, contudo, temos uma justificativa – que mais nos parece um artifício retórico de *captatio beneuolentiae*; quanto a *fere* que acompanha *uerbis* utilizamos o advérbio “praticamente”, com significado de “quase, próximo”, e os exemplos

das traduções em inglês dão “almost”. Não acreditamos que seja possível entender nessas expressões uma tentativa de tradução literal, ainda mais que Cícero poderia dizer, em vez de *fere uerbis, ipsis uerbis,* como faz em *Orator* 41, que Jones considera uma tradução “próxima”; no entanto, vimos em *De diuinatione* I, 60-l o Arpinate afrmar *Haec verba ipsa Platonis expressi* de um excerto cuja tradução, na análise de Jones, não passa mais do que uma paráfrase. Devemos atentar, todavia, que os contextos são diferentes, o *Orator* e o *De diuinatione*, um no âmbito da retórica e outro no da filosofia, ainda que não consigamos determinar em que medida essa diferença possa alterar o significado da expressão. Vale também enfocar o verbo *exprimere*, que McElduff (2012) associa à imagem de “squeeze”, como espremer para extrair o suco, daí a predominância do conteúdo, em vez da imagem da estampa ou do selo, que, como uma estampa, dá preponderância à forma: uma interpretação é abstrata, mental, do mundo das ideias, a outra, visual, do mundo das formas, e a comparação entre modelo e texto derivado nos permite entender a qual sentido do verbo determinado autor teria seguido.

11. *Leg*. II,67-8 → *Leg*. XII, 958D-E.

Comentário de Jones (p. 25): “regulações funerárias, dadas não como tradução, mas em *oratio obliqua*; ainda assim segue o grego de modo muito próximo” (“funeral regulations, given not as translation but in oratio obliqua; it still follows the Greek fairly closely”).

		XXVII. Haec igitur Athenienses tui. sed videamus Platonem, qui iusta funerum reicit ad **interpretes religionum**; quem nos morem tenemus. de sepulchris autem dicit haec: vetat ex agro culto eove, qui coli possit, ullam partem sumi sepulchro; sed quae natura agri tantum modo efficere	Estas, pois, são as leis de teus amigos atenienses. Interroguemos, porém, a Platão. Encarrega os **intérpretes da religião** da tarefa de definir as regras funerárias (costume que existe também entre nós) e propõe o seguinte acerca dos sepulcros: proíbe transformar em sepulcro a menor
θήκας δ᾽ εἶναι τῶν χωρίων ὁπόσα μὲν ἐργάσιμα μηδαμοῦ, μήτε τι μέγα μήτε [958ε]	no tombs, however, shall be put in places that are tilled,—whether the monument be small or		

τι σμικρὸν μνῆμα, ἃ δὲ ἡ χώρα πρὸς τοῦτ᾽ αὐτὸ μόνον φύσιν ἔχει, τὰ τῶν τετελευτηκότων σώματα μάλιστα ἀλυπήτως τοῖς ζῶσι δεχομένη κρύπτειν, ταῦτα ἐκπληροῦν, τοῖς δὲ ἀνθρώποις ὅσα τροφὴν μήτηρ οὖσα ἡ γῆ πρὸς ταῦτα πέφυκεν βούλεσθαι φέρειν, μήτε ζῶν μήτε τις ἀποθανὼν στερείτω τὸν ζῶνθ᾽ ἡμῶν. χῶμα δὲ μὴ χοῦν ὑψηλότερον πέντε ἀνδρῶν ἔργον, ἐν πένθ᾽ ἡμέραις ἀποτελούμενον: λίθινα δὲ ἐπιστήματα μὴ μείζω ποιεῖν ἢ ὅσα δέχεσθαι τῶν τοῦ τετελευτηκότος ἐγκώμια βίου μὴ πλείω τεττάρων ἡρωικῶν [...][959α] στίχων. τὰς δὲ προθέσεις πρῶτον μὲν μὴ μακρότερον χρόνον ἔνδον γίγνεσθαι τοῦ δηλοῦντος τόν τε ἐκτεθνεῶτα καὶ τὸν ὄντως τεθνηκότα, εἴη δ᾽ ἂν σχεδόν, ὡς τἀνθρώπινα, μέτρον ἔχουσα τριταία πρὸς τὸ μνῆμα ἐκφορά.[...]

ἔστω δὴ νόμος οὗτος: τῷ μὲν δὴ τοῦ μεγίστου τιμήματος εἰς τὴν πᾶσαν ταφὴν ἀναλισκόμενα μὴ πλέον πέντε μνῶν, τῷ δὲ τοῦ δευτέρου τρεῖς μναῖ, καὶ δύο τῷ τοῦ τρίτου, μνᾶ δὲ τῷ τοῦ τετάρτου μέτρον ἂν ἔχοι τῶν ἀναλωμάτων.

great,—but they shall fill up those places where the soil is naturally fitted for this purpose only,—[958e] namely, to receive and hide the bodies of the dead with the least hurt to the living; but as regards all the places which of their own nature desire to produce food for mankind, of these no one, living or dead, shall deprive us who are alive. And they shall not pile up a mound to a height greater than can be made by five men in five days; nor shall they erect stone pillars of a size more than is required to hold, at the most, a eulogy of the dead man's life consisting of not more than four heroic lines [...][959a] And as to the laying-out of the corpse, first, it shall remain in the house only for such a time as is required to prove that the man is not merely in a faint, but really dead; and accordingly, in a normal case, the third will be the proper day for the carrying out to burial.[...]

Let this, then, be the law:—An expenditure on the whole funeral not exceeding five minas for a man of the highest property-class, three minas for one of the second class, two for one of the third, and one mina for one of the fourth class, shall be held to be moderate amounts.

(Texto em grego e tradução extraídos do *site* Perseus. Para o texto grego, a fonte é *Platonis*

possit, ut mortuorum corpora sine detrimento vivorum recipiat, ea potissimum ut conpleatur; quae autem terra fruges ferre et ut mater cibos suppeditare possit, eam ne quis nobis minuat neve vivus neve mortuus. extrui autem vetat sepulchrum altius, quam quod quinque homines1 quinque diebus absolverint, nec e lapide excitari plus nec inponi, quam quod capiat laudem mortui, incisam ne plus quattuor herois versibus, quos “longos” appellat Ennius. habemus igitur huius quoque auctoritatem de sepulchris summi viri, a quo item funerum sumptus praefinitur ex censibus a minis quinque usque ad minam. deinceps dicit eadem illa de inmortalitate animorum et reliqua post mortem tranquillitate bonorum, poenis impiorum.

(Texto latino extraído do *site The Latin Library*)

parcela de campo cultivado, ou ainda cultivável, e opta por aproveitar ao máximo os campos que, por sua natureza, podem receber os restos dos mortos, sem perigo para os vivos; pois ninguém, vivo ou morto, deve reduzir o tamanho da terra produtiva que, como uma mãe, nos propicia alimento. Proíbe, ademais, levantar monumentos cuja altura exija o trabalho de mais de cinco homens durante cinco dias, ou colocar lápides cuja dimensão excede o espaço necessário para conter o elogio do morto, supondo um elogio em quatro versos heróicos, dos que Ênio chama “versos largos”. Assim, teremos também a opinião autorizada deste grande homem em matéria de sepulcros. Ademais, fixa os gastos funerários entre uma e cinco minas, de acordo com o senso. E depois surgem estas famosas considerações acerca da imortalidade da alma, do descanso final que espera os bons, mais além da morte, e dos castigos que padecem os ímpios.

(Tradução de Otávio T. de Brito, 1967, p. 90-1)

Opera. Ed. John Burnet. Oxford University Press. 1903. Para a tradução em inglês, a fonte é *Plato in Twelve Volumes.* Vols. 10 & 11 translated by R.G. Bury. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1967 & 1968)

Para *interpretes religionum*, a tradução da Loeb dá "counsellors on religious matter" (CICERO. *On the Republic. On the Laws*. Translated by Clinton W. Keyes. Loeb Classical Library 213. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1928, p. 454).

12. *Tusc*. V, 100 → = *Ep*. VII, 326B-C

Comentário de Jones (p. 25): "[...] muito próximo, exceto pela última sentença, que é uma paráfrase condensada. Percebi em outros lugares uma tendência de Cícero em abandonar a tradução próxima quando se trata do fim das passagens" ("very close except for the last sentence, which is a condensed paraphrase. I have noted elsewhere a tendency of Cicero to abandon close renderings towards the end of passages").

XXXV. Timotheum, clarum hominem Athenis et principem civitatis, ferunt, cum cenavisset apud Platonem eoque convivio admodum delectatus esset vidissetque eum postridie, dixisse: Vestrae quidem cenae non solum in praesentia, sed etiam postero die iucunda sunt. Quid, quod ne mente quidem

Conta-se que Timóteo, homem ilustre e um dos principais de Atenas, tendo participado de um jantar na casa de Platão, no qual se sentira deliciado, disse ao filósofo, ao reencontrá-lo no dia seguinte: "A tua refeição estava tão boa, que até agora me sinto feliz por ela." Quem não sabe que com um estômago cheio de vinho e carne o

ἐλθόντα δέ με ὁ ταύτῃ λεγόμενος αὖ βίος εὐδαίμων, Ἰταλιωτικῶν τε καὶ Συρακουσίων τραπεζῶν πλήρης, οὐδαμῇ οὐδαμῶς ἤρεσεν, δίς τε τῆς ἡμέρας ἐμπιμπλάμενον ζῆν καὶ μηδέποτε κοιμώμενον μόνον νύκτωρ, [326ξ] καὶ ὅσα τούτῳ ἐπιτηδεύματα συνέπεται τῷ βίῳ: ἐκ γὰρ τούτων τῶν ἐθῶν οὔτ᾽ ἂν φρόνιμος οὐδείς ποτε γενέσθαι τῶν ὑπὸ τὸν οὐρανὸν ἀνθρώπων ἐκ νέου ἐπιτηδεύων δύναιτο—οὐχ οὕτως θαυμαστῇ φύσει κραθήσεται—σώφρων δὲ οὐδ᾽ ἂν μελλήσαι ποτὲ γενέσθαι, καὶ δὴ καὶ περὶ τῆς ἄλλης ἀρετῆς ὁ αὐτὸς λόγος ἂν εἴη, πόλις τε οὐδεμία ἂν ἠρεμήσαι κατὰ νόμους οὐδ᾽ οὑστινασοῦν ἀνδρῶν οἰομένων ἀναλίσκειν μὲν δεῖν [326δ] πάντα εἰς ὑπερβολάς, ἀργῶν δὲ εἰς ἅπαντα ἡγουμένων αὖ δεῖν γίγνεσθαι πλὴν ἐς εὐωχίας καὶ πότους καὶ ἀφροδισίων σπουδὰς διαπονουμένας:

And when I came I was in no wise pleased at all with “the blissful life,” as it is there termed, replete as it is with Italian and Syracusan banquetings2; for thus one's existence is spent in gorging food twice a day and never sleeping alone at night, [326c] and all the practices which accompany this mode of living. For not a single man of all who live beneath the heavens could ever become wise if these were his practices from his youth, since none will be found to possess a nature so admirably compounded; nor would he ever be likely to become temperate; and the same may truly be said of all other forms of virtue. And no State would remain stable under laws of any kind, if its citizens, while supposing that they ought to spend everywhere to excess, [326d] yet believed that they ought to cease from all exertion except feastings and drinkings and the vigorous pursuit of their amours.

recte uti possumus multo cibo et potione completi? Est praeclara epistola Platonis ad Dionis propinquos, **in qua scriptum est his fere verbis:** “Quo cum venissem, vita illa beata, quae ferebatur, plena Italicarum Syracusiarumque mensarum, nullo modo mihi placuit; bis in die saturum fieri nec umquam pernoctare solum, ceteraque, quae comitantur huic vitae, in qua sapiens nemo efficietur umquam, moderatus vero multo minus. Quae enim natura tam mirabiliter temperari potest?”

espírito já não é capaz de exercer as suas funções? Tu entenderás sem dificuldade este trecho de uma bela carta de Platão aos parentes de Díon: “Confesso-vos que eu nunca apreciei essa vida que vos parece encantadora: fartar-se duas vezes ao dia em mesas onde se encontram reunidas todas as mais finas iguarias da Itália e de Siracusa, não ter uma noite que se possa dar ao sono e, sem que eu entre em maiores detalhes, não fazer nada próprio para forjar um homem sábio e virtuoso. Tão estranha vida não corromperá o mais belo natural?” (Tradução de Carlos Ancêde Nougué, 2005, p. 91).

(Texto em grego e tradução extraídos do *site* Perseus. Para o texto grego, a fonte é *Platonis Opera*. Ed. John Burnet. Oxford University Press. 1903. Para a tradução em inglês, a fonte é *Plato in Twelve Volumes.* Vol. 7, translated by R.G. Bury. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1966)

13. *Cat.Mai.*79 → *Cyrop*. VIII,7,17

Comentário de Jones (p. 25): "[...] o discurso de Ciro no leito de morte; segue o grego bem de perto, de forma condensada e não como paráfrase até próximo do fim, quando cai em paráfrase" ("[...] the dying speech of the elder Cyrus; it follows the Greek closely, condensed rather than paraphrased until near the end, where it lapses into paraphrase").

		XXII. Apud Xenophontem autem moriens Cyrus maior haec dicit: "nolite arbitrari, o mihi carissimi filii, me, cum a vobis discessero, nusquam aut nullum fore. Nec enim, dum eram vobiscum, animum meum videbatis, sed eum esse in hoc corpore ex	Em Xenofonte, Ciro, o Grande, pronuncia estas palavras ao morrer: "Meus caríssimos filhos, não creiais, quando eu vos tiver deixado, que não serei mais nada e que desaparecerei. Enquanto eu vivia entre vós, não discerníeis minha alma mas
οὐ γὰρ δήπου τοῦτό γε σαφῶς δοκεῖτε εἰδέναι ὡς οὐδὲν ἔτι ἐγὼ ἔσομαι, ἐπειδὰν τοῦ	For assuredly, this one thing, so it seems to me, you do not know clearly, that I shall have no further		

ἀνθρωπίνου βίου τελευτήσω: οὐδὲ γὰρ νῦν τοι τήν γ᾽ ἐμὴν ψυχὴν ἑωρᾶτε, ἀλλ᾽ οἷς διεπράττετο, τούτοις αὐτὴν ὡς οὖσαν κατεφωρᾶτε. [18] τὰς δὲ τῶν ἄδικα παθόντων ψυχὰς οὔπω κατενοήσατε οἵους μὲν φόβους τοῖς μιαιφόνοις ἐμβάλλουσιν, οἵους δὲ παλαμναίους τοῖς ἀνοσίοις ἐπιπέμπουσι; τοῖς δὲ φθιμένοις τὰς τιμὰς διαμένειν ἔτι ἂν δοκεῖτε, εἰ μηδενὸς αὐτῶν αἱ ψυχαὶ κύριαι ἦσαν; [19] οὔτοι ἔγωγε, ὦ παῖδες, οὐδὲ τοῦτο πώποτε ἐπείσθην ὡς ἡ ψυχὴ ἕως μὲν ἂν ἐν θνητῷ σώματι ᾖ, ζῇ, ὅταν δὲ τούτου ἀπαλλαγῇ, τέθνηκεν: ὁρῶ γὰρ ὅτι καὶ τὰ θνητὰ σώματα ὅσον ἂν ἐν αὐτοῖς χρόνον ᾖ ἡ ψυχή, ζῶντα παρέχεται. [20] οὐδέ γε ὅπως ἄφρων ἔσται ἡ ψυχή, ἐπειδὰν τοῦ ἄφρονος σώματος δίχα γένηται, οὐδὲ τοῦτο πέπεισμαι: ἀλλ᾽ ὅταν ἄκρατος καὶ καθαρὸς ὁ νοῦς ἐκκριθῇ, τότε καὶ φρονιμώτατον αὐτὸν εἰκὸς εἶναι. διαλυομένου δὲ ἀνθρώπου δῆλά ἐστιν ἕκαστα ἀπιόντα πρὸς τὸ ὁμόφυλον πλὴν τῆς ψυχῆς: αὕτη δὲ μόνη οὔτε παροῦσα οὔτε ἀπιοῦσα ὁρᾶται. [21] ἐννοήσατε δ᾽, ἔφη, ὅτι ἐγγύτερον μὲν τῶν ἀνθρωπίνων θανάτῳ οὐδέν ἐστιν ὕπνου: ἡ δὲ τοῦ ἀνθρώπου ψυχὴ τότε δήπου θειοτάτη καταφαίνεται καὶ τότε τι

being when I have finished this earthly life; for not even in this life have you seen my soul, but you have detected its existence by what it accomplished. [18] Have you never yet observed what terror the souls of those who have been foully dealt with strike into the hearts of those who have shed their blood, and what avenging deities they send upon the track of the wicked? And do you think that the honours paid to the dead would continue, if their souls had no part in any of them? [19] I am sure I do not; nor yet, my sons, have I ever convinced myself of this—that only as long as it is contained in a mortal body is the soul alive, but when it has been freed from it, is dead; for I see that it is the soul that endues mortal bodies with life, as long as it is in them. [20] Neither have I been able to convince myself of this—that the soul will want intelligence just when it is separated from this unintelligent body; but when the spirit is set free, pure and untrammelled by matter, then it is likely to be most intelligent. And when man is resolved into his primal elements, it is clear that every part returns to kindred matter, except the soul; that alone cannot be seen, either when present or when departing. “Consider again,” he continued, “that there is nothing in the world more

eis rebus quas gerebam intellegebatis. Eundem igitur esse 80creditote, etiam si nullum videbitis. Nec vero clarorum virorum post mortem honores permanerent, si nihil eorum ipsorum animi efficerent, quo diutius memoriam sui teneremus. Mihi quidem numquam persuaderi potuit animos dum in corporibus essent mortalibus vivere, cum excessissent ex eis emori; nec vero tum animum esse insipientem cum ex insipienti corpore evasisset, sed cum omni admixtione corporis liberatus purus et integer esse coepisset, tum esse sapientem. Atque etiam, cum hominis natura morte dissolvitur, ceterarum rerum perspicuum est quo quaeque discedat, abeunt enim illuc omnia, unde orta sunt; animus autem solus nec cum adest nec cum discessit apparet. Iam vero videtis nihil esse morti tam simile quam somnum. 81Atqui dormientium animi maxime declarant divinitatem suam; multa enim, cum remissi et liberi sunt, futura prospiciunt; ex quo intellegitur quales futuri sint, cum se plane corporis vinculis relaxaverint. Qua re, si haec ita sunt, sic me colitote,” inquit, “ut deum, sin

compreendíeis, por meus atos e gestos, que ela estava em meu corpo. Estai certos de sua existência, mesmo se nada mais a torna visível. Os grandes homens, após sua morte, não seriam tão duradouramente venerados se não emanasse de sua alma algo que conserva sua lembrança. Jamais pude acreditar que a alma, viva enquanto habitava o corpo, morresse ao deixálo; nem que, ao se evadir do corpo de um insensato, ela permanecesse insensata. Creio ao contrário que, desvencilhada de seu invólucro carnal, voltando a ser pura e homogênea, a alma volta a ser sábia. Aliás, quando o corpo se desagrega, após a morte, percebe-se bem de onde vinham e para onde retornam os elementos que o constituíam. Somente a alma, esteja presente ou não, jamais se mostra. Vós constatais, além disso, que nada se assemelha tanto à morte quanto o sono. E a alma do adormecido manifesta claramente sua natureza divina: em repouso, relaxada, esta prevê com frequência o futuro. Isso nos dá uma ideia do que ela será no dia em que estiver totalmente livre de sua prisão corporal. Se o

τῶν μελλόντων προορᾷ: [22] τότε γάρ, ὡς ἔοικε, μάλιστα ἐλευθεροῦται. εἰ μὲν οὖν οὕτως ἔχει ταῦτα ὥσπερ ἐγὼ οἴομαι καὶ ἡ ψυχὴ καταλείπει τὸ σῶμα, καὶ τὴν ἐμὴν ψυχὴν καταιδούμενοι ποιεῖτε ἃ ἐγὼ δέομαι: εἰ δὲ μὴ οὕτως, ἀλλὰ μένουσα ἡ ψυχὴ ἐν τῷ σώματι συναποθνήσκει, ἀλλὰ θεούς γε τοὺς ἀεὶ ὄντας καὶ πάντ᾽ ἐφορῶντας καὶ πάντα δυναμένους, οἳ καὶ τήνδε τὴν τῶν ὅλων τάξιν συνέχουσιν ἀτριβῆ καὶ ἀγήρατον καὶ ἀναμάρτητον καὶ ὑπὸ κάλλους καὶ μεγέθους ἀδιήγητον, τούτους φοβούμενοι μήποτ᾽ ἀσεβὲς μηδὲν μηδὲ ἀνόσιον μήτε ποιήσητε μήτε βουλεύσητε.

nearly akin to death than is sleep; and the soul of man at just such times is revealed in its most divine aspect and at such times, too, it looks forward into the future; for then, it seems, it is most untrammelled by the bonds of the flesh. “Now if this is true, as I think it is, and if the1 soul does leave the body, then do what I request of you and show reverence for my soul. But if it is not so, and if the soul remains in the body and dies with it, then at least fear the gods, eternal, all-seeing, omnipotent, who keep this ordered universe together, unimpaired, ageless, unerring, indescribable in its beauty and its grandeur; and never allow yourselves to do or purpose anything wicked or unholy.

(Texto em grego e tradução extraídos do *site* Perseus. A fonte do texto em grego é *Xenophontis opera omnia*, vol. 4. Oxford, Clarendon Press. 1910. A fonte da tradução em inglês é *Xenophon in Seven Volumes*, 5 and 6. Walter Miller. Harvard University Press, Cambridge, MA; William Heinemann, Ltd., London. 1914).

una est interiturus animus cum corpore, vos tamen, deos verentes, qui hanc omnem pulchritudinem tuentur et regunt, memoriam nostri pie inviolateque servabitis.”

(Texto latino extraído de *On Old Age. On Friendship. On Divination*. Translated by W. A. Falconer. Loeb Classical Library 154. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1923, p. 90-93)

que creio é verdadeiro, ele acrescentou, então honrai-me como a um deus. Se a alma, ao contrário, morre com o corpo, é venerando os deuses, organizadores e guardiães do universo, que cultivareis como bons filhos minha lembrança. (Tradução de Paulo Neves, 2011, p. 19).

14. *Cat. Mai*. 59 → *Oecon*. 4.20f.

Comentário de Jones (p. 25): "[...] nem teve a pretensão de ser, nem de fato é uma tradução, mas uma paráfrase em *oratio obliqua* [...]. Da analogia das citações dos *Fenômenos* em *De diuinatione*, poder-se-ia esperar que Cícero usasse sua tradução dessa obra aqui; talvez o fato de ele não o fazer possa ser tomado para confirmar a afirmação de Jerônimo sobre seus defeitos estilísticos" ("[...] neither claimed to be nor in fact a translation, but a paraphrase in *oratio obliqua* [...] From the analogy of the *Aratea* quotations in *De divinatione* one might have expected Cicero to use his translation of the work here; perhaps his not doing so may be taken to confirm Jerome's assertion about its stylistic defects").

XVII. Multas ad res perutiles Xenophontis libri sunt, quos legite, quaeso, studiose, ut facitis. Quam copiose ab eo agri cultura laudatur in eo libro, qui est de tuenda re familiari, qui Oeconomicus inscribitur! Atque ut intellegatis nihil ei tam regale videri quam studium agri colendi, Socrates in eo libro loquitur cum Critobulo Cyrum minorem, Persarum regem, praestantem ingenio atque imperi gloria, cum Lysander Lacedaemonius, vir summae virtutis, venisset ad eum Sardis eique dona a sociis attulisset, et ceteris in rebus communem erga Lysandrum atque humanum fuisse et

Os livros de Xenofonte são preciosos sob muitos aspectos. Peço-vos que os leiais atentamente, como aliás o fazeis. Em *O Econômico*, obra dedicada à gestão do patrimônio, vede o elogio que ele faz da agricultura! E, para mostrar que a seus olhos nenhum labor é mais digno de um rei que os trabalhos dos campos, ele relata em seu livro algumas palavras de Sócrates.
Numa conversação com Critóbulo, Sócrates evoca o rei da Pérsia, Ciro, o jovem, que se distinguiu por seu gênio e o prestígio de seu reinado. Este recebeu em sua casa, em Sardes, o lacedemônio Lisandro, homem

[20] οὗτος τοίνυν ὁ Κῦρος λέγεται Λυσάνδρῳ, ὅτε ἦλθεν ἄγων αὐτῷ τὰ παρὰ τῶν συμμάχων δῶρα, ἄλλα τε φιλοφρονεῖσθαι, ὡς αὐτὸς ἔφη ὁ Λύσανδρος ξένῳ ποτέ τινι ἐν Μεγάροις διηγούμενος, καὶ

"Further, the story goes that when Lysander came to him bringing the gifts form the allies, this Cyrus showed him various marks of friendliness, as Lysander himself related once to a stranger at Megara, adding besides that Cyrus personally

τὸν ἐν Σάρδεσι παράδεισον ἐπιδεικνύναι αὐτὸν ἔφη. [21] ἐπεὶ δὲ ἐθαύμαζεν αὐτὸν ὁ Λύσανδρος ὡς καλὰ μὲν τὰ δένδρα εἴη, δι᾽ ἴσου δὲ τὰ πεφυτευμένα, ὀρθοὶ δὲ οἱ στίχοι τῶν δένδρων, εὐγώνια δὲ πάντα καλῶς εἴη, ὀσμαὶ δὲ πολλαὶ καὶ ἡδεῖαι συμπαρομαρτοῖεν αὐτοῖς περιπατοῦσι, καὶ ταῦτα θαυμάζων εἶπεν: ἀλλ᾽ ἐγώ τοι, ὦ Κῦρε, πάντα μὲν <ταῦτα> θαυμάζω ἐπὶ τῷ κάλλει, πολὺ δὲ μᾶλλον ἄγαμαι τοῦ καταμετρήσαντός σοι καὶ διατάξαντος ἕκαστα τούτων: [22] ἀκούσαντα δὲ ταῦτα τὸν Κῦρον ἡσθῆναί τε καὶ εἰπεῖν: ταῦτα τοίνυν, ὦ Λύσανδρε, ἐγὼ πάντα καὶ διεμέτρησα καὶ διέταξα, ἔστι δ᾽ αὐτῶν, φάναι, ἃ καὶ ἐφύτευσα αὐτός. [23] καὶ ὁ Λύσανδρος ἔφη, ἀποβλέψας εἰς αὐτὸν καὶ ἰδὼν τῶν τε ἱματίων τὸ κάλλος ὧν εἶχε καὶ τῆς ὀσμῆς αἰσθόμενος καὶ τῶν στρεπτῶν καὶ τῶν ψελίων τὸ κάλλος καὶ τοῦ ἄλλου κόσμου οὗ εἶχεν, εἰπεῖν: τί λέγεις, φάναι, ὦ Κῦρε; ἦ γὰρ σὺ ταῖς σαῖς χερσὶ τούτων τι ἐφύτευσας; [24] καὶ τὸν Κῦρον ἀποκρίνασθαι: θαυμάζεις τοῦτο, [ἔφη,] ὦ Λύσανδρε; ὄμνυμί σοι τὸν Μίθρην, ὅτανπερ ὑγιαίνω, μηπώποτε δειπνῆσαι πρὶν ἱδρῶσαι ἢ τῶν πολεμικῶν τι ἢ

showed him round his paradise at Sardis. [21] Now Lysander admired the beauty of the trees in it, the accuracy of the spacing, the straightness of the rows, the regularity of the angles and the multitude of the sweet scents that clung round them as they walked; and for wonder of these things he cried, ‘Cyrus, I really do admire all these lovely things, but I am far more impressed with your agent's skill in measuring and arranging everything so exactly.’ [22] Cyrus was delighted to hear this and said: ‘Well, Lysander, the whole of the measurement and arrangement is my own work, and I did some of the planting myself.’ [23] ‘What, Cyrus?’ exclaimed Lysander, looking at him, and marking the beauty and perfume of his robes, and the splendour of the necklaces and bangles and other jewels that he was wearing; ‘did you really plant part of this with your own hands?’ [24] ‘Does that surprise you, Lysander?’ asked Cyrus in reply. ‘I swear by the Sun-god that I never yet sat down to dinner when in sound health, without first working hard at some task of war or agriculture, or exerting myself somehow.’ [25] καὶ αὐτὸς μέντοι ἔφη ὁ Λύσανδρος ἀκούσας ταῦτα δεξιώσασθαί τε αὐτὸν καὶ εἰπεῖν: δικαίως μοι δοκεῖς, ὦ Κῦρε, εὐδαίμων εἶναι: ἀγαθὸς γὰρ ὢν ἀνὴρ εὐδαιμονεῖς.

ei quendam consaeptum agrum diligenter consitum ostendisse. Cum autem admiraretur Lysander et proceritates arborum et directos in quincuncem ordines et humum subactam atque puram et suavitatem odorum qui afflarentur ex floribus, tum eum dixisse mirari se non modo diligentiam sed etiam sollertiam eius a quo essent illa dimensa atque discripta; et Cyrum respondisse: “atqui ego ista sum omnia dimensus, mei sunt ordines, mea discriptio; multae etiam istarum arborum mea manu sunt satae.” Tum Lysandrum, intuentem purpuram eius et nitorem corporis ornatumque Persicum multo auro multisque gemmis, dixisse: “recte vero te, Cyre, beatum ferunt, quoniam virtuti tuae fortuna coniuncta est!” (Texto latino de *On Old Age. On Friendship. On Divination*. Translated by W. A. Falconer. Loeb Classical Library 154. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1923, p. 70-73).

irreprochável, que chegou carregado de presentes da parte dos aliados de seu anfitrião. Ciro mostrou-se afável e cortês. Levou-o a visitar um parque soberbamente conservado. Lisandro extasiava-se diante da altura das árvores plantadas em quincunce, o solo arado e limpo de ervas daninhas, os perfumes sutis exalados pelas flores. Ele exprimiu toda a sua admiração pelos cuidados e a habilidade do jardineiro que havia traçado e arrumado aquele parque. “Fui eu que organizei tudo isso! Os alinhamentos e a disposição geral são obra minha. E muitas árvores foram plantadas por mim mesmo!” Então Lisandro considerou com atenção aquele rei elegantemente vestido de púrpura, com seus enfeites persas carregados de ouro e pedras preciosas. Depois declarou: “Há muita razão em te dizerem feliz, Ciro, pois em ti a fortuna se alia à virtude”. (Tradução de Paulo Neves, 2011, p. 16).

τῶν γεωργικῶν ἔργων μελετῶν ἢ ἀεὶ ἕν γέ τι φιλοτιμούμενος.

(Texto em grego e tradução extraídos do *site* Perseus. A fonte do texto em grego é *Xenophontis opera omnia*, vol. 2, 2nd ed. Oxford, Clarendon Press. 1921. A fonte da tradução em inglês é *Xenophon in Seven Volumes*, 4. Harvard University Press, Cambridge, MA; William Heinemann, Ltd., London. 1979).

15. *Fin*. I,68 → *Diog.Laert*.X,148.

Comentário de Jones (p. 25): "[...] traduzido de perto" ("[...] closely rendered").

Ἡ αὐτὴ γνώμη θαρρεῖν τε ἐποίησεν ὑπὲρ τοῦ μηθὲν αἰώνιον εἶναι δεινὸν μηδὲ πολυχρόνιον, καὶ τὴν ἐν αὐτοῖς τοῖς ὡρισμένοις ἀσφάλειαν φιλίαις μάλιστα κατεῖδε συντελουμένην.

The same conviction which inspires confidence that nothing we have to fear is eternal or even of long duration, also enables us to see that even in our limited conditions of life nothing enhances our security so much as friendship.

(Texto em grego e tradução em inglês retirados de *Lives of Eminent Philosophers*. Diogenes Laertius. R.D. Hicks. Cambridge. Harvard University Press. 1972).

Praeclare enim Epicurus his **paene verbis**: 'Eadem,' inquit, 'scientia confirmavit animum ne quod aut sempiternum aut diuturnum timeret malum, quae perspexit in hoc ipso vitae spatio amicitiae praesidium esse firmissimum.'

Epicurus well said (I give almost **his exact words**): 'The same creed that has given us courage to overcome all fear of everlasting

Com efeito, Epicuro se expressou brilhantemente ao dizer **mais ou menos com estas palavra**s: "o mesmo conhecimento que deu firmeza à alma para que não temesse algum mal eterno ou duradouro, percebeu que, neste curso mesmo da vida, a mais firme fortaleza é a amizade". (Tradução de Sidney Calheiros de Lima, 2020, p. 81).

or long-enduring evil hereafter, has discerned that friendship is our strongest safeguard in this present term of life.'

(Texto latino e tradução em inglês extraídos de *On Ends*. Translated by H. Rackham. Loeb Classical Library 40. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914, p. 70-73)

16. *Fin*. II, 96 → *Diog. Laert*. X,22.

Comentário de Jones (p. 25): "[...] epístola a Idomeneu (Cícero diz Hemarco) escrita no último dia da vida de Epicuro: novamente, uma versão próxima [...]" ("the letter to Idomeneus [Cicero says Hermarchus] written on the last day of Epicurus' life: again a close version.)", então compara uma frase do grego com uma solução tradutória de Cícero e afirma "[...] uma bela e engenhosa versão com uma surpreendente discrepância do original; há exemplos demais desse tipo de divergência para que seja atribuída a variações textuais" ("[...] a beautiful and resourceful version with a surprising discrepancy from the original; there are too many examples of such divergence for them all to be due to variant texts."). Cumpre notar que Jones credita essas divergências que ele constatou não aos manuscritos somente, mas ao próprio Cícero.

[22] Ἤδη δὲ τελευτῶν γράφει πρὸς Ἰδομενέα τήνδε ἐπιστολήν: "Τὴν μακαρίαν ἄγοντες καὶ ἅμα τελευταίαν ἡμέραν τοῦ βίου ἐγράφομεν

And when near his end he wrote the following letter to Idomeneus: "On this blissful day, which is also the last of my life, I write this to you. My

XXX. "Audi, ne longe abeam, moriens quid dicat Epicurus, ut intellegas facta eius cum dictis discrepare: 'Epicurus Hermarcho S. Cum ageremus,' inquit, 'vitae beatum et eundem supremum diem, scribebamus

XXX. Ouve, não devo ir longe, o que diz Epicuro na hora da morte, para que vejas a discrepância entre os fatos e as palavras: "Epicuro saúda a Hemarco. Começamos a escrever isto quando nos encontramos no

ὑμῖν ταυτί. στραγγουρία τε παρηκολουθήκει καὶ δυσεντερικὰ πάθη ὑπερβολὴν οὐκ ἀπολείποντα τοῦ ἐν ἑαυτοῖς μεγέθους. ἀντιπαρετάττετο δὲ πᾶσι τούτοις τὸ κατὰ ψυχὴν χαῖρον ἐπὶ τῇ τῶν γεγονότων ἡμῖν διαλογισμῶν μνήμῃ. σὺ δ᾽ ἀξίως τῆς ἐκ μειρακίου παραστάσεως πρὸς ἐμὲ καὶ φιλοσοφίαν ἐπιμελοῦ τῶν παίδων Μητροδώρου."

continual sufferings from strangury and dysentery are so great that nothing could augment them; but over against them all I set gladness of mind at the remembrance of our past conversations. But I would have you, as becomes your life-long attitude to me and to philosophy, watch over the children of Metrodorus."

(Texto em grego e tradução em inglês retirados de *Lives of Eminent Philosophers*. Diogenes Laertius. R.D. Hicks. Cambridge. Harvard University Press. 1972).

haec. Tanti aderant vesicae et torminum morbi ut nihil ad eorum magnitudinem posset accedere.' Miserum hominem! Si dolor summum malum est, dici aliter non potest. Sed audiamus ipsum. 'Compensabatur,' inquit, 'tamen cum his omnibus animi laetitia quam capiebam memoria rationum inventorumque nostrorum. Sed tu, ut dignum est tua erga me et philosophiam voluntate ab adulescentulo suscepta, fac ut Metrodori tueare liberos.' (Texto latino e tradução extraídos de *On Ends*. Translated by H. Rackham. Loeb Classical Library 40. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914, p. 186-9.

último e mais feliz dia de nossa vida. Tamanhos eram os males da bexiga e das entranhas, que nada pode se comparar ao tamanho dessas dores." Que homem desgraçado! Se a dor é o sumo mal, não se pode dizer algo diferente. Mas ouçamo-lo: "Compensava, contudo, todas essas dores a alegria de espírito que sentia ao lembrar nossas ideias e achados. Mas tu, porque és digno por tua vontade quanto a mim e à filosofia desde tenra idade, vê se protege os filhos de Metrodoro."

17. *Tusc*. III,41-2 = *Diog. Laert*. X, 137, and *Athen*. XII,546E.
Jones (p. 25) afirma tratar-se de uma tradução próxima ("close translation").

Sunt haec tua verba necne? In eo quidem libro, qui continet omnem disciplinam tuam,—**fungar enim iam interpretis munere, ne quis me putet fingere**—dicis

São estas palavras tuas ou não? Naquele livro que contém toda a tua doutrina – **farei as vezes de intérprete, para que ninguém pense que estou inventando** –, dizes:

Ἔτι πρὸς τοὺς Κυρηναϊκούς: οἱ μὲν γὰρ χείρους τὰς σωματικὰς ἀλγηδόνας τῶν ψυχικῶν, κολάζεσθαι γοῦν τοὺς ἁμαρτάνοντας σώματι: ὁ δὲ τὰς ψυχικάς. τὴν γοῦν σάρκα τὸ παρὸν μόνον χειμάζειν, τὴν δὲ ψυχὴν καὶ τὸ παρελθὸν καὶ τὸ παρὸν καὶ τὸ μέλλον. οὕτως οὖν καὶ μείζονας ἡδονὰς εἶναι τὰς τῆς ψυχῆς. ἀποδείξει δὲ χρῆται τοῦ τέλος εἶναι τὴν ἡδονὴν τῷ τὰ ζῷα ἅμα τῷ γεννηθῆναι τῇ μὲν εὐαρεστεῖσθαι, τῷ δὲ πόνῳ προσκρούειν φυσικῶς καὶ χωρὶς λόγου. αὐτοπαθῶς οὖν φεύγομεν τὴν ἀλγηδόνα:

He further disagrees with the Cyrenaics in that they hold that pains of body are worse than mental pains; at all events evil-doers are made to suffer bodily punishment; whereas Epicurus holds the pains of the mind to be the worse; at any rate the flesh endures the storms of the present alone, the mind those of the past and future as well as the present. In this way also he holds mental pleasures to be greater than those of the body. And as proof that pleasure is the end he adduces the fact that living things, so soon as they are born, are well content with pleasure and are at enmity with pain, by the prompting of nature and apart from reason

(Texto em grego e tradução em inglês retirados de *Lives of Eminent Philosophers*. Diogenes Laertius. R.D. Hicks. Cambridge. Harvard University Press, 1972).

haec: “Nec equidem habeo quod intelligam bonum illud, detrahens eas voluptates, quae sapore percipiuntur, detrahens eas, quae auditu et cantibus, detrahens eas etiam, quae ex formis percipiuntur oculis, suaves motiones, sive quae aliae voluptates in toto homine gignuntur quolibet sensu. Nec vero ita dici potest, mentis laetitiam solam esse in bonis; laetantem enim mentem ita novi, spe eorum omnium, quae supra dixi, fore ut natura iis potiens dolore careat.” **Atque haec quidem his verbis**, quivis ut intelligat quam voluptatem norit Epicurus. (Texto latino de *Tusculan Disputations*. Translated by J. E. King. Loeb Classical Library 141. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1927, p. 274).

“Com efeito, não entendo que sentido se pode dar a esse bem se retiro os prazeres percebidos pelo paladar, se retiro aqueles da audição e da música, se retiro aqueles percebidos pela visão das formas em suaves movimentos, ou quaisquer outros prazeres que brotam no homem por meio de qualquer sentido. De fato, não se pode dizer isto: que a alegria da mente está somente nos bens; mente feliz, pois, conheço como aquela esperançosa por tudo aquilo que disse antes, de que a natureza se assenhora livre de dor.” E disse isso, **com praticamente estas palavras**, a fim de que qualquer um possa compreender o que Epicuro entende por prazer.

Na edição da Loeb temos “[...] or I shall now play the **part of translator, that no one may think I am inventing**” (CICERO. *Tusculan Disputations*. Translated by J. E. King. Loeb Classical Library 141. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1927, p. 274). Sobre *fingere*, não nos parece distante o paralelo com o sentido que lhe aduz Cícero em *Rep.* 2,1:

Facilius autem quod est propositum consequar, si mostram rem publicam uobis et nascentem et crescentem et adultam et iam firmam atque robustam ostendero, quam si mihi aliquam, ut apud Platonem Socrates, ipse **finxero**.	[...] meu objeto será, por outra parte, mais exeqüível mostrando-vos o nascimento de Roma, sua adolescência, sua juventude, sua vigorosa madureza, do que **criando**, como Sócrates, uma República imaginária, conforme as obras de Platão. (Tradução de Amador Cisneiros, 1985, p. 317).

E Isadora Bernardo (2012, p. 123) dá tradução desta obra e, sobre o passo, indica na respectiva nota 369 que "Neste livro há um esforço para distanciar o que Cipião faz do que foi feito por Platão; enaltece-se a narrativa histórica da formação da república romana, enquanto Platão tratou de uma república forjada". Ou seja, em *Disputationes tusculanae* III, 41, *fungar enim iam interpretis munere, ne quis me putet fingere*, Cícero *personatus* diz que forja para si (vimos que Horácio recomenda no verso 119 da *Ars:Aut famam sequere aut sibi conuenientia finge*, em que consta o mesmo verbo e, no excerto ciceroniano, parece-nos que ele faz justamente isso) o papel de tradutor servil, isto é, aquele que referirá as palavras ou o discurso de outrem para que não lhe imputem acusação, não de falsário, mas de mentiroso, e assim angariando credibilidade para seu argumento ou convencimento do leitor – apesar de o âmbito ser filosófico, temos um mestre da retórica como autor. Em *Instituto oratoria.* X, 11, Quintiliano diz que a imitação é imaginária (*imitatio ficta est*). O uso, inclusive, de *fungar* destaca essa distância de Cícero do papel que para si forja. O fato de em *De optimo genere oratorum* ele dizer que traduzirá como orador, e não como intérprete, isto é, essa repetida recusa será apenas coincidência? Não parece ser o caso. Por fim, urge destacar que temos uma dupla ação, e até contraditória, de "fingimento", pois é justamente fingindo ser o que não é que Cícero busca convencer aos interlocutores de que não está "inventando" – teria Fernando Pessoa haurido esta influência ao falar do poeta fingidor?

18. *Fin*. II,21 → *Diog. Laert*. X,142:

Comentário de Jones (p. 25): "A tradução é, com efeito, próxima e ao mesmo tempo idiomática" ("The translation is indeed close and at the same time idiomatic").

Εἰ τὰ ποιητικὰ τῶν περὶ τοὺς ἀσώτους ἡδονῶν ἔλυε τοὺς φόβους τῆς διανοίας τούς τε περὶ μετεώρων καὶ θανάτου καὶ ἀλγηδόνων, ἔτι τε τὸ πέρας τῶν ἐπιθυμιῶν ἐδίδασκεν, οὐκ ἄν ποτε εἴχομεν ὅ τι ἐμεμψάμεθα αὐτοῖς, πανταχόθεν εἰσπληρουμένοις τῶν ἡδονῶν καὶ οὐδαμόθεν οὔτε τὸ ἀλγοῦν οὔτε τὸ λυπούμενον ἔχουσιν, ὅ περ ἐστὶ τὸ κακόν.

If the objects which are productive of pleasures to profligate persons really freed them from fears of the mind,--the fears, I mean, inspired by celestial and atmospheric phenomena, the fear of death, the fear of pain ; if, further, they taught them to limit their desires, we should never have any fault to find with such persons, for they would then be filled with pleasures to overflowing on all sides and would be exempt from all pain, whether of body or mind, that is, from all evil.

(Texto em grego e tradução em inglês retirados de *Lives of Eminent Philosophers*. Diogenes Laertius. R.D. Hicks. Cambridge. Harvard University Press, 1972).

animadverte igitur, **rectene hanc sententiam interpreter**: ‘Si ea quae sunt luxuriosis efficientia voluptatum liberarent eos deorum et mortis et doloris metu docerentque qui essent fines cupiditatum, nihil haberemus quod reprehenderemus, cum undique complerentur voluptatibus nec haberent ulla ex parte aliquid aut dolens aut aegrum, id est autem malum.’” (Texto latino de *On End*s. Translated by H. Rackham. Loeb Classical Library 40. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914, p. 102-5).

Observa, então, **se eu traduzo corretamente esta sentença**: “Se estas coisas que causams prazeres aos luxuriosos liberassem-nos do medo dos deuses, da morte e da dor e ensinassem quais os limites dos desejos, nada teríamos que repreendê-los, uma vez que em todo lugar se fartariam de prazeres sem encontrar em qualquer parte alguma dor ou doença, isto é, o mal.”

Por fim, Jones faz breve análise do verbo *interpretari* em Cícero (p. 27-28) e dá algumas conclusões sobre diferentes sentidos para tal vocábulo. Em contexto jurídico, cita *De officiis.* 1.33, com *iuris interpretatione*, para dizer que não há necessidade de traduzir leis, mas interpretá-las, sendo o sentido próximo ao do inglês moderno de interpretar leis, e prossegue citando exemplos desse tipo de significado para o verbo; como tradução “literal” e mecânica (p. 27), e então cita as passagens de *De optimo genere oratorum* – em cuja ocorrência taxa com o sentido de “slavish translation” (p. 28), isto é, tradução servil – e da *Ars* que destacamos nesta tese para afirmar que (p. 28) “Com qualquer um desses termos [*uertere*,

conuertere, transferre, exprimere, interpretari] pode-se usar *uerbum de uerbo*, *ad uerbum*, *his* (*fere*) *uerbis*. Tais expressões podem referir-se a simples palavras ou frases [...]”.[176]

[176] Cf.: “With any of these terms [*uertere, conuertere, transferre, exprimere, interpretari*] may be used *uerbum de uerbo*, *ad uerbum*, *his (fere) uerbis*. Such expressions can be used of single words or phrases [...]”.

Dos 18 trechos analisados, percebemos que Jones considera que nove, ou seja 56%, não são traduções, mas versões adaptadas, paráfrases e reelaborações; somente sete entram na categoria de traduções próximas e uma é ambígua (item 12), pois em parte é uma tradução e em parte é uma paráfrase. Esse recorte, então, nos indica que, se há uma tendência, é de reelaboração.

Jones considera o Arpinate um (p. 26) "compilador de tratados filosóficos" ("a compiler of philosophical treatises"), afirmando que "lutando para expressar, em um idioma incapaz para tanto, uma matéria que ele não compreendia inteiramente, o sucesso geral de Cícero não é desconsiderável"[177] e

> No seu pior, ele é ruim em um nível desnecessário e inexplicável, de modo que às vezes o leitor é tentado a buscar uma versão melhor por si mesmo; no seu melhor, ele podia produzir algo não indigno do sentido e do estilo do original. Ele não teve sucesso ao tornar o latim um meio adequado para o pensamento abstrato e sua falha deveu-se precisamente a sua reverência a sua própria língua, que ele evitou deformar e oprimir com neologismos.[178]

O passo fala por si e não vamos aqui investigar motivos para a exacerbação desse desgosto pessoal de Jones por Cícero e por neologismos, mas registrar que, dos excertos apontados por Jones, a maioria não é considerada tradução, o que não é necessariamente um demérito, como ele pensa, mas uma característica autoral. Jones teoriza que essas traduções ciceronianas, assim como dos *Fenômenos*, foram feitas na juventude e somente por *exercendi ingenii causa* (p. 23), sem explicitar em que se baseia para fazer tal afirmação; no entanto, concordamos com sua análise de *intepretari*, que em Cícero é verbo que pode indicar leitura atenta, interpretação e comentário – ao modo do *grammaticus* – ou tradução sem criatividade ou literal. A propósito, como vimos há pouco e negritamos nos excertos, é frequente vermos a modalização que Cícero faz sempre que apresenta traduções, esforço evidente de demarcar territórios ou papéis.

---

[177] Cf. (p. 32): "Striving to express a matter which he did not fully understand in a language not fully capable of it, Cicero's general success is not inconsiderable".

[178] Cf. (p. 33): At his worst he is bad to an unnecessary and inexplicable degree, so that at times the reader is tempted to try for a better version himself; at his best he can produce something not unworthy of the original in sense and style. He did not succeed in making Latin an adequate medium for abstract thought, and his failure was due precisely to his reverence for his own language, which he shrank from deforming and overwhelming with neologisms". Douglas (1968, p. 34) elogia esta pesquisa de Jones e concorda com suas considerações, citando também a concordância de Poncelet, embora o critique (em *Cicéron, traducteur de Platon*) por não ter considerado suficientemente as dificuldades de traduzir filosofia – "ou qualquer outra coisa" – em qualquer idioma.

Importa destacar, ainda, que, segundo Disler (2004, p. 89-94), Cícero usou a expressão *uerbum e uerbo* somente quatro vezes em toda a sua obra filosófica e "[...] em cada uma das quatro passagens, ele se referiu especificamente à busca de um termo em latim equivalente ao grego. Ele nunca utilizou essa expressão em referência à tradução de **texto contínuo**"[179]. Ou seja, somente partes – como aquele poema da coletânea catuliana – ou excertos traduzidos é que extraímos da grande obra de Cícero, nos quais ainda trabalha retoricamente, como vimos com as expressões usuais, para bem demarcar qual era a sua função. De suas traduções integrais só temos, quando muito, partes, muitas delas transmitidas por terceiros, e essas mesmas partes geram embates incessantes sob a dicotômica categorização: livre ou literal. Preocupação essa que hoje levantamos quanto ao tradutor, papel mais bem demarcado que à época de Cícero, diferente, portanto, da preocupação do Arpinate, qual seja, a de manter a posse ou autoridade do texto, de ser um *auctor*. Autoridade essa cujo reconhecimento podemos encontrar nos pares, eles mesmos, assim como os *grammatici*, os leitores de que temos notícia.[180]

Esse estranho sistema das letras romano é composto de autores, que também são comentadores – *grammatici* –, compartilham "formações" semelhantes, confundem-se com suas obras, pois é delas, no mais das vezes, que conseguimos extrair chaves e informações de compreensão. E eles fazem traduções.[181]

4.2 TRADUTORES E TRADUÇÕES D.C. (DEPOIS DE CÍCERO): UM MUSEU DE GRANDES NOVIDADES

Um milênio após o advento do cristianismo, do teórico da tradução e tradutor São Jerônimo, em contexto bem diverso, encontramos em Burnett (2016), em artigo que discorre sobre autoria

---

[179] Cf.: "[...] in each of these four passages he referred specifically to finding an appropriate Latin equivalent to a single Greek term. He never once used this expression in reference to the translation of continuous text".

[180] Roland Barthes (1984, p. 70) diz que "O leitor, a crítica clássica nunca dele se ocupou; para ela, não há na literatura qualquer outro homem para além daquele que escreve".

[181] Rita Copeland (1991, p. 21) toca neste ponto quando diz "Assim, na maior parte, eram os rétores que produziam sistemas abrangentes de teoria literária, quer como guias prescritivos, como na *Rhetorica ad Herennium* ou mesmo na retoricamente embasada *Ars poetica* de Horácio, quer como comentários interpretativos, como no *De oratore* de Cícero ou na *Institutio* de Quintiliano. Isso é consistente com as premissas básicas da teoria retórica antiga: de Aristóteles a Cícero e Quintiliano, a retórica reservava muito da função de crítica textual para si, compondo seu sistema de invenção e os preceitos de *decorum* em torno de princípios de interpretação de evidências documentais e cânones literários." ("Thus for the most part, it was the rhetoricians who produced comprehensive systems of literary theory, whether as preceptive guides, as in the Rhetorica ad Herennium or even Horace's rhetorically based *Ars poetica*, or as interpretive dicta, as in Cicero's *De oratore* or in Quintilian's *Institutio*. This is consistent with the basic premises of ancient rhetorical theory: from Aristotle to Cicero and Quintilian, rhetoric reserved much of the function of textual criticism for itself, building its system of invention and its precepts for decorum around principles of interpreting documentary evidence and literary canons").

e autoridade, exemplos que ecoam várias discussões por que envederamos – sem concluir – ao longo desta tese. Ele então começa sua discussão tendo por modelo Gerardo de Cremona (século XII), que, de 25 obras que traduziu, tem seu nome aduzido a apenas duas, com a seguinte fórmula: *translatus a* ***magistro*** *Girardo Cremonensi in Toleto de Arabico in Latinum*, inscrição feita provavelmente não por ele próprio, senão por seus alunos posteriormente (2016, p. 54-56). Segundo o autor, era usual que tradutores não incluíssem os próprios nomes nas obras, exceto nas dedicatórias, quando havia; então, após mais exemplos de casos de tradução sem a identificação do tradutor, menciona certo Ibn Abdun (p. 56), um supervisor de mercantes na Sevilha de início do século XII, que proibiu a venda de livros de ciência arábes a cristãos e judeus porque "eles **os traduzem e os tomam por seus, bem como seus sacerdotes**" (2016, p. 59 *apud* GARCÍA-SANJUÁN, Alejandro. Jews and Christians in Almoravid Seville as Portrayed by the Islamic Jurist Ibn 'Abdūn'. *Medieval Encounters*, n. 14, 2008, p. 78–98, negrito nosso). Desta forma, estabelece o cenário e dá exemplo "notório" (p. 59):

> Constantino, o Africano, o primeiro tradutor do livro *Royal book*, de Alī ibn al-'Abbās al-Majūsī. Na lista das seis *circumstantiae* – coisas a saber antes de começar a leitura de um livro –, menciona a si mesmo como o autor do livro: *nomen auctoris hic scire est utile ut maior auctoritas libro habeatur. Est ergo Constantinus Aphricanus auctor, quia ex multis libris coadunator.* ("aqui é oportuno saber o nome do autor, porque confere maior autoridade ao livro. Pois é Constantino, o Africano, o autor, que de muitos livros o coadunou"). Ele foi acerbamente criticado por outro tradutor do mesmo livro, Estevão de Antioquia: *Nomen etenim auctoris titulumque subtraxerat, seque, qui interpres extiterat, et inventorem libri posuit, et suo nomine titulavit* ("pois subtraiu tanto o nome do autor como o título, e o dele, que era o tradutor, adicionou como inventor do livro e o nomeou com seu próprio nome").[182]

Imediatamente e à primeira vista urge notar:

1. *maior auctoritas libro habeatur*: esse comparativo deixa subentender que o nome do tradutor, por ser europeu, confere maior autoridade que o nome do autor, árabe. À parte a xenofobia, vemos o tradutor considerando-se autor da obra;

[182] Cf.: "The most notorious case of this is Constantine the African, the first translator of 'Alī ibn al-'Abbās al-Majūsī's Royal Book. In the list of the six circumstantiae – things to be known before beginning to read a book – Constantine mentions himself as the author of the book: *Nomen auctoris hic scire est utile ut maior auctoritas libro habeatur. Est ergo Constantinus Aphricanus auctor, quia ex multis libris coadunator*. ("It is useful to know here the name of the author, so that greater authority can be placed in the book. Constantine the African is the author, because he brings it together from many books") He was sharply criticized by another translator of the same book, Stephen of Antioch: *Nomen etenim auctoris titulumque subtraxerat, seque, qui interpres extiterat, et inventorem libri posuit, et suo nomine titulavit*. ("For he has taken away the name of the author and the title, and put himself, who was the translator, as also the creator of the book, and he has entitled the book with his own name")".

2. *quia ex multis libris coadunator*: ou seja, de vários livros, fez uma junção, ou edição, enfim, algo que, guardadas as devidas proporções de tempo e espaço, nos remete ao Cícero filósofo ou, antes, aos prólogos dos comediógrafos Plauto e Terêncio;
3. *qui interpres extiterat, et inuentorem libri posuit*: na crítica feita, temos uma concepção dicotômica entre tradutor e inventor, de modo que é somente a este, segundo Estevão de Antioquia, que se pode chamar autor.

Ora, se Constantino fez uma junção, uma organização própria, é essa própria justificativa que ele dá para, por assim dizer, defender sua autoria da obra, o que não é aceito por seu adversário. Burnett (2016, p. 60) cita ainda outro exemplo, de um arcebispo Alfano, que, no prefácio de sua tradução a livro intitulado *De natura hominis*, de Nemésio (350 – 420 d.C.), disse ter utilizado vários livros e ainda acrescido pensamento próprio (lembramos aqui do *iudicium* ciceroniano). Ao fim e ao cabo, segundo Burnett, nem Alfano, nem Estevão, nem Constantino acresceram algo às obras que traduziram, pois somente traduziram. Em seguida (p. 67), como tentativa de definir com mais precisão os limites da classificação, diz que

> Seria mais justo, penso eu, considerar os tradutores da Idade Média que estamos analisando como semelhantes a editores: produtores de um texto que transmite o mais próximo possível o significado do autor original enquanto emenda quaisquer erros e interpreta passagens problemáticas. [...] Deste modo, os tradutores se tornam responsáveis pela qualidade e confiabilidade dos textos que produzem e podem, justificadamente, merecer o título de "autoridades".[183]

Isto é, o editor é um autor limitado quanto à invenção (a tradução daquele verso *ficto* por Beethoven Alvares é um exemplo disso). Voltamos ao *grammaticus*. Aliás, não voltamos, o *grammaticus* continuou sendo erudito das letras e ganhou a atribuição de editor, e mesmo a de tradutor. O *grammaticus* prevê o tradutor. De modo que temos então duas classes de tradutores: os tradutores-*auctores* e os tradutores-*grammatici*. Tradutores porque, segundo concepção hodierna – afinal, um romano não teria a concepção de um mundo miltilíngue como temos hoje –, focamos a relação da transformação de um texto de uma língua em outra. Os *auctores* são aqueles em que encontramos o peso da criatividade, da *inuentio*, e, nos *grammatici*, a criatividade é invisibilizada – não que não haja –, mas busca-se escondê-la, e

[183] Cf.: (It would be fairer, I think, to consider the translators of the Middle Ages that we have been considering as being akin to editors: producing a text that conveys most intimately the meaning of the original author, while emending any mistakes and interpreting problematic passages. [...] In this way the translators become responsible for the quality and reliability of the texts they produce, and can, with justification, merit the title of 'authorities'.)

possivelmente estes advogam fazer uma tradução correta. Aos primeiros, *ad sensum*; aos segundos, *uerbum pro uerbo*. E percebemos que a autoridade que faltava ao *interpres* agora é anexada ao tradutor.

Avancemos alguns séculos.

Illi enim a Platone discedentes, syllabas, atque tropos secuti sunt; ego autem Platoni adhaero, quem ego ipse mihi effinxi, et quidem latine scientem, ut iudicare possit, testemque eum adhibeo *traductioni* suae, atque ita *traduco*, ut illi maxime placere intelligo. Primo igitur sententias omnes ita conservo, ut ne vel minimum quidem ab illis discedam. Deinde si verbum verbo, sin ulla inconcinnitate, aut absurditate reddi potest, libentissime omnium id ago. Sin autem non potest, non equidem usque adeo timidus sum, ut putem me in crimen laesae maiestatis incidere, si servata sententia paulisper verbis recedo, ut declinem absurditatem. Hoc enim ipse Plato praesens me facere iubet, qui cum elegantissimi oris apud Graecos sit, non vult certe apud Latinos ineptus videri.[184]	Eles seguiram as sílabas e os tropos, mas afastaram-se de Platão, ao passo que eu me colo a Platão, a quem finjo para mim que sabe latim, para que ele possa julgar e exibo-o como testemunha de sua tradução e então traduzo segundo penso que lhe agrade ao máximo. Antes de tudo, mantenho todas as ideias, de modo que delas não me afasto o mínimo que seja. Então, se palavra por palavra, sem nenhuma desordem no arranjo das palavras ou incongruência for possível traduzir, assim faço com a maior boa vontade de todos. Se, contudo, não for de fato possível, não sou assim tão covarde a ponto de julgar que eu incorra em crime de lesa-majestade se, conservando a ideia, eu me afaste um pouco das palavras, para evitar o absurdo. Ora, isso o próprio Platão aqui presente me ordena fazer, pois quem entre os gregos tinha a voz mais elegante certamente não quer parecer inepto entre os latinos.

No passo citado, inciando com referência a Platão, percebemos a presença de nosso conhecido verbo *fingo, -ere*, na forma *effinxi*, acompanhado por terminologia judicial, com *iudicare* e *testem*, enfim, ele todo parece ecoar um tom ciceroniano, excerto pelo que mais se destaca, as formas *traductioni* e *traduco*, de que hoje temos nossa palavra tradução. Sobre o autor e sua cunhagem, Folena logo à introdução de sua obra *Volgarizzare e tradurre* (1994, p. vii-viii) afirma, a respeito da construção do que pretendia como capítulo sobre a história da tradução[185]:

---

[184] De *Leonardi Bruni Arretini Epistolarum Libri VIII*. Firenzi, 1741, vol. I, p. 18.

[185] Petrina (2013, p. 3, grifos nossos), à parte seu entendimento de que na análise de Folena a *aemulatio* perderia seu apelo – pois entendemos que não se trata uma questão de perda, mas de transformação, e a mudança é o enfoque explicitado na obra desse autor, da oralidade à escrita, do *intepretari* ao *traducere*, da relação entre autores à relação entre textos, do reconhecimento histórico do papel do tradutor e sua função autoral –, faz sintético e informativo resumo da transformação do conceito de tradução da Antiguidade para a Idade Média, da *reductio ad unum* que ganha forma em Leonardo Bruni: "Em seu *Volgarizzare e tradurre*, Folena postula que tradições linguísticas e literárias incluem a tradução em seu mito de origem, propondo, deste modo, a substituir o lema do idealismo alemão *in principio fuit poëta* com o mais humilde in *principio fuit interpres* – uma negação de qualquer conceito de origem absoluta na história humana que teria ressoado bem com as ideias medievais da época humana. Folena identificou na Idade Média **um estágio de mudança fundamental no conceito de tradução**, observando como a questão da tradução progressivamente assumiu mais importância, na medida em que o próprio conceito passou a incluir a ideia de **transmissão de conteúdo, de refeitura ou reescrita do texto, o de *aemulatio* estava**

> O fio condutor era uma semântica do traduzir, com a história dos termos que na tradição ocidental indicam essa operação universal (aliás, constitucional da linguagem humana porque inscrita no estatuto do signo), no percurso da Antiguidade ao Humanismo: quando, em face à multiplicidade terminológica e das concepções do traduzir, que caracteriza a Idade Média latina e o início das línguas românicas (em que o vulgarizar ou o traduzir "por cima" ocupa um lugar central), afirma-se primeiro em latim e depois em todas as línguas românicas a família lexical de *traducere* com um novo significado técnico e com uma conotação marcadamente dinâmica que não havia em seus predecessores.
> Essa semântica veio naturalmente se conectar com uma história das ideias sobre o traduzir entre a Idade Média e o Humanismo. Isso culminou em meu projeto com o primeiro e maior tratadista sobre a tradução no Humanismo europeu, tradutor do grego ao latim e também do latim ao vernáculo: Leonardo Bruni.

Leonardo Bruni é o autor de *De interpretatione recta* (*Da tradução correta*), texto de 1420 e, segundo Furlan (2011, p. 16), que o traduz, "Com ele se inicia a história dos manuais de tradução", traz como "base da fundação da moderna tradução literária" o emprego dos "recursos que oferecem a retórica e oratória", além de quatro eixos sobre os quais comenta e resumimos (p. 17-20): 1. conhecimento da língua de partida; 2. conhecimento da língua de chegada; 3. conhecimento da matéria; 4. possessão e uso do ouvido ou "ritmo".[186]

Em *traducere*, ainda, Folena vê o surgimento de um vocábulo que faz uma *reductio ad unum* (1994, p. 67) dos vários termos – e conceitos – desde a antiguidade, desde *interpretari* a *uertere*, a fim de que seja capaz de não apenas lidar com essa transmissão do passado, mas preparar o terreno linguístico para novos desenvolvimentos, Bruni não errou com o uso de *traductio*:

> Não creio que Bruni tenha entendido mal: precisava de uma palavra nova, não usada como *transferre*, onde a operação de transplante de uma língua para outra se manifestasse com maior energia e plasticidade: e *traduco* não só era mais dinâmica que *transfero*, mas, em comparação com seu predecessor mais vulgar, continha, além do traço semântico de "cruzamento" e "movimento",

---

perdendo parte de seu apelo: 'o *transferre* identifica-se então com *tradere*'" ("In his Volgarizzare e tradurre, Folena posits that linguistic and literary traditions include translation in their myth of origin, thus proposing to substitute the motto of German Idealism in principio fuit poëta with the humbler *in principio fuit interpres* – a denial of any concept of absolute beginning in human history that would have resonated well with medieval ideas of human time. Folena identified in the Middle Ages a stage of fundamental change in the concept of translation, noting how the issue of translation progressively assumed more importance as the very concept came to include the idea of transmission of contents, the re-making or re-writing of the text, even as aemulatio was losing part of its appeal: 'il *transferre* si identifica allora col *tradere*'").

[186] Kelly (1979, p. 121) diz que se trata de uma doutrina "Cícero-Jeronimiana" ("Cicero-Jerome doctrine") e dirá que (p. 223) "o *De interpretation recta* de Bruni Aretino é um manifesto desses primeiros humanistas. Em essência, é um retorno à *aemulatio* de Cícero e uma assunção de atitudes pessoais" ("The *De interpretatione recta* (1420?) of Bruni Aretino is a manifesto of these early Humanists. In essence, it is a return to Cicero's *aemulatio*, and an assumption of personal attitudes"), como se a história da tradução fosse uma composição em anel, por assim dizer.

> também o traço de "individualidade" ou causatividade subjetiva (pensemos em *duco* / *dux* em relação a *fero*), sublinhando ao mesmo tempo a originalidade, o compromisso pessoal e a "propriedade literária" dessa operação cada vez menos anônima.[187]

Logo, é somente em Bruni que podemos destacar intencional e explicitamente uma teoria ou *ars* da tradução, quinze séculos após Cícero, mas ainda em latim. Quanto a outras teorias de tradução em diferentes idiomas, André Lefevere (2003, p. 36)[188] seleciona prefácios de vários tradutores para apontar semelhanças e diferenças, como este excerto de Nicolas Perrot d'Ablancourt (1606–1664), cujas traduções ganharam o epíteto de "belas infiéis":

> [Cícero] diz que trabalhou não como intérprete, mas como orador, o que é a mesma coisa que tenho a dizer dos diálogos de Luciano, embora não me tenha dado uma igual liberdade em todos os pontos (*quoy que je ne me sois donné une égale liberté par tout*). Há muitas passagens que traduzi palavra por palavra, pelo menos o quanto se pode fazer numa tradução elegante...[189]

Cícero, aliás, marca o início do período abordado por Lefevere – em dois milênios de história da tradução –, em 106 a.C., data do nascimento do Arpinate, cujo nome, aliás, aparecerá textualmente em 26 ocorrências ao longo da obra (2003). Trata-se de livro de referência importante para a construção da história da tradução, embora não tenha sido organizado cronologicamente, e sim por eixos temáticos, com reunir inúmeros exemplos de variados autores em épocas e culturas diferentes, o que aponta para uma tendência que até hoje é comum: cada tradutor parece apresentar teoria própria, como um *grammaticus* que expõe seus modelos, ou influências, e descreve seus procedimentos.

À guisa de mais um exemplo, citamos o livro *An essay on translated verse*, de 1709, do Conde de Roscomon. Nele, temos um poema em pentâmetro iâmbico inicial de John Dryden – tradutor de Homero –, em elogio ao autor, do qual podemos tirar algumas apreensões a respeito

---

[187] Cf.: "Io non credo che il Bruni abbia capito male: aveva bisogno di un vocabolo nuovo, non consunto come *transferre*, dove l'operazione di trapianto d'una in altra língua si manifestasse con maggior energia e plasticità: e traduco non solo era piú dinamico di *transfero*, ma rispetto al suo piú vulgato predecessore conteneva oltre al tratto semantico dell' «attraversamento>> e del «movimento», anche il tratto della. «individualità» o della causatività soggettiva (si pensi o *duco*/*dux* rispetto a *fero*), sottolineando insieme l'originalità, l'impegno personale e la <<proprietà leteraria» di questa operazione sempre meno anonimma".

[188] No início do capítulo 5 (p. 45-48) apresenta em sua tradução em inglês excertos de Cícero e Quintiliano que já citamos nesta tese.

[189] Trata-se de tradução que Jacyntho Lins Brandão (2014, p. 60-61) dá a excerto do prefácio de Luciano (1709, vol. I, p. 7 v.-8 r), ao tratar sobre as "belas infiéis" e como, apesar do nome, não se caracterizam por sempre se afastarem do original ou exceder na liberdade tradutória.

da história da tradução poética, desenvolvida pelos gregos e com seu ápice em Roma, e da importância da invenção e da tradução (citadas juntas e com iniciais maiúsculas – "How will Invention and Translation thrive":

Whether the fruitful *Nile*, or Tyrian Shore,	Se do facundo Nilo, ou tíria costa,
The feeds of Arts and Infant Science bore,	a raiz da Arte e Ciência infante brota,
'Tis sure the noble Plant, translated first,	a nobre Planta, logo transferida,
Advanc'd its head in Grecian Gardens nurst.	floresceu nos gregos jardins nutrida.
The *Grecians* added Verse, their tuneful Tongue	Dos gregos é o verso, sua língua acústica
Made Nature first, and Natures's God their song.	fez a natureza – divina –, e a música.
Nor stopt Translation here: for conquering Rome	E mais Tradução: Roma combatente
With *Grecian* Spoils brought *Grecians* numbers home	do espólio grego o grego ritmo aprende
Enrich'd by those Athenian Muses more,	adornado por Áticas Musas mais,
Than all the vanquish'd World cou'd yield before.	do que o vencido mundo antes capaz.
'Till barb'rous Nations, and more barb'rous Times	Bárbaras nações, bárbaras idades,
Debas'd the majesty of Verse to Rhymes;	do Verso à rima cedem a majestade;
Those rude at first: a kind of hobbling Prose:	Esta de início rude: Prosa manca.
That limp'd along, and tinckl'd in the close:	Aquele manso e que no fim encanta.
But Italy, reviving from the trance	Mas a Itália, escapando dos tormentos
Of *Vandal, Goth* and *Monkish* ignorance,	de Vândalos, Godos e Monges lentos,
With pauses, cadence, and well vowell'd Words,	com pausas, cadência, vogais sonoras,
And all the Graces a good Ear affords,	toda a Graça que o ouvido bom comporta,
Made Rhyme an Art: and *Dante*'s polish'd page	fez Rima e Arte: Dante, obra acabada,
Restor'd a silver, not a golden Age:	restaura argêntea era, e não dourada.
Then *Petrach* follow'd, and In him we see,	Depois Petrarca, e nele vimos quanto
What Rhyme improv'd in all its height can be;	pôde chegar a rima e até que tanto.
At best a pleasing Sound, and fair barbarity:	Bárbara e bela: quando muito, um canto.
The *French* pursu'd their steps; and Brittain, last	A França no encalço; os Bretões, atrás,
In Manly sweetness all the rest suspass'd.	com viril dulçor venceram os demais.
The Wit of *Greece*, the *Gravity* of *Rome*	Da Grécia o saber, de Roma o vigor,
Appear exalted in the *Brittish* Loome;	na Bretanha uniram-se em esplendor;

The Muses Empire is restor'd agen,
In *Charles* his Reing, and by *Roscomon's* Pen.
Yet modestly he does his Word survey,
And calls a finish'd Poem an ESSAY*;*
For all the needful Rules are scatter'd here;
Truth smoothly told, and pleasantly severe;
(So well is Art disguis'd, for Nature to appeare.)
Nor need those Rules, to give Translation light;
His own example is a flame so bright

O império das Musas à vida responde,
no Reino de Carlos, na voz do Conde.[190]
Ele, modesto, ao palavras buscar,
chama ENSAIO um poema lapidar;
Boas regras aqui se podem ler;
Duras verdades com calma dizer.
Da arte o disfarce é a vida abranger.
Luz à tradução tais regras não mais
dão: seu exemplo é chama e brilha mais.

Unguided will advance; unknowing will excel.
Scarce his own *Horace* cou'd such Rules ordain
Or his own Virgil sing a nobler strain.
How much in him may rising Ireland boast,
How much in gaining him has Britain lost!
Their Island in revenge has ours reclaim'd,
The more instructed we, the more we still are sham'd.
'Tis well for us his generous blood did flow
Deriv'd from British Channels long ago;
That here his conquering Ancestors was nurst;
And Ireland but translated England first:
By this Reprisal we regain our right;
Else must the two contending Nations fight,

A verve anda sozinha; ignara, excele.
Nem a Horácio as regras fariam mando,
Ou Virgílio entoar mais nobre canto.
Quanto dele se ufana a altiva Irlanda,
Quanto ao ganhá-lo perdeu a Bretanha!
Tal ilha em vingança a nossa demanda,
quão mais letrados, maior a desonra,
Dele o sangue correu a nós feraz,
dos canais Bretões, bons tempos atrás.
Seus ancestrais conquistaram esta terra;
Irlanda, mas disse antes "Inglaterra":
tal forra trouxe o direito ao que era,
ou duas nações iriam à guerra.

A nobler quarrel for his Native earth,
Than what divided Greece for Homer's birth.
To what perfection will our Tongue arrive,
How will Invention and Translation thrive
When Authors nobly born will bear their part,
And not disdain th' inglorious praise of Art!

Prélio à terra natal de mais esmero
que a da Grécia, a que fez nascer Homero.
Nossa língua vai a que perfeição!
Assim como a Invenção e a Tradução,
Se autores bem-nascidos sua parte
fazem, sem desdém do húmil preito d'Arte!

[190] Trata-se de Wentworth Dillon, Conde de Roscomon (1633-1685).

Chama atenção que, apesar de ser um poema introdutório a um ensaio sobre a tradução, diz “Nor need those Rules, to give Translation light; / His own example is a flame so bright” (“Luz à tradução tais regras não mais dão: / seu exemplo é chama e brilha mais”), citando em seguida Horácio, que não seria limitado por regras. Desse modo, essa aparente crítica às regras – que lembra o lugar-comum da crítica aos manuais – enseja valorização da prática e inspiração ao mesmo tempo que justapõe, em mesmo patamar, Horácio e o autor do ensaio: assim Dryden faz um elogio.

Já em português de Portugal temos *A arte de traduzir de latim para portuguez*, reduzida a princípios: oferecida ao illustrissimo senhor D. Francisco de Sales e Lencastre, por Sebastião José Guedes e Albuquerque, de 1818, talvez uma das primeiras, senão a primeira, teorias sobre tradução, especificamente sobre o latim, em língua portuguesa. No prefácio, temos (p. 4-5):

> [...] à honra da invenção não tenho título algum [...] esta obra, mera rapsódia de juízos autorizados por homens abalizados nas Belas Letras. [...] não achei nem manuscrito, nem impresso português, que mostrasse e abreviasse, a benefício da mocidade, os meios de os igualar. [...] Os franceses ofereceram-me, além de todas as riquezas da literatura, que beberam na mesma fonte, a analogia entre duas línguas filhas da mesma mãe. Vali-me de seu trabalho, e conto por nada o meu. Fiquem escondidos os alicerces, e levante-se o edifício.

Novamente, a invenção entra em cena, embora aqui apenas para que o tradutor manifeste sua falta, afinal, fez uma rapsódia. Os franceses a que ele se refere de modo genérico nós encontramos em *La manière de bien traduire d’une langue en autre*, de Étienne Dolet (1509-1546). Sobre este autor e esta obra há artigo de Mauri Furlan (2008, p. 67) em cujo primeiro parágrafo temos:

> Étienne Dolet (1509-1546) é considerado “el epónimo y patriarca de la traducción francesa” (Vega 1994: 722), o que principia a reflexão teórica sobre a tradução em seu país e introduz as palavras ‘traduction’ e ‘traducteur’ na língua francesa (Delisle-Woodsworth 1995: 277), e o que, “injustamente”, é apontado pelos especialistas franceses como o primeiro tradutólogo moderno (Veja 1997: 73). “Escritor, traductor, poeta, defensor de la razón” (López Carrillo 1998: 69), natural de Orléans, estudou humanidades clássicas em Paris e em Pádua, e direito em Toulouse. Sua grande liberdade de pensamento e agudeza crítica lhe deram a fama e a morte.

Furlan discorre sobre a estrutura do texto de Dolet, que inicia abruptamente seu texto com um “pentálogo”: cinco regras para a boa tradução. Para Dolet, a “compreensão do sentido,

é o requisito básico para a produção de uma versão “fiel” e “segura” (FURLAN, 2008, p. 74-5), e Furlan conclui com dizer que a teoria de Dolet prevê uma recriação do texto de partida.

Voltando à arte de traduzir de Sebastião José Guedes e Albuquerque, a obra estrutura-se numa primeira parte em modo de diálogo, com perguntas e respostas, sem, no entanto personagens definidas. Na parte final, há algumas traduções, como de uma ode de Horácio, um excerto de Quintliano, entre outros autores. No capítulo I temos, diferentemente de Dolet, que não o faz, uma definição da *ars* (p. 8, grifos nossos):

> Pergunta. Que coisa é a arte de traduzir?
> Resposta. É a arte de fazer passar duma língua para outra os pensamentos de um autor.
> P. As palavras tradução e versão significam a mesma coisa?
> R. A tradução é para a língua moderna, e a versão para a antiga.

Se houver alguma dúvida de que, com se referir a pensamento, o autor não esteja calcado, como Dolet, seu modelo, na vertente de tradução pelo sentido, talvez o excerto seguinte, ainda no mesmo capítulo, possa dirmi-la (p. 9-10):

> P. A que chama v. m. tradução propriamente dita?
> R. A todo o pensamento do original cabalmente expresso em outra língua, v. g, estas palavras: não há, no meu parecer, maior desgraça que de nunca ter experimentado desgraça alguma, são a tradução exata destas outras de Sêneca. *Nihil mihi videtur infelicius eo cui nihil unquam evenit adversi*.
> P. Que é paráfrase?
> R. **É uma tradução que amplia**, e desenvolve os pensamentos do original, os aclara, e supre as ideias intermédias, sem atender nem ao modo nem à exatidão nem sequer à ordem do autor.
> [...]
> P. Que coisa é imitação?
> R. A imitação consiste ora em dizer cousas que trazem à lembrança uma passagem conhecida pela parecença que tem com ela, ora em fazer seu o pensamento de um autor pelo jeito novo, que se lhe dá, quer amplificando, quer restringindo-o, ora em pintar os mesmos objetos, debaixo porém de imagens diferentes, etc.
> P. Tenha a bondade de produzir exemplos destas várias sortes de imitação?
> R. A minha imitação, diz Lafontaine, não é escravidão. Isto faz lembrar este dito de Horácio: *o imitatores servum pecus! Magno illi Alexandro, sed sobrio neque iracundo simillimus*, diz Velleio Paterculo, falando de César. Mr. de Fontenelle fez aplicação deste Elogio a Carlos XII Rei de Suécia. Em fim era Alexandre, se tivesse vícios, e melhor fortuna.

Quão distante a imitação de Guedes e Albuquerque não se encontra de sua homônima antiga? Esta se desenvolveu em um contexto específico: de avanço da tecnologia escrita,

embora em relação com a oralidade; de circulação primeva de obras como que em um protomercado editorial; de circulação de cópias feitas a mão e por sujeitos porventura críticos; de conflito e assimilação entre as duas culturas dominantes da época; de uma classe de pessoas que tinha acesso bilíngue às culturas e a essas obras e conseguintes manuais calcados nas leis dos gêneros – resenhas e gramáticas, descritivas, normativas e polêmicas –, que se esforçavam não somente por entendê-las, mas que com elas concorriam; de consagração de uma literatura nacional por emulação; de especialização do *grammaticus* e do *interpres*. Aquela já era lembrança, provavelmente o que consideramos intertextualidade. Hoje, quando muito, a imitação já se encontra vizinha do plágio e adquiriu jaez pejorativo, não só na literatura, como na música e demais artes, dando lugar ao termo "influência", de muito mais bom tom.

Há ainda discussões sobre o gênio da língua, de modo que a língua latina diz as coisas conforme acontecem, ao passo que a portuguesa segue a ordem gramatical. Neste sentido (p. 41) "[...] a marcha do latim era a da natureza; logo, quando mais se lhe chegarem as outras línguas, melhor. Para pintar a natureza é que foram instituídas".

No Brasil, Silva-Reis e Milton (2019) buscaram por uma tradição tradutória, concluindo que o "processo da tradução no Brazil tem sido muito mais empírico que teorético". Segundo eles (p. 396):

> O jesuíta João Azpicuelta Navarro é considerado o primeiro tradutor no Brasil, com a publicação de *Suma da Doutrina Cristã* na Língua Tupi (1557), além de traduzir nos anos 1550 rezas e sermões para trabalho de catequese na Bahia.

No entanto, ao falar de Gregório de Matos, parece, ao descrever o trabalho deste, que vemos os processos criativos da Roma clássica (p. 398):

> Com efeito, Gregório de Matos inaugura outro paradigma: tradução como apropriação (Pires, 1998), ao incorporar versos inteiros de outros poetas em seus próprios poemas. Alguns dizem que ele dialogou com outros poetas, ao passo que alguns consideram seu trabalho como plágio, mas em ambos os casos é possível identificar precisamente as traduções (La Regina, 2000). Em suma, Gregório de Matos usou da imitação como base para seus poemas, pois ele acreditava que esse era um dos processos que o auxiliariam a escrever poesia barroca perfeitamente. (Albalat, 1944, itálicos nossos).

É procedimento similar ao de Catulo com relação ao decalque de excerto dos *Áitia* de Calímaco, é o procedimento de Ezra Pound. Por fim, dizem que (p. 493): "Além disso, a tradição da tradução no Brasil ainda é empírica e baseada na necessidade; em outras palavras,

quando há um novo contexto em que a tradução se faz necessária, novos interesses relacionados à tradução e/ou interpretação aparecem".

Se Silva-Reis e Milton buscaram por uma tradição tradutória no Brasil, é porque, parece óbvio, acreditaram não encontrar, como afirmam nos passos citados, dizendo que se trata de atividade mais prática que teórica. No entanto, por que teorias da tradução são necessárias? Para treinamento de tradutores? É possível. Cada cultura, no entanto, produz os autores/tradutores que lhes são próprios, de acordo com a sua tradição própria. Ademais, talvez hoje, assim como na Roma de Cícero, a centralidade não resida mais na tradução como atividade-fim ou no prestígio do autor original, mas na criatividade – renascimento da invenção – e habilidade dos tradutores-autores, que porventura hoje sintam mais necessidade em demonstrar sua autoridade, ou toque de originalidade.

Pensador recente sobre a tradução é Meschonnic (2010),[191] que, aliás, busca elaborar uma poética da tradução própria e até mesmo evoca os lugares-comuns antigos quando critica seus antecessores, como se apenas a sua metodologia própria fosse a mais apta a viabilizar o melhor tipo de tradução, porque calcada no que ele entende por ritmo: não deixa de nos chamar a atenção como atribui a textos sagrados, como os salmos, caráter e desafios únicos de tradução, justamente objetos de sua pesquisa e atuação. Kelly (1979, p. 226) faz a seguinte comparação: "Completamos, assim, o círculo: o latinista moderno, como o antigo, recria seu original, ao passo que a preocupação até com o hálito do idioma hebraico que tem o tradutor da *Septuaginta* reaparece nas traduções de Buber e Meschonnic da Bíblia hebraica".[192] É dizer que, dois milênios depois, temos, nos latinistas modernos, o mesmo procedimento tradutório de composição autoral que imita uma relação entre autoridades e, para tanto, baseia-se na compreensão do sistema retórico de produção de determinada obra e sua adequação à língua vernácula, bem como temos, como em Meschonnic, uma predominância da literalidade, isto é, dos aspectos formais do texto de partida como um decalque no texto de chegada, em suma, o eterno retorno à dicotomia entre tradução literal e tradução livre?

---

[191] Também considera Cícero teórico da tradução, à página XLV: "A primeira tomada de posição teórica conhecida sobre a tradução é a passagem de Cícero no *De optimo genere oratorum* (v, 14), prefácio a uma tradução perdida de Ésquino e de Demóstenes. Cícero aí rejeita a palavra por palavra. Reivindica fazer não o trabalho do tradutor (*ut interpres*), mas de orador".

[192] Cf.: "We have thus come full circle: the modern Latinist, like the ancient, remake his original, while the Septuagint translator's care for the very breath of the Hebrew reappears in Buber's and Meschonnic's translations of the Hebrew Bible".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"A palavra 'obra' e a unidade que ela designa são provavelmente tão problemáticas como a individualidade do autor."

(FOCAULT, Michel. Em *Michel Focault: o que é um autor?* 4. ed. Prefácio de José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Vega, 2002, p. 39)

Berman (2007, p. 30) afirma que

> A tradução etnocêntrica nasce em Roma. Desde o princípio, a cultura romana é uma cultura-da-tradução. Após o período em que os autores latinos escrevem em grego, vem aquele no qual todo *corpus* de textos gregos é traduzido: e este empreendimento de tradução massiva é o verdadeiro fundamento da literatura latina. Ela se efetua pela anexação sistemática dos textos, das formas, dos termos gregos, o todo sendo latinizado e, de certa maneira, tornando-se irreconhecível por esta mescla. É uma das formas do sincretismo da Antigüidade tardia. "Sincretismo", segundo o dicionário Robert, significa: "combinação pouco coerente, mescla de doutrinas, de sistemas".

Com taxar etnocêntrica a tradução nascida em Roma, Berman ecoa a ideia de embate cultural em que o Lácio conquista o Peloponeso, por isso falará de anexação. Parece exagero, mas faz uma bela analogia com sincretismo, que por sua parte dá outra significação a esse etnocentrismo, apesar da utilização pelo autor de um verbete de dicionário pobre em sua definição. O sincretismo também possui um agenciamento inteligente, tanto do colonizador como do colonizado, e aqui nos baseamos, inspirados no Exu do passo citado do professor doutor Raimundo Carvalho, na discussão do sincretismo que Sérgio Ferretti faz em *Repensando o sincretismo*[193] refletindo sobre as culturas afro-brasileiras: Oxóssi, ou *Ọ̀ṣọ́ọ̀sí*, divindade iorubá, como diz a música composta por Roque Augusto Ferreira, "Letra de Oxossi", "Na Bahia é São Jorge/ No Rio, São Sebastião". E assim dois santos do Cristianismo, após o contato com a cultura afro-brasileira, desde então sempre estarão ressignificados no Brasil, um método de sobrevivência. Para aplicar o conceito de tradição de T.S. Eliot[194], sobretudo a analogia do catalisador, a "mistura" dos santos foi catalisada pela guerra, pela opressão, pelo racismo e a escravidão.

---

[193] Em sua segunda edição, publicado em coedição por Arché Editora e Edusp em 2013.
[194] *Ensaios*. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989, p. 37-48.

Em Roma o “catalisador” do entrecruzamento cultural, tendo a anexação da conquista da guerra como pano de fundo, teve uma característica peculiar: aquela já conhecida de que o conquistador foi conquistado, mas porque se admirou e se permitiu olhar para o outro. A tradução é um meio para a alteridade. E a sensação ou sentimento é a admiração do prazer intelectual, da possibilidade de vencer a solidão do mundo para experimentar sentimentos por meio do estrangeiro. A cultura grega não apenas sobreviveu, mas viveu também na cultura latina e graças a ela, em um processo de aculturação.

Vimos reiteradamente ao longo desta tese posições e abordagens, várias e variegadas, sobre a existência ou não de uma teoria da tradução romana, especificamente em Cícero. Por vezes, vimos abordagens de pesquisadores com focos diferentes e posições constrastantes. E a necessidade que temos de lançar mão de metodologias científicas, por meio da comparação, analogia, intertextualidade em diferentes línguas e culturas, deduções e induções, aliada ao fato de cada pesquisador ser uma pessoa inevitavelmente de seu tempo, não nos permite aceitar a explicação mais simples: não havia teoria da tradução em Cícero porque não havia motivos, nem tempo ou autoconsciência, *ainda* para se preocupar tanto com isso. Mas havia traduções, no sentido amplo de transposição – o *tresladar* – algo para outro lugar utilizando um meio, qual seja, a linguagem. Mais prática que teoria, como Silva-Reis e Milton pensavam há pouco, em 2019, sobre a tradição tradutória brasileira.

Dissemos que não havia motivos para a preocupação com essa teoria porque havia muito acontecendo em pouco tempo: um processo de transformação da transmissão de conhecimentos que caminhava para a institucionalização e uma percepção da necessidade e possibilidade de erigir uma “literatura” própria, ou, caso o termo seja tão problemático, de construir em Roma o que fizeram os gregos, sob um contexto de desenvolvimento tecnológico propiciado pelo códice, pela escrita e uma mudança da dimensão da oralidade para a preponderância da escrita.

Por isto entendemos que o tradutor romano se encontra na intersecção de um sistema triangular – aqui imitamos Antônio Cândido – composto pelo *grammaticus*, pelo *interpres* e pelo *auctor*. Pois Cícero fez as vezes de *intepres* e expôs seus procedimentos de composição, calcados na especialíssima teoria retórica.

A corrida do ouro para conquista de um lugar nesse ainda lacunar canône das letras romanas de fato representa esse embate cultural, e não podemos nos fiar a encontrar nas sombras projetadas e transmitidas por mãos desconhecidas e manuscritos de alfa a ômega sujeitos completamente cônscios de seus papéis, mas admiráveis por sua verve criativa.

O *interpres*, esse agente, intermediário de negócios da rua, pragmático e apressado, em algum momento conquista uma atribuição própria no âmbito das letras, arcabouço do *grammaticus*. Mas se o professor de gramática ou retórica, escritor de manuais, intenta nova via, se for bem-sucedido alcançará a posse de um dom, o da autoridade; caso contrário, se não for amigo de Cícero, como Atílio, será um mau imitador na visão de Horácio, ou então um ladrão na visão do adversário de Terêncio, porque *fidus interpres*. *Fidus interpres* porque imitou o produto, não seu produtor, isto é, não recriou os procedimentos de composição pra encontrar o que dizer, dar-lhe um arranjo e estilo próprios.

Metodologicamente, dificulta-se-nos determinar se Cícero e Horácio foram precursores da tradução em suas duas correntes, literal (*uerbum pro* uerbo) ou livre (*ad sensum*), porque os materiais para análise supérstites não geraram consenso até hoje. E mais: retoricamente, invenção e elocução poderiam corresponder, no exercício da tradução, de acordo com ênfase nesta ou naquela, a um texto que poderíamos identificar como uma ou outra tradução. Porém, vimos como era comum o trabalho mnemônico com os modelos, de paráfrase, de amplificação, de reescrita e tradução, expedientes, partes para a consecução do todo que é a obra. O jovem Cícero no *De inuentione* é antes um parafraseador do que autor quando comparado a sua senioridade no *De oratore*, o que ele mesmo explicita no prefácio. Então é de se supor que, nessa busca pela glória autoral, uns e outros saíssem maus autores, ou *indiserti*, inexpressivos.

Se, como postulamos, não estava no horizonte de Cícero o papel do tradutor como função especializada, própria e diferente da função de autor, então o que são suas traduções e comentários "teóricos" da tradução? As traduções, quando nos referimos a excertos no interior de outras obras, são de fato traduções, não com fim literário e estilístico, proveniente do texto de partida, isto é, sem fins estéticos, mas expediente para veicular material, conteúdo de ideias e sentidos – se porventura forem mais ou menos fiéis de acordo com nossos parâmetros, como vimos na análise de Jones, isso é antes acidental que objetivo conscientemente proposto por Cícero. A meta é a obra e lograr uma emulação com o autor, rivalidade *inter pares*, e não entre textos. No caso de traduções que são a própria obra, isto é, integrais, não temos como fazer a comparação e, do que temos, a tendência é sempre apontar para a recriação, reelaboração criativa e correlatos. E os comentários, como do *De optimo genere oratorum*, são relativos à composição e com base retórica; então, nos casos em que Cícero discorre sobre a dificuldade de traduzir determinado termo, estamos na esfera da elocução, uma das partes composicionais para alcançar o todo da obra.

A instituição do império, o cristianismo, a queda de Roma, o curso histórico, enfim, apresentou catalisadores e ingredientes diferentes a essa mistura, e assim temos riquíssima história da tradução, talvez impossível de contar; por isso, convém falarmos em histórias das traduções, com teorias diferentes, novos entendimentos, o apagamento do tradutor, seu ressurgimento, a predileção por traduções explicativas, domesticadas, ora pelas estrangeirizantes. Nessas vertentes importa registrar que não há erro, quanto à opção de procedimento composicional, mas predileções: questão de gosto. Há textos para todos os tradutores e tradutores para todos os textos. Buscamos uma teoria da tradução porque supomos sua existência – e necessidade –, mas não a encontramos neste recorte aqui proposto.

Última citação, Bettini (2012, p. 7-8) diz que

> No dia em que Lúcio Élio Estilo Preconino, gramático e filólogo romano que viveu entre o II e o I século a.C., produziu uma etimologia errônea da palavra *lepus* (lebre), foram marcados os destinos da tradução em várias culturas europeias. Enésima aplicação do princípio, caro à teoria do caos, segundo o qual o bater de asas de uma borboleta no Brasil pode provocar um furacão no Texas? Não saberei dizer, mas a história ainda merece ser recontada.

Então conta a história em que Varrão critica o antigo professor, Lúcio Élio Preconino, por ter se equivocado quanto à etimologia de *lepus*, caso narrado por Aulo Gélio em que este se refere ao erro de Élio Preconino ao ter introduzido (a palavra em latim é *traductum*) o vocábulo grego no idioma latino. Séculos depois, Leonardi Bruni teria se equivocado na leitura e entendimento desse *traductum* para dar seu *traductio*, e daí *traducere*, forma que logo alcançou sucesso e se tornou amplamente utilizada. Quer tenha sido um equívoco de Leonardo Bruni, quer não tenha, essa forma se popularizou, assim como a interpretação de São Jerônimo dos procedimentos ciceronianos em sua epístola a Pamáquio, que Yebra taxa de equivocada, e que fizeram do padroeiro dos tradutores o pai da dicotomia entre tradução literal e livre. Se errou São Jerônimo em sua compreensão ciceroniana não podemos afirmar, mas é inegável que Cícero empresta autoridade à argumentação daquele e, se não for verdadeira, ao menos é verossímil e, mais que isso, conveniente a seus propósitos.

Por fim, não poderíamos deixar de mencionar que, se na época de Cícero nenhum autor queria se dizer tradutor, atualmente temos caso contrário: os tradutores querem – e concordamos com isso – ser reconhecidos como autores. Por fazermos parte de uma editora e buscarmos editar obras de tradução, deparamo-nos com esse problema: a designação desse papel. Pois tradutores querem ser considerados, com devido registro pela Câmara Brasileira do Livro e

menção na página de créditos das obras, autores. Se para o público da área de Letras Clássicas é óbvia a autoria de texto como a *Eneida*, por exemplo, talvez ela não seja para a maior parte do público brasileiro. E isso é ainda mais difícil para o caso de autores não tão conhecidos, como Apuleio. Nesses casos, com dar a autoria a quem traduziu, temos em primeira e a mais superficial instância esse problema. Se o enredo não foi definido pelo tradutor, a autoria reside justamente nessa invenção elocutiva: o "português" da tradução é sim do tradutor, e nisso ele se torna autor. Talvez seja este um caminho conciliador, as edições de tradução apresentarem dupla autoria: o autor antigo e o autor(-tradutor) contemporâneo. Em todo caso, hoje ninguém chama o tradutor de imitador servil, mas poderá chamar de plagiador se não der crédito (o que, aliás, é um crime). Assim, no âmbito acadêmico das Letras Clássicas, temos o reencontro entre *grammaticus*, *interpres* e *auctor* na figura do tradutor. Sobre a teoria da tradução, seu marco oficial precisamos encontrar alhures.

REFERÊNCIAS

AELIUS THEON. *Progymnasmata*. Texte établi et traduit par MICHEL PATILLON avec l'assistance, pour l'arménien, de GIANCARLO BOLOGNESI. Deuxième tirage. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

ALMEIDA, O. V. B. de. *O Brutus de Marco Túlio Cícero*: estudo e tradução. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-06052015-121442/pt-br.php. Acesso em: 3 out. 2021.

ALVAREZ, B. Traduzindo Plauto em verso: o prólogo de Poenulus. *In*: PAGANINE, C.; HANES, V. (Org.) *Tradução e criação*: entrelaçamentos. Campinas: Pontes, 2019, p. 109-142. Disponível em: https://www.academia.edu/39418437/Traduzindo_Plauto_em_verso_o_pr%C3%B3logo_de_Poenulus. Acesso em: 28 set. 2021.

ALONSO JÚNIOR, C. L. O orador perfeito (Cícero, O melhor gênero de oradores 1–4; 5.15–6; 6.16–7). *Letras Clássicas*, Brasil, n. 4, p. 343-346, oct. 2000. ISSN 2358-3150. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/73793/77459. Acesso em: 16 abr. 2017. doi:http://dx.doi.org/10.11606/issn.2358-3150.v0i4p343-346.

BARNEY, S. et al. *The Etymologies of Isidore of Seville*. Cambridge University Press, 2006, p. 213.

BARTHES, R. A morte do autor. Tradução de Mário Laranjeira. *In*: BARTHES, R. *O Rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 65-70. (Trabalho originalmente publicado em 1968).

BERMAN, A. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras/PGET, 2007.

BERMAN, A. *A prova do estrangeiro*: cultura e tradução na Alemanha romântica. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: Edusc, 2002.

BERNARDO, I. P. *O De Re Publica, de Cícero: natureza, política e história*. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 115-6. https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-25042013-120804/publico/2012_IsadoraPrevideBernardo_VCorr.pdf. Acesso em: 9 set. 2021.

BONNER, S. F. *Education in Ancient Rome*: from the elder Cato to the younger Pliny. Berkeley abd Los Angeles: University of California Press, 1977.

BONNER, S. F. *Roman declamation in the late republic and early empire*. University Press of Liverpool, 1949.

BURNETT, C. The translator as an authority. *In*: DE LEEMANS, P.; GOYENS, M. (ed.). *The medieval translator*: traduire au Moyen Age. Turhout: Brepols, 2016, p. 53-68. (Translation and Authority – Authorities in Translation, v. 16).

BOOTH, A. D. The Appearance of the "Schola Grammatici". *Hermes*, 106. Bd., H. 1, p. 117-125, 1978. Disponível em https://www.jstor.org/stable/4476045. Acesso em: 7 jan. 2020.

BRANDÃO, J. L. As belas infiéis: Luciano no salão de M. d'Ablancourt. *Nuntius antiquus*, Belo Horizonte, v. X, n. 1, jan.-jun. 2014, p. 51-83. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/7480/6453. Acesso em: 13 out. 2021.

BRINK, C. O. How to make a traditional subject the poet's own. *In*: *Horace on poetry*. The 'Ars poetica'. Cambridge University Press, 1971, p. 208-224.

BRITTO, P. H. *A tradução literária*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. (Coleção Contemporânea).

CAMPOS, H. Da tradução como criação e como crítica. *In*: *Metalinguagem e outras metas*: ensaios de teoria e crítica literária. 2. reimpr. da 4. ed. de 1992. São Paulo: Perspectiva, 2016, p. 31-48. (Debates; 247 / dirigida por J. Guinsburg).

CARVALHO, R. Tradução de poesia latina clássica: uma tradição sempre renovada. *Revista Letras*, [S.l.], v. 89, jul. 2014. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/3536. Acesso em: 14 out. 2021.

CARVALHO, R. Odorico Mendes, autor do Palmeirim de Inglaterra. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 201-215, 2016 Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/10664. Acesso em: 14 out. 2021.

CHIAPPETTA, A. *Introdução*: De como mover os ânimos e estabelecer a fé: o discurso ordenado nas *Partitiones Oratoriae*. Academia.edu., 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/11691643/C%C3%ADcero._Parti%C3%A7%C3%B5es_Orat%C3%B3rias._Introdu%C3%A7%C3%A3o_>. Acesso em: 31 ago. 2017.

CÍCERO. *A virtude e a felicidade*. Trad. Carlos Ancêde Nougué. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Título original Tusculanarum Disputationum Liber Quintus. (Breves Encontros).

CÍCERO. *Saber envelhecer e A amizade.* Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2011.

CÍCERO. *Partições oratórias*. Trad. Angélica Chiappetta. Academia.edu, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/11690218/C%C3%ADcero._Parti%C3%A7%C3%B5es_orat%C3%B3rias_Tradu%C3%A7%C3%A3o_. Acesso em: 31 ago. 2017.

CÍCERO. *De optimo genere oratorum*. Introdução e tradução de Brunno Vinicius Gonçalves Vieira e Pedro Colombaroli Zoppi. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, n. 10, p. 4-15, nov. 2011. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n10p4. Acesso em: 16 abr. 2017.

CÍCERO, M. T. *Discussões tusculanas*. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: EDUFU, 2014, p. 117. Estudo Acadêmico Collection, n. 4. Disponível em: http://books.scielo.org/id/72kk4/pdf/cicero-9786558240280.pdf. Acesso em: 8 out. 2021

CÍCERO. *O orador perfeito*. Tradução de Clóvis Luiz Alonso Júnior. *Letras Clássicas*, n. 4, p. 343-346, 2000.

CÍCERO. *On the Orator: Books 1-2*. Translated by E. W. Sutton, H. Rackham. Loeb Classical Library 348. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1942.

CÍCERO. *On Ends*. Translated by H. Rackham. Loeb Classical Library 40. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914.

CÍCERO. *Das leis*. Tradução, introdução e notas por Otávio T. de Brito. São Paulo: Cultrix, 1967, p. 81, 90-91. (Clássicos Cultrix)

CÍCERO. *Dos deveres*. Tradução de Angélica Chiapeta. Revisão de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 142.

CÍCERO. *On Invention. The Best Kind of Orator. Topics*. Translated by H. M. Hubbell. Loeb Classical Library 386. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1949.

CÍCERO. *De Optimo Genere Oratorum*. Translated by G. L. Hendrickson. *The American Journal of Philology*, v. 47, n. 2, p. 109-123, 1926. Disponível em http://www.jstor.org/stable/290007. Acesso em: 16 abr. 2017.

CÍCERO. Letters to Atticus, Volume IV. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Loeb Classical Library 491. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999, p. 22-23.

CÍCERO. Letters to Atticus. With an English Translation by E. O. Winstedt. Volume III. London: Harvard University Press, 1961, p. 104-7.

COPELAND, R. *Rhetoric, hermeneutics, and translation in the Middle Ages – academic traditions and vernacular texts.* Cambridge: University Press, 1991.

COSTRINO, Artur. *A lição dos declamadores*: Sêneca, o rétor, e as suasórias. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-08092011-112806/pt-br.php. Acesso em: 5 ago. 2018.

DISLER, C. A. *Cicero and translation in the summer of 45 bce*: A study of *De finibus, Academica posteriora, Tusculanae disputationes*. Thesis (Degree of Master of Arts, School of Translation) – Glendon College, York University, Toronto, Ontario, 2004.

D'HULST, L. Latin/Romance tradition. *In:* GAMBIER, Y.; STECCONI, U. (ed.) *A world atlas of translation*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2019, p. 341-354. (Benjamins Translation Library, 145).

DOUGLAS, A. E. *Cicero*. Oxford: Clarendon Press, 1968, p. 1-41. (Greece & Rome: New Surveys In The Classics, n. 2)

ELIOT, T. S. Tradition and the Individual Talent. *Perspecta*, v. 19. p. 36-42, 1982. Disponível em: http://links.jstor.org/sici?sici=0079-0958%281982%2919%3C36%3ATATIT%3E2.0.CO%3B2-1. Acesso em: 16 abr. 2017.

ELIOT, T. S. *Ensaios*. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989, p. 37-48.

ELIOT, S.; ROSE, J. (Ed.). *A companion to the history of the book*. Malden, Oxford, Victoria: Blackwell Publishing, 2007. (Blackwell companions to literature and culture).

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la langue latine*. Histoire des mots. Paris: Klincksieck, 2001.

FANTHAM, E. Imitation and Evolution: the discussion of rhetorical imitation in Cicero De Oratore 2. 87-97 and some related problems of Ciceronian theory. *Classical Philology*, Jan., v. 73, n. 1, p. 1-16, 1978a. Disponível em https://www.jstor.org/stable/269311. Acesso em: 3 ago. 2021.

FANTHAM, E. Imitation and decline: rhetorical theory and practice in the First Century after Christ. *Classical Philology*, Apr., v. 73, n. 2, p. 102-116, 1978b. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/268989. Acesso em: 3 ago. 2021.

FARRELL, Joseph. *Classical Genre in Theory and Practice*. New Literary History, The Johns Hopkins University Press, v. 34, n. 3, Theorizing Genres II (Summer, 2003), p.383-408. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/20057790. Acesso em: 2 ago. 2018.

FOLENA, G. *Volgarizzare e tradurre*. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi, 1994.

FORD, A. *The Origins of Criticism*: Literary Culture and Poetic Theory In Classical Greece. Princeton: Princeton University Press, 2002, p. 220-296.

FORTES, F. da S. *Sintaxe greco-romana*: Apolônio Díscolo e Prisciano de Cesareia na história do pensamento gramatical antigo. 2012. 406f. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL/Unicamp, Campinas, 2012.

FORTES, F. da S. Non solum fama: os exempla de Prisciano na constituição de um "cânon literário". *In*: SILVA, Gilban Ventura; LEITE, Leni Ribeiro; CARVALHO, Raimundo Nonato Barbosa de. (Org.) *Fama e infâmia no mundo antigo*. Vitória: PPGL, 2014, p. 76-81. Disponível em: https://www.academia.edu/10234583/Non_solum_fama_os_exempla_de_Prisciano_na_construu%C3%A7%C3%A3o_de_um_c%C3%A2non_liter%C3%A1rio_cap%C3%ADtulo_no_livro_Fama_e_Inf%C3%A2mia_no_Mundo_antigo_-_2014_?email_work_card=view-paper. Acesso em: 9 jan. 2020.

FURLAN, M. *In Isagogen Porphyrii Commenta*, Editio Secunda (excerptum). Comentários ao Isagoge de porfírio, segunda apresentação (excerto). Researchgate, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342814511_In_Isagogen_Porphyrii_Commenta_excerptum_ca_510_Comentarios_ao_Isagoge_de_Porfirio_excerto/link/5f072262a6fdcc4ca459bf80/download. Acesso em: 18 ago. 2021.

FURLAN, M. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente - Os Romanos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 8, p. 11-28, jan. 2001. ISSN 2175-7968. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5881. Acesso em: 16 abr. 2017.

FURLAN, M. A tradução retórica do renascimento. *In:* FURLAN, M. *Clássicos da teoria da tradução.* Vol. VI. Antologia do Renascimento (séc. XVI). 2. ed. Ver e modificada. Florianópolis: UFSC, 2016, p. 14-43.

FURLAN, M. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: II. A Idade Média. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 12, p. 9-28, jan. 2003. ISSN 2175-7968. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6195>. Acesso em: 16 abr. 2017

FURLAN, M. *Ars traductoris*: questões de leitura-tradução da Ars poetica de Horácio. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998, p. 104-105. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/77364/148230.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 jan. 2020.

FURLAN, M. Étienne Dolet e o "modo de traduzir bem de uma língua a outra". *Cadernos de tradução*, v. 1, n. 21, UFSC, p. 67-86, 2008. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2008v1n21p67. Acesso em: 14 jan. 2020.

FURLAN, M. De interpretatione recta. *Scientia Traductionis*, n. 10, p. 16-47, 2011.

GLARE, P. G. W. *Oxford Latin Dictionary*. London: Oxford University Press: Clarendon Press, 1968.

GOETHE. *Fausto*. Tradução de António Feliciano de Castilho. Prefácio de Oto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., p. 1-7. [s.d.]. (Clássicos Jackson, Volume XV).

GRATTI, B. R. *Sobre a adivinhação, de Marco Túlio Cícero*. 2009. 239 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2009. Disponível em: http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269182. Acesso em: 8 out. 2021.

GRATWICK, A. S. Titvs Maccivs Plavtvs [Titus Maccius Plautus]. *The Classical Quarterly*, May, 1973, Vol. 23, No. 1 (May, 1973), p. 78-84, Cambridge University Press on behalf of The Classical Association. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/638129. Acesso em: 29 set. 2021.

GREETHAM, D. What is textual scholarship? *In*: ELIOT, S.; Jonathan, R. (Ed.). *A companion to the history of the book*. Blackwell Publishing, 2007, p. 21-32.

HASEGAWA, A. P. *Dispositio e distinção de gêneros nos Epodos de Horácio*: estudo acompanhado de tradução em verso. 2010. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em:

http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-20062011-110201/pt-br.php. Acesso em: 6 de ago. 2018.

HASEGAWA, A. P. Deuses e ordo no Livro IV das Odes. *In*: LEITE, L. R. et al. (Org.). *Rito e celebração na Antiguidade*. Vitória: PPGL, 2012, p. 9-26.

HASEGAWA, A. P. Mescla genérica e forma editorial nos epigramas bucólicos atribuídos a Teócrito. *Organon*, Porto Alegre, v. 31, n. 60, p. 131-147, jan/jun. 2016.

HARVEY, A. E. The Classification of Greek Lyric Poetry. *The Classical Quarterly*, Cambridge University Press on behalf of The Classical Association, New Series, v. 5, n. 3/4 (Jul. - Oct., 1955), p. 157-175. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/637388. Acesso em: 2 ago. 2018.

HENDREN, T. G. Ovid in Augustan Tomis. *Syllecta Classica*, Volume 25, p. 59-77, 2014. Disponível em: https://muse.jhu.edu/article/581630/pdf. Acesso em: 10 nov. 2019.

HUNTER, R. Literature and its contexts. *In*: ERSKINE, A. (Ed.). *A companion to the Hellenistic world*. Blackwell Publishing, 2005, p. 477-493.

JONES, D. M. Cicero as a translator. *Bulletin of the Institute of Classical Studies*, Volume 6, Issue 1, December 1959, p. 22–34. Disponível em: https://doi.org/10.1111/j.2041-5370.1959.tb00621.x. Acesso em: 8 de set. 2021.

KASSEL, R. *Aristotle's Ars Poetica*. Oxford, Clarendon Press, 1966. Disponível em: http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=urn:cts:greekLit:tlg0086.tlg034.perseus-grc1:1447b. Acesso em: 4 ago. 2018.

KELLY, L. G. *The true interpreter*: a history of translation theory and practice in the West. New York: St. Martin's Press, 1979.

KENNEDY, G. A. *A new history of classical rhetoric*. An extensive revision and abridgment of *The art of persuasion in Greece*, *The art of rhetoric in the Roman world*, and *Greek rhetoric under Christian emperors*, with additional discussion of Late Latin rhetoric. Princeton: Princeton Univerity Press, 1994.

KENNEDY, G. A. *Progymnasmata*: Greek Textbooks of Prose Composition and Rhetoric, Writings by or attributed to: Theon, Hermogenes, Aphtonius, Nicolaus, together with: An Anonymous Prolegomenon to Aphtonius, Selections from he Commentary attributed to John of Sardis, and Fragments of the Progymnasmata of Sopatros. Atlanta: Scholars Press, 2003.

KENNEDY, G. A. *The Cambridge History Of Literary Criticism*. Cambridge University Press, 2008.

LAIRD, A. *Powers of expression, expressions of power*: speech presentation and latin literature. Oxford: Oxford University Press, 1999.

LEFEVERE, A. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução Cláudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

LEFEVERE, A. (Ed.) *Translation, history, culture*: a sourcebook. London, New York: Routledge, 2003. (Translation Studies).

LEWIS, A. M. Latin Translations of Greek Literature: The Testimony of Latin Authors. L'Antiquité Classique, T. 55, p. 163-174, 1986. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/41656347. Acesso em: 29 dez. 2017.

LIMA, S. C. de. Reflexões sobre tradução no *De finibus* de Cícero e a refutação do pensamento estoico. *Classica*, v. 27, n. 2, 2014. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/248/255>. Acesso em: 6 fev. 2018.

MCGILL, S. *Plagiarism in Latin literature*. Cambridge University Press, 2012.

MARTINS, Maria Cristina. Tradução integral e comentada da epístola *ad Pammachium: de optimo genere interpretandi*. *Translatio*, n. 18, Porto Alegre, p. 118-147, julho de 2020. Disponível em: https://www.seer.ufrgs.br/translatio/article/view/104675. Acesso em: 12 out. 2020.

MANOEL, R. G. *Teoria e prática: estudo e tradução das epístolas e invectivas de Pseudo-Salústio e Pseudo-Cícero à luz dos Progymnásmata*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-28052014-115342/pt-br.php. Acesso em: 17 abr. 2017.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita*. Atividades de retextualização. 9. ed. São Paulo: Cortêz. 2008, p. 25.

MARTIAL. *Epigrams*, Volume II: Books 6-10. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Loeb Classical Library 95. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993, p. 125.

MAURICE, L. *The teacher in Ancient Rome:* The magister and his world. United Kingdom: Plymouth, 2013, p. 1-22.

MCELDUFF, Siobhán. *Roman theories of translation: surpassing the source*. Routledge, 2003. (Routledge Monographs in Classical Studies)

MESCHONNIC, H. *Poética do traduzir*. Tradução Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Coleção Estudos, 257).

MILTON, J. *Tradução*: teoria e prática. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MINOR, Plinius; FURLAN, M. Plínio o Jovem e a tradução na Antiguidade – Epistulae VII, 9; IV, 18; V, 15 (séc. II). *Scientia Traductionis*, Florianópolis, n. 15, p. 171-177, dez. 2014. ISSN 1980-4237. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2014n15p171/28399. Acesso em: 16 abr. 2017.

MUCKELBAUER, John. Imitation and Invention in Antiquity: An Historical-Theoretical Revision. *Rhetorica*: A Journal of the History of Rhetoric. University of California Press on behalf of the International Society for the History of Rhetoric, v. 21, n. 2 (Spring, 2003), p. 61-88. Disponível em:

http://www.jstor.org/stable/10.1525/rh.2003.21.2.61. Acesso em: 3 ago. 2018.

OLIVA NETO, J. A. Introdução. *In*: *O Livro de Catulo*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 61.

OLIVA NETO, J. A. *Falo no jardim: priapeia grega, priapeia latina*. Cotia (SP): Ateliê Editorial / Campinas, Editora da Unicamp, 2006, p. 164.

PAES, J. P. *Tradução: a ponte necessária*. São Paulo: Ática, 1990.

PEREIRA, Reina Marisol Troca. Cícero: 'Do melhor género de oradores' em comentário e tradução. *Phaos*, n. 14, 2014, p. 157-168

PAUL, P. V. What is a theory good for? American annals of the deaf, Gallaudet University Press, vol. 157, n. 1 (Spring), 2012, p. 3-6. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/26235183. Acesso em: 29 dez. 2017.

PETRINA, Alessandra. Introduction. *In*: BATT, Catherine; ELLIS, Roger; TIXIER, René. *The Medieval translator: traduire au Moyen Age*. Turnhout: Brepols, 2013, p. 1-9. (In Principio Fuit Interpres, v. 15).

PHILO. Translated by F. H. Colson. V. VI. Harvard University Press, 1984, p. 471. (The Loeb Classical Library).

PLATÃO. *A república*. Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PLATÃO. *Sobre a inspiração poética* (Íon) *e sobre a mentira* (Hípias Menor). Introdução, tradução do grego e notas de André Malta. São Paulo: L&PM Pocket, 2007.

PLATÃO. *Fedro ou da beleza*. Tradução e notas de Pinharanda Gomes. 6a. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2000. (Coleção Filosofia & Ensaios). Disponível em: http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/platao_19.pdf. Acesso em: 9 set. 2021.

PLATO. *Platonis Opera*. Ed. John Burnet. Oxford University Press, 1903.

POWELL, J. G. Cicero's translations from Greek. *In: Cicero the philosopher* / Twelve papers. Edited and introduced by J. G. Powell. New York: Clarendon, 1995. p. 273-300.

QUINTILIAN. The Orator's Education, Volume I: Books 1-2. Edited and translated by Donald A. Russell. Loeb Classical Library 124. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2002, p. 88-89.

QUINTILIANO. *Instituição oratória*. Tradução e notas de Bruno Fregni Basseto. Campinas: Unicamp, 2015. Tomo 1 (Coleção Fausto Castilho Multilíngues de Filosofia Unicamp).

RICOEUR, Paul. *Sobre a tradução*. Trad. Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ROEMER, Cornelia. The papyrus roll in Egypt, Greece, and Rome. *In*: ELIOT, Simon; ROSE, Jonathan (Ed.). A companion to the history of the book. Blackwell Publishing, 2007, p. 84-94.

RIVAS NETO, F. *Exu e pombagira*. São Paulo: Arché Editora, 2015.

RUSSELL, D. A. *Progymnasmata. Greek textbooks of Prose Composition and Rhetoric*. Translated with introductions and notes by George A. Kennedy. Atlanta, Society of Biblical Literature, 2003. (Writings from the Greco-Roman World, n. 10).

RÓNAI, P. *A tradução vivida.* 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

SCATOLIN, A. *A invenção no* Do Orador *de Cícero: um estudo à luz de* Ad Familiares, *I, 9, 23.* 2009. 154 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009a.

SCATOLIN, A. A postura polêmica de Cícero no Diálogo do orador: a crítica dos scriptores artium. *Classica* (Brasil), v. 22, n. 2, p. 198-215, 2009b. https://revista.classica.org.br/classica/article/view/180/169. Acesso em: 12 jan. 2020.

SCATOLIN, A. Horácio, Arte Poética, 1-118. *Rónai,* v.3, n. 1, UFJF, Juiz de Fora, p. 49-60, 2015.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. *Hermenêutica*: arte e técnica da interpretação. Tradução e apresentação de Celso Reni Braida. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SENECA. *Epistles*, Volume I: Epistles 1-65. Translated by Richard M. Gummere. Loeb Classical Library 75. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1917.

SENECA. *Epistles*, Volume II: Epistles 66-92. Translated by Richard M. Gummere. Loeb Classical Library 76. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1920, p, 276-9.

LIMA, S. C. de. Tradução de Cícero, Fin. I, 65-70; II, 78-85 – A disputatio de amicitia no De finibus. *RÓNAI* – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios, ISSN 2318-3446, v. 8, n. 1, 2020, p. 71-87. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/download/27923/20839/123848. Acesso em: 23 dez. 2021.

SILVA-REIS, D; MILTON, J. The history of translation in Brazil through the centuries: in search of a tradition. *In*: GAMBIER, Yves; STECCONI, Ubaldo. (Ed.) A world atlas of translation. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2019, p. 395-415. (Benjamins Translation Library, 145).

TKACZ, C. B. Labor tam utilis: the creation of the Vulgate. *Vigiliae Christianae,* v. 50, n. 1, p. 42-72, 1996. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/1584010>. Acesso em: 9 out. 2016.

TRAINA, A. *Vortit barbare*. Le traduzioni poetiche de Livio Andonico a Cicerone. Seconda edizione riveduta e aggionata. Edizioni dell'Ateneo: Roma, 1974.

VASCONCELLOS, P. S. de. A Tradução Poética e os Estudos Clássicos no Brasil de Hoje: Algumas Considerações. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, n. 10, p. 68-79, jan. 2011. ISSN 1980-4237. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n10p68/19987. Acesso em: 16 abr. 2017.

VEYNE, Paul (org.). *História da vida privada*: do império romano ao ano mil. Tradução de Hildegard Feist. Sã Paulo: Companhia das letras, 2009. (História da Vida Privada).

VICCINI, André Novo. *Como fazer um orador*: tradução e estudo do *Orator* de Cícero. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/D.8.2018.tde-17122018-145846. Acesso em: 27 dez. 2021.

WITTMAN, E. O.; WINDON, K. Tied hands: translation studies and the English Major. *College English*, v. 72, n. 5, p. 449-469, maio 2010. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/20749292. Acesso em: 9 out. 2016.

WERNER, C.; SEBASTIANI, B.; DOURADO-LOPES, A. (Org.). *Gêneros poéticos na Grécia Antiga*. São Paulo: Humanitas, 2014, p. 11-22.

YEBRA, V. G. "¿Cicerón y Horacio preceptistas de la traducción?", en *Cuadernos de filología clásica*, XVI, pp. 139-154, 1980. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=360. Acesso em: 10 out. 2019.

YEBRA, V. G. En torno a la traducción – teoría, crítica, historia. Madrid: Gredos, 1983.

ADENDO – TRADUÇÃO EM PRISCIANO

Prisciano, o Gramático, do século V d.C. traduziu os *progymnásmata* de Hermógenes como *praeexercitamina*, obra da qual aduzimos alguns excertos para ver como em alguns momentos parece Prisciano seguir de perto Hemógenes, que não dá exemplos de autores romanos, de modo que na tradução apenas ora reproduz em latim o conteúdo do texto grego; ora justapõe gregos e latinos e, no último exemplo, apaga os exemplos gregos e insere somente exemplos latinos. Embora esteja séculos à frente do período que recortamos neste estudo, as discussões e prescrições são as mesmas, e os exemplos de autores romanos são inseridos sem nenhum comentário, como parte integrante do sistema vigente.

O texto grego dos *progymnásmata* de Hermógenes foi retirado do *site* Perseus, disponível em <https://scaife.perseus.org/reader/urn:cts:greekLit:tlg0592.tlg001.1st1K-grc1:1/>, acesso em: 7 jan. 2020. O texto latino de Prisciano foi retirado de Karl Halm (Ed.), *Rhetores Latini minores*: *ex codicibus maximam partem primum adhibitis* — Leipzig, 1863.A tradução do grego foi retirada de George A. Kennedy, *Progymnasmata*: *Greek Textbooks of Prose Composition and Rhetoric, Writings* by or attributed to: Theon, Hermogenes, Aphthonius, Nicolaus, together with: *An Anonymous Prolegomenon to Aphthonius, Selections from the Commentary attributed to John of Sardis, and Fragments of the Progymnasmata of Sopatros*. Atlanta: Scholars Press, 2003.

Negritamos as diferenças no texto latino.

De Fabula 1. Fabula est oratio ficta verisimili dispositione imagine exhibens veritatis. Ideo autem hanc primam tradere pueris solent **oratores**, quia animas eorum adhuc moles ad meliores facile vias instituunt vitae. Usi sunt tamen ea vetustissimi quoque autores, ut Hesiodus Archilochus **Horatius**, Hesiodus quidem lusciniae, Archilochus autem vulpis, **Horatius muris**.	Περὶ μύθου Τὸν μῦθον πρῶτον ἀξιοῦσι προσάγειν τοῖς νέοις, διότι τὰς ψυχὰς αὐτῶν πρὸς τὸ βέλτιον ῥυθμίζειν δύναται· ἔτι οὖν αὐτοὺς ἀπαλοὺς ὄντας ἀξιοῦσι πλάττειν. Φαίνονται δὲ τούτῳ χρησάμενοι καὶ οἱ ἀρχαῖοι, Ἡσίοδος μὲν τὸν τῆς ἀηδόνος εἰπών, Ἀρχίλοχος δὲ τὸν τῆς ἀλώπεκος.	On fable (p. 74) Fable (*mythos*) is regarded as the first exercise to be assigned to the young because it can bring their minds into harmony for the better. In this way they (i.e., teachers of grammar) think to form students while still tender. The ancients seem also to have used it, Hesiod telling the fable of the nightingale (*Works and Days* 203) and Archilochus that of the fox.
De sententia 3. Sententia est oratio generalem pronuntiationem habens, hortans ad aliquam rem uel dehortans uel demonstrans quale sit aliquid: dehortans quidem, quo modo in illo Homerico:	Περὶ γνώμης Γνώμη ἐστὶ λόγος κεφαλαιώδης ἐν ἀποφάνσει καθολικῇ ἀποτρέπων τι ἢ προτρέπων ἐπί τι ἢ ὁποῖον ἕκαστόν ἐστι δηλῶν· ἀποτρέπων μὲν ὡς ἐν ἐκείνῳ »οὐ	On maxim (p. 77-78) Maxim (*gnômê*) is a summary statement, in universal terms, dissuading or exhorting in regard to something, or making clear

non oportet per totam noctem dormire consultorem virum, **et in illo Vergiliano** **[195] [Heu, nihil invitis fas quenquam fidere divis.] hortans vero, ut in illo 'oportet pauperiem fugientem etiam latissimum pontum penetrare et ad scopulos adplicare praecipites': demonstrans vero qualitatem reit, ut: 'prospere enim agentes indigne ocasionem accipiunt insipientes male faciendi'.	χρὴ παννύχιον εὕδειν βουληφόρον ἄνδρα», προτρέπων δὲ ὡς ἐν ἐκείνῳ »χρὴ πενίην φεύγοντα καὶ ἐς μεγακήτεα πόντον ῥιπτεῖν καὶ πετρῶν, Κύρνε, κατ' ἠλιβάτων»·	what a particular thing is. Dissuading, as in the following *(Iliad* 2.24), "A man who is counselor should not sleep, throughout the night", exhorting, as in the following (Theognis 175), "One fleeing poverty, Cyrnis, must throw himself/ / Into the yawning sea and down steep crags.".
[...] Ab iudicio, ut '**Sallustius quoque hoc conprobat dicens: sed multi mortales dediti ventri atque somno indocti incultique vitam sic ut peregrinantes transiere**'. Conclusio vero habet exhortationem plerumque, ut: 'oportet et nos necessarias res suscipientes nimia cura vigiliisque eis consulere'.	[...] κατὰ παράδειγμα 'καὶ γὰρ Ἕκτωρ νυκτὸς οὐ καθεύδων ἀλλὰ φροντίζων κατάσκοπον ἐπὶ τὰς ναῦς ἔπεμπε Δόλωνα'. ὕστατος δέ ἐστι τόπος ὁ κατὰ κρίσιν. τὸ δὲ τέλος παράκλησιν ἐχέτω.	[...] "For hector, by not sleeping during the night and taking thought, sent Dolon as a spy to the ships." The final topic is support from a judgement. Let the end be an exhortation.
Et inferes etiam approbationem tractando causam, quod iustissime haec leges constituerunt: 'deorum enim placatorum providentia custoditur salva **res publica**, violatum vero proditione corrumpitur'. Sic progredere ad propositum: quae cum ita sitn	εἶτα ἡ ἐπίκρισις κατὰ τὴν ἐξέτασιν τῆς αἰτίας 'εἰκότως· τὸ μὲν γὰρ τούτων εὐμενὲς διασῴζει τὰς πόλεις, εἰ δ' ἑτέρως ἔχοιεν, ἀνάγκη ταύτας διαφθείρεσθαι'.	Then the judgement with explanation of the cause: "Rightly; for the god's good will preserves cities and if it were otherwise cities would necessarily be destroyed.
De laude 7. Loca vero laudis vel vituperationis haec sunt: gens, ut **Latinus Graecus, civitas**, ut Romanus Atheniensis, genus, ut **Aemilianus** Alcmaeonides.	Περὶ ἐγκωμίου Τόποι δέ εἰσιν ἐγκωμιαστικοὶ ἔθνος οἷον Ἕλλην, πόλις οἷον Ἀθηναῖος, γένος οἷον Ἀλκμαιωνίδης.	On encomion (p. 82) Encomiastic topics are (the subject's) national origin, such as Greek, city, such as Athenian, family, such as Alcmaeonid.
[...] consimiliter tamen muta quoque animália, quo modo convenit: et a loco, in quo nascuntur, laudentur et a deis, in quorum sunt tutela, ut **columba Veneri**, equus Neptuno dicitir esse consecratus.	[...] Παραπλησίως δὲ καὶ τὰ ἄλογα ζῷα κατὰ τὸ ἐγχωροῦν. καὶ γὰρ ἀπὸ τοῦ τόπου, ἐν ᾧ γίνεται, ἐγκωμιάσεις. εἰς δὲ τὴν τοῦ γένους χώραν ἐρεῖς, τίνι θεῶν ἀνάκειται, οἷον **ἡ γλαῦξ τῇ Ἀθηνᾷ**, ὁ ἵππος τῷ Ποσειδῶνι.	[…] Similarly in the case of dumb animals, where possible; for you will praise them for the place where they occur, and you will add to the place of their birth the name of the gods to whom they are dedicated, as the owl to Athena, the horse to Poseidon.
De adlocutione	Περὶ ἠθοποιίας	On ethopoeia (Página 84-85)
9. Adlocutio est imitatio sermonis ad mores et suppositas personas accommodata, ut quibis verbis uti potuisset Andromache Hectore mortuo: conformatio vero, quam Graeci προσωποποιίαν nominant, est quando	Ἠθοποιία ἐστὶ μίμησις ἤθους ὑποκειμένου προσώπου, οἷον τίνας ἂν εἴποι λόγους Ἀνδρομάχη ἐπὶ Ἕκτορι. προσωποποιία δέ, ὅταν πράγματι περιτιθῶμεν πρόσωπον, ὥσπερ **ὁ Ἔλεγχος**	Ethopoeia (*êthopoiia*) is an imitation of the character of a person supposed to be speaking; for example, what words Andromache might say to Hector. It is called

[195] Marina Passalacqua anota que poderia ser o verso *Heu nihil invitis fas quemquam fidere divis*, p. 37. Prisciani Caesariensis. *Opuscula*. Edizione critica a cura de Marina Passalacqua. Vol I. *De figuris numerorum. De metris Terentii. Praeexercitamina*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1987.

rei alicui contra naturam datur persona loquendi, **ut Cicero patriae reique publicae in invectivis** dat verba. Est praeterea simulacri factio, quam Graeci εἰδωλοποιίαν dicunt, | quando mortuis verba dantur, quod facit **Cicero** pro Caelio, verba dans Appio Caeco contra Clodiam.	**παρὰ Μενάνδρῳ**, καὶ ὥσπερ παρὰ **τῷ Ἀριστείδῃ ἡ θάλασσα ποιεῖται τοὺς λόγους πρὸς τοὺς Ἀθηναίους**. ἡ δὲ διαφορὰ δήλη· ἐκεῖ μὲν γὰρ ὄντος προσώπου λόγους πλάττομεν, ἐνταῦθα δὲ οὐκ ὂν πρόσωπον πλάττομεν. εἰδωλοποιίαν δέ φασιν ἐκεῖνο, ὅταν τοῖς τεθνεῶσι λόγους περιάπτωμεν, ὥσπερ Ἀριστείδης ἐν τῷ Πρὸς Πλάτωνα ὑπὲρ τῶν τεσσάρων· τοῖς γὰρ ἀμφὶ τὸν Θεμιστοκλέα περιῆψε λόγους.	personification (*prosôpopoiia*) when we personify a thing, like Elenchus (Disproof) in Menander and as in Aristeides' speech where "The Sea" addresses the Athenians. The difference is clear: in ethopoeia we imagine words for a real person, in prosopopoeial we imagine a non-existing person. They say it is imagem-making (*eidolopoiia*) when we attribute words to the dead, as does Aristeides in *Against Plato on Behalf of the Four*; for there he has attributed words to Themistocles' companions.
[...] quaedam duplices, quando ad alios loquitur: per se quidem, ut quibus verbis uti potuisset **Scipio victor revertens**; ad alios vero, quibus verbis uti potuisset **Scipio** post victoriam ad exercitum.	[...]αἳ δὲ διπλαῖ, ὅταν πρὸς ἄλλον· καθ' ἑαυτὸν μέν, οἷον τίνας ἂν εἴποι λόγους στρατηγὸς ἀπὸ τῆς νίκης ἀναστρέφων, πρὸς ἄλλον δέ, οἷον τίνας ἂν εἴποι λόγους στρατηγὸς πρὸς τὸ στρατόπεδον μετὰ τὴν νίκην.	[…] those are double when he is speaking to someone else. By himself, for example, What would a general say when returning from a victory? To another, for example, What would a general say to his army after a victory?

Nota-se logo no início que Prisciano diz que "os oradores costumam atribuí-la [sc. a fábula] primeiro aos jovens" (*hanc primam tradere pueris solent oratores*), porém no grego não há essa identificação, mas tão somente o verbo ἀξιοῦσι ("pensar", "julgar") na terceira pessoa do plural, com sujeito indeterminado. Kennedy (2003), em sua tradução, busca explicar entre parênteses tratar-se, no caso de Hermógenes, dos professores de gramática: "Deste modo, eles (isto é, os professores de gramática) pensam formar os estudantes enquanto ainda tenros". Se Prisciano atribuía ao rétor – ou se já os oradores tivessem também essa função no seu tempo – o ensino da fábula, algo então não mais afeto ao âmbito do gramático, é questão que não vamos analisar, mas é possível afirmar que há no texto de Prisciano diferença com relação ao de Hermógenes, de modo que se trata de uma tradução adaptada. Corrobora a última afirmação a inserção de Horácio como autor latino após os gregos Hesíodo e Arquíloco.

Em seguida, ao falar sobre a máxima ou frase gnômica, Prisciano, ao lado do exemplo homérico, insere Virgílio, como correspondente latino, com verso da *Eneida* (II, 402). Ainda sobre a máxima, ao discorrer sobre os modos de elaborar a mesma frase, quer seja por comparação, quer seja por paráfrase, ou por outro meio, o texto grego termina com o desenvolvimento por meio do exemplo citando Heitor, que, sem dormir durante a noite e após

consideração, envia Dólon como espião aos navios gregos. No texto latino, Prisciano utiliza como exemplo Salústio (*Bellum Catilinae* 2,7) para o caso de desenvolvimento *ab iudicio* e conclui com o modo exortativo com exemplo próprio.

Ao discorrer sobre o elogio, Prisciano dá primazia a Roma ao citar antes do grego: nacionalidade, como Latino, Grego, cidadania, como Romano, Ateniense, familiar, como Emiliano ou Alcmeônide. Prisciano muda aqui uma deusa, Vênus por Atena, e usa Netuno como correspondente do grego Posídon.

Quando trata da etopeia, as diferenças são evidentes: Prisciano desta vez exclui os exemplos gregos e deixa apenas romanos, sobretudo Cícero em vez de Menandro e Aristides, e depois Cícero e Ápio Cego. Temos nesta fonte de Prisciano uma referência à invectiva de Cícero contra Salústio, em que o Arpinate faz a pátria e a república falarem a César (MANOEL, 2014).

ANEXO – FAUSTO DE ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO

GOETHE. *Fausto*. Tradução de António Feliciano de Castilho. Prefácio de Oto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., p. 1-7. [s.d.]. (Clássicos Jackson, Volume XV).

Advertência ao leitor

O primeiro português que se determinou em empreender o descobrimento desta região nova da arte foi, não me consta de outro, meu irmão José Feliciano de Castilho, durante a sua estada em Hamburgo, há hoje o melhor de trinta anos. Versado já, como quer que fosse, na língua alemã pelo trato com os da terra, entendeu que bom serviço faria aos da nossa, passando-lhes para vulgar o que por lá se lhe deparava de mais afamado e esplêndido, de mais convidativo e fecundo por entre as produções ubérrimas da caudalosa veia dos Germanos.

Assim escreveu excertos da *Messíada* de Klopstock, trechos de Wieland, e anos depois, e já em tempos mais chegados, a tradução do *Guilherme Tell* e da *Maria Suart* de Schiller, e finalmente a do *Fausto*.

Aqui porém houve de reconhecer que todo o seu alemão laboriosamente granjeado naquelas versões, não bastava para autor tão abstruso no pensamento, tão fora do comum no estilo, e tão cheio de nós górdios na linguagem; e que não havia remédio senão **socorrer-se a algum valente e zeloso auxiliar. Deparou-lho a sua boa estrela na pessoa de um amigo, o sr. Eduardo Laemmert**, alemão residente como ele e já de muito no Rio de Janeiro, erudito notável, e hoje sabedor por igual das duas línguas.

Aqui sobre a minha mesa tenho eu o autógrafo precioso da **tradução interlinear e fidelíssima que o sr. Laemmert fez**, não só em obséquio à amizade, mas também em razão do afecto que lhe merecem os créditos da terra em que nasceu, e os da que hoje ama como segunda pátria.

Nada mais curioso que este inédito; sente-se em cada frase e em cada palavra a probidade, o escrúpulo quase beato do intérprete. O como ele depois de colocar as palavras portuguesas na confusa ordem das alemãs as concerta fora do hipérbaton segundo a nossa ordem usual! O como procura e acha as frases, os modismos quando os há, que melhor se correspondem com os do idioma que transplanta! A sinonímia com que os termos embaraçosos

do original vêm com ilustrada crítica trocados em miúdos! E sobretudo a franqueza de verdadeiro sabedor, com que às vezes declara que não aventa o senso ou a intenção do seu poeta, senso e intenção que os mais finos alemães não dissimulam escapar-lhes a miúdo.

Com esta colaboração, pois, levou meu irmão a cabo a sua tradução em metros variados do, em mais de um sentido, terribilíssimo e verdadeiramente diabólico poema *Fausto*.

Se louvores fraternos não foram proibidos pelos melindres da decência, e repugnantes ao pejo natural, folgaria de aquilatar o muitíssimo que na sua versão, miudamente examinada e confrontando-a ponto por ponto com outras estrangeiras, descobri de paciente investigação, de assisada crítica, de tino divinatório, de acerto e de ousadias felizes de linguagem, e não raro também de valentia no metro e originalidade na rima.

Outros com menos suspeições para juízes encarecerão isso tudo se a obra algum dia sair a público. Com pesar meu ponho este *se* por não saber o que a este e outros seus inéditos literários e poéticos, quase todos semi-improvisados de horas furtadas a imperiosas ocupações de maior monta, o autor fará por derradeiro quando vir que lhe falecem os ócios indispensáveis para minuciosas e prolixas emendações, coisa mal compatível com as índoles como a sua, impetuosas, precipitadas, ferventes, indomáveis. A abundância estrepitosa, brilhante, esplêndida, é do seu; nada lhe custa; a paciência dos aprimoradores sumos recusou-lha a natureza, que raro ou nunca dá tudo a um só homem.

O seu *Fausto*, o seu *Tell*, a sua *Stuart*, e bem assim o seu drama *Pujol*, feito em colaboração com o nosso amigo Jacques Arago, as suas comédias originais *O amor e a morte*, *Os estudantes de Coimbra*, *O mundo* e outros seus improvisos, formariam uma coleção festejável no juízo dos partidários das nossas boas letras, se quem tal fundiu não carecesse de necessário lazer e gosto para o limar e brunir à horaciana: nove anos e dez aperfeiçoamentos!

Por que pois traduzi eu o *Fausto*, se já em Portugal, e como que de portas a dentro, se achava traduzido? Direi isto francamente e em poucas palavras.

A primeira leitura que meu irmão me fez do seu *Fausto*, com aquele fogo e intimativa que lhe anima a declamação, e que nem na prática mais correntia e doméstica o desacompanha, maravilhou-me, absorveu-me, aturdiu-me; nada mais vi que excelências e formosuras! Como, porém, somos conhecidos de largos anos, e sei que a qualificação de *grand dupeur d'oreilles* que a si mesmo dava Andrieux, em ninguém acertou nunca mais à própria que em meu irmão requeri logo segunda leitura, feita por outrem, despida de prestígios e pausada.

Nesta, posto não desaparecessem os motivos da minha primeira admiração, tive azo de ir descobrindo suas máculas das que Horácio perdoava:

..... quas aut incúria fudit,

aut humana parum cavit natura;

e sobretudo reconheci que a pressa e o fogo do trabalho deixara por muitas partes menos clareza, e em algumas outras menos vernaculidade, do que fora para desejar em obra destinada por sua natureza a estudo e meditação de muita e boa gente.

Enfim, como quer que não haja dois gostos perfeitamente semelhantes, e cada qual abunda no seu senso, muita coisa me ocorria naquele escrito, que, sem me provocar censura nem merecer tacha de menos boa, desdizia do que eu tivera preferido por mais fluente, mais expressivo, ou por qualquer outra razão mais aceitável aos ouvidos do nosso povo.

Para melhor explicar ao tradutor todas estas minúcias, ou porventura impertinências, comecei traduzindo a sua tradução mais achegada e conchegadamente à índole portuguesa.

Não sei se mereci, sei que obtive, a sua aprovação a essa primeira amostra. Animei-me, prossegui instado por ele e por ele próprio coadjuvado.

Nesta luta fraternal entre o *Fausto* português improvisado e o *Fausto* português reconsiderado e reconstruído frase a frase e de palavra a palavra, se consumiu inteiro o ano que lá vai de 1870.

O *como* de tão prolixo trabalho, se a algum curioso importar porventura conhecê-lo, aqui vai francamente declarado.

Estão simultaneamente abertas à roda de nós, a tradução textual e ilustrativa do sr. Laemmert, a de meu irmão, em certo modo filha da precedente, a portuguesa do sr. Ornelas, e quatro francesas em prosa raro entremeada de pequenos trechos em verso.

Sobre cada período do poeta alemão são sucessivamente chamados a depor todos estes sete intérpretes e acareados uns com os outros com a maior severidade de crítica. A minha consciência está para ali como júri imparcial incumbido e ávido de liquidar entre tantos depoimentos diversos, muita vez confusos e não poucas vezes contraditórios, as máximas probabilidades de certeza, quando a certezas se não chegue. Passos há, devo confessá-lo, em que nem sequer boas probabilidades se liquidam; discute-se, reestuda-se, medita-se de novo, e

quando Deus quer transfere-se para hora melhorada, ou para outro dia, a solução da dúvida com que o actual momento se não atreve, até que afinal, atinada a verdadeira, ou a mais plausível, ou a menos ruim saída da dificuldade, diligencio expor a coisa a nosso modo, que todos a entendam sem esforço e a possam escutar sem desagrado nem estranheza.

Devo declarar explícita e solenemente que a terem-me desacompanhado as luzes, a sagacidade investigativa com que meu irmão, e só ele, me auxiliou para eu poder refundir acertadamente o seu primeiro tentame, nunca eu daria conta dele. Logo nas primeiras jornadas me houveram faltado as forças, a fé, o ânimo e a vontade, porque (e aí vai outra revelação arriscada a graves perigos) a minha crença nas excelências, nas vantagens, no préstimo real e efectivo da tragédia *Fausto*, não era nem é ainda hoje tão exaltada, tão ardentemente devota como a de meu irmão; diferença essa fundamental, que a miúdo nos fazia perder em altercações escusadas o tempo que melhor se lograra em apressar a tarefa começada.

De tão espinhoso labirinto, ao cabo de tantos dias de trabalho ininterrupto, e não poucas noites desveladas até sol fora, saiu **a presente versão, por mim ditada, e escrita pela própria pena que lançara a primeira**.

Fora essa, até por ser a primeira, obra de muito maior mérito e dificuldade, posto que a segunda, pelo tempo que se lhe consagrou, e pelo valioso concurso de circunstâncias que segundo se vê a favoreceram, poderá talvez obter maior número de sufrágios. Uma recomendação, e para mim a mais invejável, tem ela já; e vem a ser a generosa preferência que meu irmão mesmo lhe liberalizou; acto esse que, ainda mais do que a mim, o honra a ele.

Aqui seria já supérfluo ponderar uma verdade, que à primeira vista pareceria paradoxo, a saber: que dadas certas circunstâncias **pode um poeta de consciência verter a obra de outro sem aliás lhe conhecer a língua**; muitos factos o comprovam. Monti, que deu à Itália a melhor tradução da *Ilíada*, pelo menos a que se lê com maior gosto, não sabia o grego. Os salmos de David, centenares de vezes passados a diversas línguas por poetas excelentes, nunca talvez o foram do idioma original. O *Oberon*, que traduzido diretamente do alemão pela Marquesa d'Alorna tão dessalgado saiu, que mal deixa adivinhar por que é que a Wieland se dera a qualificação de Voltaire do Norte, o *Oberon* veio a ser um dos mais saboreados poemas em nossa língua, saído da pena de Filinto, que nos declara não saber palavra do alemão; o meu admirável poeta Machado de Assis, ornamento brilhantíssimo das letras brasileiras, deu-nos lindos fragmentos de poesias orientais tomadas não dos textos primitivos, senão de uma interpretação inglesa; e sem me andar à procura de mais exemplos, **eu próprio, que do dinamarquês e do sueco não entendo uma sílaba única, traduzi poesias suecas e**

dinamarquesas, e fui por competentes juízes aprovado. **Tudo esteve em ter quem minuciosamente mas interpretasse.**

Quanto ao grego, peço meças em ignorância ao Vicente Monti. O mestre que tive dessa língua, no meu primeiro tirocínio de humanidades, desconhecia-a quase tão crassamente como os seus ouvintes, o que me fez perder-lhe para logo todo o gosto; e todavia não foi isso parte para eu não dar uma tradução de Anacreonte e outra do *Rapto de Europa*, por Moscho, com as quais os raros que têm voto na matéria não ficaram mal avindos.

Por aqui me cerro, ponderando só que me parece questão ociosa esta de se perquirir se um tradutor sabe ou não a língua do seu original; o que importa, e muito, é se expressou bem na sua, isto é, com vernaculidade, clareza, acerto e a elegância possível, as ideias e afectos do seu autor.

Fazem-se retratos do sol para o tornar, como quer que seja, conhecido de quem fito a fito o não encararia; e como se avém na empresa o desenhador? Não podendo encará-lo em frente, copia-o da imagem estampada no espelho reflector; aí desapareceram os esplendores que deslumbram, mas as feições do astro descobriram-se. Este símile da física, tão sabido de toda a gente, explica, me parece, com assaz de propriedade, o como se podia fazer, e se fez, das já mencionadas traduções, esta novíssima reprodução da maravilha germânica. Neste particular, tenho que não há mais contas que pedir, nem mais explicações que dar a curiosos.